

A romantic couple is shown from the waist down, embracing on a rooftop. The man is wearing a light purple long-sleeved shirt and dark blue trousers. The woman is wearing a light yellow trench coat, a dark skirt, and white thigh-high boots with white garters. She is holding a single red rose in her right hand. The background features a hazy city skyline, likely New York City, with the sun low on the horizon, creating a warm, golden glow. The overall mood is romantic and intimate.

E L I Z A B E T H B E Z Z E R R A

SÉRIE BEST-SELLER
MAIS 16 MILHÕES DE LEITURAS

Louca POR VOCÊ

S É R I E N E W Y O R K

7

bezz
EDITORA



E L I Z A B E T H B E Z E R R A

Louca
POR VOCÊ

S É R I E N E W Y O R K

Livro 7

Louco
Por você

Elizabeth Bezerra

Copyright@ 2017 Elizabeth Bezerra

Revisão

Lucilene Vieira/Ludmila Fukunaga

Capa e Diagramação

Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera consciência.

São proibidos armazenamentos e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da editora ou seus representantes.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n.º 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Índice

<u>Nota</u>
<u>Prólogo</u>
<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>
<u>Capítulo 24</u>
<u>Capítulo 25</u>
<u>Capítulo 26</u>
<u>Capítulo 27</u>
<u>Capítulo 28</u>
<u>Capítulo 29</u>
<u>Capítulo 30</u>
<u>Capítulo 31</u>
<u>Capítulo 32</u>
<u>Capítulo 33</u>
<u>Capítulo 34</u>
<u>Capítulo 35</u>
<u>Capítulo 36</u>
<u>Capítulo 37</u>
<u>Capítulo 38</u>
<u>Capítulo 39</u>

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Epílogo](#)

[A voz Do Coração](#)

[Prólogo](#)

Nota

A cidade de Peachwood e seus personagens são fictícios, quaisquer semelhanças com lugares, histórias e pessoas reais são meras consciências.

Prólogo



Seis anos atrás

ACORDO DESNORTEADO E SENTINDO COMO SE MINHA CABEÇA fosse explodir. Recuso-me a abrir os olhos, mas a fresta de luz atravessando o vão, entre as cortinas da janela em meu quarto, vem direto aos meus olhos. Eu gemo e viro para o outro lado. Mas o martelar em minha cabeça é tão forte que dificilmente conseguiria dormir outra vez.

Raramente eu bebo. Um estudante de Medicina não tem tempo para esses luxos. O curso é cansativo e requer muito empenho e dedicação. Eu só me permito relaxar nas férias. O que não vem sendo algo fácil, também. Minha vida tem sido uma grande merda. Culpa disso é Cecília, noiva do meu irmão.

Crescemos praticamente juntos. O quarteto feliz: Adam, Katty, Cecilia e eu. Nunca a tinha visto além de uma irmã, e o sentimento só se confirmou quando me rendi às suas investidas e fomos para a cama uma vez.

Achei que Adam também não nutrisse nenhum sentimento por ela, além de amizade. Foi um choque voltar para casa no semestre passado e descobrir que estavam noivos. Ele não a amava, disso tenho certeza. Não dessa forma. Acho que Adam só estava acostumado à brincadeira que nossos pais faziam quando éramos jovens, de casar os dois. Na verdade, foi a mãe dela a impulsionar essa ideia absurda. Nunca vi mal nisso, até agora.

E deixaria tudo quieto se, há dois dias, Cecilia não tivesse me procurado chorando e confessado, outra vez, que na verdade me ama. Que o namoro com Adam foi apenas uma tentativa de chamar minha atenção.

É claro que a merda toda fodeu comigo. Até retribuí seu beijo para ver se sentia alguma coisa. Não aconteceu. Até hoje só consigo vê-la como a garotinha de tranças que eu provocava e puxava o cabelo. Definitivamente, não rola. Eu até deixaria toda essa confusão de lado, se Adam não estivesse envolvido. Iludido ou não pelo o que acredita sentir por ela, são os sentimentos do meu irmão

envolvido. Não posso traí-lo dessa maneira. Ele tem o direito de escolher se quer ou não ignorar tudo isso e continuar com ela.

Abro os olhos. Não tenho mais como prolongar o assunto. Falaria com ele hoje.

— Porra! — salto da cama ao me deparar com a imagem da última pessoa que esperei encontrar ao meu lado na cama.

Cecilia, nua, emaranhada em meus lençóis.

— Bom dia, querido — ela se espreguiça e me encara com um sorriso lânguido.

— Que merda você está fazendo aqui, Cecilia?

Não há a confusão em seu rosto como a que vibra em meu cérebro; parece que ele está prestes a detonar uma bomba relógio em minha cabeça.

Ao invés disso, Cecilia exhibe um olhar vitorioso e satisfeito.

— Eu sabia que seria perfeito — murmurou ela, exibindo um largo sorriso em seu rosto — Como a primeira vez que estivemos juntos.

Curvo meu corpo, apoiando as mãos nos joelhos, enquanto faço um exercício de respiração. Sinto que vou vomitar.

— Que merda eu fiz?

Repito a pergunta sem parar.

Que merda eu fiz?!

Capítulo 1



Peachwood, Texas, 2012

OLHEI EM VOLTA DA OFICINA MECÂNICA DO VELHO IZZY e que agora pertencia ao seu filho, James. Ignorei a parede cercada de pôsteres de garotas seminuas e molhadas e fui em direção a uma das pilhas de pneus espalhadas por ali e sentei. Obviamente não tinha sido uma das melhores decisões que fiz em minha vida, já que não calculei com precisão o tamanho da abertura entre os pneus e minha pequena bunda. Afundei como fruta podre caindo do pé, fazendo com que o sorvete que eu tinha acabado de comprar, na sorveteira ao lado da oficina, fosse direto para o meu queixo, me apunhalando como o mais preciso e competente pugilista.

É, sou meio desastrada e muitas vezes desatenta também.

James deslizou o carrinho onde estivera deitado para examinar a velha caminhonete do meu pai e ergueu a cabeça, desejando saber o que causou a onda de risos histéricos em mim.

— Tudo bem aí? — ele uniu suas sobrancelhas e me lançou uma expressão caricata que só contribuiu ainda mais para minha gargalhada desenfreada.

Nós somos amigos desde a escola primária. James era o típico garoto franzino, introspectivo, que se sentia menos deslocado ao lado das meninas boazinhas, ou que ele acreditava ser boazinha, pois frequentemente eu colocava nós dois em alguma confusão.

Tínhamos muito em comum. James também tinha perdido a mãe muito cedo. A diferença era que eu tenho um pai e três irmãos controlando todos os meus passos, e ele mais cuidava do pai, que nunca mais foi o mesmo desde que a esposa faleceu, do que o contrário.

Os malvados da escola o chamavam de gay por andar ao meu lado; não poderiam estar mais enganados. Não que eu tenha comprovado o quanto homem ele é, mas metade das minhas ex-colegas de colegial recentemente tinham passado pela cama dele, quando começou a cuidar dos negócios da

família e desenvolver mais o corpo, assim como sua desenvoltura diante das pessoas. E o garoto magrela, de pouca conversa e vergonhosamente desprezado na escola, tinha se tornado um belo homem, ainda introspectivo, mas isso parecia que atraía ainda mais as mulheres, da cidade ou não.

— James? — desisti do sorvete e mirei na lata de lixo próximo a ele — Por que a gente nunca ficou?

Acompanhei seu olhar confuso, o mesmo que fazia quando eu tentava ensinar biologia a ele.

— Ou não namoramos agora? — insisti, revirando meus olhos — Eu sei que você tem a vida bem movimentada agora, mas...

Meus olhos caíram sobre uma embalagem de preservativo vazia, caída debaixo da mesa antiga e de pernas enferrujadas, que ele usava para fazer anotações provisórias.

— Aliás, muito bem movimentada — sorri para ele e vi suas bochechas ficarem coradas.

— Ora! — Ele me encarou com uma carranca — Porque nós somos como...

Apertei os meus olhos com uma expressão ameaçadora que o fez se calar.

— Se você disser *irmão*... — empinei o meu queixo e coloquei minhas mãos na cintura, batendo o pé. Sempre fazia isso quando estava irritada com algum dos meus irmãos, e teve o mesmo efeito sobre James, ou seja, nenhum — Eu juro que atiro na sua cabeça esse... esse...

Apontei a ferramenta ao lado, chispando fogo pelos meus olhos.

— Torquímetro — ele alargou o sorriso, o que só me deixou mais irritada.

— Que seja.

Respirei fundo e tentei que minha voz voltasse a sair calma e natural.

— Por que nunca tentou me beijar?

James se levantou e limpou as mãos calejadas em um trapo, que deixou seus dedos pior do que já estavam, mas ele não pareceu se incomodar com isso. Não tanto quanto eu havia ficado.

Não é que eu seja uma esnobe ou uma garota cheia de frescura. Mas viver cercada de homens desordeiros e um tanto machistas, que atribuíam o trabalho doméstico às mulheres, fez com que eu ficasse meio, digamos, paranoica por limpeza e organização. Ou isso, ou... seríamos escravas recolhendo e limpando a bagunça que aqueles quatro deixavam pela casa.

— Não acho que seus irmãos gostariam disso.

— Se há uma pessoa no mundo que meu pai e irmãos não se importariam que eu namorasse, James, esse alguém seria você.

Ele deu de ombros como se pedisse desculpas e voltou a sorrir.

— Deve ser por isso que nunca se opuseram de você andar comigo — disse ele, afagando minha bochecha — Não vai acontecer.

Sobre a primeira parte ele estava correto. Em hipótese alguma, meus irmãos cogitariam a

possibilidade de James e eu ficarmos juntos.

— Mas eles podem estar errados.

— Não estão — ele me encarou, sério — Pode me bater com o torquimêtro, a chave de fenda ou o que mais achar por aqui, mas somos amigos, Jully, quase irmãos.

— Mas nós nunca nos beijamos. Como pode saber?

Ele arqueou a sobrancelha em resposta.

— Oras, então me beija — voltei a colocar a mão na cintura, mas me recusei a bater os pés como uma menininha de três anos — Vamos provar para todo mundo que estão errados.

Inclusive para nós mesmos, quase acrescentei, mas a frase ficou presa na garganta.

James fez uma cara cômica, que parecia ser o meu pai pedindo que o beijasse.

— Não! — cruzou os braços no peito e me encarou, sério — Seria como ser gay e ter que beijar uma mulher.

— Mas você não é gay! — Rebatí.

— Nem você uma mulher — percebendo meu olhar fulminante, fez questão de se corrigir: — Não uma mulher que eu queira beijar.

Se eu fosse a flor delicada que meus irmãos e até mesmo James em algum momento acreditava que eu era, certamente sairia correndo com o coração despedaçado, por ter seu beijo desprezado por não ser vista como uma mulher completa. Mas eu não sou uma garotinha frágil, e também sabia que James não quisera dizer aquilo no sentido literal.

— Me beija logo, James!

Encarei-o com a mesma determinação de sempre. Com aquele olhar que ele sabia que não adiantaria resistir. Eu sempre vencia nossas discussões, afinal, foram anos treinando com quatro turrões metidos a valentões, ou seja, mais do que uma garota poderia suportar, por isso havia aprendido a impor minhas vontades.

— Sinto muito, Jully — James descruzou os braços e deu as costas para mim.

Foi aí que o alarme tocou em minha cabeça.

— Você prometeu? — Encarei suas costas, meu olhar estava abismado — James, você prometeu para eles, não foi?

Não era porque nós dois éramos amigos de infância que deixava meus irmãos tão confortáveis do tempo que eu passava com ele; era porque o desgraçado tinha prometido não me tocar.

Diminuí a distância que nos separava e o impedi de voltar para o carrinho esteira onde estivera deitado.

— Prometeu aos meus irmãos não me beijar?

— É, eu prometi — James desviou o olhar, fugindo do meu, furioso.

— Quando foi isso? — ponderei — Logo depois do desastre da formatura?

— Jilly... — seu rosto torturado me lembrou do pequeno James que eu tinha obrigado a encarar um dos seus maiores temores: enfrentar um dos valentões da escola, aos oito anos. Claro que ele tinha apanhado, mas depois do medo inicial e dos meus irmãos em seguida ter afugentado o covarde, James adquiriu um pouco mais de confiança em si mesmo.

— Quando, James?

— Na primeira vez que fui à sua casa para estudar e brincar.

A cara que ele fez parecia que tinha quebrado algum código de confiança entre homens. Eu teria rido se não estivesse com tanta raiva.

— Mas erámos apenas duas crianças! — Proferi, indignada — Aqueles... aqueles...!

Abutres!

Foi o mais perto de um palavrão que consegui chegar. Embora conhecesse muitos, não tinha permissão para citá-los. Afinal, eu era uma dama.

— Eu jurei, Jilly — ele me olhou pesaroso — Jurei nunca, em hipótese alguma, jamais beijar você ou ter pensamentos indecorosos.

Não havia nada pior do que alguém se desculpar por um beijo que nem ao menos lhe deu ou pensamentos sexuais que não teve.

— Mas, de qualquer forma, não foi necessário que me exigissem isso, nunca pensei assim sobre você.

— Não me acha bonita?

James sorriu, agora mais relaxado.

— Julienne, você é linda.

Disse isso com a mesma doçura que papai, Austin, Dallas e Clyde falavam comigo. Não havia o desejo ou a paixão que eu gostaria de ver brilhando em seus olhos castanhos.

— Bem, se não é minha aparência que o afasta, deve ser porque sou insuportável, como diz Clyde. Pensei que fosse provocação de irmãos, mas talvez eu fosse realmente assim.

— *J*, você é encantadora — continuou sorrindo.

— Eu tenho mal hálito?

— Jilly!

Certo. Eu estava fazendo uma lista absurda de coisas que poderiam contribuir no desinteresse de James por mim. Realmente, não fazia sentido algum.

— Você nunca quis me beijar também — disse ele, balançando os ombros — Até entendo, eu era feio e insuportável.

— Não, eu que era uma bobona.

É que naquela época estava mais interessada nos bonitões do time de futebol ou no meu amor platônico pelo professor de artes bonito, do que reparar em meu melhor amigo de infância. Obviamente não esclareci esse ponto a James, seu ego masculino já tinha sido abalado muitas vezes no passado.

— Já se perguntou por que nada rolou entre a gente? — indagou ele.

Porque éramos amigos. Admitir isso era o mesmo que aceitar que James estava certo. Nós dois chegamos no ponto em que passamos de superamigos para quase irmãos.

— Porque eu era uma garota idiota procurando coisas erradas, nos lugares errados? — perguntei — E também tudo mudou. Como saberemos, se nunca tentarmos?

— Porque é óbvio, Julianne!

Quanto mais James fugia, mais empenhada eu ficava. Sempre foi assim.

— Então, não haverá problema em um simples beijo.

— Não vou beijar você.

Nos enfrentamos com a mesma determinação de quando disputávamos o controle de TV ou a última fatia de pizza. Sorri docemente e coloquei minhas mãos em seus ombros, que só agora notei como tinham ficado largos.

— Se não me beijar, vou dizer ao meu pai que não apenas fez isso como confessou a promessa que fez aos meus irmãos. E que não me deseja mais porque agora sua cama nunca anda desocupada.

Pior do que ter Clyde, Austin e Dallas afugentando todos os meus prováveis namorados, era um pai cujo o coração frágil de sua filha estava partido.

James arregalou os olhos, e foi naquele momento que percebi que havia vencido.

— Você... você... — gaguejou, e por um segundo senti pena dele — Não faria isso!

Jamais usei meus irmãos ou meu pai contra ele. Mas também nunca tinha pensado em beijá-lo. A ideia só surgiu hoje, quando fui comprar sorvete. Ouvi Crystal Lany, a neta da dona da sorveteria, confessando à sua amiga que James tinha o melhor beijo que já experimentara na vida.

“Uma explosão de sabores”, foi o que dissera, animada.

O meu James?

Admirada, voltei correndo para a oficina. Nunca tinha pensado nele dessa forma. Menos ainda que ele fosse o rei do beijo. E já que naquela cidade nenhum rapaz tinha peito suficiente para enfrentar meu pai e as três feras, eu tinha que unir o útil com o agradável.

Primeiro, éramos amigos de longa data. Segundo, meus irmãos nunca se incomodaram de ver James ao meu lado. Embora só agora eu compreenda o real motivo, não seria um choque tão grande se anunciássemos um namoro. Por último e não menos importante, em uma das muitas conversas que tive com tia Lola, desde que se mudou para o Texas, a primeira base de um relacionamento era a

cumplicidade, amizade e paixão envolvida.

Dois desses itens James e eu compartilhávamos. Só faltava a paixão, mas isso poderia ser trabalhado com o tempo.

— James, você sabe que eu faria — bati o martelo.

Ele bufou. Depois soltou um palavrão que eu já estava habituada a ouvir.

Fechei meus olhos e aguardei. Aguardei e aguardei o suficiente para notar que fazia biquinho com meus lábios. Exatamente como tinha feito no jardim da casa de Dylan Green, à espera do meu primeiro beijo, aos treze anos.

— Pronto! — James se afastou tão rápido como tocou meus lábios.

— Assim não, James! — Puxei-o de volta — Quero que me beije como beijou Crystal Lany.

Ignorei seu olhar surpreso, voltei a fechar meus olhos e esperei. Esperei pelo momento que seus lábios tocariam os meus. Que o beijo lento se transformasse em um beijo apaixonado e descontrolado. Que meu coração saltasse em meu peito e nós dois descobríssemos algo que nunca havíamos notado — fomos feitos um para o outro.

Pelo menos sobre um dos meus devaneios eu acertei. O beijo iniciou lento e não dava sinais de que iria avançar. Era como se James beijasse uma porta. Ou que eu beijasse uma porta. Nem mesmo quando praticava em uma maçã ou no espelho do banheiro em meu quarto tinha sido tão sem graça. E molhado, não de um jeito nojento, mas eu não estava gostando. Parecia que eu deslizava minha boca em um melão sem sabor. E meu coração batia tão acelerado como uma senhora de noventa anos fazendo algo tão empolgante como crochê.

Fui eu que interrompi o beijo e me afastei.

Inicialmente tive receio de que James tivesse curtido mais do que eu. Por alguns segundos, não consegui encará-lo. Tive medo que minha insistência e teimosia idiota tivesse colocado nossa linda amizade em risco. Porque não importava quanto beijos déssemos, sempre seríamos isso: grandes amigos.

— Ei, Jully? — James aproximou-se de mim e ergueu meu queixo para que o encarasse — Será sempre a minha melhor amiga.

Retribuí seu sorriso ao notar que nada havia mudado.

— Desculpe, James — voltei para a pilha de pneus e, dessa vez, sentei apenas na borda — Achei que nós dois... talvez...

James retornou à esteira e me lançou um sorriso terno.

— Você irá encontrar, Julianne — iniciou ele — Vai encontrar alguém que não irá se importar com a cara feia que seus irmãos possam fazer, porque ele irá saber o quanto você é valiosa e irá lutar por isso.

Foi bonito o que James disse para me confortar, mas era irritante também. Não queria ninguém que precisasse lutar por ela como uma virgem na mais alta torre. Não desejava um príncipe encantado como seus irmãos desejavam para ela. Queria ser normal, cometer e aprender com seus erros e escolhas. Não conseguiria isso se continuasse a viver debaixo de suas asas.

Enquanto James retornava para debaixo da caminhonete, meditou sobre isso. Precisava dar um jeito nisso ou acabaria como uma velha, solteirona e maluca.

— Não vai funcionar — disse James, arrastando-se pelo chão — Vou precisar trocar algumas peças. Tem um amigo do meu pai, em Austin, que só trabalha com carros antigos. Vou até lá esse final de semana.

— Posso fazer isso para você — sugeri, ao saltar dos pneus.

— Tem certeza? É uma boa viagem até lá.

James me olhou desconfiado. Ele sabia que eu odiava fazer viagens longas.

— Não há nada de interessante para fazer aqui ou na fazenda. Quem sabe outros ares me anime um pouco?

A realidade é que tinha outros planos rondando na minha cabeça. Se eu quisesse vencer essa guerra, precisava de aliados.

— Se seu pai não vir problema nisso...

— Ele não irá se importar — interrompi, meu coração mais acelerado em expectativa do que o beijo dele provocou — Apenas me dê o endereço e a lista do que precisa.

James foi em direção à mesinha e começou a escrever no bloco de notas:

— Se esperar mais algumas horas, posso te levar em casa.

— Tudo bem — guardei a folha no bolso do jeans — Preciso ir ao banco, ver a vó do Derek.

— Está saindo com o Derek? Eu vi vocês dois na praça, outro dia.

— Sair não é realmente o termo.

Derek é assistente de xerife do meu irmão, Dallas. Tão bonito como covarde, era mais provável que enfrentasse uma cela repleta de foras da lei do que encarar o olhar duro do xerife.

— Eu vejo você depois — me despeço, dando um beijo estalado em sua bochecha, e saio com um enorme sorriso em meu rosto.

Capítulo 2



Manhattan, Nova York, 2012

NÓS TÍNHAMOS ACABADO DE TRANSAR e eu não sentia nada de especial após isso. Nada além do esgotamento físico, seguido da sensação de relaxamento. Foi bom. Sexo com Natalie ou Nicole, como preferia ser chamada agora que sua carreira como modelo começava a deslancar, sempre foi algo prazeroso.

Somos compatíveis no sexo, ela é linda e atende minhas necessidades muito mais na cama do que fora dela. Era o único lugar que parecíamos ser compatíveis.

O problema é que ultimamente venho desejando mais. Algo como o que meus pais compartilhavam há anos. Como minha irmã Katty e Frank haviam construído em sua relação. Amor e cumplicidade.

Sentimentos que, desde meu envolvimento com Cecilia e seu fim trágico, eu havia esquecido como eram. Não me culpo pelo o que aconteceu, como Adam continuava a fazer. Aceitei que tinha sido uma fatalidade, uma das obras do destino no qual não temos controle.

Meu único e amargo arrependimento é não ter contado nada ao meu irmão, quando tive chance. O modo como tudo realmente aconteceu. Cecilia, eu e o bebê que poderia ter sido meu. Às vezes me via sentado ao lado dele, contando tudo. Eu tinha medo de que a admiração e o amor que ele sentia por mim virasse repulsa, desprezo por ter mantido esse segredo por tanto tempo.

Eu quis contar. Eu quis mesmo contar a verdade. Adiei porque Adam estava afetado demais pela morte repentina de Cecilia. Adiei porque ele precisava de mais tempo para se recuperar. Adiei outra vez porque já não sabia como contar.

O certo era que nunca deveria ter dado ouvidos a Celeste. A verdade fere, mas é a única coisa que poderia nos libertar.

Fechei os meus olhos e fiz um exercício de respiração. Um pouco mais calmo, dei mais atenção ao que acontecia no quarto. O movimento do colchão, o leve farfalhar do lençol ao ser afastado, os

passos arrastos de Nicole no chão.

Encontrei-a em frente ao espelho estudando seu corpo. Ela sempre fazia isso quando acabávamos de transar. Eu a achava linda, mas ela sempre via alguma coisa para reclamar. Para mim, era magra até demais, mas ela se via gorda. Inicialmente, achei que fosse besteira de mulher, até convivermos mais.

— Sexta-feira é o aniversário de casamento dos meus pais — iniciei, vendo que começaria seus choramingos de quantas horas a mais precisaria gastar na academia — Vai ter um jantar e eles esperam que você vá.

— Sexta-feira agora? — ela ficou de lado, apertando a pele de sua cintura.

Eu via pele e osso; Nicole via gorduras localizadas que precisavam ser eliminadas com dietas absurdas que a deixavam irritada e chorosa, e isso, como médico, me preocupa, mas, para ela, todos os meus conselhos sobre saúde eram irrelevantes. Eu não entendia nada de moda, fora o que dissera a última vez que tentei.

— Sim.

— Tenho que ir para Madri, no sábado — ao menos virou-se para dizer isso — Peça que me desculpem.

Rangi os meus dentes. Sou conhecido por ser uma pessoa calma e bem-humorada, mas a indiferença de Nicole, com algo tão importante para mim, me tira o controle.

Não era segredo, para nenhum de nós dois, que quase todos de minha família não nutriam grandes amores por ela. Seria pedir muito que se esforçasse um pouco para mudar isso?

— Natalie...

Foi o suficiente para ter sua atenção em mim.

— Nicole!

— Não irá viajar no sábado! — saltei da cama e procurei minhas roupas espalhadas pelo chão — Acabamos de ficar noivos, então é importante para minha mãe que esteja presente no jantar.

— E eu acabei de assinar um contrato importante com a maior casa de moda do mundo — disse ela, com uma voz chorosa — A oportunidade da minha vida. Meu corpo é a minha vitrine. Pego o primeiro voo, e não posso chegar com olheiras gigantes...

Eu me desliguei do que ela discursava. Vesti a camisa, depois a calça, coloquei os sapatos e, quando dei por mim, me despedia com um beijo frio em sua testa.

— Liam, você entende, não é, meu amor? — o tom dessa vez era mais angustiado do que arrogante.

Algo no que falei, ou deixei de falar, parecia tê-la alertado que havia ido longe, arriscado demais em se mostrar tão desinteressada.

— Conversamos quando você voltar, Nicole.

Estava entre a porta e o corredor quando a senti me alcançar. Minha relação com Nicole, esse tempo todo, só pareceu perfeita devido às nossas profissões. Como médico, eu tinha uma agenda bem atribulada, e com ela não era muito diferente, tendo que viajar para tantos lugares do mundo, o tempo todo.

Antigamente era o sexo que nos prendia, agora nem isso parecia suficiente para unir nós dois. Eu já não queria levá-la ao jantar, não queria forçar sua presença à minha irmã e minhas sobrinhas, que não escondiam o desagrado em relação a ela.

Eu me pergunto se deveria manter esse relacionamento, já que está cada vez mais claro que tínhamos desejos e valores opostos.

Ainda tinha algumas horas até assumir meu plantão no hospital. Horas que eu tinha planejado passar com minha noiva. Ao invés disso, me vi jogado no sofá da casa de meu irmão. Ele deveria ser a última pessoa a quem eu pediria conselhos amorosos, mas talvez seu cinismo fosse exatamente o que eu precisaria nesse momento.

— Adam, o que você acha sobre o amor?

Aceitei a xícara de café que me ofereceu, quando na verdade gostaria de uma dose dupla do whisky que ele tinha na mão.

— Uma grande idiotice — ele sentou ao meu lado, jogando um dos pés sobre a mesinha de centro, em frente ao sofá.

— Papai e mamãe se amam — lancei essa verdade sobre ele — Katty e Frank também.

Queria ver como Adam sairia dessa. Eu amava esse cara, mas ele havia ficado cínico e amargo demais ao decorrer dos anos. Além da família, a única coisa que realmente amava era o seu trabalho. Trocava de mulheres como trocava de terno. Enquanto eu me tornava cada vez mais consciente do que a vida poderia me oferecer, Adam rejeitava tudo.

— Quatro pessoas determinadas a romantizar normas e doutrinas de uma sociedade em decadência. E chamam isso de amor. Eu digo que é conveniência e troca de interesses. Os homens trabalham e as mulheres criam seus filhos. Simples assim.

— Não acredito isso. É cínico demais até para você. As mulheres hoje em dia são independentes e querem muito mais que um homem assinando o cheque.

— De qualquer forma, os únicos cheques que pretendo assinar — seu sorriso alargou um pouco mais — são os do restaurante e do quarto de motel.

— Um dia verei esse sorriso arrogante sumir do seu rosto quando encontrar a pessoa certa —
depositei o café mal tocado em cima da mesa e liguei a TV.

— E você encontrou?

Touché.

Quer vencer o inimigo, use as mesmas armas que ele.

— Talvez tenha — respondi, mais para mim mesmo do que para ele, exatamente — Mas, se não,
vou continuar a procurar.

“Quem sabe ela estivesse por aí. Esperando nossas vidas se cruzarem um dia”, pensei.

Capítulo 3



Brooklyn Heights, Nova York

EU ERA UMA MENTIROSA PATOLÓGICA e agora ladra também. Pior que admitir isso para mim mesma, era não sentir o mínimo de culpa por isso.

Quando decidi vir até Nova York, visitar minha prima Penelope, achei a ideia brilhante. Só precisei dizer ao meu pai que iria até a cidade de Austin pegar as peças que James precisaria para consertar nossa velha caminhonete. Convencer meus irmãos que não havia nenhuma segunda intenção nisso foi uma tarefa árdua, principalmente quando Clyde sugeriu me levar até lá.

Mas o mais difícil de tudo foi enganar tia Lola, para conseguir pegar escondido uma cópia da chave do seu apartamento, onde Penelope morava. Eu tive que causar um pequeno probleminha em seu carro, que levou a um grande problemão que até a obrigou a passar a noite na fazenda.

“Tia Lola, você não se perde com tanta chave, não?”, perguntei, balançando o molho de chaves enquanto ela tomava seu chá e aguardava alguma informação do meu pai sobre o seu carro encalhado na estrada.

“Na fazenda, às vezes, ainda estou me acostumando”, disse ela, numerando uma a uma. “Essa aqui é de Nova York ...

Enquanto ela explicava cada uma, obviamente mantendo entre nós duas uma conversa tranquila e civilizada, meu plano foi ganhando forma em minha cabeça. Foi aí que me tornei uma ladra. Mas eu sempre ouvi dizer que os fins justificam os meios. Não se faz uma omelete sem quebrar os ovos, e por aí segue.

No amor e na guerra vale tudo, e claramente, nessa disputa, eu estava em desvantagem. Precisava de alguém que me entendesse. Que soubesse a importância de ser uma alma livre. Então, quando minha doce e tímida prima escreveu avisando que tinha se livrado do noivo, abandonado seus pais

opressores e a cidade onde passou boa parte de sua vida, senti um misto de orgulho e inveja.

Penelope sempre foi mais obediente, recatada e dócil do que jamais tentei ser. Enquanto eu reclamava por ser oprimida por excesso de zelo e amor, ela se retraía em meio a críticas severas e falta de carinho. Meus tios nunca foram amorosos com ela, não que eu me lembrasse. As poucas vezes que os vi, tive uma imagem de um casal rígido e frio na criação de sua única filha. O que é completamente oposto do estilo de vida que adotaram ter. Eram religiosos fervorosos, sendo o pai dela o pastor da cidade onde viviam.

Em contrapartida, tinha eu. Sempre fui a princesinha da casa. Não do tipo mimada, mas superprotegida. Ao ponto de ter três garotos e um homem desesperado se eu soltasse uma lágrima por ter uma farpa no dedo.

No fundo, lá bem no fundo e um pouquinho mais, sei que tudo o que fazem por mim é porque me amam. Depois que minha mãe faleceu, dando à luz a mim, deve ter sido desesperador para eles se verem de repente com a responsabilidade de cuidar de uma garotinha.

O que um homem e três rapazes fariam com uma garotinha sapeca correndo pela fazenda?

Era um susto por eu ter passado por debaixo da cerca quando o treinador amansava um cavalo xucro. Outro quando eu quis descobrir onde a estrada da fazenda dava, andando quase uma hora sob o sol escaldante, pelo menos para uma garotinha de dois anos. Pavor quando pensei que uma cobra podia ser meu bichinho de pelúcia. Incredulidade quando enchi meu quarto de sapos esperando que algum deles virasse príncipe. E minha lista era mais extensa do que os muitos detentos que Peachwood tinha na delegacia. Mas o que mais apavorava todos eles, eram os homens. Depois do episódio do sapo, eu tive uma verdadeira aula sobre príncipes.

“Fica longe deles, J.J. São encantadores de mocinhas inocentes para levá-las para longe de sua família e de todos que amam”, dissera Dallas, ao colocar o último sapo na lata enquanto eu o presenteava com um olhar arregalado e atônito.

Foi como dizer em pleno natal que Papai Noel não existia. Ah, essa ladainha durou até eu começar a frequentar a escola. Conhecer meninos e fazer amizades. Então o caminho não era mais me amedrontar, era botar para correr qualquer garoto com ideias erradas, ou não, que se aproximava de mim.

Às vezes eu acho; não, tenho certeza, que meus irmãos só me protegem do jeito que protegem porque são uns grandes canalhas. Temem que façam comigo o que eles devem fazer com metade das mulheres da cidade. Não que sejam completamente canalhas. Mas pulam de uma cama para outra como as pulgas pulam no cachorro maltrapilho que ronda a fazenda.

Hipócritas filhos da mãe!

— Então? Como é estar apaixonada, Penelope? — afofei o travesseiro e o abracei, ficando em

uma posição que ela fosse incapaz de fugir dos meus olhos questionadores.

— Eu não estou apaixonada — ela focou atenção na batinha do lençol, fugindo de mim.

Mesmo sob a luz fraca no quarto, iluminado apenas pelo abajur, pude notar suas faces coradas, e sabia que estava mentindo.

Um bom mentiroso reconhece outro. E ela não era tão boa assim.

— Eu cheguei aqui e achei que ele estava sugando sua alma pela boca. Depois teve aquele passeio no parque. Não desgrudava o olho de você, e você parecia presa no mesmo feitiço. Se isso não é estar apaixonada, tenho medo do que seja.

Ela gemeu, deitando na cama.

— Já te expliquei que não é tão fácil. Adam é amigo do meu chefe. O senhor Durant tem uma política rígida sobre isso. Bem, foi o que Aline me disse.

— Ele é o seu chefe e não o seu dono. Saiu das mãos de um ditador para entrar em outro? Ah, quanto desapontamento.

— Não é só isso... — ela suspirou — É que ele é meio assustador.

— Um encantador de mocinhas inocentes?

— Quê?

Relembrei o episódio dos sapos em meu quarto e a tentativa de Dallas de me assustar.

— É, acho que Adam é um encantador de mocinhas tolas e inocentes — concordou ela, rindo.

Balancei as mãos, fingindo sentir calor excessivo.

— Eu queria que ele me encantasse e...

O travesseiro em meu rosto abafou o que ia dizer. Começamos uma guerra de travesseiros. Éramos como duas adolescentes falando sobre os meninos bonitos da escola. Apesar de ter tido algumas amigas, nunca fomos assim tão próximas. Meu pai não deixava que fosse a festas de pijamas sozinha, e meninos estavam obviamente fora da lista. Também não levava amiguinhas para casa, seus pais eram, na maioria, conservadores demais para deixar suas meninas cercadas de garotos bonitos.

Com Penelope, não tinha sido muito diferente. As meninas de sua comunidade ou sentiam inveja de sua beleza ou viam sua timidez como prepotência. Era compreensivo que fôssemos tão próximas, mesmo com todos os quilômetros de distância separando nós duas.

Cansadas e rindo mais do que nossos lábios poderiam suportar, caímos esgotadas na cama.

— Vocês dois ficam lindos juntos — segurei sua mão e sorri.

O olhar que me devolveu não dava margem a dúvidas. Penelope estava apaixonada por Adam, mesmo que ainda não tivesse descoberto isso ainda.

Eu torci pelos dois. Torci como nunca tinha torcido por ninguém em minha vida.

Andei apressadamente pelo terminal Barbara Jordan, no aeroporto Bergstrom. Seriam cinco minutos até o estacionamento onde havia deixado o carro, mais duas horas e quarenta e dois minutos na estrada, totalizando 195 milhas de Austin até Peachwood. Tempo suficiente para que eu analisasse o quanto estava encrencada.

Não que eu já não soubesse disso, apenas ignorei o fato por todo fim de semana. Agora não tinha mais como fugir, meu pai e meus irmãos iriam arrancar a minha pele e fazer lindas jaquetas com ela.

Respirei fundo e correspondi ao sorriso gentil do belo rapaz do estacionamento, ao me entregar a chave da Raptor. Dei uma gorjeta generosa por ter cuidado da picape tão bem durante minha ausência. Sei que boa parte de toda sua gentileza se devia ao fato de que estava interessado em mim. Algo que espantosamente ignorei. Primeiro porque, sem dúvida alguma, era mais novo do que eu, e a ideia de que ele tentasse enfrentar um dos meus irmãos, mesmo que fosse Clyde, o mais calmo dos três, parecesse ridícula.

Em outro momento, só por diversão, eu teria jogado algum charme ao rapaz, mas tenho coisas mais importantes para me preocupar.

Minha visita a Penelope tinha sido bem produtiva. De um jeito dócil, mas firme, ela me fez entender que não é agindo impulsivamente que conseguirei que meus irmãos me vejam além da garotinha de tranças que corria atrás deles pela fazenda.

Eu tinha que mostrar que cresci e era completamente capaz de cuidar da minha vida sem a constante intromissão deles. Eu não era nenhuma debiloide. Tudo bem, muitas vezes, ou quase sempre, era impulsiva e desastrada, mas aprender a controlar isso faria parte do amadurecimento que estava buscando.

Então, o melhor a fazer seria engolir meu orgulho e reconhecer o meu erro. Talvez até ganhasse alguns pontos com eles, afinal, encontrarem Julianne arrependida, no lugar da voluntariosa, certamente iriam surpreendê-los.

Peguei a I-35 N/US-290 em direção à interestadual a caminho da Rodovia 35 Frontage. Depois de seis horas de voo, fiz apenas duas paradas na estrada para comprar água fresca e comer um enorme prato de panqueca no Denny's. Quando eu fico nervosa sinto fome e como feito uma maluca, acho que é uma característica de família, ou talvez só tenha adquirido mais um dos maus hábitos dos homens que me educaram.

Passei pela placa que dá boas-vindas à cidade. Um pêssego suculento e letras douradas nos convidando a conhecer a pequena cidade pitoresca onde há as melhores tortas da fruta no país.

Ignorei a estrada que dava caminho para a fazenda e fui em direção ao coração da cidade.

A delegacia ficava a cem metros do hospital, por onde passei, e do outro lado da rua da escola primária. Estacionei na área permitida e torci para que a coragem e a determinação que tinham me acompanhado de Nova York até aqui ainda estivesse comigo.

— Tudo bem, Julianne — bati os dedos em minhas pernas, controlando a ansiedade — É apenas seus irmãos. Eles vão espernear, fazer um sermão quase interminável dos riscos que poderia ter corrido em uma cidade gigante como Nova York, depois a torturarão com uma carranca e greve de silêncio que terminará tão rápido como começou.

Dizer isso em voz alta deveria ter um efeito calmante, mas isso não aconteceu. Decidi parar de protelar e encarar logo a situação. Afinal, eu tinha uma fera para amansar, e se conseguisse fazer com que Dallas ficasse ao meu lado, o resto seria como um passeio no parque de diversão.

Atravessei a rua e cheguei à calçada no mesmo momento que a viatura de Dallas estacionou. Ele tinha um olhar irritado, que me fez encolher até perceber que o motivo de sua fúria, naquele momento, não era eu.

— Derek, leve o Green lá para dentro — disse ao seu assistente, que surgiu rapidamente na entrada — Quem sabe mais uma noite na cela o faça encontrar o juízo, se é que um dia possuiu um.

De dentro da viatura surgiu um rapaz desengonçado e obviamente alcoolizado. Resmungou quando o policial o amparou ao sair, mas abriu um sorriso ao me ver.

Dallas colocou-se entre nós dois, bloqueando a visão que pudéssemos ter um do outro. Vi quando ele cruzou os braços e afastou as pernas, posicionando-se para uma briga, que seria no mínimo injusta, dada as condições de quem enfrentava.

Em menos de um minuto, Dylan seguia para dentro da delegacia, gritando a quem quisesse ouvir o quanto a vida era injusta. Eu soube que o olhar mortal de meu irmão tinha sido suficiente para fazê-lo perder qualquer valentia que o álcool pudesse ter oferecido.

— Era isso que você queria para sua vida, Julianne? — a pergunta foi tão seca como mordaz.

Dylan tinha sido meu primeiro beijo e teria sido o rapaz que me faria enveredar pelos prazeres do sexo, se meus irmãos não tivessem estragado nossos planos na noite de nossa formatura. Desnecessário que Dallas me recordasse disso justamente hoje, agora. De como sua alegria e espírito aventureiro tinha passado pela maior vergonha e humilhação que já tinha sentido.

“Você tem mesmo 21 anos?”, perguntara o gerente, ao ajeitar a armação dos óculos caindo sobre o nariz.

Ele não tinha nem o ar, nem um sorriso amigável para oferecer ao jovem casal na recepção daquele motel de beira de estrada.

Claramente aquele não tinha sido o lugar dos seus sonhos para entregar a sua virgindade ao rapaz que acreditava amar profundamente, mas, desde pequena, aprendera que príncipes não

existiam, uma cama com lençóis limpos era melhor do que rolar no feno, como Dylan uma vez havia sugerido.

“Claro que ela tem!”, ele pegou a identidade falsa das mãos do gerente, e no que acreditei ser o único funcionário dali, e quase esfregou diante dos olhos dele. “Não está vendo aí...”

“Dylan...”, puxei o seu ombro, na esperança de acalmá-lo e começando a me assustar com a agressividade que via nele, causada pela tensão ou cervejas que havia tomado no carro, no caminho até ali.

Estávamos a mais de uma hora de Peachwood. Longe o suficiente para que meus irmãos percebessem que não havia chegado no horário combinado. Longe suficiente para Dylan e eu termos a noite apaixonada que idealizamos por semanas.

“Espere ali dentro, minha jovem”, o senhor levantou o tampo do balcão e indicou o minúsculo escritório atrás da recepção. “Seu namorado e eu iremos acertar alguns detalhes”.

Inocentemente, eu tinha imaginado que os pequenos detalhes que ele sugeria seriam uma garrafa de champanhe, lençóis perfumados e pétalas de rosas sobre a cama e tudo o que seria preciso para uma jovem ter sua primeira e inesquecível noite de amor.

Vinte minutos depois, o homem surgiu exibindo um sorriso que nos tinha negado ao entrar ali. Ao ver as notas em suas mãos, eu automaticamente concluí que Dylan tinha sido generoso ao combinar certos detalhes, causando assim a mudança abrupta no comportamento do homem.

“Quarto oito”, disse ele, naquele momento o sorriso era tão amplo que concluí que se passar por rabugento e mal-humorado era apenas mais uma tática dele para conseguir uns trocados a mais de jovens tolos e sonhadores como Dylan e eu.

“Obrigada”.

O ouvi sair assoviando, mas continuei parada diante da porta fechada. Entre querer muito uma coisa que mudaria sua vida e ter que executá-la, havia uma larga diferença. De repente me senti confusa e com milhares de perguntas pipocando em minha cabeça.

Estava pronta para um passo tão importante como acreditava? Ou estava sendo apenas teimosa, tentando provar algo aos meus irmãos? Dylan era o homem que eu amava e queria passar o resto da minha vida?

Aprumei os ombros e decidi afastar todos os medos tolos para longe. Eu estava ali e levaria aquele plano até o fim. Foi o que eu pensei, até meu grande sorriso se desfazer e um olhar chocado tomar meu rosto.

Na cama, de braços e pernas cruzadas e um sorriso diabólico, estava Austin. Virei em direção à janela e vi Clyde com os olhos chispando fogo; próximo ao banheiro, Dallas, girando o chapéu de cowboy entre os dedos.

Minha incrível noite romântica tinha acabado tragicamente e desastrosamente.

Pouco me importou o sermão que recebi dos três até o caminho de volta à fazenda e o primeiro olhar decepcionado de meu pai. Só quis me trancar em meu quarto e nunca mais sair dali.

Recusei-me a falar com qualquer um deles durante semanas. E nosso relacionamento só voltou a ser normal quando soube por James que, naquele mesmo dia, Dylan havia ido chorar suas mágoas com Lucinda St. Clare. E que daquela noite havia gerado frutos. Dois meses depois eles estavam casados, vivendo um relacionamento ioiô.

Aparentemente Dylan não conseguia atender muito bem as constantes exigências de Lucinda por uma vida de luxo, regada a roupas caras e carros importados que ela exigia ter. Para aguentar a vida miserável, que ele nada fazia em questão de esconder, frequentemente visitava Texas Hell, o único e mais fervoroso bar da cidade, independentemente de que horas fosse, para se embriagar. Era só brigar com Lucinda e lá estava Dylan, causando problemas ao dono do estabelecimento, que todos diziam já estar farto dele.

— Não vai responder ao que te perguntei, Julianne?

Munida de uma pequena chama de rebeldia, ergui meu rosto em direção a ele.

— Poderia ter sido diferente, entre Dylan e eu.

Dallas levou a mão até o queixo, era um gesto que fazia quando queria se acalmar. Lembrei do motivo que me levou até ali, então optei por recuar.

— Mas eu sei que só queria me proteger naquela época — embora o olhar dele fosse incrédulo, sobre aquilo eu estava sendo sincera — Agradeço por isso, Dallas.

Surpreso, ou quem sabe curioso para saber até onde eu iria, ele permaneceu em silêncio.

— Olha, conversei com Penelope no fim de semana e percebi que, se quero que me tratem como adulta, tenho que agir como uma — continuei, com a voz humilde — Fugir para Nova York, deixando-os preocupados, não foi algo maduro. Sinto muito.

— Então, três dias ao lado de nossa prima te fizeram entender o que tentamos explicar todos esses anos?

Claro que não. Penelope me dera conselhos sábios e inspiradores. O que aqueles três idiotas fizeram a vida toda foi me controlar.

— Sim — respondi, com um sorriso doce que faria Penelope sentir inveja — Aceito qualquer punição que ache que devo merecer.

Dallas encarou a viatura e coçou o queixo um pouco mais rápido. Ele brigava entre o homem da lei que seguia rígidas regras e o irmão amoroso que tinha me ensinado a andar a cavalo.

— Bom... — ajeitou o chapéu em sua cabeça e voltou a cruzar os braços — Se você aprendeu

alguma lição durante essa travessura...

— Ah, eu aprendi — balancei a cabeça, dando ênfase ao que falava — Aprendi muito.

— Nova York é uma cidade assustadora, não é? — disse ele, acreditando que aquele tinha sido o motivo a me trazer de volta.

Dallas não poderia estar mais errado. Eu adorei a cidade.

— Sim. E todos aqueles prédios e carros barulhentos — carregada de nova coragem, fui até ele, enroscando o braço no dele — Poluição e toda aquela desordem caótica.

— Não há lugar mais acolhedor do que Peachwood — disse ele, ao entrarmos na delegacia — Não tem melhor lugar no mundo do que nossa fazenda.

Sobre a fazenda eu tinha que concordar, mas desejava mais do que Peachwood tinha a oferecer. Esse final de semana em NY me deu completa certeza.

— Julienne, tem que prometer que nunca mais fará algo como isso de novo.

Dallas parou em frente a mim e me fez encará-lo.

Fiz a única coisa que sabia fazer perfeitamente; menti. Ou, como prefiro dizer: ocultei a verdade para evitar sofrimentos desnecessários.

— Prometo, Dallas — ergui-me nas postas dos pés, beijando sua bochecha — Agora, será que papai e os meninos estão tão bravos comigo?

Voltando a me abraçar, Dallas bagunçou meus cabelos, como sempre fazia quando era criança.

— Eu lido com eles.

Um grande sorriso tomou meu rosto quando passamos pela mesa de Derek. Eu, essa garota com cara e jeito inofensivos, havia dobrado o cara mais durão daquela cidade, talvez de toda região do Texas.

Um grande sorriso tomou meu rosto quando passamos pela mesa de Derek. Eu, essa garota com cara e jeito inofensivos, havia dobrado o cara mais durão daquela cidade, talvez de toda região do Texas.

— Acha que ainda terei uma festa de aniversário? — pergunto, querendo saber até onde exatamente eu tinha sido perdoada.

— Caramba, menina — ele esfregou a mão em meus cabelos, bagunçando tudo — Não acredito que fará vinte anos. Ainda vejo a pestinha de tranças correndo na fazenda. Claro que terá uma grande festa.

— Pode ser no Hell?

O olhar contrariado que ele me deu foi resposta suficiente. Seria mais um ano com muita comida e bebida na fazenda. Se há uma coisa que minha família sabe fazer muito bem, é uma boa festa.

Capítulo 4



DESPERTO COM O MOTORISTA TOCANDO MEU OMBRO, avisando que havíamos chegado ao destino que havia informado a ele. Somente quando encarei o portão, me dei conta que havia dado o endereço da casa de Adam.

Não era incomum que eu viesse para cá sempre que tinha um turno exaustivo de trabalho. Era mais perto do hospital do que da casa dos meus pais. Senti meu estômago roncar assim que abri a porta, e lembrei que minha última refeição tinha sido o almoço preparado pela Delia, no dia anterior.

Estou cansado física e mentalmente e nem um pouco disposto a preparar algo, mesmo que simples, como uma omelete, então opto por uma maçã na fruteira. Mal cheguei a levar a fruta à boca quando algo, ou melhor, uma pessoa, me obrigou a parar, atônito e completamente surpreso.

A primeira coisa que notei foi como era bonita. Traços delicados e olhos claros expressivos, que nesse momento não escondiam o medo em me ver.

— Ora, ora. Quem é você?

Levei a fruta à minha boca e dei uma boa mordida. Precisava ganhar tempo enquanto a estudava.

Desde que Adam comprou aquela casa e havia me dado a chave reserva para que aparecesse sempre que eu quisesse, nunca tinha me deparado com uma presença feminina, além da senhora que faz a limpeza e organiza suas coisas.

E vendo a jovem vestida apenas com uma das camisas dele, duvido muito que seja uma ajudante para as tarefas de casa.

— Quem é você?

Ela era corajosa, apesar de receosa com a minha presença. Decidi parar de torturar a garota e revelar de uma vez quem eu realmente era.

— O irmão mais bonito. Adam não te falou sobre mim? Que desapontamento.

Vi suas faces ficarem coradas, em resposta que sim, Adam tinha falado sobre mim. Estranhamente, eu fiquei curioso sobre o que ele poderia ter falado a ela.

Automaticamente, o meu desejo em esquecer as últimas horas tensas que tive no hospital foi

atendido.

— Liam?

O espanto em seu rosto pareceu-me tão doce quanto ela.

— A menos que ele tenha outros irmãos bonitos por aí, sim — sorri da minha própria estupidez, levando a mão ao meu peito — Em carne, osso e coração.

Foi impossível não notar seu suspiro de alívio, confirmando que minha tentativa de a deixar mais à vontade havia surtido efeito. Por outro lado, minha inquietação de descobrir algo mais sobre ela aumentou.

— Como entrou aqui?

Balanço a chave diante dela:

— Chave extra. Ainda não me disse o seu nome, princesa.

— É Penelope — disse, tímida.

— Charmosa...

Era a mulher que Adam queria que Peter encontrasse e que passamos a noite de pôquer o perturbando por isso. Fazia sentido agora toda sua angústia e frustração. Penelope, a Charmosa, parece ser exatamente aquilo que Adam precisa. Alguém realmente doce para a vida amarga e solitária que ele havia construído para si.

— Até você? — ela revira os olhos. — Sério, isso já está tão batido.

— Não me referia ao desenho.

— E ao que se refere?

Garota danada. É do tipo que com um olhar manso e um sorriso encantador arranca de nós todas as informações que quiser. Sem que você perceba, desnuda a sua alma.

Gostei dela.

— Ah, não. Primeira regra: o que acontece no pôquer, fica no pôquer, querida. Meus lábios estão selados.

Percebo sua confusão e logo mudo de assunto, revelando o real motivo da minha presença.

— Espero não ter chegado em uma hora inconveniente. A casa do Adam é mais perto do hospital, então, às vezes, quando estou muito cansado...

— Ah, não chegou em uma má hora... — iniciou ela, meio nervosa — Estávamos na cama. Quer dizer, Adam está... Desci para preparar o café... eu...

— Então, você é a namorada do meu irmão?

Aprendi que, quanto mais tensas as pessoas ficavam, mais suscetíveis a revelar o que não gostariam elas ficavam, por isso decidi a pressionar um pouco mais. Além disso, era muito tentador vê-la ruborizar e perder a compostura. Ficava realmente charmosa.

Porém, não obtive resposta, um Adam muito zangado surgiu atrás dela.

— Isso não é da sua conta, Liam.

Sorri amplamente. A irritabilidade de Adam me deu todas as respostas que eu desejava ter.

Soube que Adam estava ficando furioso comigo assim que entramos e ele bateu com força a porta de seu escritório. E o fato de o pressionar a cada minuto só aumentava sua raiva.

Via pela forma que me fuzilava com o olhar, suas narinas trêmulas e o jeito que coçava a sobancelha. Ele só fazia isso quando estava carregado de tensão, como agora. Ou, o que seria mais provável: com uma imensa vontade de me matar.

Graças a Deus, ele havia decidido ser advogado ao invés de policial, como sempre dizia quando eramos crianças. Uma arma em suas mãos faria grandes estragos em mim.

— Você não irá fazer nenhuma merda com aquela garota, Adam. Eu não vou deixar.

— O quê?

Definitivamente eu estava mexendo num vespeiro. Sorri internamente ao ver sua reação.

— Está interessado nela? — seu olhar era mais afiado que suas facas em uma das gavetas na cozinha — Penelope não tem cinco anos. Ela sabe se defender.

Parecia que ele estava me dando um aviso. A coisa é mais séria do que eu esperava, e Adam ousava admitir.

— Eu não estou interessado nela! — Exaltei.

Não faria isso com ele — de novo. Uma vez, ser um canalha uma vez, tinha sido o suficiente.

— De onde tirou esse absurdo?

Será que ele tinha finalmente descoberto algo sobre o passado? Estaria enfim livre desse arrependimento que sempre carreguei comigo?

— Ela não é igual às outras, e o que você sente também é diferente.

Continuei, mediante o silêncio dele. Infelizmente, Adam não fazia a mínima ideia do que aconteceu entre Cecilia e eu, ou teria me confrontado. Mas de uma coisa eu tinha absoluta certeza, aquela garota doce e afetuosa na cozinha significava mais para ele do que queria aceitar.

— Notei quando entrou na cozinha e ficou agindo como um homem das cavernas. Passou a vida toda se comportando como um imbecil, e agora que tem a chance de ser feliz, não procure motivo para jogar tudo fora.

Eu não sabia se o discurso era totalmente para ele ou para mim, já que boa parte do que eu disse se encaixava para nós dois.

— Isso não é problema seu! — ele tentou recuar, mas eu não vou permitir — Que porra! Eu não vou magoá-la, Liam.

Pobre Adam. O homem que havia jurado nunca mais se apaixonar havia caído de amor, e havia caído feio.

— Eu sabia disso — confessei, com um sorriso vitorioso — Só queria ouvir dos seus lábios de mel. Eu posso começar a ouvir os sinos da igreja?

— Vá se ferrar, Liam! — Adam soca meu ombro, mas consegui ver o sorriso surgindo em seus lábios — Cuide da sua própria vida.

Quando sua risada franca finalmente surge, começo a sentir que estou tendo meu irmão de volta. O velho Adam, que via beleza na vida.

— E devolve as minhas chaves — disse ele.

O quê? E perder a oportunidade de ver esse encantador romance deflorar? Isso seria melhor que as novelas de língua espanhola que Delia assistia na cozinha com a minha mãe.

— Está falando sério? Sabe que essa é minha segunda casa.

— Essa casa é minha. E se não notou, as coisas estão um pouco diferentes — diante de meu olhar suplicante, ele voltou a ceder — Você pode até ficar com a chave, mas agora tem que ligar quando for aparecer por aqui.

Mas de jeito nenhum.

— Tem medo de que eu pegue vocês dois transando pela casa? — pisco um olho para ele, provocando um pouco mais. É mais forte que eu e algo impossível de controlar — Sexo em grupo é a área do Peter. Eu sou um homem sério.

Não é exagero de minha parte. Sou o genro que toda sogra gostaria de ter: bonito, educado, realizado profissionalmente, bom de cama...

— Liam!

Não sei se foi o que eu disse ou meu devaneio momentâneo que o fez sair do escritório, irritado.

— Sabe, achei que esse dia nunca iria acontecer — consigo alcançá-lo e abraço seu ombro — Você, caidinho de amor.

Obviamente recebi o troco por esse atrevimento. Mas valeu a pena. Adam estava feliz, e eu estava duplamente feliz por ele.

Feliz ao ponto de, no fundo, mesmo sabendo que era errado, sentir inveja.

Capítulo 5



NÃO SABIA SE ENCARAVA A FANTASIA RIDÍCULA que Clyde tinha acabado de colocar sobre minha cama ou se arrancava os olhos dele, impregnados de diversão e deboche.

— Rainha do Pessegueiro? — perguntei, a um passo de perder o controle, se é que havia alguma parcela de calma em mim — Sério? De onde saiu isso e quem me elegeu?

Eu deveria ter suspeitado que toda aquela boa vontade em me receber de volta ao lar, sem um sermão cansativo, regado de conversa fiada sobre como tinha sido infantil e irresponsável da minha parte fugir de casa, era, no fundo, uma grande furada.

Os três tinham confabulado o tempo todo, às minhas costas, em uma nova forma de me humilhar.

— Jilly, você falou em alto e bom tom para a Sra. Pahlow ou qualquer pessoa ouvir, após a missa de domingo, que a ajudaria no que fosse preciso — Clyde exibiu o sorriso mais falso de inocência do mundo — Não tivemos nada a ver com isso.

— Mentiroso! Ela me ligou há meia hora, Clyde!

Bati o pé e coloquei minhas mãos na cintura, gesto que eu fazia sempre que ficava furiosa. O que só o fez gargalhar e recuar até minha penteadeira em busca de apoio para seu corpo trêmulo.

— A Sra. Pahlow estava tão feliz que eu tenha não apenas aceitado ser a Rainha do Pessegueiro na festa beneficente do asilo, como também está extremamente encantada por eu usar a fantasia que ela mesmo fez com tanto carinho, já que sua neta ingrata recusou. E tudo isso graças aos simpáticos irmãos Walker. Tão gentis em me convencer. E, ah, claro, ao meu coração puro por ajudar uma causa tão nobre.

Olhei desanimada para o vestido, de um tom berrante de laranja e verde limão. Havia tantos tules que eu me perguntava se conseguiria descobrir exatamente onde deveria passar meus braços e cabeça. Aparentemente, a Sra. Pahlow queria que eu me assemelhasse a um pêssgo falante.

— Isso é horrível — gemi, escondendo meu rosto no travesseiro — Quando eu disse que faria qualquer coisa, me referia a cuidar do bazar, servir limonadas ou preparar aquela torta de pêssgos

que está na cozinha. Não bancar a ridícula em um vestido ridículo.

Funguei, fingindo controlar as lágrimas que nem chegaram a embaçar os meus olhos.

— Vocês são péssimos irmãos e maus... — me ergui ao perceber que meu teatro não fazia o menor efeito sobre ele.

— Isso é o que acontece, Julianne, quando somos impulsivos — Clyde me deu aquele olhar de quem acha estar carregado de sabedoria — Poderia ter dito àquela doce senhora que faria um bolo, cuidaria do bazar ou serviria limonadas.

Ele cruzou os braços e me encarou seriamente.

— Ao invés disso, faz o que lhe dá na cabeça — continuou com desdém — Deixando todo mundo louco e preocupado.

Ergui a sobrancelha de forma interrogativa.

— Ainda estamos falando do evento beneficente, Clyde? Ou tudo isso era apenas para me dar uma lição por ter ido a Nova York?

— Não. Isso é para você saber que tudo na vida tem consequências — resmungou ele — Somos responsáveis por nossas ações, e se você disse que faria qualquer coisa que a Sra. Pahlow pedisse, assim será. Um Walker sempre mantém sua palavra.

Clyde saiu, não me dando tempo de me manifestar. Bom, se eles queriam me irritar ao me obrigar que fosse a boba da corte, ficariam muito decepcionados. Eu seria a Rainha do Pessegueiro mais simpática e divertida do que a rainha Elizabeth jamais sonhou em ser para a Inglaterra.

De todas as idiotices e sermões que Clyde me deu, sobre uma coisa ele tinha razão: um Walker nunca quebrava uma promessa.

Quando a Srta. Cornel me convocou até uma das mesas de comida mais afastada, para termos uma conversa tranquila e íntima, não imaginei que seria para me alertar de que deveria manter meus olhos e principalmente meu sorriso sonso bem longe de Arnold, seu pretendente desde que chegara no asilo, há algumas semanas.

A Srta. Cornel, pois é assim que insiste em ser chamada, tem 72 anos e, apesar de nitidamente estar brava comigo, é uma senhora encantadora.

— Conheço mocinhas como você — bateu a bengala no meu dedo mindinho do pé, e eu senti as estrelas brilharem diante dos meus olhos, mas mantive-me impassível — Sempre atrás de um bom partido. Conheci várias no colegial. Uma ou duas me roubaram um namorado. Mas saiba, senhorita Walker, peixes como Arnold são difíceis de içar. Então não me provoque. Não vai me querer como

inimiga.

Eu não ri. Isso só elevaria o ultraje da senhora que estivera muito incomodada em me ver dançando com o jovem senhor em questão. Além disso, estragaria os planos dele de fazer ciúmes a ela comigo. Algo que Arnold só me confidenciou após nossa terceira dança.

— O Sr. Haley é realmente muito interessante — olhei em direção ao banco onde ele descansava, mas mantinha os olhos astutos em nós duas.

Disfarçadamente, fiz um sinal positivo para ele, que me brindou com um enorme sorriso.

— Mas se a senhorita o viu primeiro, direi a ele que não estou mais no jogo.

Enquanto algumas pessoas viam com pena os velhinhos como eles, mergulhando em um mundo fantasioso que apenas eles entendiam, eu notava uma encantadora história de amor ganhando vida.

E como dizem por aí, o amor não tem idade.

— Vi mesmo! — Ela fez um sinal para que me aproxime mais — Mas não precisa falar dessa nossa conversa.

Esse é um daqueles momentos em que a lâmpada pisca em nossa cabeça. E eu tive a melhor ideia da minha vida.

— Sabe o que eu acho, senhorita Cornel? — fingi tirar alguns fiapos da roupa enquanto buscava a atenção dela — Apesar do Sr. Haley ser tão simpático e educado... Sei lá, acho ele tão seguro de si, quase que convencido.

— Você acha? — a voz parecia de uma garotinha trocando confidências com sua melhor amiga na biblioteca da escola.

— Eu acho que se Arnold, quero dizer, o Sr. Haley, souber que há outros candidatos na sua lista, o fará se movimentar mais rápido em direção a você. Sabe... — ajeitei meus cabelos em um gesto despretensioso enquanto falava — Homens são bem competitivos.

— Oh, sim — ela bateu as mãos, empolgada — Já tive dois rapazes querendo me levar ao altar uma vez.

— E o que aconteceu?

— Ah, eu fugi com outro, o Justin, da sapataria. Ele consertava os sapatos do meu pai. Íamos nos casar, mas ele foi para a guerra — ela suspirou — Ele sabia tanto sobre pés...

Eu não entendi por que ser um perito em relação a pés tinha dado vantagem ao tal Justin. E como nossa conversa parecia cada vez mais estranha, resolvi ignorar essa parte da vida da Srta. Cornel e continuar a elaborar o meu plano.

— Mas como faríamos isso? — perguntou ela, apreensiva — Só há três homens solteiros no *Revivendo*, que... — ela fez um sinal para que me aproximasse mais e pudesse sussurrar ao meu ouvido — É um nome bem esquisito para uma casa de descanso.

— Eu tenho certeza que a senhorita pensaria em algo muito mais criativo — confidenciei com um sorriso na voz — Mas voltemos ao nosso pequeno plano. Que eu intitularia, hum... “A caçada”.

Os olhos amendoados me encararam com surpresa. Logo, o rosto coberto de rugas, que apenas a deixavam mais charmosa, me surpreendeu com uma risada contagiosa.

— A caçada ao Arnold Haley — disse ela.

Nunca pensei que elaborar planos maléficos com uma jovem senhora travessa fosse me deixar tão animada.

— Mas, como eu disse, só há três homens disponíveis em Reviver — Ela apontou em direção a um senhor franzino sendo conduzido por uma enfermeira, em sua cadeira de rodas — O Bruce, mas, coitado, aquele ali não levanta mais nem a colher...

Me recusei a imaginar que uma senhorinha como ela estivesse fazendo qualquer analogia sexual.

— Depois o Clint... — olho em direção para onde ela aponta a bengala, um senhor completamente careca, tentando esconder o máximo de comida nos bolsos de sua jaqueta — Mas a única comida que ele gosta, é a que o deixa cada vez mais rechonchudo. Fora que sempre é muito mal-humorado quando está com fome. Ou seja, sempre!

Observamos uma cuidadora se aproximar do Sr. Clint, obrigando-o a esvaziar tudo o que havia contrabandeado de volta para a bandeja. Rapidamente os dois iniciaram uma discussão que, eu acreditava, não se encerraria tão cedo.

— Mas Peachwood tem uma safra excelente de bons partidos. E eu até já tenho o pretendente perfeito.

Olhei em direção ao jovem rapaz, distraído na jarra de ponche. Sorri diabolicamente por dentro. Ao mesmo tempo, algo muito raro em minha vida começou a se manifestar —minha consciência.

— O Clyde? Mas ele é um bebê.

Eu precisava pensar rápido e mandar que minha consciência fizesse o que fazia melhor, vagar por aí.

— Sou apenas alguns anos mais nova do que Clyde — tento soar casual — E isso não importou para que o Sr. Haley jogasse aqueles lindos olhos castanhos em mim.

— Mas ele não olharia para...

— Senhorita Cornel...

— Pode me chamar de Felicity, meu bem. Agora somos amigas.

— Felicity. Clyde é apenas o jumento.

— Como?

— O jumento que puxa a carroça, no caso, a senhorita. Só vamos usá-lo como um meio para um fim. Mas se a deixa um pouco mais tranquila, falarei com ele e será apenas um plano inofensivo entre

nós três.

— Você faria isso? — perguntou, sorridente.

As mãos unidas, quase que em uma prece, eram como um ímã puxando de volta minha consciência.

— Falarei com o Clyde agora.

Precisava fugir dali o mais rápido possível ou certamente iria fraquejar.

— Lembre-se de manter nosso plano apenas para nós três. Ah, finja para Clyde que não sabe de nada. Dará mais veracidade ao Sr. Haley quando os vir juntos.

— Mas o que eu devo fazer... — alarmou-se ao me ver afastar dela.

— Pensarei em algo, senhorita Cornel — minhas palavras foram sendo abafadas pela música, enquanto me distanciava.

“Eu sou a pior pessoa do mundo!”, repetia mentalmente enquanto me aproximava de Clyde e um grupo de conhecidos.

— Oi, Julianne — James rapidamente veio para o meu lado quando me uni a eles — Clyde acabou de me dizer que será a capa do jornal da cidade. Bonito vestido.

James era o meu melhor amigo. Mas ele era homem e, como homem, obviamente tinha ficado do lado dos meus irmãos sobre a necessidade de me castigar. Eu sei que eu estava ridícula, e no domingo a cidade inteira comprovaria isso ao pegar o jornal, que o filho do jornaleiro entregaria na esquina da igreja.

E quando Clyde sorriu, obviamente tirando as mesmas conclusões que eu, todo meu mal-estar por ser uma garota malvada, desapareceu.

— Nunca imaginei que a caridade faria com que me sentisse tão bem — sorri inocentemente e enrosquei meu braço no do meu desconfiado irmão — Obrigada, Clyde, por me ensinar isso.

Aproveitei de seu choque para coroar minha encenação com um estalado beijo em sua bochecha.

— Claro, querida.

Olhei para onde tinha deixado a senhorita Cornel. Pisquei um olho para ela enquanto Clyde dava tapinhas em meus ombros. O que eu estava arquitetando era extremamente inofensivo, tentei convencer a mim mesma.

Afinal, foi o Arnold que iniciou a brincadeira ao me tirar tantas vezes para dançar, na tentativa de provocar Felicity. Então, não seria mais do que justo que ele comesse um belo pedaço daquela torta chamada ciúmes. Por outro lado, eu me divertiria muito observando como Clyde conseguiria se livrar de uma suposta senhora apaixonada e seu pretendente enraivecido.

Para uma cidade pequena como Peachwood, onde nada ou quase nada acontecia, seriam dias interessantes.

Talvez eu não fosse tão má assim.

Capítulo 6



PARA UM LEIGO, O MOVIMENTO NO HOSPITAL parecia normal, mas assim que cruzei a recepção, percebi que o clima estava atípico.

— Que bom que já chegou, doutor — Taylor, a chefe de enfermagem que geralmente trabalha comigo, me alcançou assim que entrei na aérea de descanso — Houve dois acidentes na rodovia. E um caminhoneiro atingiu uma obra. O motorista teve perfuração por um cano na fossa orbital.

Putá merda. Ainda não tinha visto o azarado, mas ter um cano cravado no rosto soava tão ruim como ela me dizia.

— O doutor Dwight já está indo para a sala de cirurgia, mas ele gostaria que o senhor o acompanhasse.

Noah, além de meu amigo, é um dos melhores cirurgiões que eu conheço. Participar da cirurgia com ele seria um grande aprendizado para nós dois.

— Vou me aprontar, Taylor. Diga ao Noah que irei em seguida.

Troquei de roupa em tempo recorde. Dei uma minuciosa avaliada na ficha de internação, conferi as radiografias, fiz a esterilização e fui para o centro cirúrgico. Apesar da lesão agressiva e o corpo estranho ainda encontrar-se no paciente, ele teve muita sorte. Nenhuma parte do cérebro tinha sido atingida, milagrosamente. Quanto a que ponto sua visão esquerda seria afetada, só saberíamos após a cirurgia. Mas seria impossível não ter sequelas.

— Dia agitado hoje? — disse Noah, e sua assistente colocou a máscara em seu rosto.

— Eu que pensei que só jogaria Pacman no computador.

Gostava de trabalhar com o Noah porque, apesar de mais sério que eu, ele não via meu bom humor com puerilidade e descaso à profissão. Era o meu jeito de lidar com a parte mais complicada da vida.

— Devo lembrar que hoje aquela lata velha é minha — disse ele, num tom abafado.

Assim, aparentemente inabalados, iniciamos uma delicada cirurgia de mais de quatro horas. Eu podia jurar que havia passado apenas alguns minutos quando Noah deu os últimos pontos e entregou

os cuidados finais à sua assistente.

Sempre tive a impressão que, no CT, as horas parecem congelar. Somente quando passamos pela porta que os músculos do corpo começam a reclamar.

— Liam — Taylor surge assim que saio da sala — Seu irmão está na ala sul. Ele quer muito falar com você.

— Adam? — jogo a luva no lixo e a encaro, surpreso.

Posso contar nos dedos de uma mão quantas vezes Adam esteve aqui.

— Ele está bem? — pergunto, preocupado — Meus pais ou...

— Acho que é algo sobre uma jovem... — ela procura algo em sua prancheta — Walker. Sim, Penelope Walker, foi o que ele disse.

Por três segundos, fiquei paralisado.

Outra vez? Um raio não caía duas vezes no mesmo lugar, mas parecia que desgraças tendiam a se repetir.

Não de novo. Não com Adam.

Sei que talvez esteja sendo pessimista, afinal não sei o que aconteceu. Mas seria uma puta injustiça que algo acontecesse a Penelope, não quando Adam, pela primeira vez, parecia realmente envolvido com uma mulher.

— Taylor, descubra tudo o que puder para mim.

Encontro Adam escorado contra a parede, e a expressão em seu rosto não deixa de me abalar.

— Adam? — abraçou-o, infelizmente é a única coisa que posso fazer.

Eu queria tirar a imensa tristeza em seus olhos.

Há um estudo que diz que gêmeos têm uma conexão que ninguém entende. Nem que Adam e eu tivéssemos dividido o ventre e nascido juntos seríamos tão conectados ao outro como somos.

A sua dor era a minha.

— Preciso saber o que está acontecendo — ele suplica — Por favor, Liam, me ajude.

— Houve dois acidentes e isso aqui está uma loucura — tento acalmá-lo — Verei o que posso fazer.

Vou em busca de qualquer informação que possa conseguir, depois ligo para Katty. Peço a ela que venha até o hospital e que dê um jeito de avisar nossos pais. Sei que, assim como eu, todos têm grande carinho por Penelope. Independente de qual seja o real estado clínico dela, Adam precisará de toda a família ao seu lado.

Chequei na emergência que, após alguns exames mais específicos, Penelope estava sendo transferida para o quarto. Chego no momento em que o médico a está medicando. Talvez pela dor ou a confusão momentânea, assim que me vê ela chama por Adam.

— Tudo bem, querida, ele logo estará aqui.

Rapidamente, o sedativo e o carinho que faço em sua testa a deixam tranquila e logo adormece.

Pego todas as informações com o médico e retorno ao meu apreensivo irmão.

— Como ela está...?

— Não está correndo perigo — confirmo com um sorriso — Ela teve uma leve concussão e algumas escoriações, o braço esquerdo tem uma fratura, mas...

Paro de falar quando noto que Adam já não presta mais atenção no que tenho a dizer. Ele havia passado do inferno para o purgatório. Eu sabia que a única coisa que irá importar a ele agora é constatar com os próprios olhos que tudo ficará bem.

— Posso vê-la?

— Como eu disse, ela acordou assustada, perguntando por você. Foi sedada por causa da dor...

A surpresa por saber que tinha sido por ele que ela chamou logo foi substituída por um brilho de alegria em seus olhos. Adam estava mesmo apaixonado por ela, mais do que ele próprio desconfiava.

— Acho que pior ela não vai ficar — digo a ele — Afinal, já deve ter batido a cabeça antes do acidente. Só isso explica o motivo de ainda estar com você.

Ao invés da risada descontraída de todos, vi algo quase que ameaçador passar em seus olhos.

Isso me incomodou.

— Ligue para o Peter e peça que venha para cá imediatamente.

Não gosto disso. Não gosto mesmo. Adam é do tipo que não se entrega facilmente às pessoas e nem permite que se aproximem tanto, mas quando isso acontece é avassalador. Ele protege quem ama com a mesma força que carrega os sentimentos dentro de si.

— Escuta, a polícia deve chegar logo para pegar seu depoimento. Eu sei que o babaca que a atropelou foi um covarde, mas nada de fazer justiça com as próprias mãos.

Ele assente, mas, dentro de mim, sinto que minhas palavras sequer foram absorvidas por ele. Por ora, em respeito aos meus pais e Katty, que já nos encaram com olhar assustado, deixo o assunto morrer. Faço o que ele pediu e entro em contato com Peter.

Tenho pena do irresponsável que tenha atropelado Penelope. Quando Adam colocar as mãos nele, será implacável. Mexer com um Crichton é como cutucar uma colmeia de abelha completamente nu.

Sinto um prazer perverso nisso.

Capítulo 7



MARTELO MINHAS BOTAS NO CHÃO AO SOM DA MÚSICA COUNTRY tocando no rádio da cozinha. Enquanto enrolo o fio de telefone em meus dedos, como às vezes faço com mechas de cabelo sempre que estrou distraída ou pensando em algo novo para enlouquecer meus irmãos, tenho o olhar atento de Emma sobre mim.

— Eu acho que suflê de queijo foi uma ótima ideia, senhorita Cor... — fui interrompida por sua insistência em chamá-la de Felicity, evitando que eu cometesse o deslize de citar o nome dela perto dos olhos e ouvidos atentos de Emma — Sim, claro que vai adorar.

Peguei um dos cubos de cenoura que Emma havia cortado e comecei a mastigar, para tentar evitar que uma gargalhada saísse de minha boca enquanto ouvia a senhorita Cornel relatar a reação de Clyde ao bolo de queijo, que ela havia feito no dia anterior.

— Foi impressão sua — virei de costas e tentei diminuir o máximo possível o tom da minha voz — Doses extras de queijo. Superqueijo. Sim... pensarei em outras coisas. Até logo.

Encerrei a ligação, e estava indo devolver o telefone ao suporte, quando o olhar inquisidor de Emma me alertou que não sairia dali sem no mínimo responder uma das perguntas martelando em sua cabeça.

Ela era o mais próximo que já tive de uma mãe, pois trabalhava na fazenda para meu pai bem antes de minha mãe falecer. Emma era o verdadeiro general da casa e dificilmente alguma coisa funcionaria aqui sem ela.

— O que você está aprontando, Julianne?

Cabelos, fios e dedos. Era o primeiro sinal para Emma saber que eu estava mentindo.

— Nada — enrolei uma mexa, distraída.

— Quem era ao telefone?

— Uma amiga.

A técnica de não ser pega na própria mentira era dizer o máximo da verdade que fosse possível. E já que a Srta. Cornel havia se unido a mim no plano de torturar a vida de Clyde, tornava-a uma

grande amiga.

— E essa amiga não tem nada a ver com toda essa variedade de tortas, bolos e rocamboles de queijo que o seu irmão vem recebendo daquela senhora do asilo, não é ?

— Oras, Clyde é um grande e rude mal-agradecido — defendo-me mais do que deveria, dando outros sinais a ela — A senhorita Cornel só está sendo gentil com ele, por ter dançado com ela na festa.

— Enchendo o pobre coitado do que mais odeia; queijo.

Cabelos, dedos e fios voltam a se manifestar. Dizer a Felicity que a melhor forma de chegar ao coração de Clyde era através do estômago tinha sido verdade e uma tacada muito boa, no quesito vingança. A pequena mentira foi dizer que ele adorava queijo, quando era exatamente o contrário. Clyde odiava queijo ou qualquer derivado dele, como crianças pequenas odiavam legumes.

— Mas o papai, Dallas e Austin têm ficado muito felizes.

— Como os demais homens da fazenda — ela confirmou — Mas acontece que o pobre sempre aparece verde aqui na cozinha toda vez que é obrigado a provar um pedaço.

— Seria uma indelicadeza negar! — Rebati, e Emma teve a absoluta certeza de que toda a atenção gastronômica que Clyde vem recebendo é obra minha.

— Eu sabia que você não iria ficar quieta — eu não sei se havia uma pontada de orgulho vindo dela ou de surpresa — Não quero nem imaginar o que fará com Dallas e Austin.

Isso é algo que ainda estou estudando. Aqueles dois eram muito mais ardilosos e difíceis de enganar.

— Quero que fique claro que eu não sabia de nada — disse Emma, ao separar algumas batatas para descascar — Quero distância sua quando Clyde descobrir...

— Descobrir o quê?

Parado à porta e mais verde que nossos pastos no verão, está Clyde, segurando uma travessa de vidro com papel laminado cobrindo-a.

— Disse à Emma que quero comemorar meu próximo aniversário no Texas Hell — levei a conversa para um tema que sabia que atrairia a atenção dele.

— Já discutimos sobre isso — ele arrastou-se até a mesa onde depositou a travessa, com nojo — E a resposta é não.

Todo meu remorso por tê-lo visto chegar enjoado e prestes a vomitar por ter sido praticamente obrigado a provar outra iguaria que ele detesta, saiu pela mesma porta que ele entrou.

Eu nunca havia entrado no Texas Hell, mas duvidava que fosse realmente o antro de perdição que insistia em dizer. Além disso, será o aniversário em que comemorarei a maioridade. Que mal haveria em festejar no único pub da cidade?

— Pois bem — olhei-o severamente — Falarei com meu pai.

— De novo e de novo — ele buscou uma garrafa de água na geladeira — Terá a mesma resposta.

Como a única razão em levantar o tema havia sido desviar sua atenção em relação a Felicity, saí apenas batendo o pé e escondendo um sorriso vingativo em meu rosto.

Pois bem, que Clyde tenha uma overdose de suflê de queijo por mais alguns dias. Eu pensaria em novas formas de fazê-lo sofrer. Ainda me restava Dallas e Austin, e definitivamente não seria tão condescendente.

Apesar de Emma nunca delatar minhas travessuras, ela também não ficava exatamente ao meu lado quando eu era descoberta. Então, só me restava procurar aliados em outro lugar.

Mal alcancei a porta do carro e tive um dos meus guardiões em meu encalço. Eu gostaria de saber como eles faziam isso. Parecia que os anos me vigiando de perto havia os aperfeiçoado espantosamente.

— Aonde você vai, Julianne?

Observei Austin colocar o rolo de feno no chão e vir até a picape. Ele secou o rosto com a camisa que estava pendurada em seu ombro e em seguida ajeitou seu chapéu.

Mesmo sob o céu escaldante e calor quase infernal, ele trabalhava tão duro como qualquer homem na fazenda. Havia dezenas de homens empenhados em executar os trabalhos da fazenda, mas Austin não é o tipo que fica apenas sentado dando ordens. Era uma das qualidades que os homens apreciavam em um patrão. Além de, claro, sua grande habilidade com os cavalos. Às vezes ele era irritante, mas, na maior parte do tempo, admirava o amor e a dedicação que ele dedicava ao nosso pedaço de chão que Austin tanto amava.

— Vou até a rancho do Ted.

— Visitar a Paula e o bebê?

— Vou ver a Lola, na verdade.

Austin encarou o chão e chutou uma pedra que quicou alguns centímetros ao meu lado. Ele estava nervoso, eu podia notar.

— Deveria se aproximar mais da Paula — o tom parecia casual demais para que eu não notasse

— Ela quase não conhece ninguém aqui.

— Pois ela deveria tentar se enturmar — dei as costas a ele e acomodei-me no banco de motorista.

Bati a porta com força, e só quando o barulho alto fez alguns passarinhos voarem, em uma árvore

próxima, notei o quanto parecia irritada.

Não é que eu não gostasse de Paula. Apenas ainda não compreendi por que apareceu do nada na cidade. Compreendi por que ficou. Havia se apaixonado por Ted, o melhor amigo dos meus irmãos, especialmente de Austin. Mas o que a trouxe aqui ainda é um mistério para mim. Uma bailarina reconhecida mundialmente veria o que em uma cidade pequena do Texas?

— Julienne, a Paula é da... — ele titubeou e continuou: — Paula é da família. É nosso dever fazê-la se sentir bem-vinda.

Austin inclinou sobre a janela e tocou minha mão sobre o volante.

— Sempre será nossa princesinha — sorriu de uma forma doce e calorosa — Não precisa ter ciúmes dela.

— Não tenho ciúmes.

Soou vacilante até para mim. Tudo bem, talvez eu estivesse um pouco ciumenta. Afinal, Paula foi a primeira mulher a conviver com meus irmãos sem despertar o interesse sexual deles. E depois que ela havia tido sua filha, viviam como babões em torno dela.

Certo. Talvez estivesse com um pouquinho de ciúmes dela, mas jamais admitiria isso a ninguém.

— Tudo bem — dei um sorriso que achei que o tranquilizaria — Prometo ser muito simpática hoje. Não saio de lá sem ter nos tornado as melhores amigas.

— Julienne?

Fiz um juramento de escoteiro com a mão, e dessa vez sorri com sinceridade.

— Estou falando sério.

Realmente estava disposta a criar um laço maior com Paula, afinal de contas, parecia que ela seria alguém permanente em nossas vidas. E sentindo ciúmes ou não, adoro a bebê dela.

— Dirija com cuidado — ele se afastou e pegou o feno outra vez — Não venha embora muito tarde.

— Até logo, papai — provoquei, mas ele já estava longe demais, indo em direção aos celeiros.

O rancho de Ted não era tão grande e nem tão fértil quanto a nossa fazenda. Por isso, ele havia se especializado na criação de cavalos. Lembro que Ted esteve a ponto de perdê-la, e teria acontecido isso se não fosse por Paula. Uma coisa nos homens do Texas era o quanto eram orgulhosos. Só descobrimos que o rancho tinha ido a leilão quando Paula o arrematara de volta.

Não demorei mais do que vinte minutos para chegar ao rancho. Quando passei pelas cercas novas, admirei a reforma que haviam feito. Parei a picafe ao lado do reluzente caminhão verde de aplainar pasto e segui o restante do caminho andando.

A porta estava entreaberta quando entrei. A primeira pessoa que avistei foi Paula, andando pela sala, com sua filha no colo.

— Filha, sabe onde coloquei aquele meu cardigã preto?

Vi Lola surgir no fim do corredor que dava para os quartos.

— Não foi aquele que emprestou para Mary?

— Ah, tem razão — Charlotte levou a mão à testa — Quero sair no máximo em uma hora e minha preocupação com a Penelope não me deixa raciocinar.

— Penelope?

Saí da parede que me mantinha escondida de Lola e me aproximei delas.

— O que tem a Penelope?

Automaticamente, pensei nos pais dela e o que eles poderiam ter feito dessa vez para deixar minha tia tão preocupada com ela.

Nós tínhamos conversado há dois dias, e Penelope parecia muito feliz ao planejar a festa de aniversário para o Adam. Então, se alguma coisa a deixava infeliz e nossa tia preocupada, só poderia ser algo vindo dos pais dela.

— Oi, querida — Lola se aproximou de mim e me guiou até o sofá, a forma como segurou minhas mãos e as esfregou nas dela me deixou inquieta.

Não sou uma pessoa pessimista, mas senti que havia acontecido algo maior do que uma discussão fervorosa entre Penelope e as duas pessoas mais insensíveis da face da Terra.

— Houve um acidente...

Ergui-me do sofá mais rápido que um raio cortando o céu. Senti uma fígada no peito e a mão de Charlotte me puxando de volta.

— Ela está bem — murmurou ela, tentando me acalmar — Agora já está bem. Pelo menos fisicamente.

— O que quer dizer? O que aconteceu?

Penelope era mais do que minha prima. Era a minha melhor amiga, minha irmã tanto quanto Dallas, Austin e Clyde.

— Foi atropelada.

— Atropelada?

— Sim. Teve uma leve concussão, mas Adam disse que está fora de perigo. Ele está cuidando dela, mas...

Mas? Por que o uso do “mas”? Se ele está cuidando dela e Penelope está bem, por que Charlotte está tão apressada em ir para Nova York vê-la?

— Por que não me disse que eles estavam saindo? — não tive tempo de responder, logo em seguida ela balançou as mãos no ar, me impedindo — Esqueça! Jovens adoram manter segredos sobre sua vida amorosa.

Não foi exatamente esse o motivo que me levou a manter o assunto longe de Lola. Era Penelope que tinha de encontrar o momento certo de contar. Eu sabia muito bem o que era ter a família inteira vasculhando nossa intimidade.

— Eu sempre achei que ela e o Neil...

— O chefe dela?

Ao que eu sei, Neil Durant era casado. Tudo bem que Lola sempre tinha sido uma mulher de mente aberta, mas eu tenho certeza que ela tinha princípios morais, e mesmo que não os tivessem, os da Penelope eram claros.

— Querida, há coisas que você não entende e não sabe — ela suspirou, ficando em pé — Pensei que Penelope seria a jovem certa para tirar o Neil da solidão que ele se esconde.

Solidão? O pouco que sei sobre o senhor Durant é que, apesar de casado, ele tinha uma lista admirável de amantes. Seria a última pessoa que eu desejaria que Penny se apaixonasse.

Bem diferente do Adam, que era lindo e solteiro.

— Não me olhe desse jeito — ela fungou e me lançou um olhar duro — Por que acha que ele tem tantas mulheres?

— Porque é um mulherengo...

— Ele está procurando, Julianne — notei a melancolia em sua voz — Ele ainda está procurando a pessoa certa. Você deveria entender.

Ofendi-me que Lola pudesse comparar nós dois. Primeiro, eu não estava procurando um grande amor. Eu queria emoção e aventura. Segundo, enquanto Neil era um Don Juan que deveria ter o ego maior do que sua fila de amantes, eu ainda era uma jovem praticamente imaculada.

Não por opção, devo dizer.

— Quando a vida do seu ex-chefe passou a ser mais importante do que o que aconteceu com a Penny?

— Desde que Adam ligou, praticamente implorando para que eu fosse buscá-la — disse ela — Conheço aquele jovem quase tão bem quanto conheço o Neil.

Ela fez uma pausa que, para qualquer pessoa, poderia ter sido dramática, mas conhecendo Lola como conheço, sabia que sua preocupação estava longe de ser exagerada.

— Bonito, carismático, galanteador — ela foi pontuando com os dedos — Sexy como o diabo. Eu senti a angústia no seu tom de voz. Espero que o pedido dele para que a traga comigo para casa não tenha chegado tarde demais.

Mas eles estavam apaixonados. Podia sentir isso sempre que Penelope relatava o relacionamento deles. Por que Adam ia desejar afastá-la dele? Recordo-me muito bem como havia ficado louco quando fui a Nova York, na tentativa de convencê-la a vir para o Texas.

Por que ele desejava que ela partisse, destruindo tudo o que haviam construído?

— Eu vou com você.

— Não é preciso, querida. Cuidarei de tudo e...

— Lola, minha prima ama aquele idiota — a angústia em minha voz era a mesma em meus olhos

— Ama de verdade. Eu preciso estar lá com ela.

— Ela tem razão, mamãe — Paula se colocou ao meu lado, somente agora notei que ela havia

ficado o tempo todo ao nosso redor, calada — Penelope precisa de uma amiga além de você.

Agradei a Paula com um menear de cabeça. Notei que a bebê dormia tranquilamente no colo dela. Em seu vestidinho branco, parecia um anjinho enviado do céu. As bochechas rechonchudas e vermelhas, seja por causa do calor ou porque eram naturalmente assim, deixavam-na ainda mais encantadora.

Em um outro momento teria implorado para pegá-la, mas meu coração estava angustiado.

— Tudo bem. Mas seja rápida — disse Lola, voltando para o corredor — Faça sua mala e pode deixar que eu falo com o seu pai.

Eu tenho certeza que, nessas circunstâncias, nem meu pai nem meus irmãos se importariam com minha viagem. Mas Lola pouparia um pouco das minhas energias tentando explicar o porquê da minha necessidade de voltar a Nova York.

Como previ, ninguém fez objeção para que viajasse. Talvez porque a situação seja diferente da primeira vez. Talvez porque eles tenham um incontrolável instinto de proteção ou porque Charlotte me faria companhia.

Meu pai até havia me dado uma significativa quantidade de dinheiro e Austin pediu que comprasse algumas camisas em uma das lojas que ele gostava, em Nova York. Era assim que eu desejaria que eles me tratassem o tempo todo, e não como uma menina tola que achavam que eu era.

Chegamos ao apartamento vazio e silencioso. Pelo que Lola me disse, Penelope estava na casa de Adam e ele a traria assim que ela informasse que havíamos chegado. Aproveitei que ela ligava para ele e decidi desfazer as malas.

— Adam disse que vai trazê-la amanhã cedo, antes de ir para o trabalho — Lola apareceu na porta, vendo meu olhar interrogativo, ela concluiu: — É domingo e já está bem tarde. Vou pedir alguma coisa para a gente comer. Não sei você, mas, depois disso, preciso ir me deitar.

Comemos pizza. Lola foi para cama logo depois, como havia dito. Eu fiquei na sala, vendo TV. Cheguei a pegar o telefone duas vezes para ligar para Penelope, mas acabei desistindo. Só a deixaria mais angustiada.

Procurei alguma coisa na Netflix e adormeci no sofá na metade do filme.

Estávamos na cozinha, tomando café, quando os ouvi chegar. Literalmente corri até Penelope, abraçando-a forte, o que me fez receber uma reprimenda de Adam. Peço desculpas pela minha empolgação e por ter esquecido seu braço machucado, e falo como estou feliz em revê-la.

— Se demorasse mais um pouco, eu iria procurá-la. Fiquei tão assustada quando soube do acidente.

— Contou a elas? — Penelope repreendeu Adam, algo que ele não pareceu se importar — Por que fez isso?

— Precisa de alguém que cuide de você — o ouvi dizer ao colocar as rosas sobre a mesinha em frente ao sofá — Não pode ficar sozinha.

Não o conheço muito bem. Nosso dia no parque de patinação foi o tempo mais longo que passei com ele, mas o conheço o suficientemente bem através dos olhos de Penelope, de tudo que ela me contou sobre ele. Qualquer um poderia notar que aquele era um Adam completamente diferente.

Parecia frio, distante.

— Acho que devem ter muito para conversar — disse ele, indo em direção à porta — Eu ligo para saber como está, à noite.

Ao contrário do primeiro beijo que presenciei deles, Adam simplesmente se despediu com um beijo suave na testa dela.

Penelope ficou alguns segundos olhando para a porta fechada. Lola e eu nos encaramos. Cheguei a dar um passo em direção a ela, mas minha tia me segurou. Seu olhar dizia que deveria dar espaço a Penelope.

Vi seus ombros balançarem e um suspiro profundo sair de sua boca. Girando em nossa direção, vi o enorme sorriso em seu rosto. Sorriso que não alcançava os olhos. Lola logo enveredou em uma conversa sobre o atropelamento, mas Penelope pouco lembrava. Então o assunto passou a ser o relacionamento ente ela e Adam.

Charlotte confessou o que já tinha falado a mim. Que acreditou que Penelope e o Sr. Durant viessem a sentir algo um pelo outro.

— Pensando bem, você e o Adam combinam mais — disse ela, era notável o carinho em sua voz — Eu amo cada um daqueles garotos.

Havia mais?

Que Deus me deixasse bem longe de Neil, Adam e sua gangue de homens irresistíveis.

Havia o médico, o engenheiro e o detetive. Bem, os dois primeiros já estavam em um relacionamento, portanto, sobrava o detetive. Ele seria corajoso o suficiente para enfrentar três

furiosos vaqueiros?

Esqueça isso, Julianne!, ordenei a mim mesma, balançando a cabeça para afastar esse pensamento maluco.

Nenhum deles era para mim.

Lola voltou para a fazenda e eu decidi ficar um pouco mais com minha prima, pelo menos enquanto ela estivesse de licença médica. Tentei mantê-la ocupada o tempo todo. Eu odiava vê-la tão triste e fazia todo o possível para alegrá-la. Principalmente porque Adam tinha viajado a trabalho e se mantinha mais distante do que o normal.

— Penélope?

Bati na porta do banheiro e aguardei por sua resposta. Ouvi os soluços e estava disposta a arrombar a porta, se fosse preciso, quando ela foi aberta.

— Eu o perdi, Julianne — jogou-se em meus braços, completamente desolada — Eu o perdi e não sei como tê-lo de volta.

— Vem, querida — murmurei, conduzindo-a até o seu quarto — Que tal me contar o que aconteceu?

Depois de ouvir seu relato, fico realmente preocupada. Adam não estava apenas distante, ele parecia frio e estranho.

— Talvez sejam só coisas da sua cabeça — sequei os olhos dela, tentando ser o mais positiva possível — Vai ver ele só tem medo de te perder e está assustado.

É a explicação mais plausível que consigo encontrar no momento.

— Você acha?

— Por que não faz outra festa de aniversário para quando ele voltar?

— Outra festa?

Ela reflete sobre minha sugestão por um momento. Logo um sorriso animado surge em seu rosto.

— Julianne, você é um gênio!

Volta a me abraçar e eu começo a rir.

— Eu sei.

Passamos a semana planejando a surpresa. Voltei para o Texas torcendo para que eles finalmente se entendessem.

Capítulo 8



TIVE QUE OLHAR DUAS VEZES PARA O NOME aparecendo na tela. Não tínhamos marcado pôquer para aquela semana e era um horário incomum para que Peter estivesse ligando para mim.

— Peter?

— Primeiro, quero garantir que tudo já está sob controle — houve uma pausa breve e irritante — Adam está no hospital...

Eu mal ouvi as palavras seguintes. Em segundos, pegava minha jaqueta sobre uma poltrona e escancarava a porta do meu quarto.

— Liam?

— Desculpe, Delia... — parei no corredor apenas o tempo suficiente para dar a notícia — Adam está no hospital... Eu... avise meus pais. Não; tente falar com Katty e peça que entre em contato comigo primeiro.

Ouvi sua voz preocupada ao chegar ao carro, perguntando se ele estava bem, mas não tinha tempo para maiores informações, aliás, nem as tinha ainda. Devia ter escutado Peter ao invés de sair enlouquecido de casa.

Enviei algumas mensagens durante o trajeto. Peter tinha garantido que tudo estava sob controle, mas eu só conseguiria ficar calmo se olhasse com os meus próprios olhos. Isso não aconteceu quando ele relatou brevemente o que tinha ocorrido com Adam no bar.

Se Peter não tivesse chegado a tempo, provavelmente estaríamos agora cuidando dos preparativos do velório do meu irmão.

— Por que ele fez isso? — perguntei, em frente à porta do quarto.

— Desespero? Estava punindo a si mesmo? Estupidez? — Ele curvou os ombros — Uma mistura de cada coisa. É por isso que falo, o amor não tem nada de bom.

— Idiotice — murmurei ao abrir a porta.

Não é o amor que faz merda com a gente. Somos nós que não sabemos fazer nada de bom com ele.

Entrei e quase fraquejei ao encontrá-lo na cama, destruído. De nós dois, Adam sempre foi o mais

esquentado. Eu diria o mais passional, mas não era do feitio dele sair caçando briga como um garoto de rua. Ele sempre foi muito mais de usar a inteligência.

— O que pensou que estava fazendo? — indaguei, ao vê-lo acordar — Que merda você estava fazendo, Adam?

— Liam, eu...

— Cala a boca! Você vai me ouvir!

Quando estou nervoso eu faço piadas, mas quando tenho medo fico irritado. Eu estou muito, muito irritado agora.

— Você é um cretino, Adam.

O travesseiro foi o meu alvo, mas eu gostaria de ter acertado um murro na cara dele, se já não estivesse em um estado tão deplorável.

— Faz um favor para todo mundo: quando quiser se matar, faz isso direito.

Minha consciência e principalmente meu coração se revoltaram com as palavras duras que dizia a ele. Mas era exatamente assim que precisava ser. No passado, fomos condescendentes em relação à sua dor e Adam havia se fechado para nós. Eu não iria permitir que isso acontecesse de novo. Nem que para isso precisasse chegar aos extremos para levar alguma razão até ele.

— Penelope não merecia isso...

Despejei toda a minha indignação e irritação pela forma que ele decidira conduzir sua vida. Era tão difícil para Adam se convencer que estava tendo uma segunda chance e de que a vida estava sendo generosa com ele?

O amor real e verdadeiro havia cruzado a sua porta, e ele fugia como um garoto assustado. Ele estava jogando toda a promessa de felicidade pela janela.

— Você vai esbarrar com a filha dela na rua e ela irá sorrir para você. Um sorriso tão parecido com o da mãe que notará como são iguais. Por um segundo, vai desejar que ela fosse sua filha. A verá partir e se dará conta do que perdeu.

E Adam amargaria esse arrependimento para sempre. Minhas palavras o tinham atingido mais do que qualquer lição vinda de socos e pontapés que tinha recebido hoje. Mas alguma coisa em seu olhar me dizia que o que estava atormentando-o era mais grave do que eu imaginava.

— Eu vou consertar isso.

— Quando? Quando for tarde demais?

— Eu não sei! — sua voz revelava frustração.

A mesma frustração que me mantinha irritado com ele.

— Liam, cuida dela para mim. Não a deixe sozinha nesse momento.

— Eu farei isso — digo, dando-lhe as costas, rumo à saída — Por ela, não por você.

Apesar de mais uma vez ser duro em minhas palavras, não faria apenas por Penelope, a quem mantinha um grande carinho e admiração. Eu faria isso pelo babaca do meu irmão. Cedo ou tarde, ele se daria conta do imbecil que estava sendo.

Eu ia manter o caminho seguro para ele.

Meus pais decidiram passar a noite no hospital, e como eu tinha duas cirurgias agendadas para o dia seguinte, fui intimado a ir para casa, descansar. De qualquer forma, duvidava que conseguiria encarar Adam outra vez sem refazer o discurso que dei a ele.

Acabei aceitando o convite de Peter para passar a noite no apartamento dele, não porque precisava de companhia, embora precisasse, mas porque eu tenho certeza que ele tem algumas respostas para as dezenas de perguntas pipocando em minha cabeça.

Ficou claro para mim que Adam amava Penelope, e não era preciso ser nenhum gênio para compreender o quão desesperadamente ela era apaixonada pelo meu irmão. Então, que merda acontecia com eles dois?

Desde que ela fora atropelada, Adam vinha agindo de forma estranha. Não foi o medo ou o choque de que o mesmo destino de Cecilia pudesse se repetir; ele se sentia acuado.

Assim que entramos no apartamento, Peter vai diretamente para a cozinha, especificamente até a geladeira, para onde o sigo. Aceito a garrafa de cerveja que oferece e voltamos para a sala, onde ele ligou a TV.

— Então? Vai me dizer o que realmente está acontecendo?

Nenhum de nós dois realmente prestávamos atenção na reprise de um jogo que estava passando na TV. Peter deu mais um, dois, três gols, sem se preocupar em responder.

— O Knicks jogaram contra os Cleveland — ele apontou a tela plana com a garrafa.

— Pensei que o rei das piadas fosse eu — coloquei minha cerveja intocada no chão e o encarei insistentemente — O que realmente acontece com o Adam? E não venha me dizer que não sabe de nada, porque está escrito “mentira” na sua testa.

— Não falo nada sobre meus clientes — vi um sorriso debochado despontar nos lábios dele — Você é médico. Deveria entender aquele lance de confiabilidade de profissão.

— Vai se foder, Peter! — joguei a almofada sobre ele e notei que perdi a oportunidade de ter quebrado a garrafa na cabeça dura — Adam é meu irmão e seu amigo. Não acontece isso aqui. Não entre nós. Se ele está com problemas eu deveria saber.

— É, eu também não falo nada sobre o que meus “amigos” pedem para eu manter a boca fechada.

Não acontece isso aqui — ele repetiu e jogou a almofada de volta — Não entre nós. E, Liam, se Adam quiser, ele mesmo te conta.

— Então, está mesmo rolando alguma coisa séria?

— Sempre está rolando alguma coisa — ele pega minha garrafa do chão, erguendo-se — Só fica por perto para quando Adam precisar de você.

— Tem a ver com a Cecilia? — insisti, impedindo que ele fosse para o seu quarto — Ou é algum cliente o ameaçando?

Não seria a primeira vez que Adam receberia ameaças. Raramente passavam de carros arranhados ou vidros quebrados com bilhetes ameaçadores em sua casa. Peter sempre resolvera isso. Mas, talvez agora, Adam estivesse assustado de verdade, talvez estivesse com medo de que Penelope fosse um alvo para chegar até ele. Havia milhares de suposições passando em minha cabeça.

Uma coisa eu tinha certeza: ele a amava e faria qualquer coisa para protegê-la, mesmo que isso significasse se afastar dela. Invejava a força desse amor, ao mesmo tempo em que me assustava. Como seria amar alguém assim?

— Talvez — ele respondeu.

— Talvez para qual das perguntas?

— Isso você terá que descobrir, aprendiz de detetive.

Desliguei a TV, não tinha cabeça ou paciência para acompanhar a reprise do jogo.

— Não faria isso se fosse seu irmão correndo perigo.

— Graças a Deus meus pais foram inteligentes o suficiente para não me presentarem com um cara chato... — ele fez uma pausa irônica — Assim como você.

— Acho que é a primeira vez que fala sobre seus pais.

Não era um assunto que o deixava confortável. Então, se eu cavasse um pouco mais sobre a vida dele, talvez ele ficasse suscetível a falar um pouco mais sobre Adam, pelo menos o que eu desejava saber.

— Não há nada o que dizer — Peter parou em frente à porta de seu quarto, e eu notei algo obscuro passar em seus olhos — Estão mortos.

— Você nunca fala sobre a sua vida — mais do que curiosidade mórbida, eu queria saber o que tinha o transformado em um cara tão recluso — Acho que só o Neil o conhece tão bem.

Percebi o quanto aquilo era verdade. Peter era um dos meus amigos mais próximos, assim como Neil e Richard. Os conheci através de Adam, e a amizade foi se estreitando pelos jogos de pôquer e interesses mútuos, mas, ao contrário dos outros dois, nada, absolutamente nada realmente importante, eu sabia sobre o passado dele.

— Isso porque o Neil consegue ser mais enxerido do que você.

— Ah, então trata-se de insistência.

— Trata-se do que desejo dizer ou não.

Ele cruzou os braços, em um sinal claro de que estava perdendo a paciência comigo. Ter um brutamontes daquele tamanho, furioso, não era a forma que gostaria de encerrar minha noite, e muito menos desejava dividir o quarto de hospital com meu irmão.

— Se me contar só uma coisa sobre o Adam, deixo sua vida particular em segundo plano.

— Já sabe onde é o quarto de hóspede, Liam — o sorriso que me deu nada tinha de amigável e parecia mais assustador que seu olhar enfurecido — Se quiser comida, tem pizza de ontem na geladeira.

— E se eu te contratasse? — segurei a porta, impedindo que ele a fechasse em meu rosto.

— Alguém já te disse que, ao invés de médico, deveria ter sido palhaço de circo?

Uma patética tentativa de me deixar ofendido.

— Ninguém leva um palhaço a sério.

— Liam, ninguém o leva a sério. Boa noite.

Não era verdade. Teria respondido isso, se a porta não tivesse parado a um centímetro do meu rosto.

Levavam-me a sério no hospital.

Ri da minha própria ingenuidade ao chegar no quarto de hóspede e me jogar sobre a cama.

Não. Ninguém me levava a sério em lugar nenhum.

Capítulo 9



ESTAVA NA COZINHA, entretida com a enorme bacia recheada de milho que estava ajudando Emma a ralar, e a música tocando no rádio portátil, em cima do beiral da janela, quando ouvimos vozes alegres se aproximar da varanda. Pelo balbuciar alegre de bebê, logo concluímos quem era.

Deixei minha tarefa enfadonha e fui em busca do que realmente me interessava. Uma linda garotinha rechonchuda, que logo peguei em meus braços assim que surgiram na soleira da porta.

— Obrigada — Paula a entregou a mim sem a menor objeção — Michelle fica mais pesada a cada centímetro que cresce, mesmo no colo, parece pesar toneladas.

Vejo Paula massagear os braços doloridos e ocupar o lugar onde estive sentada. Embora se queixasse, podia ver o olhar amoroso que dava à sua filha o tempo todo.

— Pois eu ficaria com ela o dia inteiro — sorri, fazendo graça para o bebê, que logo manteve suas mãos inquietas em busca do meu rabo de cavalo, caindo sobre o meu ombro.

— Ela gosta de você, Julianne — Lola se aproximou de nós, colocando a mão em meu ombro — Posso dizer que isso é uma raridade.

Obviamente, ela estava exagerando. O que de fato acontecia era que, desde que voltamos de Nova York, minhas visitas a Paula e convivência com sua filha haviam aumentado. Estava mesmo empenhada em estreitar os laços com ela. E, nesse caso, Paula tinha uma grande vantagem: eu adorava a sua filha, seria impossível não gostar dela também.

— Eu que sou encantada por essa gracinha — respondi, dando voz à minha teoria — Mas com certeza é a convivência que a faz gostar mais de mim.

— Ah, não — Paula interview — Mamãe tem razão. Ela é muito tranquila, mas não é para todo mundo que ela sai distribuindo sorrisos. É arisca e desconfiada, igualzinha ao pai dela. Você tem jeito com crianças.

Ouvi de longe Lola e Emma trocarem algumas palavras e minha tia ser dispensada da ajuda na cozinha para ir ao encontro de meu pai no celeiro.

— Eu acho que quero fazer alguma coisa que envolva crianças — acariciei os lacinhos no cabelo

de Michelle e sorri para Paula — Talvez eu pudesse ser professora ou alguma coisa assim. Austin me falou de um projeto de um amigo, que envolve crianças com deficiências físicas e a fazenda. Alguma coisa envolvendo os cavalos e terapia.

— Tenho certeza que seria ótima em qualquer coisa que decidisse fazer — afirmou ela, e como eu estava empenhada em entreter sua filha, Paula assumiu meu trabalho com as espigas de milho — Eu nunca fui muito boa com crianças.

Olhei para ela, abismada. Paula sorriu timidamente e encolheu os ombros, como se pedisse desculpa.

— Não me leve a mal. Amo minha filha e não tenho nenhum tipo de arrependimento, mas nunca fui muito ligada em crianças — seus olhos e mãos estavam fixos em sua tarefa, mas sua atenção estava focada em mim — Minha carreira como bailarina sempre foi muito mais importante. Quando descobri que estava grávida, foi um choque assustador. Tenho sorte por Michelle ser tão calma a maior parte do tempo. Só chora para comer e trocar as fraldas.

— Mas não é apenas isso que bebês devem fazer?

— Não de acordo com o que ouço de algumas mães sempre que vou ao pediatra — ela me olha, fazendo uma careta engraçada — Descobriria coisas assustadoras. Parece que quanto mais os filhos crescem, mais paranoica nós vamos ficando.

Olhei para a menina brigando com o sono, em meu colo. Era impossível imaginar que uma criaturinha tão inofensiva pudesse dar tanto trabalho.

— Ted é mais sereno e leva mais jeito que eu, tem toda racionalidade que às vezes me falta. Precisa ver os dois juntos. Ele é um superpai.

— Vocês são bem apaixonados, não é?

— Não consigo ver minha vida sem eles dois.

— Eu não quero me apaixonar — a última visita que fiz à minha outra prima me deu a certeza disso — Nem todos têm a sorte que vocês dois tiveram. Nem todos os casais têm um final feliz.

Mesmo Penelope tentando esconder sua dor de mim, sabia o quanto ela estava sofrendo com o fim de seu relacionamento com Adam.

— Não é tão fácil chegar ao final feliz, Julianne — Paula jogou a última espiga de milho na lata ao lado dela e me encarou — Ted e eu causamos muita dor um ao outro até encontrarmos o nosso.

— Minha antipatia contra você tinha... — procurei as palavras certas para não a magoar — Era reflexo do que fez a ele no passado. Ted estava perdendo o rancho que tanto amava e você simplesmente foi embora.

— Não fui embora. Ele pediu que eu partisse. Se achava um fracassado, que não teria nada a me oferecer. Parti apenas para vender meu apartamento e comprar o rancho dele de volta. Mas, quando

voltei...

— Se tivesse visto como ele sofreu.

Eu tinha escutado muito de suas lamentações sobre a garota sofisticada da cidade que havia partido seu coração. Aliás, tinha sido eu a incumbida a passar alguns dias no rancho, cuidando dele. Tive tanta raiva quando ela voltou, que foi divertido insinuar que havia mais que amizade entre Ted e eu.

— Eu sinto muito por fazê-la pensar que nós dois...

Ela balançou a mão no ar, dando a entender que não tinha importância.

— Mais do que o medo de ter perdido o Ted, eu tinha medo de estragar qualquer relacionamento que gostaria de ter com você, Julianne.

A confissão dela me deixou intrigada. Nunca fomos íntimas, e desde que ela apareceu na fazenda pela primeira vez, nunca tínhamos nos visto, além de fotos. Claro que os laços de sangue são importantes para mim, mas nem isso tínhamos. Sendo filha de Lola, era prima de Penelope e não minha, na realidade.

— Mas tudo terminou bem — transferi o bebê para o meu outro braço, esse já tinha ficado dormente — Eu diria muito bem.

— Nem sempre foi assim. Ted e eu brigávamos muito — ela confessou, sorrindo — Foi difícil atribuir todas aquelas farpas a atração física, depois todo amor pelo outro, no medo de ser repellido.

— Realmente, vocês são bem diferentes — tive que concordar com ela — Ele todo rude e bronco e você toda delicada e moderna. O que a fez vir até aqui, para começar a história?

Isso foi algo que sempre me intrigou. O que uma bailarina profissional e de sucesso, como ela, que viajou o mundo, iria querer em um condado minúsculo do Texas? Nem um cinema decente havia na cidade. O único lugar para diversão era o pub da cidade, e se não se incomodasse com as perseguições das beatas por frequentar um antro de perdição como aquele. Eu nunca tinha entrado no Texas Hell, mas eu duvidava que fosse tão terrível como as senhorinhas da igreja falavam.

— Amava o balé. Ainda amo, mas chega uma hora em nossas vidas que desejamos mais, embora eu não soubesse bem o que, na época — Paula fazia círculos na mesa enquanto falava — Eu era a principal bailarina da companhia, viajava o mundo e achava que estava feliz e realizada. Até que surgiu o novo diretor para o espetáculo. Mark tinha sido o melhor bailarino de sua época. Rapidamente, me vi encantada por ele.

Então era isso que a tinha trazido até a fazenda, um coração despedaçado.

— Ele era gentil, atencioso e carinhoso comigo durante os ensaios. Às vezes saíamos para jantar, e não demorou muito para que eu tivesse outras ideias e fantasias em relação a nós dois.

— Bom, ele deu todos os sinais que você precisava.

— Ou talvez eu quisesse enxergar — ela suspirou, mas não me parecia tristeza, mas constatando um fato — Nossa estreia foi muito elogiada. Houve uma festa para o elenco em seu apartamento. Eu acreditei que ele fosse se declarar a mim naquela noite, mas foi para outra mulher que jurou amor eterno. A filha do dono da companhia. Eles se casaram no mês seguinte.

— Foi por isso que veio para cá?

— Não. Eu era orgulhosa — ela deu risada — Agora vejo que, na verdade, não o amava como realmente pensei. Engoli meu orgulho ferido e voltei a focar minha atenção na carreira. Comecei a ser mais fria com Mark quando ele retornou. Dei mais atenção para outros homens, e acho que isso despertou o interesse dele, não sei.

— A velha história de que só damos valor ao que perdemos — disse Emma, diminuindo o fogo da chaleira, sentando-se à nossa frente.

— Talvez. Mas não foi somente eu que percebi que Mark estava mudando em relação a mim. Zoe também percebeu e passou a me perseguir. No início foram apenas confrontos inofensivos, longe dos olhos de todo mundo. Depois bilhetes ameaçadores para que eu me mantivesse distante e ligações enlouquecidas.

Paula alisou os braços, como se as lembranças lhe causassem frio.

— Uma noite, após o espetáculo, dormi no meu camarim. Algo tinha sido colocado em minha água. Houve um incêndio e acordei dois dias depois no hospital.

— Eu lembro. Papai foi visitar você.

Meu pai havia ficado muito abalado quando recebeu a ligação de Charlote. Algo que sinceramente estranhei. Afinal, embora tivesse sido namorado de tia Lola na juventude, pelo que sabia, fazia anos que não se viam. E ele conhecia Paula tanto quanto eu.

No fim, tinha atribuído a preocupação dele como empatia ao sofrimento e desespero de Charlote. Como pai, ele entendia a aflição de poder perder um filho.

— O que aconteceu a Zoe?

— Abafaram o caso. Até que o teatro fosse restaurado, me deram férias e uma excelente quantia para que não me manifestasse. Zoe foi enviada a uma clínica após um surto, quando descobriu que eu estava viva.

— Deveria ter sido presa, não?

— Era uma mulher doente. Descobri muitas coisas naquela semana, e o que realmente me importava era sair dali.

— Foi assim que veio parar no Texas.

Eu sabia algo sobre o incêndio e que Paula estava em busca de paz e tranquilidade, mas não sabia que tinha passado por toda aquela situação traumática.

— E tive mais tempo para conhecer o nosso pa...

Ela parou abruptamente o que ia dizer. Vi que Emma e ela trocaram olhares significativos que me intrigaram um pouco.

— Conhecer nosso país, mas encontrei o que precisava aqui — apressou-se em dizer e ergueu-se da cadeira, parando ao meu lado.

— Mas parecia que ia dizer...

— Julienne! — Emma gritou sobre o som da chaleira, que começou a apitar no fogão — Por que não vai ao celeiro chamar Charlotte e seu pai? Vou aprontar a mesa para o chá da tarde.

— Mas, Emma...

Paula aproveitou de minha confusão para pegar a menina dos meus braços.

— Tenho que trocar a fralda de Michelle. Podemos conversar um pouco mais depois, se quiser.

Nunca vi alguém fugir tão rápido de mim. A longa e descontraída conversa que tivemos há pouco parecia ter esvaecido como o vapor que subia da chaleira e derretia no ar.

Emma aumentou o volume do rádio e concentrou-se no trabalho de preparar o café, dando as costas para mim e para qualquer oportunidade de que eu pudesse sondá-la. Além de estranho, achei a mudança no comportamento delas suspeito demais. Mas com o som do rádio às alturas e Paula escondida em qualquer lugar da casa, convenci-me de que não arrancaria nenhuma informação delas por hoje. O bom e ruim de morar em uma cidade pequena, era que qualquer história apimentada fazia mais sucesso do que o melhor seriado de TV no horário nobre.

Parcialmente frustrada, saí sob o sol escaldante, à procura de Charlotte e papai. Sabia que os encontraria no celeiro. Há dois dias meu pai se ocupa com a reforma do lugar. Depois que se aposentou, passou a ocupar seu tempo fazendo reparos na fazenda, onde achava necessário.

Capítulo 10



HÁ DIAS QUE TENTO FALAR COM ADAM e sempre obtenho a mesma resposta: “O senhor Crichton não pode falar agora. Irá entrar em contato assim que puder”.

Isso nunca acontecia. Às vezes uma ligação rápida entre um caso ou outro, outras vezes algumas mensagens evasivas cancelando almoços ou qualquer programa que tenhamos marcado.

— Quer deixar recado, doutor?

— Não, obrigado.

Eu sei que Adam está fugindo de mim, tanto quanto venho me escorando em suas desculpas, adiando o inevitável. Só que o tempo que implorei que Penelope me desse, após nossa conversa, onde revelei tudo sobre Cecília e eu, estava acabando. Já não sei quanto tempo mais ela conseguirá se manter calada até decidir procurar Adam e revelar que a culpa em relação à morte de sua noiva, o real motivo que separava os dois, deveria ser atribuída a mim.

— E aí, Liam? Está animado para o congresso?

Jogo o celular em minha maleta e olho em direção à porta. Estive tão imerso em meus pensamentos que não notei Noah entrar em meu consultório.

— Parece que será interessante — respondi, de forma evasiva.

O desânimo ficou evidente em minha voz, já que eu tinha sido o mais empolgado com a viagem, com a oportunidade de poder reencontrar alguns amigos, conhecer os avanços da medicina e novas técnicas de cirurgia que estavam sendo estudadas e aprimoradas nos últimos meses.

O novo sempre foi algo que me fascinava. Trazia esperança a quem deixou de acreditar.

— Está tudo bem com você? — Noah segurou meu braço quando tentei passar por ele — Anda meio distraído e distante, ultimamente.

Ele não era a primeira pessoa a notar. Até meus pais e minha irmã perceberam que havia algo de estranho comigo. A única que parecia feliz com minha apatia era Nicole. Isso porque mal prestava atenção ao que dizia e não questionava tanto algumas de suas ações que teriam me irritado. Como suas viagens que voltaram a ficar constantes. Para ser sincero, ter minha noiva longe era um alívio

agora.

— Está tudo bem — afirmei com um sorriso — Não precisa se preocupar.

Noah não pareceu acreditar, mas não insistiu. Agradei sua compreensão com um tapa amistoso em seu ombro e saí.

O motorista do táxi tentou manter uma conversa agradável comigo, mas dessa vez minha mente estava dispersa demais. Incomodado ou vencido por minhas respostas esporádicas, ele ligou o som do carro e a música clássica passou a embalar a viagem, que para mim pareceu longa demais.

Usei a minha chave reserva para entrar, e assim que entrei, fui direto para o bar. Dois dedos de whisky, quando na realidade gostaria de verter a garrafa inteira. Mas ficar embriagado, definitivamente, não iria me ajudar. Deveria enfrentar isso como um homem, não como um adolescente assustado. Ainda sentia a garganta queimar e meditava sobre a necessidade de mais uma dose, quando ouvi o som do carro se aproximar.

Segui para o sofá e cronometrei os segundos em que minha vida estaria prestes a mudar.

— Vai continuar fugindo de mim por quanto tempo?

De surpresa, ele mudou para um ar aborrecido. Desde que começou a sair com Penelope que não entro em sua casa sem avisar.

— Não estou fugindo de você, Liam. Só quero um tempo sozinho.

Não posso julgá-lo por mentir. Sei muito bem o que é desejar fazer uma coisa e precisar fazer o oposto, na tentativa de magoar quem amamos.

— Certo, o que tem a dizer?

— Não sei por onde começar — caminhei em direção a ele — Provavelmente, nem irá conseguir me olhar depois do que tenho a dizer, mas eu preciso acabar logo com isso.

Eu sei, estou protelando o assunto. Toda coragem que tinha me revestido escapou pela porta quando Adam entrou.

— Por onde devo começar? — era mais uma pergunta para mim mesmo do que realmente para ele.

— Liam? Que tal do início?

Certo, do início. Era um bom caminho. E foi exatamente o que fiz. Nossas vidas sendo contadas pelos meus olhos. Não estava sendo tão difícil como muitas vezes imaginei; estava sendo um milhão de vezes pior.

“Quando você e Cecilia ficaram juntos?”

“Você a amava?”

“Transou com ela enquanto ainda era a minha noiva?”

Cada pergunta vinha acompanhada de incredulidade e decepção.

Eu tinha sido seu herói na infância. Seu melhor amigo a vida toda. E tudo o que havia feito em

troca era trair a fé e confiança depositadas em mim. Eu o traí da forma mais vil possível. Mas do que isso, o vi sofrer e tomar para si um sentimento de culpa que nunca pertenceu a ele.

— Eu fui um covarde, admito — me aproximei, segurando seu rosto entre minhas mãos — Eu não quis olhar em seus olhos e ver tanta dor e decepção que vejo agora.

Na verdade, percebo que fui um maldito egoísta esse tempo todo. E isso está me destruindo por dentro. Odeio ter me deixado levar pelos conselhos tolos de Celeste. Em ter caído em seu jogo onde apenas sua paz de espírito e a memória de sua filha adorada tiveram importância.

— O acordo era deixarmos passar alguns dias até que você se recuperasse. Só que foi se isolando cada vez mais — minha voz soou fraca e vacilante, mas forcei-me a continuar: — Sabe o que acontece quando a gente mente? Quanto mais o tempo passa, mais difícil é contar a verdade.

Quando a primeira lágrima dele tocou minha mão, foi como se ácido queimasse minha pele. Sua dor era a minha. Não; minha dor era muito mais angustiante, eu sentia por nós dois.

— Eu sabia que você iria se apaixonar de verdade. E que chegaria o dia em que, por medo, tentaria afastá-la de você. E eu não posso permitir isso. Não mais. Penelope não merece isso.

Adam afasta minhas mãos de seu rosto e caminha para longe de mim o máximo que ele é capaz. Eu queria ver apenas decepção e raiva brilhando em seus olhos, mas eu vejo dor.

— Vá embora, Liam.

Sabia que esse momento iria acontecer. Eu só não sabia que a navalha que estava sendo cravada, dentro de mim, doeria tanto. Agora eu sabia como era sentir o coração ser arrancado do peito.

— Adam...

— Saia! — Ele gritou, apontando a porta.

Vacilei. Peguei minha maleta, depois caminhei até a mesinha, onde depusitei suas chaves. Um passo de cada vez, mas meus pés pareciam conter chumbo. Talvez fosse meu coração, pesado demais.

Não era uma ordem para que eu o deixasse sozinho, absorvendo tudo o que descobriu. Era uma exigência para que eu saísse da sua vida. O pedido estava claro demais em seu rosto ferido.

— Estou indo.... — sussurrei com pesar — Eu nunca quis magoar você. Procure-a, seja feliz.

Isso era tudo o que realmente me importava.

— É tudo o que eu quero — respirei fundo, para controlar a emoção que já começava a me abater — E se um dia, talvez, puder me perdoar...

Seria um longo caminho para isso, se é que um dia aconteceria. Eu tinha ido longe demais. Errado demais e me arrependido tarde demais.

Ainda estava encolhido entre um vaso e a porta, quando não sei quanto tempo depois, imerso em minha própria angústia, o vi passar e entrar apressadamente em seu carro. Vendo-o partir, peguei meu

celular e disquei o número de quem esperava ansiosa por notícias.

— Penelope.

— Liam?

— Ele está voltando, querida — apesar do grande peso que minha alma carrega, eu estou feliz —

Adam está voltando para você.

Quem sabe, um dia, meu irmão também voltasse para mim.

Capítulo 11



QUANDO KATTY ME CONVOCOU PARA UM JANTAR em sua casa e exigiu a presença de minha noiva, algo me dizia que aquilo não acabaria bem. Não era segredo para ninguém que minha família não caía de amores por ela. Fato que Nicole, pelo menos essa noite, parecia se esforçar em mudar. Bom, pelo menos foi assim, até uma das gêmeas entrar em ação com um presente, digamos, bem inusitado.

— Mas, tio, ouvi a mamãe dizer que ela gostava de crocodilos — Lauren me premiou com um dos seus expressivos olhares arrependidos e nada convincentes — Lagartixas são filhotinhos muito fofinhos de crocodilos.

O jantar tinha corrido perfeito, pelo menos todos os presentes se esforçaram ao máximo para se mostrarem gentis e amigáveis um com o outro. Até que minha endiabrada sobrinha teve a ideia genial de presentear minha noiva com uma lagartixa escondida em sua bolsa.

Nicole teve um surto quase que psicótico ao ver o bichinho de olhos vidrados, olhando para ela. E nada adiantou que tivesse uma linda fita amarela presa à cauda. Houve gritos, um quase desmaio, e Nicole saiu correndo mais rápido que Usain Bolt nas olimpíadas. Nesse momento, Katty tentava acalmá-la, no quarto de hóspedes.

— Mas a mamãe falava da bolsa e do sapato dela — disse Lily, querendo soar a madura naquela história — Não foi, tio Liam? E lagartixa não é filhote de crocodilo, eu te avisei...

— Então ela é uma pessoa muito feia!

Lauren cruzou os braços, claramente desviando a atenção para o que havia feito. Estava horrorizada que animais, tão queridos por ela, tivessem um fim trágico como aquele.

— Coitadinhos deles.

— Não eram sapatos ou bolsas feitos de crocodilo de verdade, minha querida — não sou um especialista em moda, mas desejava acreditar que a bolsa que Nicole usava, essa noite, fosse apenas uma réplica legítima de couro de animais selvagens — Mas você foi uma menina muito travessa.

— Lauren tinha pensado em baratas, mas não conseguimos achar nenhuma, e o jardineiro não

deixou a gente chegar perto das flores da vovó para procurar minhocas...

— Lilly, sua fofoqueira!

Sinceramente, eu queria rir. Pela primeira vez em muito tempo. Algo nelas me fazia lembrar de Adam e eu quando crianças. Eu sempre tinha as ideias mais absurdas e meu irmão me acompanhava cegamente, às vezes agia como Lily, querendo colocar alguma racionalidade em mim. Claro que, assim como Lauren, aquilo nunca surtira efeito.

Essa lembrança fez meu coração se encolher. Há dias não vejo e não falo com ele. Sinto demais a sua falta. Mas, por ora, deixei esses pensamentos tristes de lado e apressei-me em separar as duas brigando.

— Parem, meninas!

— Quer saber, tio Liam? Eu não gosto da sua namorada.

Lauren partiu para a honestidade peculiar nas crianças e algo que eu já esperava dela.

— É noiva — Lily corrigiu.

— Você é tão legal e ela é uma chata! — insitiu Lauren — Por que você não pede para Penelope arranjar uma namorada melhor para você? Uma que goste da gente. A sua é feia e muito má! Ela é uma brux...

— Lauren!

Katty surgiu na sala, acompanhada de uma Nicole ainda tão zangada como havia saído. Mas pelo menos não dava sinais de que iria desmaiar a qualquer instante.

— Vamos embora, Liam!

Nicole estava sendo temperamental e infantil, ao encarar a gêmea má com tanta severidade. Não dava para distinguir, entre as duas, qual era a criança ali. Mas eu também não podia ser completamente injusto com minha noiva ou atribuir o fracasso da noite apenas para ela. As gêmeas não tinham sido verdadeiros anjos.

— Nicole... — iniciei, determinado a pacificar as coisas. Talvez, se ela visse aquilo apenas como travessura de duas meninas cheias de energia, a noite encerrasse da mesma forma agradável que tinha começado.

— Eu quero ir embora!

Não foi o pedido que minou o que restava de minha paciência, foi o olhar furioso em direção à Lauren, somado ao tom voluntarioso em sua voz.

— Mas acho que as meninas têm algo a dizer — disse Katty — Não é, Lauren?

Desconfiada, Nicole se afastava cada vez que a menina se aproximava dela. Seria cômico se eu não achasse trágico. O que um pouco mais de um metro de gente poderia fazer contra mais de um, só de pernas?

— Eu sinto muito pelo o que aconteceu hoje, senhorita — disse Lauren, cruzando as mãos em frente ao corpo — Prometo nunca mais colocar lagartixa em sua bolsa, mesmo que pareçam fofinhas e encantadoras... Até porque eu não quero que elas virem chinelos, por exemplo.

— Lauren! — Katty rangeu os dentes. O pai das meninas rapidamente se colocou ao lado dela, tentando acalmá-la.

— Nem baratas, lesmas ou minhocas — Lily correu até Nicole e abraçou sua cintura, em um gesto inocente de paz.

— Tudo bem, garota — Nicole a afastou de um jeito pouco amigável — Agora me solta. Vamos, Liam? Estou muito cansada.

Agradei minha irmã pelo jantar. E garanti às meninas que tudo ficaria bem e também que o ocorrido tinha sido perdoado. Mas, no fundo, me sentia confuso. Eu sei que as meninas tinham passado dos limites e até entendo a reação de Nicole ao pequeno réptil em sua bolsa. Provavelmente, em relação ao susto, muitas mulheres teriam se comportado igual. O que me incomodou foi a frieza com que tratou as meninas durante todo o jantar.

— Você gosta de crianças, Nicole?

A pergunta me acompanhou durante todo o caminho silencioso até o apartamento dela.

— Como?

— Você gosta de crianças? — repeti, com certa impaciência.

— Por que está me perguntando isso agora?

— Estamos noivos e um dia iremos nos casar — outra vez, eu me questionava se daríamos mesmo esse passo — Filhos são consequências.

Estudei seu rosto confuso e me dei conta que isso nunca tinha passado pela cabeça dela. Nicole estava tão preocupada com sua carreira de modelo, como Adam estivera fugindo do amor, até encontrar a Penelope.

Não que eu quisesse que ela abandonasse a profissão que amava e sua independência para fazer o papel de rainha do lar, mas gostaria de crianças correndo pela casa, algum dia. Ouvi-las fazendo barulho, tornando nossos dias mais alegres e cheios de vida.

— Somos tão jovens, meu amor — ela agarrou-se ao meu ombro e depositou uma trilha de beijos que ia do pescoço ao meu queixo — É muito cedo para pensar sobre essas coisas.

Curiosamente, beijos ou uma noite de sexo já não estavam sendo capazes de me fazer esquecer o quanto parecíamos um casal disfuncional.

— Vamos subir?

Em outro momento, a voz carregada de sensualidade teria feito com que eu a arrastasse prédio acima, como um adolescente apaixonado, mas essa noite, não.

— Pensei que estivesse cansada. — murmurei, afastando seus braços de mim.

— Aquelas duas... — ao se deparar com meu olhar duro e que se referia a membros da minha família, sua voz suavizou — Suas sobrinhas são criaturas bem cansativas. Mas nunca estaria indisposta para você.

— Eu prefiro ir para casa. Tenho uma cirurgia importante amanhã.

— Está bravo comigo?

Encarei seus olhos chorosos, que dessa vez foram incapazes de me amolecer.

— Aquelas meninas foram cruéis comigo. Odeio qualquer ser nojento, que se movimente ou rasteje em minha direção. Deveria estar zangado era com elas, terei pesadelos terríveis à noite...

Eu havia criado uma técnica quase infalível com Nicole, que agora não parecia funcionar muito bem. Ela falava e falava, e eu apenas fingia ouvir. Noventa e nove por cento do tempo eram futilidades que eu não me importava, geralmente concordava com tudo, desde que acabássemos na cama, tendo sexo quente. Agora, só enxergava como tudo soava tão vazio.

— Eu tenho mesmo que ir — destravei a porta do carro, em sinal de que ela deveria descer.

— Mas, Liam? E os meus pesadelos à noite?

À beira da impaciência, curvei sobre ela e abri a porta do carro, encerrando o assunto.

— Tome um bom chá de camomila. Dizem que faz muito bem.

Eu a vi sair bufando e quicando os saltos no chão, de forma dramática. Igualmente irritado, saí cantando os pneus. Em outro momento, não pensaria duas vezes para ir até Adam. Veríamos algum jogo na TV, enquanto riríamos do absurdo da noite. Provavelmente ele tentaria me convencer a dar um pé na bunda da minha noiva-modelo-gostosa, mas chata e temperamental, para fazer parte do seu clube de homens solteiros e felizes, com ele e Peter. Muita coisa havia mudado. Inclusive de que eu era a última pessoa no mundo que Adam queria ver.

Mesmo assim, quando dei por mim, estava parado em sua rua. Observando de longe a casa escura, com exceção da meia luz iluminando o quarto, no segunda andar. Notei a silhueta do casal desenhando parte da cortina. Mesmo à distância, podia imaginar o calor e a alegria reinando ali.

Sorri ao dar a partida no carro e sair. Fui para o lugar mais improvável, mas que me pareceu certo.

— Cerveja sem álcool e duas caixas de pizza para compensar — disse a Peter, assim que ele abriu a porta para mim.

— Mandou bem na pizza — ele deu dois passos para o lado para que eu pudesse entrar — Mas é preciso muito mais que isso para compensar as cervejas. E essa não é uma noite muito boa.

Olhei em volta, procurando algum sinal de que ele pudesse ter companhia. Aliás, deveria ter cogitado a possibilidade disso.

— O que compensaria?

— Um vestidinho sexy, talvez uma peruca e uma dança bem sensual?

— Está falando sério? Nunca imaginei que tivesse fantasias comigo — devolvi a provocação —

Mas é o que dizem, homens todo cheios de massa...ai...

Desviei do segundo tapa e voltei a encará-lo. Apesar de sorrir, não havia realmente felicidade em seus olhos. Por quase que um minuto, o observei olhar o céu negro, através da porta de vidro que dava para uma varanda.

— Problemas no mundo do Peter? — perguntei, ao tirar uma das caixas de pizza de dentro da sacola.

— Não acho que foi para ouvir minha história que você veio.

— Sinto que tem algo para me contar — peguei um pedaço com a mão mesmo — Senta aí, Peter. Eu sou um bom ouvinte.

Já ouvi dizer que, olhar para os dramas e problemas de outras pessoas, às vezes nos fazem nos sentir melhor.

— Não vai desistir, não é?

Balancei a cabeça em reposta. É claro que respeitaria, se sua palavra final fosse manter-se calado em relação ao passado que lhe incomoda tanto, mas meu sexto sentido, que essa noite parecia mais aguçado que o normal, me dizia que ele precisava falar.

— Ok. Eu vou te contar.

A parte da história da sua vida, pelo menos a que decidiu finalmente compartilhar comigo, era mesmo uma grande merda. Não do tipo de me fazer sentir melhor, mas de me fazer perguntar como ele havia aguentado e conseguido lidar com tudo aquilo.

Era tão fodido, que eu cogitaria colocar o tal vestidinho curto, uma peruca ridícula e dançaria Cancan em cima da mesa, se acreditasse que faria diferença ou que Peter se sentiria melhor.

Por ora, só tinha mesmo a oferecer um ombro amigo e o silêncio compreensivo.

Depois de conhecer um pouco mais sobre o passado de Peter, tentei encarar minha vida com mais positividade. Afinal, se há vida, há esperança. Mas hoje é um dia em que razão e coração correm em pistas opostas.

O dia de ação de graças já foi uma das minhas datas preferidas do ano. Só perdia para meu aniversário e o Natal. As coisas mudam. A verdade é que eu não queria estragar a data para ninguém. Eu tinha passado da fase melancólica e depressiva, por arruinar meu relacionamento de amizade e

confiança de Adam, para sentir-me completamente irritado e frustrado com sua determinação em me manter longe.

Eu tinha errado. Errado feio. Mas, caramba, ele era meu irmão. E apesar de ter sido um estúpido e grande babaca em ter escondido meu envolvimento com Cecilia, era injusto renegar que o amava e que faria qualquer coisa pelo imbecil.

Então, não desejo estar presente para a tradicional reunião familiar e ser o culpado de estragar a festa. Decidi passar o dia de Ação de Graças no hospital, já que Nicole estava em Chicago com a família dela.

Verifico minha maleta mais vez, procuro o celular entre a bagunça feita por livros e cobertas. Há várias notificações de mensagens da última hora.

“Fiz a torta que você adora. Estamos a caminho, nos vemos daqui a pouco.”

Beijos :P

Penelope tinha sido a mais empenhada em me reaproximar do meu irmão, mas eu não queria nada forçado ou por obrigação porque Adam a amava. Eu sentia ter que desapontá-la dessa maneira, mas assim era melhor.

Estava no meio da escada, quando comecei a reconhecer as vozes animadas. Katty e as crianças já haviam chegado, assim como o casal que eu queria evitar.

— Eu não gosto dela — ouvi Lauren resmungar, quando descí mais alguns degraus em direção ao grupo — Mas você pode me levar para Disney, não é, tia querida?

Para chegar até a porta, teria que passar pelo corredor e a sala. Esperava que eles estivessem bem entretidos com as meninas, ao ponto de não notarem minha saída estratégica. Ainda nem tinha comunicado à minha mãe que não passaria o feriado com eles esse ano. Para isso teria que dar explicações que, no momento, prefiro evitar. Era suficiente uma pessoa irritada comigo naquela casa.

— Aonde você vai, Liam?

Paralisei entre o arco da porta e os poucos metros até a saída.

— Eu tenho plantão hoje — respondi à pergunta de minha mãe, tentando parecer casual.

Se um meteoro tivesse caído no meio da sala, fazendo uma enorme cratera no chão, o choque não teria sido tão grande.

— Em pleno dia de ação de graças, Liam?

Furiosa seria pouco para conseguir descrevê-la. Me vi usando fraldas, prestes a receber uma reprimenda daquelas por ter feito algo gravíssimo. Eu sempre tremo com esse olhar mais poderoso que mil chibatadas.

— Eu sou médico, lembra?

Era uma desculpa pífia. Afinal, isso nunca foi problema para mim, não nessa data. Como cirurgião, conseguia ter uma agenda um pouco mais flexível, bem diferente de Katty, que era obstetra, e a qualquer momento alguém poderia bipar dizendo que um bebê estava ansioso para chegar ao mundo.

— Nunca ficou de plantão nesse dia — ela olhou entre mim e Adam — O que está acontecendo aqui?

O único que realmente sabia que estávamos brigados era meu pai. Mas nada fugia dos olhos perspicazes de minha mãe, ela sabia que havia alguma coisa acontecendo entre seus filhos. Procurei pelo meu pai, em busca de ajuda. Ele estava ao lado de Adam, que não hesitou em desviar os olhos dos meus.

Doeu. Achei que, com o tempo, a rejeição machucaria menos, mas não era assim. Substituí a dor pela raiva. Tristeza pela frustração. Vontade de ficar pela imensa necessidade de fugir dali.

— Eu transei com a noiva do Adam. Foi isso que aconteceu.

Já que alguém tinha que bancar o vilão, que esse alguém fosse eu, afinal das contas. Em meio ao grito estridente de surpresa de minha mãe e o olhar incrédulo de Katty, deixei bem claro que a noiva que me referia não era Penelope.

Saí, evitando que qualquer um deles pudesse jogar sobre mim suas recriminações. Eu sabia fazer isso muito bem. No fim, o que quis tanto evitar tinha acontecido; arruinei a noite. Parecia que estragar boas memórias das pessoas que eu amava tinha se tornado uma nova característica, cada vez mais presente.

Bati a porta e me apoiei contra ela. O vento frio cortando meu rosto nem se compara à geleira em meu coração. Medito entre voltar e pedir desculpas a todo mundo e ir embora de uma vez por todas. Encaro a porta fechada por um instante. Ir embora ainda parecia a melhor opção.

— Liam, espere!

Droga!

Imaginar o que Adam teria para me dizer nem se comparava a ter de encarar as palavras duras e ácidas.

— Desculpe pelo o que eu disse lá dentro — joguei a mala no banco de passageiro com força — Eu sou um péssimo irmão, não é verdade? Não quis estragar sua noite. Sinto muito.

Um silêncio absoluto caiu sobre nós dois. Deveria ter usado uma abordagem diferente, algo que realmente expressasse como me sinto.

— Adam... Se há algo de bom em mim, é o amor que sinto por você. Desde que éramos crianças, eu soube que você seria meu melhor amigo. Eu juro que nunca imaginei que você e Cecilia...

Não era uma forma de me redimir da culpa. Mas ele não poderia negar que nunca a amou de verdade. Não como ama Penelope.

— Esqueça isso. Eu perdoo você, Liam.

Estava preparado, na verdade, esperançoso, de que ele dissesse que, por essa noite, daria a nós dois uma trégua, pelo bem da família. Mas de forma alguma esperei que Adam revelasse que estava disposto a me perdoar.

— Perdoa?

— Sim, eu perdoo.

— Olha, se faz isso por Penelope...

— Não faço somente por ela, mas por mim e por você. Eu sei que, no fundo, você só quis me proteger — ele sorri — Lembra quando quebrei o antigo vaso de flores da vovó?

Eu tinha assumido a culpa por ele, mas as duas coisas não tinham comparação.

— Você levou a culpa por mim.

Naquele verão, tínhamos aprontado tanto, que nossos pais haviam dado um único aviso: mais uma travessura e passaríamos o verão todo de castigo. Eu não permitiria que Adam arruinasse o primeiro encontro de sua vida.

— E Watson te deu o fora — sorri, ao me lembrar.

— Eu aprendi que nem toda a verdade é absoluta e nem toda mentira tem intenção de ferir quem amamos.

— O que você quer dizer?

— Vem comigo.

Seguimos em direção aos fundos da casa. Rumo à casa na árvore, que fora palco e testemunha de muitas brincadeiras feitas por nós dois e que tinha sido reformada para as gêmeas de Katty.

— Acho que... — ele esfregou a sobrelha, Adam sempre fazia isso quando estava carregado de tensão — Eu tenho certeza que Celeste tem algo a ver com o atropelamento de Penelope, entre outras coisas.

Eu deveria expressar surpresa, mas não fiquei. Sempre achei Celeste obcecada e insana demais para algo como isso. Quanto mais eu ouvia o que ele tinha a dizer, mais desprezo eu sentia por aquela mulher.

— Celeste precisa de tratamento! — Disse, exaltado — Temos que fazer alguma coisa.

— Você me ajudaria?

— Está mesmo me perguntado isso?

Adam me conhecia o suficiente para saber que, a partir do momento que eu tomasse conhecimento das ações de Celeste para separá-lo da mulher que ama, eu brigaria por ele. Eu sempre briguei.

— Tem algo mais que eu quero te perguntar.

Ele mexeu no bolso da calça em busca de algo. Encaro a caixa dourada com verdadeira surpresa, ao mesmo tempo que me sinto feliz por ele estar pronto para dar esse passo.

— Está me pedindo em casamento?

— Você não é tão bonito assim — ele graceja, e realmente sinto que está tudo bem entre nós dois.

— Não é o que as mulheres dizem.

O velho Liam estava de volta. Senti como se toda a carga negativa do mundo tivesse sido arrancada de mim.

— Bem, não sou gay, e mesmo que eu fosse, somos irmãos. Então, esse anel é para a linda mulher que está na sala com nossos pais, certo?

Ele acena com a cabeça, concordando.

— Fará o pedido hoje?

Penso em o quanto estive perto de perder esse grande momento da vida dele. Acho que nunca me perdoaria se isso tivesse ocorrido.

— No Ano Novo.

— Adam... — encarei-o com impaciência.

Qual o motivo de esperar? Dar a chance que algo ruim acontecesse e estragasse tudo?

— Peça logo.

— Nos conhecemos no Ano Novo. É nessa data que quero eternizar o momento. Além disso, é o tempo que precisamos para dar um jeito em Celeste.

Nisso tinha que concordar. Oficializar a relação com aquela grande pedra no sapato não seria nada bom.

— Entendo. Eu gostaria de estar presente.

Adam encara o chão e parece receoso do que falar.

— Há algo mais. Eu gostaria que fosse meu padrinho. Sabe, do casamento.

Aquilo era foda demais.

— Obrigado! — Eu nem pensei duas vezes antes de lhe dar o abraço de urso que o fez erguer-se do chão — Significa muito para mim.

Eu tinha ganhado todos os presentes de Natal da minha vida.

— Eu preciso que você guarde isso para mim — disse Adam, quando finalmente nos afastamos — Foi muito difícil segurar a ansiedade e não fazer o pedido hoje, quando a encontrei.

Se ele tinha trazido o anel e não estava disposto a fazer o pedido essa noite, era porque havia a intenção que nos entendêssemos. E, provavelmente, ele apenas estivera esperando o momento certo para conversarmos.

— Pode confiar em mim.

Eu veria aquilo como tarefa de vida ou morte.

— Liam?

— É sério. O que poderia acontecer?

Descemos as escadas e seguimos rumo à grande festa que nos esperava. Retribuí ao grande sorriso que Penelope me deu e a observei se jogar nos braços de Adam. Recebi o abraço sanduíche que minha mãe e irmã me deram ao entrar e observei minhas sobrinhas sendo distraídas pelo meu pai.

O dia de ação de graças era meu dia preferido no ano.

Capítulo 12



OBSERVEI O GRUPO ANIMADO ESPALHADO PELA SALA, como um espectador assistindo uma propaganda natalina. Os garotos estavam espalhados no chão, distraídos com algum jogo de cartas. Paula e Ted tentavam distrair Michelle dos presentes, em frente à árvore de Natal.

— É melhor procurar Lola e papai antes que essa mocinha comece a ficar impaciente — disse à Paula, ao me levantar.

Lola e meu pai tinham saído há quase meia hora, para que ela conferisse a ampliação e a reforma do celeiro, e eu já estava achando a demora muito estranha. Ultimamente eu vinha notando muitas coisas esquisitas acontecendo.

— Você tem que contar para ela, Raul.

Estaquei na entrada quando reconheci a voz de Charlote, mas foi a angústia em sua voz que me fez parar.

— Não é tão fácil assim, Charlote. Conheço a minha filha...

Eu me aproximei um pouco mais, usei uma pilha de feno para me manter longe dos olhos dos dois, mas nem seria preciso, já que estavam de costas para mim.

Lola estava sentada em um dos degraus da escada que papai usava para pintar as paredes e ele estava em pé atrás dela; mantinha uma mão acariciando o cabelo dela e outra em seu ombro curvado.

— Será pior se ela descobrir sozinha — insistiu Charlote — Irá se sentir traída.

— Vamos esperar um pouco mais.

— Eu não sei por quanto tempo mais serei capaz de esconder.

— Agora que ela e Paula estão começando a se entender. Não quero estragar isso. Foi um pedido da própria Paula, lembra?

Observei os ombros de Lola movimentarem, como se ela soltasse um suspiro mudo. Encolhi-me mais contra o feno quando a vi ficar de pé, ficando de frente para o meu pai.

— Talvez tenha razão — ela fez um carinho no rosto dele e sorriu — Vamos esperar um pouco

mais, só até serem mais amigas.

Os dois fizeram aquilo que eu nunca imaginei que um dia poderia acontecer: se beijaram. Por alguns segundos, fiquei paralisada, observando a cena. Ao primeiro gemido empolgado de Lola, saí do celeiro correndo.

Eu nunca cogitei que meu pai tivesse se mantido celibatário desde que minha mãe faleceu. Pelo menos desde que descobri que homens e mulheres se relacionavam de uma forma diferente. E apesar de ter ouvido rumores aqui e ali, dele com alguém, nunca havia levado ninguém à fazenda.

Agora, vê-lo agindo como um adolescente apaixonado, me abalou mais do que conseguia admitir. Não por papai finalmente se envolver com alguma mulher, afinal, ele era um homem ainda muito bem-apessoado e atraente, mas era pelo fato de a mulher em questão ser minha tia Charlotte, pelo menos, eu a considerava assim.

Parei para respirar e apoiei minhas mãos sobre os joelhos, recuperando-me do choque. Não sei se foi o sol escaldante em minha cabeça ou a recém-descoberta que me deixou meio zozza.

— Jully?

Ergui os meus olhos e apenas vi a silhueta.

— Dallas?

— Julienne, você está bem?

Senti algo sobre minha cabeça, e logo me dei conta de que era seu grande chapéu me protegendo do sol.

— Tudo bem, Dallas. Eu só... — esfreguei minha testa, em busca de colocar meus pensamentos em ordem.

— Julienne?

Eu sabia que não dizia nada com nada, embora quisesse dizer tudo.

— A Michele... ela... Eu tive que vir chamar o papai e Charlotte.

— O que aconteceu? — Dallas olhou por cima de minha cabeça, em direção ao celeiro.

Eu não sabia como dizer a ele que nosso pai e nossa tia tinham um relacionamento amoroso e clandestino. Dallas iria surtar.

— Promete que não vai ficar bravo?

Em meu íntimo, sabia que quem deveria dar as boas novas seriam eles, o casal apaixonado, mas também não queria que Dallas pudesse ser pego desprevenido como eu, e devido ao choque inicial, explodisse.

Até começava a me acostumar com a ideia de papai e Charlotte juntos.

— Desembucha logo, Julienne — disse, com impaciência.

— Primeiro, tem que jurar que não irá surtar com o que descobri no celeiro.

Enrosquei o meu braço no dele e o afastei para um local mais afastado e perto de casa, não perto o bastante para sermos ouvidos, claro. Nos aproximamos de uma antiga árvore com balanço. Dallas se escorou no tronco e eu balancei o banco vazio.

— Fale.

— Você promete? — perguntei, sem querer encará-lo.

— Prometo que vou tentar não ficar irritado com nada do que você fez.

— Por que acha que eu fiz alguma coisa?

— Porque confusão é seu nome do meio.

Nisso, eu era incapaz de encontrar defesa. Eu tinha mesmo um jeito muito peculiar de atraí-las.

— Papai e Lola estão juntos.

— Juntos no celeiro?

— Juntos, juntos. Como um casal — disse, ocupando o brinquedo que, por muitos anos, fez a alegria da minha infância — Ouvi a conversa deles. Algo sobre contar algo a mim.

— O que exatamente você ouviu? — notei o tom de voz de Dallas se alterar, e ele até pareceu mudar de cor.

— Não muito. Disseram que tinham alguma coisa para me contar. Acho que eles têm medo da minha reação. Esperam que Paula e eu tenhamos um relacionamento melhor e assim nos tornarmos a grande e perfeita família feliz.

— Só ouviu isso mesmo? — Dallas parecia tenso.

Havia algo mais para ouvir? Franzi a testa ao meditar.

— Ah, ouvi papai dizer que esse foi um pedido da Paula, não contar para nós, por enquanto. E na cozinha, outro dia, acho que ela quase me disse alguma coisa, mas se arrependeu no último momento.

Dallas olhou para o chão e chutou algumas pedras. Concluí que absorvia o que revelei a ele.

— Os dois se beijaram — esperei pela explosão de meu irmão, mas ela não veio, então aticei um pouco mais — E que beijo. Um beijão, hein.

Dallas continuou quieto, mexendo as pedrinhas no chão. Fiquei mais aliviada com sua reação mais contida. No fundo, talvez ele desejasse o mesmo que eu. A felicidade do nosso pai, que tanto havia feito para educar seus quatro filhos, sozinho. Isso era mais importante.

— Talvez eles tenham razão.

— Sobre o beijo?

— Falo da Paula.

— Sabe o que pensava sobre ela.

— Você tinha uma queda pelo Ted? — ele perguntou, preocupado.

Talvez, entre meus oito e onze anos, eu tenha tido uma grande queda por Ted. O amigo mais bonito

e atraente dos meus três irmãos, mas, com o passar dos anos, não o via como nada além do que mais um membro importante da minha família.

— Claro que não.

Dallas pareceu sinceramente aliviado.

— Isso seria algo bem difícil de contornar.

— Mas eu o adoro e lembro bem como Paula o deixou.

— Julienne, sabe muito bem o que aconteceu.

Os dois tinham passado por uma confusão romântica, que só os apaixonados conseguiam fazer. Paula provou, no fim, que não era a vadia metida da cidade grande que sempre acreditei, e agora tinham juntos uma linda família. Isso eu tinha que admitir.

— Como também me lembro que fui eu a ver seus cacos no chão — relembrei os momentos torturantes que Ted passou longe de sua amada — Mas, estou disposta a ser a nova e melhor amiga dela, se é isso que deixará todos felizes.

— Acho que Clyde pode ter realmente razão — Dallas coçou minha cabeça, como fazia quando eu era menor — Pode estar amadurecendo, menina.

Encarei-o entre chocada e incrédula. Clyde elogiando minha maturidade e Dallas concordando com ele? Eles discordariam quando soubessem o que havia feito ao meu pobre irmão e uma doce senhora. Queria arrancar mais algumas informações com Dallas, mas o casal enamorado se aproximava de nós.

Era espantoso como nunca tinha percebido os olhares cheios de amor mal disfarçados e a energia em torno deles. Esperar que Paula se sentisse segura em relação a mim e aos meus irmãos seria castigo demais para Charlotte e papai e uma tortura para minha mente fervilhando de ideias românticas. Poderia até evitar as armadilhas do amor, mas isso não tinha que se aplicar ao meu pai. Eu tinha que encontrar uma forma para que eles confessassem tudo, antes do Natal.

— O que você está aprontando, menina? — Papai se juntou a mim e entramos abraçados na cozinha.

— Por que acha que estou aprontando alguma coisa? — meu sorriso ficou ainda mais largo.

— Eu conheço você, minha filha — ele apertou a ponta do meu nariz, e sorri ainda mais — Esse sorriso diz “confusão”.

É. Raul conhecia mesmo a filha que tinha.

Capítulo 13



Peachwood, Texas, 2013

O ANO TERMINOU, OUTRO COMEÇOU, e nada de muito diferente aconteceu, ao não ser o anúncio do casamento do meu pai com Charlotte. O anúncio foi feito no dia de Ano Novo, esperariam passar o meu aniversário de vinte um anos, pois meu pai também queria fazer uma grande festa de casamento.

Embora as coisas parecessem normais, continuava com a estranha sensação de que eu acompanhava a história da minha vida de longe, como se fosse contada por outro narrador. Um suspense que, por mais que eu analisasse, as peças não pareciam se encaixar.

Alguns chamam de sexto sentido, outros de desconfiança. Eu nomeio como “Radar Julienne”, apitando em todas as direções.

— Ei, J.J!

— James! — dei um salto, assustada, quando ele colocou a mão em meu ombro.

— Desculpe, não quis assustar você — disse ele com um sorriso — Tive um imprevisto na oficina, mas vim assim que deu.

— Vamos dar uma volta? — perguntei a ele, que estudava a mesa farta de comida, indeciso sobre qual sobremesa o atraía mais.

Mostrei a pequena cesta que havia preparado, para ajudar a convencê-lo mais rápido.

— Vamos.

Mesmo com a promessa de diversas guloseimas escondidas debaixo do pano cobrindo a cesta, ele pegou um enorme muffin de mirtilo.

Levamos cerca de vinte minutos pela estrada de terra, que circulava a fazenda, até chegar à mata. A maior parte dela e o rio que a dividia no meio faziam parte de nossas terras. A vegetação espessa e a beleza daquele paraíso era o que me fazia acreditar que nunca iria embora daqui.

Buscamos um grande tronco caído próximo ao rio. Nosso local preferido. Podíamos ver esquilos descer de suas árvores e beberem água no rio sem se sentirem ameaçados por nós. Também era lindo ver o brilho prateado da lua tremular sobre o rio.

— Cerveja?

Entreguei a James uma das duas garrafas que tinha trazido e deposei a outra ao seu pé, junto à cesta.

— Tem presunto, queijo e o que sobrou da salada de batatas da Emma, que você adora — ergui o que havia limpado da enorme travessa — Torta de abóbora e pudim de ameixa.

— Um verdadeiro piquenique — James esfregou as mãos.

Preferi um singelo pedaço de torta. Fazia apenas duas horas que tivemos a grande ceia e, ao contrário de James, não tinha um corpo musculoso que precisava alimentar.

— Esse lugar é bonito, não é?

Ele engoliu um grande gole de cerveja para ajudar a engolir o grande pedaço de carne que havia colocado na boca, e respondeu:

— Peachwood é um ótimo lugar para viver — disse ele, orgulhoso — Não consigo me ver longe daqui.

Refleti alguns segundos sobre sua declaração.

— Apesar de nascer e crescer aqui e amar cada pedacinho que piso, às vezes sinto a necessidade de mais — enrolei algumas ervas daninhas entre os dedos, ao falar — Como se alguma coisa esperasse por mim lá fora. Não sei explicar.

— Talvez seja alguém.

Ao encarar seu olhar divertido, soube instantaneamente que ele estava me provocando.

— Quem sabe? — sacudi os ombros.

James limpou os dedos na calça, o que certamente teria feito a Sra. Emma ter um pequeno ataque se presenciasse.

— J., você é como essas flores do campo — ele indicou as íris azuis e delicadas — Não sobreviveria em outro lugar.

— Como você sabe? — perguntei, ofendida.

— Conheço você.

Todos achavam que me conheciam. O que não era realmente verdade. Como qualquer pessoa, eu estava em um constante processo de autoconhecimento e evolução.

— Ninguém conhece ninguém. Veja meu pai e Charlotte.

— Agora consigo entender — James deu pequenos tapinhas em meu joelho, na vã tentativa de me animar — Está chateada porque mantinham o namoro escondido de você?

— Não é isso, embora tenha me surpreendido no início. Mas eu tenho a sensação que me escondem muito mais — arranquei um pouco mais de mato e o torci entre meus dedos. Sempre que me sentia acuada ou com raiva, sentia a necessidade de manter minhas mãos ocupadas — É como se todos soubessem de algo e me deixassem de fora.

— Acho que todos estão felizes. Não é isso que importa?

— Felizes demais. Clyde nem se importou com toda a confusão em relação à senhorita Cornel.

Aquilo não era típico de meus irmãos. Clyde, com toda a certeza, teria revidado.

Ficamos em silêncio, cada um preso em suas próprias conclusões.

— Não vai deixar o assunto morrer, não é mesmo?

— Não.

James ficou em pé e pousou uma das mãos em meus ombros para tirar as botas, depois a outra.

— Vai fuçar até descobrir o que acha que escondem.

— Sim.

— Então, vamos tomar um banho de rio, para refrescar um pouco essa cabeça.

Estremeci apenas em imaginar a possibilidade.

— A água deve estar congelante.

Ele tirou a camisa, mantendo apenas a calça jeans. Jogou o tecido em meu rosto e saiu trotando até as margens do rio.

— Acho que está certa. A Julienne que eu conheci não seria tão covarde.

Estava prestes a retrucar quando vi sua cabeça afundar na água gelada. Deixei a camisa sobre as botas e me liberei das minhas. Rapidamente tirei o vestido, ficando apenas de lingerie. James nadava de costas, olhando para o céu estrelado. Ele me dava tempo para que eu provasse o quanto ele estava errado e aceitasse o desafio.

Foi exatamente o que fiz.

Minha relação de amizade com Paula estava progredindo rapidamente. Até ficava de babá para a pequena Michelle, algumas vezes.

Na fazenda, todos estavam empolgados com o meu aniversário. Legalmente eu teria idade para beber e frequentar a vida noturna, entre tantas outras coisas que deveriam me deixar extasiada. Minha cabeça, no entanto, estava preocupada em bancar a Sherlock Homes.

Havia pegado coisas aqui e outras ali, que fizeram apenas aumentar minha confusão mental. Raul e Charlotte, juntos, não era segredo para mais ninguém na fazenda ou na cidade. Contudo, eles ainda pareciam pisar em ovos. Eu via as conversas mudar sempre que me aproximava, quando eles

acreditavam que não estaria por perto.

Meus irmãos seguiam cada dia mais gentis e delicados. Por um tempo, desconfiei que seria pelo fato de que logo seria dona do meu próprio nariz e que o excesso de proteção sobre mim um dia teria que acabar. Mas também não era isso.

Sondei com Clyde. Investiguei com Austin e tentei pressionar Dallas, sem sucesso. Nenhum deles me revelou o que eu precisava saber. E eu só tinha certeza de uma coisa: o segredo transitava entre mim e Paula.

Havia descoberto, entre uma conversa aqui e ali, que vir para o Texas, procurando tranquilidade e descanso, não tinha sido exatamente o que ela procurava. Viera atrás de seu pai, não o homem quase ausente que a criara de bebê até os nove anos; mas o homem que realmente lhe dera a vida. E ele estava ou esteve aqui em Peachwood.

Como isso ligava a nós duas? Não consigo entender. Mas hoje teria uma grande festa na fazenda para comemorar meu aniversário, e eu não deixaria que esse novo ciclo da minha vida começasse sem que um outro ciclo tivesse um fim. Então, já tinha planejado tudo. Só esperaria o momento certo para que o grande touro atravessasse a porteira.

— Você está muito bonita — Paula modelou meu último cacho de cabelo, e seu olhar cruzou com o meu no espelho — Eu sempre pensei que, se eu tivesse tido uma irmã, seria assim. Nos arrumando para festas, fazendo coisas de meninas.

Sinceramente, eu consegui me identificar com o que ela dizia. Apesar de não ser filha única como Paula, crescer cercada de meninos não me proporcionou momentos como esse.

— Foi bem divertido — confessei, ao me encarar no espelho — Obrigada.

Fazer maquiagem para mim era apenas passar batom na boca, de vez em quando, e, quando estava muito inspirada, máscara nos cílios. Paula ensinou vários truques de como esfumacar em volta dos olhos e as cores que combinavam mais comigo.

— Pronta para a festa?

Fiquei em pé e olhei mais atentamente para a jovem refletida no espelho. Quando saímos para as compras, Paula tinha sugerido que eu comprasse um lindo vestido de tafetá, rosa pálido, que havíamos admirado em uma loja no centro da cidade.

Apesar de ter me apaixonado pela roupa, expliquei que uma festa na fazenda era bem diferente das festas que ela estava acostumada, em Nova York. Aqui, o que se come se bebe, e as pessoas com quem partilhamos momentos especiais eram mais importantes do que a vestimenta.

Haveria diferentes tipos de carne e milho sendo assados, muita cerveja, dança em volta da fogueira e muitos peões de ressaca no dia seguinte.

— Eu tenho uma coisa para você. Espere aqui que já volto.

Enquanto ela descia para buscar o presente, que eu havia avisado que não seria necessário, aproveitei para colocar as botas novas que papai havia comprado para mim. Meu ponto fraco eram as botas, e foram as únicas coisas que recebi dele no decorrer dos anos.

Juntos, Dallas, Austin e Clyde, haviam me dado uma corrente com um pequeno colar de berilo vermelho, em forma de coração, que usarei essa noite.

— Eu sei que você disse que não queria — Paula surgiu na porta com uma sacola, de uma das lojas que tínhamos visitado — E vendo todo o movimento animado lá fora, devo concordar que você tinha razão.

Ela me entregou a sacola, e não precisei esquadrinhar a sacola para saber o que havia dentro, envolto de dourado e branco.

— Mas eu notei como gostou do vestido. Então, pode usar em uma ocasião especial, como o casamento de nossos pais.

— Pois é... seremos irmãs, oficialmente.

— Isso chateia você?

Sempre foi apenas eu, meu pai e os garotos. Dizer que não sinto uma pontinha de possessividade em relação a eles, seria mentira. Mas o que importa de fato, para mim, é que sejam todos felizes. E se Charlotte e Paula entraram em nossas vidas para isso, também posso acolhê-las em meu coração.

— Pelo contrário. Fico muito feliz.

Depois da conversa com Paula, me vi presa a um grande dilema. Continuar bancando a xereta e finalmente colar todas as pontas soltas do que colhi entre um cochicho e outro, pondo fim ao segredo que me privou de infinitas noites tranquilas de sono, ou absorver a maturidade que meus vinte e um anos deveria trazer e deixar que minha família revelasse o que eu precisava saber quando acreditasse que eu estivesse pronta.

Afinal, todos me amavam e jamais fariam alguma coisa que pudesse me ferir. Certo? E observando todos meus amigos, as crianças correndo pela fazenda, meus irmãos próximos a um dos barris de cerveja, entretidos em uma conversa completamente masculina, onde a qualquer momento surgiria uma disputa ridícula, Charlotte e papai conversavam em volta da fogueira, iluminando as pessoas com seu amor mais do que as milhares de estrelas no céu, me deu a certeza disso.

Se eu quisesse descobrir alguma coisa, esse seria o momento propício. Todos estavam de guarda baixa e aproveitando a festa para se armarem contra o plano que passei dias formulando.

Mas voltei a olhar para todos, dessa vez com outros olhos; olhei com meu coração. Eu tinha muita

sorte de ter tudo isso. Apesar da velha sensação de que havia uma bomba plainando sobre minha cabeça e que não me deixava em paz.

Decidi, por essa noite, esquecer o assunto. Teria uma conversa séria e madura com meu pai em um momento mais oportuno. O faria entender que meus sentimentos não eram tão frágeis como eles imaginavam. Além do mais, o que realmente estaria acontecendo?

Devo admitir, tenho grande tendência a exagerar os fatos. Tudo o que ouvi foram sussurros que envolviam sempre o nome de Paula. Certamente, o grande problema era relacionado a ela. E, como sempre, só não me achavam adulta o suficiente para enfrentar.

Tudo o que sei é que o verdadeiro pai de Paula também estava envolvido na história. Talvez ele fosse algum homem possessivo e violento. Talvez ainda quisesse Charlotte de volta. Poderia estar ameaçando meu pai ou, quem sabe, usasse a mim para pressionar o casal. Fazia sentido que quisessem me proteger de alguém assim.

Aliviada com a única e mais provável explicação que formulei durante todo esse tempo, resolvi aproveitar minha festa.

Dancei, bebi e paquerei todos os peões, sem muito sucesso, visto que a cada mão em minha cintura para uma dança e um olhar um pouquinho mais apaixonado, fazia com que um dos meus irmãos interrompesse a dança para me mostrar algo importante, como um bezerro que tinha nascido há duas semanas, uma cerca que tinha sido consertada e, o mais absurdo, observar uma galinha chocar.

Fugia deles, principalmente de Austin, o mais empenhado em ficar no meu pé, mais rápido do que qualquer pretendente que pudesse ter na festa corria de mim.

— Ah, acabou o pudim.

Olhei para a garotinha de vestido lilás, tentando se equilibrar na mesa, só para descobrir que seu doce favorito havia acabado.

— Tem mais lá na cozinha, Callie — disse a ela e peguei a travessa em cima da mesa de doces — Eu pego para você.

Agora eu sei como os heróis devem se sentir. Recebi o mais encantador sorriso e uma abraço de obrigada. Amava o Texas, a fazenda, minha família e todas as pessoas que estão aqui essa noite e que me viram crescer. Com esse sentimento explodindo dentro de mim, voltei alegremente para dentro de casa. A música animada, vinda de fora, era uma suave melodia dentro de casa.

— Vão contar para ela amanhã?

— É o que combinamos. Mas eu ainda tenho receio da reação da minha irmã.

Estaquei no corredor ao reconhecer a voz de Emma e Paula vindo da cozinha. Me espremi contra a parede do corredor e torci mentalmente para que o esconderijo fosse suficiente para me manter

encoberta.

— Ela está procurando, e receio que já saiba de muita coisa.

— Emma, a...

Inclinei a cabeça para tentar ouvir melhor o que Paula estava a falar. Já nem me importava em ser descoberta a qualquer momento. Estava totalmente concentrada e focada naquela conversa que nem notei alguém se aproximar.

— O que faz escondida aí, Julianne?

Levei um grande susto quando Clyde pousou a mão em meu ombro. Tanto ele, quanto Emma e Paula, olhavam-me com grande interesse, e foi então que decidi mudar a jogada.

— Quero falar com você, Dallas e Austin — apontei o dedo em riste para ele — Lá no celeiro. Agora!

Nem cheguei a tocar a maçaneta da porta, senti outra vez uma mão em meu ombro, dessa vez mais delicada e com intenção de me parar.

— O que você ouviu, querida?

Voltei-me para Paula e dei minha melhor expressão indignada. Precisava soar convincente ou todos os meus esforços não levariam a nada.

— Tudo o que eu precisava saber.

Ela recuou, parecendo alarmada. Talvez até com medo de como eu poderia reagir.

— E como se sente em relação a isso?

Agora eu havia sido pega. Era continuar blefando ou ser pega em minha própria mentira.

— Prefiro conversar com meus irmãos primeiro.

Blefava, mas havia um limite de corda que eu poderia dar.

— No celeiro, Clyde! — Saí, impedindo que qualquer um deles pudesse erguer suas defesas.

Não segui imediatamente para o celeiro. Fiz o contorno na casa e aguardei o tempo suficiente para que meus irmãos se reunissem sem mim. Andei em círculos e só me dei conta de como estava nervosa quando me deparei com minha sombra projetada no chão. Minhas mãos agarradas à cintura, enquanto batia a ponta da bota no chão. Era uma clara indicação do quanto estava nervosa.

Acreditando que havia dado a eles tempo suficiente, aproximei-me do celeiro o mais silenciosamente possível. Havia várias frestas nas paredes de madeira, que me permitiam ouvir e olhar para dentro sem ter que denunciar minha presença.

— Eu sabia que acabaria em merda — ouvi Clyde dizer.

Espiei pela fenda e notei Clyde e Austin de costas para mim. Dallas estava em meu campo de visão. Seu rosto estava contorcido em uma expressão zangada enquanto olhava para os dois. Ele tinha um pé sobre um monte de feno e as costas apoiadas sobre uma pilastra.

— Vai repetir isso quantas vezes, Clyde? — disse Dallas, em um tom acima do habitual — Todos nós concordamos em não contar nada a Julianne, até que ela estivesse pronta.

— Além disso, foi um pedido da Paula — Austin foi ao apoio de Dallas — Ela queria ter a certeza de que Julianne a aceitaria para poder dizer que era irmã dela.

Por sorte, estava tão escorada contra a parede, determinada a não perder uma palavra daquela conversa, que tive o apoio que precisava para não cair quando o choque dessa revelação me abateu. Se um raio tivesse despencado do céu e rachado meu crânio ao meio, não teria me deixado mais atordoada. Não fazia sentido algum para mim. Era como estar presa dentro de um pesadelo confuso e assustador.

— Paula é a minha irmã?

Três pares de olhos surpresos focaram a mim quando invadi o celeiro. Não havia confusão em seus rostos e nem qualquer tentativa de esclarecer um engano. Mas havia muita culpa e vergonha entre eles.

— Iríamos te contar, Julianne — Austin se aproximou de mim, tão cauteloso ao falar como era ao treinar seus cavalos ariscos.

Mas eu não era uma de suas éguas, muito menos a garotinha boba que eles facilmente curvavam com uma conversa mole.

— Só que não contaram!

— Amamos você, Julianne, mas também aprendemos a amar a Paula — troquei meu olhar acusador de Austin para Dallas quando ele começou a falar — Ela é nossa irmã e sentimos necessidade de protegê-la também. E dar o tempo que ela precisava.

Eles falavam à minha volta. Em como sentiam muito, que deveriam ter revelado aquilo antes que eu descobrisse por acaso e mais uma dúzia de desculpas que eu era incapaz de registrar naquele momento. Dentro de mim havia um mar de confusão, revolta e mágoa.

— Sei que está magoada conosco... — Clyde se materializou na minha frente, tentando segurar minha mão, mas eu recuei.

— Magoada nem chega perto do que eu sinto — fechei a mão em meu peito, na tentativa de que a dor crescendo dentro de mim não dominasse o resto do meu corpo — Eu me sinto... eu me sinto... traída.

Não havia palavra melhor que definisse o sentimento dentro de mim, além de traição.

— Há quanto tempo sabem?

Eles se entreolharam, mas nenhum deles teve coragem suficiente para me encarar.

— Quando Michelle nasceu...

— Há tanto tempo assim? — cortei Dallas, completamente indignada por ter sido mantida no

escuro por tantos meses — Todos vocês. Aposto que a cidade toda sabia disso, menos a imbecil aqui. A idiota da irmã de vocês, incapaz de entender algo como isso. A idiota desmiolada que não tem nenhum tipo de maturidade.

— Quisemos contar, mas você detestava a Paula, e ela...

— Eu queria conquistar seu carinho primeiro.

Olhei para a entrada. Além de Paula parada, estavam meu pai e Charlotte, com seus olhares pesarosos.

Paula tinha a idade de Clyde, isso significava que meu pai tinha uma vida dupla com Charlotte enquanto ainda era casado com nossa mãe. Como meus irmãos puderam aceitar isso?

— Vocês tinham um caso enquanto a minha mãe ainda era viva? — acusei, magoadas.

Não tinha nenhuma lembrança da minha mãe, que não viesse de fotos e histórias contadas por papai. Eu tinha, em minha cabeça, a imagem de uma mulher doce e corajosa, que morreu para me dar à luz, e meu pai a tinha traído da maneira mais vil.

Isso explicava perfeitamente o receio deles em me contar a verdade. O porquê de tantos segredos e sussurros que desapareciam sempre que eu me aproximava. Todos eles eram uma grande farsa.

— Não foi assim, minha filha — defendeu-se ele.

Filha? Desejava que ele parasse de me tratar assim. Dolorosamente, eu não conseguia mais reconhecê-lo como pai. Não o pai que eu cresci admirando.

— Charlotte e eu fomos namorados na adolescência...

— Já conheço essa história.

Segundo Charlotte, que foi quem mais me revelou sobre a história, os dois brigavam como cão e gato. Em uma dessas brigas, eles terminaram. Ela foi passar férias escolares na Europa e meu pai arrumou outra namorada, surpreendendo-a ao voltar. Entre encontros e desencontros, minha mãe acabou ficando grávida de Dallas, minando qualquer possibilidade dos dois em se reconciliarem. Charlotte seguiu para a faculdade e meu pai se mudou para o Texas com minha mãe e seu filho a nascer. Foi aí que eu achei que a história dos dois terminara.

— Amei a sua mãe à minha maneira, minha filha.

Quando ele tentou se aproximar, eu me afastei. Eu me sentia perdida. Era como se não conseguisse reconhecer nenhuma daquelas pessoas.

— Linda forma de amar — encarei-o, decepção e muita mágoa expressa em meus olhos — Traindo e tendo uma filha com outra mulher.

Não entrava pela minha cabeça uma pessoa dizer amar e ser capaz de trair. Mentiram para minha mãe. Assim como mentiram para mim. Talvez tenha sido isso que a tenha matado e não eu, como secretamente cresci acreditando.

— Tudo bem — engoli a grande bola de dor entalada em minha garganta e continuei a me afastar deles — Isso já não importa mais.

Ouvi Paula começar a chorar baixinho, sendo rapidamente consolada pela mãe, que me encarava com um olhar infeliz.

— Há mais alguma coisa que eu precise saber... — minha voz falhou e, por mais que eu quisesse controlar a dor em meu coração, ela parecia crescer sempre que eu respirava — Mais alguma mentira ou segredo sujo?

A última declaração havia atingido diretamente a Paula. Apesar de essa não ter sido minha intenção, a força de minhas palavras caiu diretamente sobre ela. Culpa que rapidamente ignorei, afinal, ela também tinha sido cúmplice daquela mentira, todos eles seguiam o desejo dela. Apenas ela importou de fato.

— Filha, eu queria conversar e explicar...

Não havia nada que nenhum deles pudesse explicar a mim. Não agora. Perderam a oportunidade. Eu nunca tinha me considerado uma menininha romântica, mas eles haviam destruído o pouco do que acreditava ou conhecia sobre o amor.

Cumplicidade, amizade, respeito... Não existiam. Se meu pai tinha enganado minha mãe, não tardaria em enganar Charlotte também. Então, toda superproteção e amor que papai, Dallas, Austin e Clyde diziam sentir por mim, era receio de que os outros homens agissem exatamente como eles.

— Não há nada que precise ser explicado, papai — sorri, um sorriso tão falso como cada um deles — Compreendi tudo completamente. Vocês são uns mentirosos, e a única verdade aqui é que Paula é minha irmã. Eu posso lidar com isso.

Não iria demonstrar mais o quanto estava ferida e magoada. Não agiria como certamente esperavam — que fugisse correndo para o meu quarto para chorar ou fazer birra.

— Agora, voltemos à festa. Os convidados devem se perguntar onde estamos.

Austin tentou tocar minha mão ao passar por ele. Dallas e Clyde me encaravam com olhar suplicante. Não sei quais sentimentos dominavam Paula e Charlotte, não tinha estrutura para encarar nenhuma das duas. Mas quando me deparei com o olhar derrotado de meu pai, a força que achei que existia dentro de mim começou a desmoronar.

A fogueira alta, as crianças correndo em volta dela, os adultos arriscando seus passos de danças no palco improvisado — vi tudo como um enorme borrão quando me afastei dali. Aquela alegria já não me alcançava mais.

— Jilly?

James me alcançou, segurando meu braço, assim que cheguei à picape.

— Julienne, você está bem?

— Você sabia, James?

Uni minhas mãos e pedi desesperadamente que ele estivesse tão no escuro como eu estivera. Que alguém em minha vida tivesse sido honesto comigo.

— Sabia que a Paula era minha irmã?

Mentirosos não olham em nossos olhos. Os olhos de James claramente não encontraram os meus.

— Sua família — ele respirou fundo — Eles só queriam que estivesse pronta...

— Não tem importância — grunhi, abrindo a porta com força, batendo a lateral contra sua coxa.

Minhas mãos tremiam sobre o volante, e em uma situação normal eu teria cogitado o quão perigoso seria sair dirigindo nesse estado emocional, mas eu precisava fugir. Ir para longe de tudo que me trouxesse recordações dolorosas e longe o suficiente de todas as pessoas que enfiaram uma estaca afiada em meu coração.

Capítulo 14



Nova York, 2013

UM DOS PRINCIPAIS MOTIVOS DE TER ME TORNADO MÉDICO foi a possibilidade de dar esperança às pessoas, mas nem sempre isso acontecia. Por mais que eu desejasse ou me empenhasse em todas as cirurgias, nem tudo estava em minha capacidade de manusear o bisturi.

E por mais que eu tente levar meu trabalho com alegria e positividade diariamente, quando a vida decide ser dura e levar vantagem ao meu empenho para que meus pacientes fiquem bem, às vezes era muito difícil lidar com resultados negativos e dolorosos.

Como dizer a uma garotinha, de apenas oito anos, que ela não voltará a enxergar, sem que isso te destruía por dentro?

Meu pai dizia que, como médico, meu único dever era dar o melhor de mim, mas que a rotina pesada e frustrações que a profissão acarretava fariam naturalmente que eu ficasse mais duro. Ainda aguardo esse momento de ruptura. Que eu deixe de me envolver intensamente com cada pessoa que trato. Francamente, acredito que esse dia nunca jamais irá acontecer.

Sempre que perco uma batalha ao lado de uma garotinha, por exemplo, mais empenhado fico em me aprimorar, buscar meios e colaborar para que a medicina avance. Tive que ser sincero e dizer à mãe daquela garotinha que sua cegueira era permanente, por agora. A medicina vivia avançando. É essa crença que me faz me afastar desse lado nebuloso do meu dia a dia.

Às vezes o destino podia ser como uma bruxa má.

Malditos pedófilos deveriam perder o dom da visão, estupradores deveriam ser confinados a uma cama ou cadeira de rodas. Coisas ruins assim não deveriam acontecer a pessoas boas.

Droga!

Eu precisava desabafar com alguém que já não encarasse histórias como essa como rotineiras. Para quem ouvir que uma menina ficando cega era uma grande merda como parecia. Não é que meus colegas de hospital fossem totalmente insensíveis ou frios. Mas eles haviam chegado àquele ponto

que meu pai sabiamente havia citado.

Aceitação às injustiças da vida. Eu sabia que todas as coisas havia um motivo, mas não queria dizer que aceitava cordialmente. E foi essa impulsividade que me levou até a loja de brinquedos.

Ajeitei a caixa de boneca em um braço e usei o cotovelo do outro para fechar a porta do táxi, já que minha outra mão estava ocupada com minha maleta. Paguei o motorista, que havia feito a quase meia hora de viagem ali mais agradável, ao contar histórias engraçadas sobre o trânsito caótico de Nova York.

Se me perguntassem o que estou fazendo, parado em frente ao prédio de tijolos vermelhos, talvez eu não tivesse uma resposta lógica. Esse é um daqueles momentos que você deixa as emoções falarem mais alto que qualquer pensamento racional.

Na minha profissão, já vi de tudo, desde tragédias muito ruins até milagres difíceis de explicar. E algumas coisas eu simplesmente deixei de tentar entender. A vida é como é. Cheia de perdas, tristezas, derrotas, mas também de algumas conquistas e algumas vitórias. Cabe a cada um de nós tentar transformar o nosso mundo e o mundo das pessoas em volta um lugar melhor e mais fácil de suportar.

Talvez seja essa a resposta para o fato de estar parado em frente ao prédio humilde, mas de aspecto acolhedor, com essa boneca em minhas mãos. Estou fazendo o meu melhor para o mundo. Mas a sensação que tenho é de que faço o melhor para mim mesmo. Pego o receituário onde havia anotado o endereço que Leonora havia contrabandeado (palavras dela), e verifico o número do apartamento.

— Sim?

— Eu gostaria de falar com a senhora Gomes — respondi a mulher ao interfone — É o doutor Crighton.

— Liam? — o assombro ficou visível em seu tom de voz — O doutor Liam Crighton?

Quando ia responder, ouvi o clique do portão sendo aberto.

— É o apartamento nove, no segundo andar, Dr. Crighton.

Havia um grupo de cinco meninos brincando com alguma espécie de card no térreo e que, evidentemente, não ficou nada feliz em me ver passar e interromper seu jogo por meros segundos. Eu sempre me divirto com a espontaneidade e sinceridade das crianças.

Não preciso procurar o apartamento, pois avisto a senhora Gomes esperando por mim assim que subo o último degrau da escada.

— As coisas pioraram, não é?

A expressão angustiada me fez questionar se não deveria ter ligado primeiro, como Leonora sugeriu, ao invés de aparecer subitamente em sua casa.

— Sra. Gomes...

— Pode me chamar de Eva... — interrompeu, abrindo mais a porta — Entre, doutor. Acho melhor conversarmos lá dentro.

— Então, pode me chamar de Liam — sugeri ao entrar.

Como todo o prédio, o interior do apartamento era modesto, as paredes em um tom claro de bege e as mobílias tinham aparência desgastada, não com aspecto de envelhecido e descuidado, mas de um modo que parecia contar grandes momentos vividos ali. Do giz de cera nas paredes a algumas costuras remendadas no sofá.

— Sente-se, por favor.

Acomodei-me na poltrona e nas almofadas que Eva ajeitou para mim e coloquei a caixa embrulhada com papel de presente sobre meu colo.

— Sra... Eva — corrigi — Primeiramente, quero dizer que minha presença não tem nada a ver com uma visita médica.

Alívio, seguido de surpresa, transpassaram o rosto dela, sendo que a última permaneceu por mais tempo.

— Eu sei que não é muito comum ou se Melanie recebia visitas de seus médicos...

— Realmente é algo inusitado de acontecer — disse ela, com um sorriso — O mais perto disso que tivemos são as visitas de uma amiga enfermeira, que mora no apartamento ao lado.

Passei do médico bem-intencionado para um cara completamente desconcertado com a situação inusitada.

— Eu gostaria de ter boas notícias, Eva — resolvo não prolongar mais e ir direto ao assunto — O quadro clínico da sua filha continua exatamente igual ao que relatei em nossa última consulta.

— Ela nunca irá voltar a enxergar — detecto o sofrimento em sua voz.

— Nunca é uma palavra dura demais, prefiro talvez e sempre — sorri — Sempre há esperança. Dessas eu gosto mais.

Não há nada mais contagiante do que um sorriso. Mesmo que às vezes a tristeza pareça dura demais para suportar. Eu tive certeza que meu sorriso chegou ao coração dela, iluminando seu rosto com outro sorriso em resposta.

— Se não é o problema da Melanie, o que o traz aqui hoje?

— Sua filha é muito corajosa. Apesar de tudo que aconteceu... — pigarrei levemente, para dar mais firmeza à minha voz — É uma garota encantadora. Para ser sincero, fiquei impressionado com a bravura dela em enfrentar tudo tão bem.

— Ela sempre foi mais forte que eu — havia orgulho, mas também pesar no que disse — Sim, entre nós duas, ela é a mais forte.

— Eu tenho duas sobrinhas pequenas — duas pestinhas, para ser mais sincero, mas as amava profundamente — Claramente que a história de Melanie me tocou, como todos nós do hospital.

A garota tinha presenciado uma violência doméstica, onde a maior vítima tinha sido ela. Para proteger a mãe da agressividade do padrasto, Melanie tinha recebido diretamente nos olhos o ácido que o miserável havia tentado jogar no rosto da mãe dela, com a intenção de desfigurá-la.

— Mas não somente por esse motivo. Há uma luz nela. Eu gostaria de acompanhar a avaliação psicológica de perto e estudar meticulosamente o seu caso, ano a ano. Quem sabe um dia...

O restante de minhas palavras ficou solto no ar, pesado.

— Eu trouxe essa boneca — estendo o pacote a ela, meio sem jeito. Na verdade, desconcertado seria a melhor palavra que me definiria agora — Não sei se foi a escolha certa.

Eva abraçou o pacote como deveria abraçar a própria filha. Pelo menos, com ela, a resposta ao presente foi positiva.

— Melanie vai adorar. Ela ama bonecas. Agora mais do que nunca.

Entendo o que ela quer dizer. As pessoas, quando passam por situações traumáticas, tendem a se isolar. Provavelmente, as bonecas tinham passado a ser as melhores amigas da menina.

— Ela está no quarto — Eva levantou e indicou o corredor que levava aos aposentos — Melanie irá adorar sua visita.

Sentada em um tapete felpudo, cercada de dezenas de bonecas no chão, estava a garotinha de tranças. Como qualquer garotinha da idade dela, estava envolvida em seu mundo de fantasia.

— Então, o príncipe decidiu que usaria uma venda — Melanie balançava as bonecas como se uma falasse com a outra — Porque ele a amava com os olhos do coração.

Era impossível não notar as marcas profundas no rosto da menina, mais proeminentes em torno dos olhos. Algumas cirurgias plásticas teriam que ser realizadas, para suavizar o dano causado a ela. Mas eu não conseguia ver apenas isso. Assim como o príncipe que ela narrava em sua fábula inocente, via a pequena com os olhos do meu coração.

— Melanie? — Eva a chamou, quase em um tom musical — Sabe quem veio ver você?

Rapidamente, ela soltou as bonecas e escondeu os olhos com as mãos.

— Alguém da escola?

Por algum motivo, não me pareceu feliz com essa possibilidade. As gêmeas às vezes brigavam, e elas sabiam ser cruéis uma com a outra. Eva explicou, com o olhar, aquilo que desconfiei — suas amiguinhas da escola não tinham sido tão amorosas com ela.

— O doutor Liam — respondeu Eva — Lembra dele? Te trouxe um presente lindo.

O primeiro interesse da menina foi o pacote que coloquei em frente a ela. Observei pacientemente enquanto ela rasgava a embalagem e sua mãe a ajudava a tirar o brinquedo de dentro da caixa.

— É uma boneca? — O sorriso tímido e encantado fez com que eu me sentisse um super-herói.

O Sr. Sorriso.

— É sim, meu amor — Eva bateu no tapete para que me unisse a elas no chão — É uma linda boneca. Tem os cabelos iguaizinhos aos seus.

Foi o suficiente para o sorriso de Melanie se alargar e eu ter a coragem de me aproximar delas.

— Agradeça ao Liam pelo presente — ela beijou os cabelos da filha antes de se levantar — Vou preparar alguns biscoitos e chocolate quente.

Sentei em frente a Melanie e esperei que fosse ela a dar o primeiro passo. Eu precisava que ela confiasse em mim. E dado o seu histórico com o sexo masculino, não seria algo tão fácil assim.

— Eu gostei da boneca, doutor — se eu não estivesse tão perto, certamente não entenderia o sussurro.

— Fico muito feliz, Melanie — essas palavras pouco traduziam o que realmente sentia, ao ver a menina apertar a boneca junto ao peito — Mas pode me chamar de Liam.

Durou longos minutos, até que ela decidisse se eu era digno do privilégio de nos tornarmos mais próximo. Talvez tenha sido o fato de que fui um dos médicos a cuidar dela no hospital, porque estive presente ao darmos a notícia sobre sua cegueira ou apenas que sua intuição dizia que poderia confiar em mim. Mas fiz a promessa a mim mesmo que seria o melhor amigo que ela precisava ter.

— Tá bom — ela sorriu, procurando uma posição mais confortável no tapete — Pode me dizer como ela é?

— Deixe-me ver — fechei os meus olhos — É mais ou menos do tamanho do seu braço.

Não olhei para a boneca, nem a falaria do jeito que realmente via. Eu a descreveria com os mesmos olhos de Melanie. Com meu coração.

— Tem os cabelos bonitos. Você pode sentir? São parecidos com os seus.

— Mamãe disse que é da mesma cor dos meus — eu podia imaginá-la tocando os fios encaracolados — Qual é a cor do vestido dela?

— Qual a cor que você acha que tem?

Cruzei um calcanhar no outro em uma postura mais relaxada.

— Acho que é rosa... — ouvi o tecido sendo manipulado, e apesar da curiosidade para ver o que fazia, mantive meus olhos no escuro — E tem muitos babados. É um vestido lindo.

— É um vestido lindo — confirmei. Se era rosa, coberto de babados que ela imaginava, seria assim para nós dois.

— Você contava uma história para suas amiguinhas — tateei o chão em busca de uma das bonecas — Se importa de contar para mim? Sabe, tenho duas sobrinhas gêmeas, elas adoram histórias bonitas.

Havia um longo caminho para percorrer, mas a primeira barreira entre nós dois estava sendo derrubada.

Por que me importava tanto com essa garotinha?

Eu não sei.

Mas eu me importava, muito.

Quase duas horas depois, muitas risadas e biscoitos com chocolate quente, despeço-me de Melanie com a promessa que voltaria logo.

— Você é muito habilidoso com crianças — Eva me acompanhou até a porta — Notei isso já no hospital.

— Como eu disse, tenho duas sobrinhas pequenas...

— Não é isso — Eva tocou meu ombro e abriu a porta — Você tem jeito com elas e elas sentem isso. Desde que saímos do hospital, é a primeira pessoa que Melanie permite chegar tão perto, além de mim. Doutor, não sei se apenas tem pena de nós, mas agradeço pelo que fez hoje.

Não sou bom em lidar com nós na garganta. Ainda não sei o que me trouxe até aqui, mas definitivamente não tinha sido dó.

— Eva, não tem nada a ver com dó... — sou o mais sincero que conseguiria ser — Nem caridade. Hoje fez mais bem a mim do que a vocês duas, acredite.

E, no fundo da minha alma, sabia que era verdade.

— Volto na próxima semana, se não houver problema para você.

— Melanie e eu ficaremos muito agradecidas — ela sorriu — O senhor tem filhos?

— Ainda não.

Ao chegar ao corredor, Eva me chamou.

— Será um pai incrível, doutor.

— Espero que sim, um dia.

A profecia de Eva me acompanhou durante todo o caminho de volta.

Será um bom pai um dia.

Estranho... Desde que Cecilia e o bebê que carregava no ventre morreram, que não me vi mais nessa posição. Pensei em me casar e constituir família com Nicole, mas nunca pensei especificamente no tipo de pai que eu seria.

Agora, a pergunta insistente: que tipo de mãe Nicole seria? Se é que estaria aberta a essa possibilidade.

Eu estou?

— Chegamos, senhor.

— Obrigado — entreguei a nota ao taxista e peguei a maleta no banco — Fique com o troco.

Capítulo 15



A MÚSICA TOCANDO NO BAR E INVADINDO MEUS OUVIDOS é *Whiskey Drinking Song*, *Jackson Taylor and the Sinners*, ela faz com que cada célula em meu corpo vibre enquanto agito meus braços e pernas sem cessar, no ritmo da batida.

Com minhas botas de *cowgirl* texana, de cano longo e franjas sacudindo, me sinto a própria rainha do concurso anual de cerveja, desfilando charme e sensualidade por onde passo. Praticamente todos os olhares masculinos estão voltados para mim, em meu minúsculo short jeans desfiado e blusa xadrez amarrada na cintura.

Algumas gotículas de suor descem por minhas costas, pelo vão entre meus seios e barriga. Eu dou o melhor de mim em cima do balcão do bar.

Não sou uma exibicionista, como algumas pessoas estão pensando ao me olhar torto. Também não as recrimino por terem um julgamento tão precipitado sobre mim. E apesar de notar que boa parte das mulheres presentes, sem dúvida alguma, desejam arrancar os meus olhos e cada fio de cabelo que tenho, realmente não posso condená-las. Tenho cada um desses homens me devorando.

O problema é que não sou uma reencarnação de Afrodite, ávida por sexo e amor. Se em mim habitasse essa ninfomaníaca, eu com certeza não seria a única virgem aos vinte e um anos presente nesse bar country, quem sabe em todo o estado do Texas, talvez do país.

Entretanto, há aqui algo que pretendo mudar essa noite.

É vergonhoso, eu sei. Mas tenho explicações plausíveis e quatro motivos mais do que suficientes para me manter imaculada. Quatro motivos altos, fortes e absurdamente irritantes, que desejam me manter em uma redoma de cristal e tão pura quanto a neve, até que o homem dos sonhos “deles”, isso mesmo, o homem dos sonhos deles, apareça. Nem eu, a parte mais interessada em resolver esse pequeno “detalhe”, crio tanta expectativa sobre a minha virgindade quanto eles.

Por isso, nesse bar cheio de homens lindos, sexy e tão suados quanto eu, rodeada dos cowboys mais incríveis que o mundo já viu, eu vou resolver esse problema.

Só existe nesse momento um impedimento: apesar de estarem loucos por encerrarem a sua noite de um jeito muito, muito quente comigo, eles temem o que poderá acontecer se os meus carcereiros descobrirem.

Covardes!

Assim, encorajada pela música e todo incentivo alcoólico que ingeri, me entrego à coreografia sensual. Com movimentos de mãos e pernas, exploro meu corpo, requebrando de forma exagerada até a mesa do balcão. Isso sem espantosamente jamais derramar uma gota sequer da minha garrafa de Bud Light, tendo ainda uma dezena de cowboys atrevidos enterrando alguns dólares em minhas botas.

Com toda certeza, não haveria um jeito melhor de comemorar os meus vinte e um anos do que no bar mais agitado da cidade, o Texas Hell. Bar no qual jamais tive autorização ao menos de passar pela porta.

Então, esse é o melhor dia da minha vida! O dia que passei da garotinha superprotegida do papai e três irmãos malucos, para uma mulher decidida e independente. Prestes a finalmente perder a...

Ok. Espera!

Vamos começar de novo. Esse seria o dia mais espetacular da minha vida, se... O dia em que eu me tornaria uma mulher independente, decidida e experiente se...

Se eu não tivesse um pai que fizesse marcação cerrada sobre mim e três irmãos ciumentos, capazes de enfurecer até mesmo o mais pacífico dos monges budistas. Sim! A meta de vida dos quatros é me enlouquecer.

Primeiro o meu pai, Raul, ou somente o ex-xerife Walker, cargo que ele conduziu por mais de trinta anos, com mãos de ferro. Obviamente que nenhum rapaz, em sã consciência, cogitaria ter um olhar malicioso para cima da princesinha do homem da lei. A pena para isso seria, sem dúvida, algo como morte por cadeira elétrica.

Além do meu pai, há Dallas, o mais velho, também um homem da lei e que atualmente ocupa o mesmo posto de xerife que já foi do nosso pai. Ele aprendeu com o melhor a ser pulso firme e rabugento. A frustração de sua vida é não conseguir me colocar um cabresto.

Clyde, o do meio, passa a maior parte do seu tempo na fazenda. Ele ama nosso pedaço de terra, mas isso não quer dizer que me deixa em paz. Ele é o mais aficionado em me vigiar. O mais reservado e calado dos meus irmãos, às vezes até gagueja quando fala ou fica nervoso. Bem, exceto com as mulheres, ele as atraía como abelha no mel, e seu tique nervoso parece não se aplicar sobre elas. No entanto, Clyde prefere o trabalho braçal do que o contato direto com as outras pessoas. Porém, o jeitão encabulado dá lugar ao homem bronco das cavernas, quando o assunto sou eu e um suposto namorado.

Austin, o mais novo dos rapazes e que deveria ser meu cúmplice, devido à nossa idade mais

próxima, é tão ciumento e possessivo comigo quanto o meu pai e meus irmãos. E já havia deixado claro, para todos os seus amigos, que eu estava fora de jogada.

A minha sorte é que os seus cavalos são mais ou tão importantes para ele quanto eu. Isso contribuiu para algumas escapadas pela fazenda com um dos seus amigos mais corajosos. Mas nenhum deles foi mais longe do que beijos escondidos pelas pastagens ou no celeiro.

E é todo esse drama que resume a minha vida: uma virgem obstinada a mudar tudo isso. Principalmente depois que descobri como meu pai e meus irmãos eram hipócritas. Então, deixo nas páginas dos romances que li todas as baboseiras em relação ao amor. Eu quero mesmo é fogos de artifício. Não existe o cara certo, existe o momento certo. Eu decidi que seria hoje.

E já tinha escolhido o sortudo, o cowboy que fará uso do seu chicote e me mostrará quantas estrelas há no céu.

No auge da música, deito no balcão e passo a garrafa pela minha perna. Estremeço levemente com o contato gelado do vidro suado sobre minha pele quente. Sinto alguém agarrar meu tornozelo e me puxar, deslizando meu corpo sobre a extensão da madeira lisa.

Um par de olhos castanhos e um sorriso ronceiro estão focados em mim. Billy Jay não é um homem exatamente bonito, mas tem traços marcantes, peito largo e braços fortes. As mãos eram grandes e ásperas, como todo fazendeiro deveria ter.

E mais rápido que o estalo do seu chicote, tenho minhas pernas enroscadas em sua cintura. Elas me prendem ainda mais rente ao seu corpo. Nossos rostos ficam a apenas alguns milímetros um do outro. Seus olhos me dizem que eu havia encontrado o que tinha vindo buscar aqui.

Billy Jay era perfeito para o que eu quero. Está de passagem pela cidade e irá embora no dia seguinte. Então, mesmo que porventura alguma das fofoqueiras de plantão dessem com a língua nos dentes, ele já estaria longe demais para que qualquer um deles pudessem revidar.

— Sabe o que vou fazer, potranca?

Pelo amor de Deus, tudo bem que ele seja um vaqueiro, mas quem ainda chama uma mulher de potranca? Bom, Billy Jay o fazia.

— Cala a boca e me beija logo — ele era um tipão, mas de boca calada.

Fecho os olhos, pronta para receber sua boca na minha. Medo e expectativa correm com a mesma adrenalina em minhas veias. Sabia onde aquilo iria nos levar.

— Julienne!

Ouçó a voz ao longe, alguém chamando por mim. Provavelmente algum rapaz arrependido por ter sido tão tolo de não ter tido coragem de se aproximar anteriormente.

Afinal, onde estaria o brio desses homens?

Tarde demais, meus queridos, essa potranca já tinha sido laçada.

— Julienne, desce já daí!

Oh, oh. Conheço essa voz. Conheço o tom zangado que alerta que estou metida em uma tremenda encrenca. Com a mesma velocidade que eu fui parar nos braços do cowboy quase desconhecido, ele foi arremessado para o outro lado do bar.

A música havia parado. Até mesmo os murmúrios de surpresa, que seriam típicos em momentos como esse, parecem suspensos.

Para quem queria um cowboy, eu tenho três.

Dallas, Austin e Clyde.

Os três com as mãos na cintura, lançando farpas em minha direção. Não cheguei a contar até três, vejo-me sobre os ombros de Dallas, sendo carregada como um saco de batatas até a saída do bar.

Ah, que ótimo. Tenho vinte e um anos. Três trogloditas no meu pé.

E, sim, continuo tão virgem como nasci.

Acordei com o dia clareando, muita sede e um enorme indício de dor de cabeça. Então, aquilo era estar de ressaca. Era o preço que se pagava em ter, por algumas horas, seus problemas amortecidos. Porque não tive a sorte de esquecê-los.

Cada minuto da noite anterior está tão fresco em minha cabeça, que as imagens aparecem como flashes, me torturando. Eu deveria estar me sentindo melhor, mas não é o caso. Meu estômago embrulha cada vez que penso no acontecido. E não é uma reação à quantidade de bebida que eu tomei. É o gosto amargo de se sentir traída.

Viro e reviro, inquieta. Logo o amanhecer alaranjado, que em outra hora eu teria parado para admirar, daria lugar ao céu azul. Teria que me levantar em algum momento e encarar minha família. Minha conversa com meu pai ainda não havia acabado. Só que eu não queria o encarar. Não queria ouvir mais mentiras. Não queria engolir suas desculpas e voltar a fazer parte desse quadro completamente falso de família feliz.

Saltei da cama. Apoiei minha mão sobre o abajur quando senti a pontada forte em minha cabeça e quase derrubei nós dois ao chão. Soltei um palavrão que usualmente Dallas utilizava quando estava contrariado e que certamente o deixaria horrorizado comigo, se estivesse em meu quarto para ouvir.

Determinada a ser mais silenciosa, andei pelo quarto, praticamente pisando em cascas de ovos. Peguei minha mochila e joguei algumas peças de roupa dentro dela, sem ao menos olhar o que exatamente tinha selecionado. Troquei o short da noite anterior por calças jeans e as botas pelo único par de tênis que eu tinha.

Após lavar o rosto, escovar os dentes e cabelo com pressa, saí do meu quarto nas pontas dos pés.

Em um dia normal, provavelmente metade da casa já estaria desperta. Mas a festa e a turbulência que se seguiu depois deve ter deixado todos tão cansados como eu me sentia.

Andei velozmente pelo corredor. Senti a náusea quase me paralisar quando passei pelo quarto de Dallas e notei a faixa de luz saindo de sua porta. Parei em busca de movimentos e algum sinal que indicasse que ele já estaria de pé. O silêncio vindo do quarto era semelhante ao do restante da casa. Provavelmente tenha tentado se distrair com algum livro e dormira de luz acesa.

Disposta a não perder mais tempo, disparei escada abaixo. Segui para a cozinha. Para o que eu pretendia fazer, precisava de dinheiro e sabia exatamente onde encontrar. Ao invés de biscoitos com gotas de chocolate, que Clyde tanto ama, havia um saquinho com várias notas para as compras do mês. Não tive nenhum receio em pegar tudo o que tinha, inclusive as moedas, e enfiar no bolso lateral da minha mochila.

Gemi ao verificar o celular e conferir que havia apenas 20% de bateria. Eu não subiria até o meu quarto em busca do carregador, arriscando-me a ser pega, de jeito nenhum.

Peguei duas maçãs na geladeira e uma garrafa de água. A claridade bateu em meus olhos, e me arrependi de não ter pensado nos óculos escuros.

O sol despontava rapidamente no céu, e comecei a andar o mais rápido que conseguia. Cruzei os portões da fazenda e olhei para a minha casa. Senti um aperto no peito e uma enorme vontade de retornar. De ser capaz de esquecer tudo o que havia acontecido.

Eu não conseguia.

Quase duas horas depois, sendo que pelo menos uma delas eu andava sob o sol ardente, comecei a me questionar se havia sido uma boa ideia deixar a picape para trás e seguir o caminho a pé. Mas eu tive medo que o barulho do motor da velha picape acabasse por me denunciar.

Minha esperança era que, a qualquer momento, algum fazendeiro ou peão que estivesse indo para cidade me oferecesse carona, mas, até o momento, nenhuma viva alma tinha passado por mim. Essa era uma das desvantagens de se morar em uma fazenda afastada em uma cidade pequena como Peachwood; não dava para se chamar um táxi.

Cansada e sedenta, estava bem próximo de desistir, quando avistei a sombra formada por algumas árvores, ao fazer a curva na estrada de terra. Peguei a maçã restante e joguei a mochila no chão, debaixo de uma árvore. Estava quase no fim da fruta quando ouvi sons de rodas. Não de carro, mas de carroça e um trotar de cavalos. Apressei-me em recolher minhas coisas e ir para a estrada.

— Ei, Bob? — acenei para o senhor nos cavalos.

Era um dos funcionários do rancho de Ted. Mais do que aliviada por uma possibilidade de carona, estava feliz de vir de um conhecido e alguém que eu respeitava.

— Uou! — Ele estalou a língua e puxou os arreios, ordenando que os cavalos parassem — Está perdida, menina? Fugiu de casa?

Bob encarava minha mochila. Não era a primeira vez que fugia de casa e era flagrada por ele. Fiz isso uma vez aos quatro anos e outra aos sete. As duas vezes, ele foi bondoso e me explicou os perigos que uma garotinha fujona encontraria na estrada.

— Marquei com o James de fazermos trilha hoje — disse a ele e agradeci pela primeira vez pelo calor que fazia. Com certeza minhas bochechas não poderiam ficar mais coradas pela mentira, eu tinha que aprender ou praticar mais sobre isso — Aquele jumento furou. Deve ter saído da minha festa e ido direto atrás de um rabo de saia. Mas eu juro que arranco ele daquela cama.

Eu sei que Bob esteve na minha festa. Mas ele é um homem das antigas, dorme cedo e acorda com as galinhas. Certamente não presenciou a confusão criada com minha família. Pelo menos, eu torcia para que ele ainda não soubesse.

— Você me daria uma carona, Bob?

— Você é durona, hein? — ele sorriu, mostrando as falhas nos dentes — Eu sempre soube que vocês dois juntos daria casório um dia. Coitado do garoto, nem sabe o furacão que o espera. Uma jovem ciumenta é o perigo.

Eu não tentei corrigir o que ele disse. Metade da cidade deveria achar que James e eu ficaríamos juntos um dia.

— Não *tô* indo para a cidade não — disse ele, coçando a barba — Seu Ted mandou entregar as doações da semana, no convento.

Do convento para a cidade, seria pelo menos mais uns dez minutos de carro. Por outro lado, era cruzamento com a saída de Peachwood, que era exatamente para lá que eu me dirigia.

— Mas se você puder esperar um pouco mais, assim que descarregar as coisas levo você.

— Está perfeito para mim.

Circulei a carroça, esperei que Bob jogasse algumas bugigangas na carroceria e me ajudasse a subir. A maior parte do caminho foi feita ao som das risadas, por causa das narrativas dos causos da juventude de Bob. Tentei ser o mais atenta possível, mas frequentemente me via olhando sobre os ombros, à espera de que meus irmãos viessem atrás de mim.

— Não devo demorar quase nada — Bob disse, após pegar vários sacos e potes que ele havia descarregado no chão, em frente ao portão do convento.

Assenti com a cabeça e esperei que ele desaparecesse no interior, após ser recepcionado por uma noviça com um sorriso gentil. Mesmo estando relativamente longe, ela me pareceu muito jovem e bonita.

Clyde certamente teria feito algum gracejo, de que aquilo era um completo desperdício. Sorri e

logo desfiz o sorriso de meu rosto. Não tinha que ter lembranças amorosas de nenhum deles.

Pulei da carroça de Bob e segui para a estrada. Cruzei com a placa de boas-vindas da cidade e caminhei por cerca de quinze minutos. O fluxo de carros era mais constante do que a tranquilidade das ruas de terra que circulavam a fazenda. No entanto, eu oscilava entre pedir uma carona e os perigos que isso poderia acarretar a mim. Contudo, andar do Texas a Nova York não era apenas impossível; era suicídio.

Eu tinha que arriscar e acreditar que pessoas boas e gentis cruzariam meu caminho, ou ir até a cidade e pedir que James me levasse até o aeroporto. Preferia cruzar com o Jack Estripador do que falar com ele.

Senti um carro se aproximar quando o frio se formando em minha barriga me fazia mudar de ideia. Poderia pedir que James me levasse e ainda sentir ódio dele, contanto que eu chegasse à casa de Penelope com todos os membros do meu corpo no lugar.

— Precisando de ajuda, moça?

A Ranger 4x4, preta, parou a alguns centímetros perto de mim. Suas rodas gigantes esmagando os cascalhos, tanto quanto meu medo esmagava o pouco de coragem que havia em mim.

— Não lembra de mim? — ele abaixou mais o vidro, para que eu tivesse uma visão melhor sobre ele, e tirou os óculos — Billy Jay, princesa.

Reconheci o rosto dele e lembrei do nosso quase encontro no bar. Billy Jay não tinha cara de Jack Estripador, mas quem disse que o demônio precisa ser corcunda e banguela?

— Oi, Billy Jay — lancei um sorriso forçado e ajeitei a alça da minha mochila.

Meus olhos se alternavam entre a placa da cidade, os carros passando na estrada e seu olhar curioso.

— Está precisando de carona?

Se Dallas, Clyde e Austin não tivessem entrado no bar e bancado os três irmãos trogloditas, nesse momento eu estaria acordando na cama de Billy Jay, e não parada na estrada, receosa em relação a ele.

— Estou indo para o aeroporto.

Secretamente desejei que, assim como Bob, ele dissesse que seu caminho era para outro lugar.

— Eu vou um pouco mais além. Posso te dar uma carona.

Não respondi. Olhei para o meu tênis e observei que um dos laços estava desamarrando. Agachei e fiz a tarefa, mais lenta do que uma criança aprendendo a amarrar os sapatos. Eu pensava em todos os motivos que deveria recusar ou aceitar.

— Não vou te fazer mal — ele disse, em uma voz suave e calma — Conheci bem seus irmãos ontem. Não arriscaria que nenhum deles me caçasse sem piedade.

Nisso ele tinha razão. Meus irmãos poderiam ser uns hipócritas, mas matariam qualquer um que tentasse me ferir. O problema é que eu havia fugido de casa e eles não tinham a mínima ideia de onde eu estava. Além disso, quem me veria entrando no carro?

— Moça, você pode ficar aqui e se arriscar com alguém que realmente faça algum mal a você ou pode confiar em mim.

Eu havia confiado em minha família cegamente por toda a minha vida, e eles haviam me traído.

— Meu nome é Julianne, caso não se lembre — disse, ao abrir a porta.

Perfeito, pensei ao acomodar-me no banco ao lado dele. Eu havia dado meu nome ao meu provável assassino. A cada minuto da viagem, a cada sinal de trânsito que Billy Jay parava, sentia meu estômago se revirar e me perguntava se seria aquele momento o meu fim.

Por sorte, ou apenas para aumentar minha tortura, ele havia ligado o rádio e passou o caminho todo cantarolando as músicas.

Quando avistamos as primeiras placas indicando o aeroporto, senti vontade de chorar, e teria feito isso se não tivesse certeza que Billy Jay me consideraria maluca.

— Entregue — ele desligou o motor — E segura.

— Obrigada — mal consegui dizer, tamanho meu alívio e culpa por ter imaginado coisas tão terríveis em relação a ele — E desculpe se...

— Parecia assustada no carro de um maluco assassino?

Senti meu rosto queimar. E dentro do carro refrigerado, nem poderia atribuir meu rubor ao calor.

— Acho que sim.

— Garota, não faz isso de novo não — de repente, o olhar cheio de divertimento mudou para repreensivo — Eu sou um cara bacana, na maior parte do tempo, mas existem muitos homens ruins por aí.

— Prometo que tomarei mais cuidado. Obrigada mais uma vez.

Emma dizia que, nas horas que mais precisamos, anjos eram enviados do céu para nos socorrer. Billy Jay havia sido o mais próximo disso.

— Ei, Julianne?

Billy Jay havia descido do carro e me alcançado antes que cruzasse a porta do aeroporto.

— Caso um dia precise de um amigo — ele me entregou um cartão — Ou de ajuda.

Acenei e agradei com um enorme sorriso quando parti. Parecia que a sorte andava ao meu lado. Além de ter conseguido uma passagem que havia sido cancelada na última hora, consegui comprá-la pela metade do preço.

Dormi por quase todo o voo. Cheguei a Nova York exausta e faminta. Depois do vandalismo no apartamento de Charlotte, eu tinha recebido uma cópia da chave ao invés de procurá-la em seu

esconderijo habitual.

Sem celular, não tive como avisar a Penelope que estava chegando.

Apesar de sentir os sinais de meu estômago protestando, decidi tomar um banho relaxante, me sentia mais suja do que faminta. Ainda de robe, olhei para a cama convidativa. Me recuperar da viagem exaustiva era melhor do que enfrentar a cozinha, em busca de algo para comer.

Seria apenas um cochilo rápido, que virou longos minutos de um sono profundo. Acordei assustada, meu sono quase tranquilo sendo interrompido por dois policiais carrancudos, escancarando a porta do quarto.

Acho que a minha sorte havia terminado. Vesti a primeira roupa que encontrei na mochila. Adam e Penelope estavam na sala, possivelmente furiosos comigo e com toda a confusão que eu havia causado.

— Penny? Ainda está brava comigo?

— Não, mas precisamos esclarecer algumas coisas — disse, saindo de perto de Adam e colocando os braços em volta de mim — Não vou retê-lo mais, pode seguir para seu encontro.

O clima entre eles parecia carregado. Obviamente, eu tinha interrompido alguma coisa.

— Penelope...

— Obrigada por ter vindo — ela o dispensou.

Mesmo sob o olhar glacial que Penelope direcionava a Adam, ele teve coragem suficiente para se aproximar dela. Era como se eu fosse apenas mais um dos móveis na sala, sem importância. Eles estavam presos demais um no outro e na eletricidade que emitiam para prestar atenção em qualquer coisa que não fossem os dois.

— Tudo bem — ele deslizou suavemente a mão sobre o rosto dela e se afastou com um olhar pesaroso — Cuide-se.

Não tive coragem de contar a Penelope o real motivo de estar ali e levar mais aborrecimentos a ela. Adam significava problema o suficiente. Já eu, teria um fim de semana feliz com minha prima antes de voltar ao Texas para lamber minhas próprias feridas.

Capítulo 16



EU JÁ TINHA COLOCADO A VENDA SOBRE MEUS OLHOS uma dezena de vezes, em todas as minhas visitas que passaram a ser cada vez mais frequentes, mas sempre era uma experiência nova e única para mim. Em todas elas, minha admiração por pessoas guerreiras e corajosas, como a doce Melanie, crescia mais.

— Sinto cheiro de garotinha assustada — grunhi, fazendo a melhor voz de monstro que minha sobrinha Lauren me treinou a fazer.

Ouvi o risinho abafado em alguma parte da sala, mais precisamente próximo ao corredor.

Eu tinha feito um mapa mental do ambiente, tentando memorizar a localização de cada móvel distribuído na sala. Uma estante de madeira na parede esquerda, próximo ao corredor, que dava acesso aos quartos; na parede oposta, em frente à janela, ficava a mesa de jantar, e dividindo o ambiente, um sofá em L com uma mesinha redonda de vidro, repleta de revistas antigas, sobre o carpete verde.

Mas apesar de tudo estar claramente desenhado em minha cabeça, caminhar às escuras era muito diferente de fechar os olhos por alguns instantes.

— Eu sei onde você está, Melanie.

Dessa vez, ouvi a risada vindo do corredor. Obviamente, ela conhecia o apartamento melhor do que eu, e se fugisse para o quarto, seria impossível de achá-la, como da última vez que fiquei quase dez minutos vergonhosos perseguindo-a na sala vazia.

— Não, senhorita — projetei uma voz zangada, que nem a mim mesmo convencia — O limite é a sala, sua trapaceira.

— O que é isso?

A curiosidade era mais forte do que a necessidade de se manter escondida. Rapidamente fui em direção à voz da menina.

—Ai... — levei meu punho à boca, a segundos de um xingamento obsceno fugir de meus lábios.

Agachei o suficiente para descobrir o que tinha golpeado minha perna. Senti a superfície lisa do

vidro e algumas revistas empilhadas. Havia me esquecido da mesinha atrapalhando o meio do caminho.

— Liam? — era Eva, surgindo da cozinha, onde passara a última hora cuidando do jantar — Está tudo bem aqui?

— Eu estou bem. Está tudo bem — garanti, apenas meu orgulho saiu realmente ferido — Mudaram a mesa de lugar.

— Não mudamos, não — disse Melanie, sorrindo e distraída dos meus passos quase silenciosos em direção a ela.

Cheguei perto o suficiente para que meu pequeno ataque de cócegas fosse algo impossível de escapar. Suas risadas invocavam as minhas. Alegria era a única coisa contagiosa que todas as pessoas deveriam espalhar.

Fosse pretensão minha ou não, tinha certeza de que minhas visitas à menina a deixavam mais segura e corajosa. Enquanto Eva a enchia de amor, eu a incentivava que era capaz de tudo, como qualquer pessoa sem as barreiras que ela enfrentava.

— Tá legal, vocês dois — Eva ressurgiu da cozinha. — A mesa está pronta.

Tirei a venda e deixei que meus olhos voltassem a se acostumar à claridade. Era mais prático para a menina comermos na cozinha, então foi para lá que seguimos, sendo guiados pelo cheiro delicioso de comida.

— Ravióli ao Sugo — disse Eva, colocando a travessa sobre a mesa para quatro pessoas — É um dos pratos preferidos de Melanie e só faço em ocasiões muito especiais.

— E hoje é um dia especial? — me sentei e desdobrei o guardanapo sobre minha perna.

Durante os dias que passei a visitá-las, descobri muitas coisas importantes sobre elas. Melanie gosta de amarelo, Eva prefere vermelho; Melanie adora bonecas e seu desenho preferido é o da “Tinker Bell”; Eva gosta de cozinhar e chora todas as vezes que assiste “Um amor para Recordar”; o aniversário de Melanie é dia 4 de março, Eva dia 20 de fevereiro, portanto, a data especial não poderia ser o aniversário delas.

— Você está aqui hoje — esclareceu a menina, em sua voz doce — É um dia especial.

Eu sabia que era especial para minha família, para alguns amigos mais próximos, mas ser especial para uma garotinha, que mais me ensinava do que eu gostaria de ensinar, era um sentimento impossível de explicar.

Encarei Eva, e ela apenas sorriu com simplicidade e se ocupou em encher nossos pratos.

Para acompanhar a refeição havia suco de maçã e, de sobremesa, ela havia dito, pudim de chocolate. Uma refeição simples, feita com carinho e amor e que, aos meus olhos, superava qualquer banquete.

— Está uma delícia — elogiei, após a segunda garfada — Ravióli é minha comida preferida.

— Verdade? — as duas perguntaram ao mesmo tempo, espantadas.

— Não — fiz cara de júri de concurso gastronômico — Passou a ser agora. Mas jamais direi isso na frente de Delia, a governanta da minha mãe, ou nunca mais poderei roubar os recheios das tortas de framboesa que ela prepara.

Ambas caíram na risada, e passei a contar pequenas travessuras que eu fazia quando criança, na cozinha de Delia, e que, segundo ela, apressaram o surgimento dos primeiros fios de cabelos brancos em sua cabeça.

Melanie deitou no carpete, apreciando seu segundo pedaço de pudim. A TV estava sintonizada no Cartoon Network, em algum desenho que eu ainda não conhecia. Recusei a segunda xícara de café que Eva oferecia e comecei a empilhar os pratos na mesa.

— Não se preocupe com isso, Liam.

— A regra é clara — disse, levando os pratos até a pia — Quem cozinha, não lava a louça.

— Minha regra é: visitas que lavam a louça, não retornam outro dia.

Três pratos, copos e um jogo de talheres não implicava um grande sacrifício assim. Mas ela tinha feito horas extras na Barneys, pego duas conduções para chegar até aqui, além de preparar o jantar. Cuidar da louça não era apenas um gesto educado, era de agradecimento.

— Eu já não sou um convidado. Sou quase uma parte da casa, como uma daquelas almofadas no sofá ou um dos vasos espalhados pela casa. Talvez aquele escorador de porta em forma de gatinho.

— É impossível discutir com você — ela riu.

— Muitas pessoas diriam que eu sou uma pessoa impossível.

— Acho que é um meio-termo — tirou um pano de prato de uma das gavetas e jogou em minha direção — Então você lava e eu vou colocar aquela fadinha na cama.

Logo minha mente ficou tão ocupada quanto minhas mãos. Estava perdido em pensamentos quando Eva reapareceu.

— Liam?

Ela estendeu o telefone, vibrando em sua mão, assim que me virei para ela.

— Pensei que fosse um camundongo em sua jaqueta — ela riu de sua tentativa de fazer piada — Acho que pode ser importante.

Ela voltou para a sala, para que eu pudesse ter mais privacidade ao atender o telefone.

— Nicole?

— Até que enfim, Liam. Queria falar com você antes de ir.

Apoiei-me contra a porta da geladeira fria e tive a certeza de que não gostaria do que ela tinha a falar.

— Indo para onde?

— Surgiu uma nova oportunidade de trabalho — ouvi o que acreditei ser uma porta de carro sendo fechada, e Nicole continuou a falar com a respiração acelerada — Vou para a Europa.

— Europa? — não conseguia e nem quis esconder minha irritação — O casamento de Richard e Paige será em alguns dias. Somos os padrinhos, esqueceu?

Claro que ela havia esquecido. Não havia aparecido aos ensaios de casamento, deixando-me não apenas constrangido com meus amigos, mas também no limite de minha paciência com ela.

— Liam, eu simplesmente não poderia recusar essa grande oportunidade — o tom saiu acusatório, quase como se eu fosse merecedor do sermão — Estarei de volta a tempo. Por que tanto drama?

Eu tinha escutado aquela conversa durante todo o último ano. Pensei em como as coisas estavam diferentes agora. Observei casais improváveis surgirem, como Neil e a encantadora Jenny, a quem fui responsável por devolver a visão, que ela havia perdido quando ainda era uma menina. Eles haviam enfrentado uma ex-esposa maluca, um acidente que quase matara Neil e a amnésia que quase destruiu os dois.

Richard se livrara de um casamento arranjado, uma noiva infiel, enfrentara o preconceito da própria mãe para permanecer ao lado de Paige, onde encontrara o verdadeiro amor. Ele todo certinho, ela completamente maluca, mas era inegável como completavam um ao outro.

Adam e eu parecíamos os únicos enganando a nós mesmos. Ele por ser muito burro e manter a mulher que amava longe dele, e eu por manter perto de mim a mulher que eu não sabia se um dia tinha chegado a amar de verdade.

— São meus melhores amigos, Nicole. Acho bom que esteja aqui, no último ensaio de casamento.

— Prometo que estarei — a mesma voz melosa com intenção de acalmar meus ânimos, mas que, nesse momento, apenas aumentou minha irritação com ela — Tenho que ir fazer o check-in. Amo você.

Encerrei a ligação e encarei o aparelho em minha mão. Eu não podia dizer o mesmo. Já não a amava, talvez nunca tivesse amado de fato. Tinha finalmente tomado minha decisão. Aguardaria o casamento de Richard e o regresso de Nicole.

Era o fim do nosso noivado.

Capítulo 17



EU NUNCA TINHA ASSISTIDO A UM FILME PORNÔ, seja por curiosidade ou falta de oportunidade mesmo, mas ouvir os sons de gemidos e rangidos da cama, vindos do quarto de James, me deu uma vaga ideia de como seria. O casal não parecia preocupado ou receoso de que houvesse mais alguém no apartamento, ouvindo suas performances sexuais.

Não que eu estivesse interessada no que acontecia atrás da parede ao meu lado. Acho que, mesmo se me encontrasse na cozinha, no outro lado do apartamento minúsculo, os sons chegariam até mim.

Quando eu pedi abrigo a James, assim que retornei a Peachwood, não tive intenção alguma de invadir a privacidade dele ou alterar sua rotina, fosse profissional ou pessoal. Eu só queria ficar o mais longe da minha família quanto fosse possível.

Voltar para casa e fingir que nada havia acontecido, soava impossível para mim. Havia muita mágoa e ressentimentos para conseguir lidar em um curto espaço de tempo. E tempo era algo que eu precisava para me encontrar e crescer. Por isso a decisão, de também deixar o lar que James tinha me oferecido por um longo tempo, foi muito bem pensada.

Não foi o fluxo impressionante de mulheres entrando e saindo, as caixas de pizza, garrafas de cerveja e peças de roupas ou pilhas de louça espalhadas pela casa que me impulsionaram a ir embora, mas a insistência dos teimosos dos meus irmãos em controlar a minha vida, mesmo após eu ter saído de casa.

Ninguém na cidade se atrevia a me dar um emprego, por exemplo. Eles receavam de sofrer represálias do xerife Dallas. Clyde fizera um ridículo discurso no Texas Hell, para que seus amigos ou qualquer homem da cidade ficassem longe de mim. E Austin tinha sido promovido a “garoto de fofoca”, levando informações detalhadas de cada passo que eu dava. Relatos cedidos por meu amigo traidor e dedo duro.

Eu tenho certeza que dificultar minha vida no Condado era o plano que meus irmãos tinham idealizado para me convencer a voltar para casa. O que eles deveriam saber é que o sangue dos Walker corria em minhas veias, teimosia e obstinação era um componente em nosso DNA.

Foram esses motivos que me levaram para longe de Peachwood e de todos que eu conhecia.

Soltando o último suspiro, coisa que vinha fazendo muito nos últimos dias, pego a pequena mala em cima da cama, ajeito a alça da bolsa sobre meus ombros e deposito em cima do travesseiro a carta que escrevi para James, agradecendo sua hospedagem, também para informar que estava dando outro rumo à minha vida.

Dei mais uma olhada em volta do cômodo, que dividia sala e cozinha. De forma melancólica, eu me pergunto quantas vezes, em um futuro próximo, a cena se repetiria. Eu tinha saído de casa, agora deixava o apartamento de James... Quantas pessoas mais me veria deixando para trás?

— Julienne?

Arisca como um gato sendo pego no pulo, me virei em direção à voz no corredor. James estava escorado contra a porta, o peito nu e o botão da calça aberto. Ele tinha um olhar preguiçoso e andar satisfeito.

— Está voltando para casa? — perguntou, ao olhar a mala apoiada em minha perna.

— Estou indo embora.

O sorriso satisfeito deu lugar a uma expressão de preocupação. Um pensamento apitou em minha cabeça, deixando-me ainda mais irritada com ele. O James que eu conhecia, ou em uma situação normal, jamais esfregaria suas conquistas na minha cara, obviamente tinha sido mais um plano.

— E quando ligar para o Austin, para dar o relatório da semana — proferi, em um tom acusatório — Avise que estarei longe, para que me traia também.

Observei enquanto ele abria e fechava a boca, desconcertado. Claramente a lealdade masculina tinha falado mais alto do que nossa história de amizade, regada de cumplicidade, segredos e aventuras. James era igualzinho aos meus irmãos, um machista que acreditava saber o que era melhor para mim.

— Não foi assim, J.J. — ele caminhou em minha direção com um olhar pesaroso — Nós só queríamos proteger...

Ele teria dado continuidade ao discurso, mas uma garota descabelada e com um sorriso surgiu, vindo do quarto. Ouvi sua queixa melosa de como os lençóis estavam frios sem ele. Os braços possessivos rodearam o pescoço dele e seus olhos ciumentosos cruzaram os meus.

Há alguns meses, eu teria gentilmente tentado explicar a ela que não haveria motivos para hostilidades. James e eu eramos apenas amigos, agora nem isso eu poderia afirmar.

Senti as lágrimas, que há dias me recusava a derramar, encher os meus olhos. Bati a porta com força, ignorando os chamados às minhas costas.

Eu conseguiria. Eu era capaz de caminhar com minhas próprias pernas. Nova York oferecia um mundo de possibilidades para mim.

Quando cheguei em frente a porta, recordei que havia devolvido as chaves de Charlote.

— Julienne!

Eu literalmente pulei nos braços dela.

— Por que não entrou?

— Eu tentei — balancei as chaves no ar enquanto a observava atentamente — Mas o que aconteceu? Você parece radiante, mas e esses olhos vermelhos de chorar?

Ela me puxou até o sofá e me encarou, receosa.

— Eu tenho algo para dizer...

— Está doente? — pergunto, preocupada.

— É, eu me sinto doente, às vezes — ela ri e eu fico intrigada. Como alguém poderia ficar feliz em estar doente? — Mas nunca estive tão bem em toda a minha vida.

— Aconteceu algo com seus pais?

— Espero que não.

Ela vira de lado e pega algo no sofá.

— Olha isso.

— Quem está grávida?

— Eu — vejo-a tocar o próprio ventre, dando ênfase ao que tinha afirmado — Eu estou grávida.
Grávida!

— Não brinca!

Salto do sofá e a encaro, completamente incrédula.

— Há outros testes no banheiro que provam que sim.

— Ah! — Não consegui evitar o grito de felicidade.

Rimos e pulamos pela sala até ficarmos tontas.

— Já contou para o Adam?

Ela desvia o olhar, mas não permito que se esquive de mim.

— O que a faz acreditar que seja dele?

— Se não for dele, então você é a encarnação da Virgem Maria.

— Julienne! — Ela me repreende — Não se brinca com essas coisas.

— Então, contou ou não para ele?

Penelope respira fundo e olha para suas mãos.

— Ainda não — disse ela — Acabei de descobrir.

— Então ligue e conte.

— Não se dá uma notícia dessa por telefone.

— Então vá lá e conte para ele.

— Não posso.

Ela volta para o sofá, escondendo o rosto nas mãos.

— Como assim, não pode?

— É complicado.

Penelope me conta sobre as câmeras de vigilância e tudo o que aconteceu nos últimos meses.

Estive tão ocupada com meus sentimentos que não notei as coisas ao meu redor.

— Agora me diz: o que faz aqui?

Começo a pensar se eu tinha tomado a decisão certa. Não queria ser mais um peso sobre os ombros dela.

— Eu saí de casa.

— Fugiu outra vez, Julienne?

— Já tenho vinte e um — levanto, incomodada — Não preciso fugir.

Acho que poderia ter oitenta anos, que ninguém me levaria a sério.

— Certo — disse ela em uma voz doce — O que aconteceu?

Soltei um soluço. Não queria chorar. Eu não era assim. Mas eu realmente tinha a necessidade de desabafar com alguém.

— Meu pai é um grande mentiroso. E meus irmãos são iguaizinhos a ele.

Ela me puxa de volta para ela e me acomoda em seus braços.

— O que aconteceu, querida?

Entre algumas lágrimas e soluços, conto tudo o que tenho mantido escondido dela. Sobre Paula, Charlotte... meu pai, e como me sinto traída e magoada.

— Descansa um pouco — disse ela ao me levar até o quarto — Foi uma longa viagem.

Não sei se conseguiria descansar. Minha mente fervilhava. Penelope estava grávida e tendo a felicidade desse pequeno milagre sendo eclipsada pela indiferença do pai do bebê. Às vezes, eu tinha vontade de procurar Adam e jogar na cara dele como era um imbecil sem escrúpulos.

Eu raramente errava em meu julgamento com as pessoas. Era decepcionante saber que ele tinha conseguido ser mais canalha do que Maxwell, ex-noivo de Penelope. Embora eu quisesse muito jogar algumas verdades na cara do Sr. Ogro, prometi à minha prima não me intrometer, e precisava respeitar qualquer decisão que ela decidisse tomar no futuro.

Por enquanto, focaria minhas energias em meu próprio dilema. Conseguir um emprego e provar

que sou suficientemente capaz de sobreviver em Nova York.

— Julienne? — Penelope curvou-se sobre a janela do carro, resgatando-me dos meus pensamentos, e me encarou com olhar apreensivo — Você entendeu tudo?

— Ficar aqui e estar preparada caso algo dê errado e tenhamos que fugir.

— Não exatamente isso, mas esteja preparada para qualquer coisa que precisarmos — ela levou a mão à testa — Ainda não acredito que aceitei fazer isso. Pior ainda, que a envolvi.

— Está brincando? Eu não me divirto tanto desde que Cly... — senti um aperto no peito ao pensar em Clyde e minha pequena travessura com Felicity — Há bastante tempo.

— É que Paige consegue ser bem persuasiva.

— E impaciente — apontei para a porta de saída de emergência, onde a garota morena acenava para nós — Quero saber cada detalhe depois.

Não conhecia a noiva muito bem, mas o pouco que descobri sobre ela, notei que era uma das minhas. Enquanto eu geralmente agia por impulsividade, Paige agia com bravura e sabia exatamente o que estava fazendo. Não tinha papas na língua e não titubeava em dizer exatamente o que pensava.

Então, uma hora depois, eu estava com a bunda doendo e completamente entediada dentro do carro. Lá dentro a festa parecia no auge, e pela décima vez, eu me perguntava que problema teria em dar uma pequena espiadinha.

Sendo uma festa de Peter (e já estive em uma delas), era impossível deixar que minha mente fervilhasse, pensando no que poderia estar acontecendo lá dentro. Seja como Paige, disse a mim mesma. Pense menos e aja mais. Determinada, usei a mesma porta lateral nos fundos do estacionamento, que Penelope e a noiva maluca entraram.

Eu tinha acabado de ser envolvida pela música alta, quando meu telefone vibrou na bolsinha transversal que estava usando.

— Oi, prima — respondi a chamada, mas logo minha atenção foi desviada para o homem careca e gordo que descaradamente tentou passar a mão em minha bunda — Tira as mãos daí, seu safado!

— Qual é, meu doce — ele balbuciou de forma arrastada — Não seja tão tímida. Vem aqui.

Seus passos desajeitados e o corpo imenso fizeram com que lembrasse de um dos touros da fazenda, que certa vez correu atrás de mim.

Consegui desviar mais uma vez de suas mãos abusadas, quando uma pequena confusão se iniciou perto do palco.

— Julienne? Onde você está?

— Aqui dentro — aproveitei que um grupo curioso seguia até o casal, que discutia no palco, para me esconder do homem que insistia em me perseguir — Caramba, isso aqui está ficando divertido.

De onde estava, só conseguia ver Paige tendo uma conversa bem acalorada com o noivo.

— Julienne, não era para você esperar no carro?

— E perder o show? — Me apoiei nas costas de um grandalhão e tentei ver melhor o que acontecia à minha frente — Essa sua amiga é mesmo doida.

Vi Paige arrancar a máscara do rosto. Houve vaias e urros vindos de todos os lados do salão. Richard tentava arrastá-la pelo braço, mas a garota é difícil de lidar.

— Nossa! Vai dar merda — digo à Penelope — Como diria sua mãe, é o apocalipse!

No instante seguinte, o noivo muito irritado joga Paige sobre seus ombros e a pequena confusão vira um verdadeiro caos. Homens se acotovelam, outros decidem revidar entre socos e pontapés.

— Fique onde está — diz Penelope, bem apreensiva agora — Estou indo até aí.

Mulheres correm em direção à saída, outras, como eu, são encurraladas contra a parede, não tendo outra opção a não ser esperar os exaltados voltarem a se acalmar.

— Olha só você — gemi e virei para me deparar com o homem imenso, que provavelmente iria ser uma figura constante em meus pesadelos por um longo tempo — Brincando de esconde-esconde. Esse sempre foi meu passatempo preferido.

Eu nunca senti tanta falta dos meus irmãos como senti agora. Sinceramente, em meio àquela confusão descabida, duvidava muito que algum homem enfrentaria esse brutamontes para salvar uma donzela em perigo.

Agora eu sabia como uma sardinha se sentia dentro da lata. Encurralada entre o homenzarrão e a parede atrás de mim, meu único pensamento era fugir. Em pânico, vi uma cadeira cruzar voando o salão, para o outro lado. Uma garrafa estilhaçou a centímetros dos meus pés. Emiti um grito, que foi abafado pela música e gritaria.

O homem murmurava o quanto me achava bonita e que nossa noite seria perfeita, se eu deixasse de fazer jogo duro. Meu estômago se revolia a cada tentativa minha de me afastar de sua boca asquerosa. De onde estávamos, ficamos parcialmente escondidos, e quem passava rapidamente ao nosso lado mal conseguia me notar sendo amassada pelo grandalhão.

Tentei me lembrar de alguns golpes de defesa pessoal, que Dallas havia insistido que eu aprendesse. Dobrei o joelho para acertar a região da virilha, mas atingi a barriga flácida.

Irritada, mordi a mão dele quando tentou segurar o meu rosto, em busca de um beijo.

— Acho melhor você ficar bem longe — fiquei agradecida que, embora me sentisse aterrorizada, minha voz tenha soado firme.

Usei uma força sobre-humana para afastá-lo alguns centímetros de meu corpo, escapando por

debaixo de seu braço.

— Ou o que, gracinha?

— Eu juro que meu namorado vai quebrar a sua cara!

— Ah, é? — ele escorou o corpo cansado contra a parede, certamente recuperando suas energias para me atacar — Não estou vendo ninguém.

Situações desesperadoras exigem medidas extremas. Foi o que ouvi Paige dizer, a caminho daqui.

— Esse aí atrás.

Apontei para o homem que avançava apressadamente em nossa direção. Eu precisava agir rápido, se quisesse soar convincente. Não tinha a intenção de que o homem me abraçasse e juntos fizéssemos um espetáculo digno da Broadway, apenas que ele me conduzisse para fora, onde parecia que estava seguindo, em busca de fugir da confusão.

Joguei-me em direção a ele, mais rápido que uma estrela cadente cruzando o céu.

— Como ousa me deixar sozinha? — disse, abraçando sua cintura e escondendo meu rosto em seu peito.

Mãos grandes e macias subiram pelas minhas costas. O ar estava abafado e quente, mas senti cada pelo em meu corpo eriçar. Algo como eletricidade varreu meu corpo quando uma delas segurou meu queixo, erguendo meu rosto em sua direção.

— Oi — disse ele, alisando minha pele com o polegar e premiando-me com um sorriso devastador.

Me perdi nos olhos castanhos, profundos e quentes.

— Oi — sussurrei, encantada.

Esse homem era para mim o que as sereias deveriam ser para marinheiros no mar, à deriva.

Hipnotizante.

Oh. Meu. Deus!

Parecia que eu tinha montado no maior e mais arisco touro do mundo e sido arremessada no ar como uma boneca de pano.

— Então, esse é o namorado? Que supostamente irá quebrar minha cara?

Aborrecida, vi todo meu encantamento ser interrompido pela voz fanhosa de meu detestável perseguidor. A mão saiu da minha cintura para agarrar o meu pulso. Meu namorado, por esse breve instante, puxou-me mais para junto dele, depois me girou para trás de suas costas.

— Supostamente, não — saltitei atrás das costas largas e vi parcialmente o javali enfurecido — É bom você dar o fora ou será exatamente isso que ele irá fazer.

Agir e pensar depois parece que só funciona bem com pessoas como Paige. Horrorizada, assisti o grandalhão avançar sobre meu salvador como um javali. A primeira tentativa de soco atingiu o ar,

quando o homem bonito desviou para o lado.

Esse era um dos casos em que a inteligência sobressaía à força bruta. Seria claramente uma briga injusta, sendo que o careca estava mais para um lutador de sumô e meu salvador para um lutador de boxe.

Pensava em algo que eu pudesse fazer para ajudar, afinal tinha sido eu a colocá-lo naquela confusão, quando outro homem surgiu voando, caindo sobre meus pés. Mais dois homens vinham em direção ao ferido gemendo à minha frente. Eu me sentia presa em um pesadelo muito surreal.

— Tudo bem? — o olhar preocupado caiu sobre mim.

— Cuidado!

Soco após soco, vejo-o se desviar dos ataques ferozes. Levou uma fração de segundos para que eu percebesse que meu salvador estava, na verdade, cansando o seu oponente. Em uma de suas tentativas frustradas, o gorducho perdeu o equilíbrio, caindo estrondosamente sobre o chão.

À nossa volta, a confusão continuava intensa. Desviávamos não apenas de pessoas, mas de incontáveis objetos voando no ar. Em meio ao caos procurei por Penelope, mas não conseguia encontrá-la em parte alguma.

— Venha por aqui — ele pegou minha mão. Um copo tinha sido arremessado em nossa direção e passou a centímetros do meu rosto.

Entrelaçando sua mão na minha, deixei que ele me guiasse. O lugar mais calmo, em todo aquele caos, era próximo a algumas mesas perto do palco, onde a confusão se iniciara.

Demorei alguns segundos para entender qual era a intenção dele, ao erguer a barra da toalha de uma das mesas. Nunca tinha me imaginado em uma situação tão estranha e ao mesmo tempo tão excitante como essa. De todos os lugares do mundo que eu gostaria de estar, com o único homem a despertar meu interesse, desde que cheguei a Nova York, debaixo de uma mesa não estava na lista.

Enquanto a confusão continuava do outro lado, utilizei nosso pequeno refúgio para observá-lo melhor, pelo menos o que conseguia ver, já que ele estava encolhido, apoiado contra uma das pernas, abraçado aos joelhos.

Ele era alto e tinha braços fortes, constatei isso quando o abracei, e apesar de não ter tido tempo hábil para me certificar, tenho plena certeza de que possuía um abdômen definido. Mas o que mais me chamava atenção, claro, além do rosto inegavelmente lindo, eram suas mãos: grandes e de dedos alongados, elegantes. Mãos de um artista, como um escultor, imaginei. Relembrei a sensação de ter aqueles dedos tocando minha pele, sua mão abrigando as minhas e de ter sentido uma carga elétrica passar pelo meu corpo.

Em meio ao meu exame minucioso, não pude deixar de notar que seus ombros, outrora relaxados, começavam a tremer levemente, os movimentos aumentando consideravelmente, deixando-me

relativamente preocupada.

Eu havia sido perseguida, apalpada, agarrada e quase violentada por um brutamontes asqueroso que, de apenas lembrar, me causava calafrios. Seria natural que eu estivesse sofrendo de alguma reação pós-traumática, não ele. Apesar disso, aquilo não era impossível. Afinal, ele parecia obstinado em fugir daquela confusão mais rápido do que eu.

Senti culpa por tê-lo envolvido nisso. Essa era uma das situações em que eu agia por impulso, ignorando as consequências. Estiquei minha mão, e estava prestes a tocar sua cabeça, buscando sua atenção, desejava pedir desculpas pelo meu comportamento, quando uma gargalhada me fez encolher no lugar.

Ele não estava tremendo devido ao perigo que eu havia exposto nós dois; estava rindo, alto e descontroladamente, de mim. A expressão “chorar de rir” caía como uma luva. Qualquer outra garota teria ficado exasperada com essa reação, mas eu não era qualquer uma. Cresci com três homens idiotas e quase nada na espécie masculina me surpreendia.

— É uma situação bem divertida para você? — murmurei, quando ele voltou a me encarar.

Eu não gostei de ser o motivo de seu divertimento. Aliás, quando fomos para debaixo da mesa, imaginava outra coisa, meus pensamentos seguiam para uma direção completamente diferente do que acontecia agora.

— A última vez que briguei por menina, foi no colegial — ele tinha um ar sério, mas havia uma leve curva no canto de seus lábios, como se tentasse controlar uma nova onda de gargalhada — Quem foi que te deixou entrar aqui, menina? Esse não é ambiente para você. Seu pai deveria lhe dar umas boas palmadas.

Menina? Meu pai? Palmadas?!

Abri e fechei a boca, exasperada. Podia visualizar meus três irmãos fazendo exatamente aquele discurso. Cega de ódio, era uma expressão que corretamente me definia ao encará-lo.

Eu não era uma menina e me recusava que ele me enxergasse assim.

— Eu tenho vinte e um.

Degustei a surpresa que vi surgir em seu rosto, durou uma fração de segundos. Logo, o ar debochado estava de volta. O que ele tinha de bonito, tinha de babaca.

— Olha, não faz muita diferença — ele me encarou, sério — Esse não é um ambiente para você. Ficou muito claro para mim, nos últimos dez minutos.

Normalmente, eu sou uma pessoa calma. Sou muito mais de dar o troco depois do que ter reações descontroladas e intempestivas. Vingança era um prato que se comia frio, esse era meu lema, mas esse homem... Argh, esse homem conseguia me tirar a paz.

— Bem, *tio* — enfatizei o tio com o único propósito de irritá-lo — Há muitos homens aqui que

pensam exatamente o contrário.

O que havia nele que mexia tanto comigo? começava a me perguntar. Por que estava tão irritada com um desconhecido presunçoso, que não deveria ter um minuto da minha atenção?

Ele havia me socorrido, tudo bem, mas qualquer homem decente teria feito o mesmo. Irritada, confusa e com uma necessidade inexplicável de esbofetear a cara dele, saí de baixo da mesa. Vi Penelope e Adam em direção à saída, que era para onde desejava seguir.

Não tinha sido rápida o suficiente. Logo as mãos macias, muito mais macias que a dela, mais um item na lista de injustiças que ele carregava, tocavam meus cotovelos, fazendo-me virar para ele.

— Nem pense nisso.

A primeira vez que encarei aqueles olhos, que realmente olhei para eles, por meros segundos, acreditei que exprimiam bondade e segurança. Agora, estavam furiosos.

— Não vou ficar correndo atrás de você, afastando todos os marmanjos, porque decidi me provar alguma coisa.

De repente, eu tinha cinco anos e estava recebendo uma reprimenda do meu pai. Odiei aquela sensação, e embora minha intenção tivesse sido me afastar dele e encher aquele rosto bonito de bofetadas, fiz exatamente o contrário. Minha mente agiu tão rápido quanto a raiva correndo pelas minhas veias. Eu queria provar algo a ele, mas faria isso de uma forma completamente diferente do que ele pensava.

Agir primeiro, pensar depois. Aquela tinha sido a melhor decisão da minha vida. E quando pressionei meus lábios nos dele, foi como se fogos de artifício estivessem explodindo dentro de mim. Agarrei-me à sua camisa, pois eu precisava de algo para me apoiar. Eu tinha a sensação de que ia cair, e desejava isso.

O beijo, que começara tímido, tornou-se apaixonado, quase que vertiginoso. Suas mãos agarraram forte minha cintura, puxando-me mais para ele. Constatei, com satisfação, que ele podia achar ou dizer que eu era uma menina tola, mas as reações que seu corpo demonstrava, em relação a mim e ao beijo arrebatador que trocávamos, era de um homem para uma mulher.

Senti sua mão subir pelo meu corpo, afastando algumas mechas de cabelos caindo em meu rosto e permanecer por lá, fazendo carinho. O beijo agora era delicado, doce. Pequenas mordidas em meus lábios sensíveis, que enviavam descargas elétricas pelo meu corpo e que faziam minhas pernas cederem.

Minha mente viajou no tempo.

“Quero paixão em minha vida”.

“Um homem que me deixe louca apenas com um olhar”.

“É muito mais do que isso... viajamos para outro mundo... onde não existe nada além de nós”.

dois”.

“Prometa para mim que só se entregará a alguém quando tiver certeza”.

“Eu prometo...”

“Quando encontrar um homem lindo e sexy...”

“Quando ele fizer minhas pernas tremerem...”

Não sei por que o que disse a Penelope invadiu minha cabeça agora. A explicação mais plausível, e que eu não poderia ignorar, era que esse homem irritante e sexy mexia mais comigo do que gostaria. Eu nem sabia seu nome, mas isso não era impedimento para que o vulcão dentro de mim, chamado desejo, viesse à toa.

Quando finalmente e relutantemente nossos lábios se separaram, abri meus olhos, imergindo nos olhos castanhos. Ele foi o primeiro a desconectar nossos olhares, e um incômodo sentimento de vazio infiltrou-se em meu peito.

— Você tem um beijo e tanto... — ele se afastou, o sorriso debochado havia voltado ao seu rosto — Para uma menina.

Ah! Maldito!

Arrogante e mentiroso. Eu não tinha sentido tudo aquilo sozinha, não mesmo. Eu até podia ser a virgem com jeito de menina aqui, mas era o bonitão à minha frente que se recusava a aceitar; nós tínhamos química.

— Nada mal para um velho — cuspi, indignada e ao mesmo tempo me sentindo ridícula.

— Velho?

Alguma coisa ou alguém conseguia atingir o ego gigantesco desse homem? Eu certamente não, constatei. Mas, de alguma forma, não sei como, e isso era uma completa idiotice, ele me atraía mais do que me afastava. Mesmo com raiva, e eu estava com muita raiva, era impossível resistir ao sorriso sedutor.

— Garota...

Estava a ponto de exigir que parasse de se referir a mim como menina, garota ou garotinha, quando vi Peter e um dos seguranças se aproximando de nós.

— Todo mundo para fora!

Ouvi um dos seguranças gritar pelo alto-falante. Olhando em volta, percebi que o ambiente estava quase que controlado. Um grupo de pessoas caminhava para a saída. Fui empurrada em direção a ele por um casal, que passou apressadamente por nós. Voltei a mergulhar nos braços e nas profundezas dos olhos castanhos.

— Cara, estou precisando da sua ajuda — ouvi Peter falar e novamente senti o abandono por aqueles braços.

Observei os dois se afastarem, trocarem algumas palavras. Peter acenou para mim e sumiu em meio às pessoas.

— Preciso resolver uma coisa — ele me guiou entre as mesas e puxou uma cadeira para que eu me sentasse — Não faça nada de estúpido meni...moça. Fique aqui até eu voltar.

— Quer colocar uma pulseira de identificação também? — ergui meus pulsos e sorri — Dessas que se coloca em bebês e crianças.

— Olha...

— Julienne.

— Certo, Julienne — ele esfregou o rosto, regado de frustração — Apenas fique aqui.

Apesar de me sentir ultrajada, propensa a um gesto de rebeldia, fiz exatamente o que ele pediu. Sentia as pernas trêmulas, enquanto tentava entender a profusão de sentimentos dentro de mim.

— Julienne?

Ergui o olhar e me deparei com o segurança que vi ao lado de Peter. Quanto tempo havia passado desde que sentara ali?

— Liam pediu que eu a acompanhasse até o táxi e assegurasse que chegue em casa bem.

Liam era o nome dele. Estive tão envolvida por ele que algo tão importante, como o seu nome, havia ficado em segundo plano. Quando o furacão passa, a última coisa que você pensa é dar um nome a ele.

Era exatamente isso que Liam significava para mim: um furacão que me revirou dos pés à cabeça. Havia deixado um rastro que eu não sabia se algum dia conseguiria apagar.

— Pois diga ao Liam que sou bem grandinha para cuidar de mim mesma.

Sair pisando duro não era sinônimo de maturidade. Mas quem se importava? Eu me sentia uma menina, como ele disse. Sendo abandonada na estrada, sem saber para onde ir.

Tentei me acalmar o máximo que consegui ao me sentar atrás do volante. Havia uma mensagem de Penelope, perguntando como eu estava.

Recordei que a vi saindo com Adam e que deveriam estar no apartamento agora, supostamente fazendo as pazes. Enviei uma mensagem para ela, dando a entender que esperava que os dois se acertassem de uma vez.

Não queria voltar para casa e encontrar o casal apaixonado. Já os tinha visto em ação antes, era meloso e constrangedor. Então decidi vagar pela cidade. O dia já clareava quando devolvi o carro alugado para a agência e segui em direção ao metrô. Cheguei ao apartamento fazendo o mínimo barulho possível.

Eu tinha quatro horas de sono até começar meu turno de trabalho. Quatro horas de sono, que foram povoadas por lindos olhos castanhos e um sorriso lascivo.

Capítulo 18



A GAROTA TINHA MESMO ME CHAMADO DE VELHO?

Eu sabia que era uma tentativa, até bonitinha, de me provocar, dar o troco, mas a minha vontade tinha sido colocá-la sobre meus joelhos e dar a lição que ela merecia, até arrancar algum tipo de juízo de sua cabeça.

Juízo que também parecia me faltar. Fiquei surpreso ao descobrir que não era tão jovem como imaginei, mas independentemente da sua idade, esse não era um ambiente adequado para que frequentasse.

Afinal, eu tinha enfrentado um oponente cinco vezes maior do que eu, a fim de defendê-la. A coisa mais honrosa que poderia ter feito seria colocá-la em um táxi e fazer com que promettesse que seria mais cuidadosa no futuro. Não ficar pensando no beijo que, além de corresponder, também havia gostado. Jovenzinhas como ela, por mais atraentes que fossem, significavam encrenca. Tudo o que eu não procuro agora. Não depois do fim amargo do meu noivado com Nicole.

Estava farto de mulheres temperamentais, voluntariosas e infantis. Devo buscar uma mulher encantadora como Jenny ou doce como Penelope. Uma mulher que eu pudesse levar para jantar e apreciasse a refeição e a noite tanto quanto eu. Que retribuísse o carinho e o acolhimento de minha família, que gostasse de crianças. Que sua carreira fosse importante, mas não mais do que as pessoas que amava. Alguém que risse das minhas piadas e que também me fizesse rir.

Adam dizia que eu era romântico e sonhador, talvez ele tenha razão. A verdade é que eu esperava o melhor que a vida poderia me dar, e desejo oferecer a mesma coisa. Então, talvez quem eu procurasse pudesse ser alguma médica do hospital ou uma das amigas de Katty. Essa noite, até cheguei à festa com a sensação de que algo poderia acontecer.

— O que está fazendo com ela, Liam? — Peter indicou a cadeira, onde a menina estava, e me deu um olhar de poucos amigos — Acho bom você ficar longe dela, e não me venha com nenhuma gracinha, porque...

Certamente me partiria em dois. Estava na cara que ele a conhecia, provavelmente fosse irmã de

algun de seus amigos presente na festa, isso explicava a presença de Julianne ali.

— Não é nada do que está imaginando — apressei-me em esclarecer tudo, antes que ele chegasse a outras conclusões precipitadas e me colocasse em meu devido lugar. Não podia culpá-lo, um dia já estive no papel de irmão protetor — Ajudei a garota, só vou colocá-la em um táxi.

Por me conhecer ou porque tinha algo mais importante para se preocupar, além da minha vida amorosa, pareceu aceitar.

Enquanto examinava o homem ferido, jogado sobre uma mesa do escritório, Peter andava feito um lobo acuado, atrás de mim. Aquilo me impacientava. Sendo justo, o real motivo do mau humor repentino vinha de uma baixinha com cara de anjo e alma mais ardilosa que o próprio diabo.

Estava irritado com ela, por ser uma fedelha petulante e briguenta, mas principalmente comigo, especificamente com meu corpo, por reagir a ela sem nenhum tipo de pudor.

— Temos que levá-lo ao hospital.

— Acha mesmo necessário? — ele perguntou. Se o ferimento não tinha sido grave o suficiente para matar o rapaz, o olhar que Peter deu faria isso — Já vi soldados feridos aguentarem muito mais que esse arranhão. Costura ele e pronto.

— Ele não é um soldado, não estamos em guerra, e não sou costureira.

— Você é um médico, faça alguma coisa.

Odiava quando as pessoas olhavam para mim assim. Como se eu fosse Deus, tivesse todas as respostas e operasse milagres, apenas com o poder da minha mente.

— Ele precisa de suturas, Peter — afirmei, voltando a pressionar o ferimento no abdômen para manter o sangramento estancado, e o rapaz mordeu o punho em reação à dor — E de um exame minucioso para saber se não teve alguma lesão interna mais grave.

— Vou preparar o meu carro — virou em direção ao segurança na porta — Diga ao Albert que resolva tudo com a polícia e me ligue se precisar de mim.

Antes que o homem desaparecesse em direção ao salão, pedi que fosse atrás de Julianne. Que ele se certificasse que ela fosse embora em segurança.

Talvez fosse melhor assim.

Julianne era o oposto do que eu procurava.

Capítulo 19



ENCONTREI PENELOPE EM SEU QUARTO. Estava parcialmente de costas, e embora não pudesse olhar o seu rosto, a forma que seus ombros levemente se movimentavam e o jeito que alisava uma foto, eu soube que estava chorando. O que não era bom para ela, nem para o bebê.

— Penny? — chamei com carinho.

Observei enquanto se endireitava e se recompunha, secando os olhos, na tentativa de que eu não percebesse. Agi exatamente como ela esperava.

— Já escovei, dei um jeito em todos os cachos, mas não consigo fazer algo decente nesse cabelo.

É véspera de Ano Novo. Em menos de duas horas, estaríamos seguindo para a festa oferecida todos os anos por Neil Durant. Minha prima, apesar de ser mais que uma convidada, queria verificar todos os detalhes que havia organizado de perto e garantir que tudo ocorresse bem.

Ela tinha conseguido que eu trabalhasse essa noite, na festa. Por ser uma data festiva e a mão de obra ser bem mais escassa, pagavam bem. Estava sem emprego outra vez e precisava dessa grana extra. Penelope tinha intenção de se mudar para o Texas, e eu não queria ficar no apartamento de Charlotte como um peso morto.

Não decidi se irei comparecer ou não ao casamento, ainda estava em guerra e magoada com minha família, e seria errado continuar no apartamento de Lola.

— Senta aqui — ela arrastou a poltrona até o espelho preso à parede e foi para atrás de mim quando me sentei — Que tal um coque? E você colocar aquela presilha que foi da sua mãe.

Uma das poucas joias que tinha dela. Meu pai dizia que não era algo que a atraía. Era uma das poucas coisas que realmente sabia da mulher que havia me dado a vida.

— Acho uma ótima ideia — minha voz saiu firme, apesar do nó preso em minha garganta — Ficaré muito bonito.

Sorrimos uma para a outra, e decidi espantar qualquer pensamento melancólico. Era dia de festa, e por mais que para mim fosse um dia de trabalho, não significava que eu não pudesse me divertir.

Chegamos ao lugar reservado para a festa. Eu nunca tinha estado em um lugar tão requintado e bonito. Quinze minutos antes da festa iniciar, a gerente do buffet fez uma reunião com o staff. Recebemos as últimas instruções de como deveríamos tratar os convidados.

— Julianne, Ellen, Edgar e Will, vocês ficam na área aberta — Vivian nos levou até o espaço, onde havia mesas decoradas com lindos arranjos florais e bancos Longue Chaire estavam distribuídos para quem desejasse descansar ou apreciar a noite na área aberta — Certifique-se de que todos tenham suas taças cheias o tempo todo. O restante cuidará do salão.

Os convidados começaram a chegar, e em menos de duas horas o salão estava cheio, o que me mantinha ocupada de pensar em qualquer coisa que não fossem garrafas de champanhe ou de vinho. A cada uma hora podíamos descansar por dez minutos, pegar algo para comer e beber. Estava na minha segunda pausa. Faltava pouco mais de uma hora para o Ano Novo.

Pensei na fazenda e na festa que certamente meu pai estaria dando. Essa noite, me permiti admitir: eu sentia saudade. Da Emma, que tinha sido como uma mãe para mim. De dançar com meu pai e irmãos em frente à fogueira que eles acendiam todos os anos. Sentia até mesmo falta dos peões e suas piadas indecentes. Sentia falta de James e seu tagarelar sem fim, sempre que abusava da cerveja.

— Só mais uma hora para mim — Ellen me despertou desses pensamentos tristes, quando se jogou em uma cadeira ao meu lado — Olha, isso aqui vale cada centavo que ganhamos.

Nós tínhamos ficado próximas desde o primeiro treinamento. Ellen era aquele tipo de pessoa de conversa fácil e que fazia amizade rapidamente. Ela até tinha me indicado para uma vaga na lanchonete que trabalhava e que eu faria entrevista em dois dias.

— E muitas horas para mim — eu tinha sido uma das voluntárias para ficar até o último convidado sair — Bem, se você está aqui, é minha deixa para voltar ao trabalho. Se a gente não conseguir se falar, eu a vejo na sexta.

Peguei uma das bandejas e voltei ao meu posto. No geral, os convidados eram pessoas tranquilas. Claro que eu era alguém invisível para uma boa parte delas, mas, no geral, as pessoas lançavam sorrisos gentis que eu rapidamente retribuía.

Estava transferindo algumas taças vazias de uma mesa para a bandeja, quando uma sensação estranha me incomodou. Ergui o olhar, e a visão me fez soltar a taça que eu segurava, que caiu sobre a bandeja, fazendo um tintilar agudo que, graças à música tocando, só foi audível por mim.

A poucos metros de mim, conversando com uma mulher bonita e elegante, estava ele. O homem que tinha perturbado meus sonhos e que duvidei que voltaria a rever. Seus olhos cruzaram com os meus. Por um momento, eu vi surpresa e curiosidade. Ele me reconheceu. Não pude evitar, senti como se borboletas fizessem sua própria festa em meu estômago.

Sorri. A mulher sussurrou algo no ouvido dele, e Liam riu para ela. O sorriso que tinha negado me

dar. A alegria deu lugar à tristeza, que rapidamente substituí pela raiva. Idiota presunçoso e infeliz. Pois se ele pensava que me esconderia em um canto, lambendo as feridas de uma rejeição, esperaria sentado.

— Tudo bem, Julienne?

— Tudo bem, Ellen — recuperada da minha dignidade, voltei a encher a bandeja — Parece que mais convidados decidiram ficar aqui fora. Vou buscar mais bebida.

Para minha sorte, ou qualquer nome que pudesse dar a isso, Liam estava acomodado em um dos sofás, no lado oposto onde teria que passar. A morena, nem tão bonita assim, era toda sorrisos e encantamento para com ele.

De repente, senti inveja de Ellen. Eu gostaria que minha noite também tivesse hora marcada para terminar. Passei os minutos seguintes trabalhando duro e tentando evitar o Liam. Uma vez ou outra, sentia seus olhos me procurando, e não, eu não estava me deixando levar por minha mente fantasiosa.

Talvez ele apenas estivesse querendo me evitar. Certa sobre isso, bati taças e copos espalhados na bandeja que carregava, ficando surpresa que nenhum tinha se partido com minha agressividade.

Retornei com mais bebidas. Havia acabado de servir um casal, quando uma pessoa bateu em minha bandeja. Teria me estatelado no chão com a bandeja, se um rapaz atento e gentil não tivesse vindo ao meu auxílio.

— Opa!

Senti um par de mãos agarrar minha cintura ao mesmo tempo que me segurava em seu ombro, buscando equilíbrio. Nós dois rimos. Estava prestes a agradecer ao rapaz alto e loiro, quando um moreno, mais ou menos da minha altura, se colocou entre nós dois.

— Cinco minutos, Dedrik — ele ergueu os dedos em nossa direção — Saio por cinco minutos e já deixa uma qualquer dar em cima de você.

— Não é nada disso, Juanito — o loiro se colocou entre mim e um hispânico nervoso, pelo menos eu acreditava que era hispânico, devido ao sotaque carregado — A moça só estava fazendo o trabalho dela e...

— O trabalho dela é servir a bebida direto na sua boca, Dedrik?

Eu simplesmente não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Duvido que qualquer pessoa em meu lugar assimilaria isso. Acho que eu era a única mulher no mundo a causar ciúmes em um casal gay.

— Juanito... — minha intenção era apenas me justificar, mas parecia que eu havia ateadado mais fogo ao me dirigir a ele.

— Sr. Juanito para você, meu bem — o *meu bem* tinha saído de forma mais desprezível do que alguém pisando em uma barata — Dedrik, eu vou partir a sua cara depois fazer o mesmo com essa

daí..

Meus olhos viajavam de um para o outro, e nesse momento, estava certa que já atraímos a atenção das pessoas próximas a nós. Eu precisava fazer alguma coisa, antes que a minha chefe viesse conferir o que estava acontecendo.

— Não é necessário, senhor — senti meu braço sendo agarrado e eu sendo puxada para longe da confusão — Já estou levando minha irmã embora. Tenho certeza de que foi apenas um engano.

Enquanto o casal seguia na discussão, fui literalmente arrastada festa adentro. Eu sabia que tinha que reagir, mas mal conseguia entender o que havia acontecido nos últimos cinco minutos. Não fomos para a saída, como imaginei, paramos do outro lado do salão.

— Garota, será que sempre tenho que salvar você? — estava mais para uma constatação do que uma pergunta de fato.

Liam coçou o queixo e balançou a cabeça. Ele estava rindo, acredito que eu seja uma fonte inesgotável de diversão para ele.

— Estava me virando muito bem, até você aparecer — dei alguns passos para trás, dando a ele um olhar cheio de acusação — E para quem fingiu o tempo todo que não me conhecia, é meio estranho dizer que somos irmãos.

Ah, não. Irmãos não provocavam as sensações que Liam provocava em mim. Eu podia estar furiosa com ele, mas não era cega. O homem era o pecado vestido de terno.

— Eu não pensei em nada mais para dizer.

— Então não dissesse nada.

— Deveria ter te deixado levar uns bons tapas por se meter com um homem comprometido — ele chegou mais perto, e comecei a sentir minha resistência ruir — Sua mão não te ensinou bons modos?

— Poderia ter tentado, se não tivesse morrido quando nasci.

Senti meus olhos pesados. Não pelo que ele disse sobre a minha mãe. Não era um trauma para mim, o que me abalou foi saber que Liam só conseguia enxergar a garota boba que ele idealizara.

— Eu... — o sorriso provocativo mudou para uma expressão de arrependimento — Eu sinto muito. Eu não tive a intenção de dizer o que eu disse.

— Eu posso ser jovem, às vezes até ingênua, mas não sou uma grande, uma grande...

Pena era o último sentimento que eu gostaria de despertar nele. E raiva era o único que me permitia sentir. Embora eu quisesse me jogar no abraço que os olhos dele pareciam me oferecer.

— *Babaca como você!*

Tomada pela raiva, fiz algo que teria deixado a Sra. Delaney orgulhosa de mim: o terno branco, que outrora estivera imaculado, agora exibia uma mancha gigantesca de vinho.

Levei minhas mãos à boca, assustada. Os ratos são os primeiros a abandonar o navio. Foi

exatamente isso que fiz. Antes que Liam se recuperasse do ataque, eu desapareci no mar de pessoas. Avistei o banheiro, e foi para lá que segui. Afortunadamente, as únicas pessoas lá dentro eram minha prima Penelope e a noiva de seu chefe, uma ruiva que parecia tão simpática quanto era bonita.

— Que bom que encontrei você — disse, praticamente a agarrando — Temos que sair voando daqui.

— Julienne, não devia terminar o seu turno? — ela pergunta.

— Não vão me pagar, de qualquer forma. Não depois do que eu fiz — escondi meu rosto entre as mãos, desejando que tivesse sido um pesadelo e que a qualquer momento eu iria acordar — Eu nunca imaginei que ele estivesse aqui essa noite, mas eu deveria ter imaginado.

Havia um número considerável de táxi no lado de fora. Entramos no primeiro carro que vi.

— Ele esteve na despedida de solteiro, claro que essa era uma grande possibilidade.

Richard e Peter eram amigos dele, então havia uma enorme probabilidade de que Neil Durant também fosse.

— E olha, ele é tão... tão... tão... Hah! Não consigo definir. Com ele, simplesmente, perco o controle. Já se sentiu assim?

Olhei para ela e percebi o quanto minha pergunta soou estúpida.

— Ah, claro que já sentiu — respirei fundo e desviei meu olhar para fora — Eu só não queria ter o coração partido também.

Dos meus dezesseis aos meus vinte e um anos, tinha deixado meus irmãos malucos com minha obstinação em resolver um problema chamado “virgindade”. Agora eu via como parecia tola. Não era à toa que me consideravam imatura.

Não era uma doença que eu precisava me livrar rapidamente. Era algo muito especial em minha vida e que deveria ser vivenciada quando eu estivesse pronta.

— Quer conversar sobre isso? — Penelope tocou o meu ombro.

— Eu não quero. Não hoje — suspiro. Ainda tentava entender o que realmente acontecia comigo. Por que tinha que ser Liam a mexer comigo daquela maneira.

— Eu vi que conversava com Adam. Pelo seu olhar, não terminou bem.

— Apenas terminou — ela respondeu.

Assim como eu tinha feito antes, voltou-se para a janela, fugindo de mais perguntas.

O carro se movimentava lentamente. Observava as pessoas povoando a rua e as caçadas. Liam e abraçavam umas às outras. No céu, uma explosão de cores.

Era Ano novo. Ano de novas histórias. Eu queria escrever a minha de uma forma diferente.

Quando chegamos em casa, Penelope foi direto para o seu quarto. Eu ligo meu celular e encontro dezenas de ligações perdidas da fazenda, uma dos meus irmãos e várias mensagens perguntando se estou bem e me desejando Feliz Ano Novo.

Respondo a cada um deles, porém, há uma pessoa que desejo falar. Ainda me sentia traída, magoada e decepcionada também, mas eu não podia jogar vinte e um anos de amor, carinho e felicidade no saco de lixo e pedir que o lixeiro levasse embora.

Então, após quase dez minutos olhando para o telefone, completo a chamada.

— Pai?

— Minha filha... filha — a voz embargada faz com que meus olhos se enchessem de lágrimas, meu peito arde e não posso evitar; choro com ele — Julianne.

— Feliz Ano Novo, pai.

É tudo o que consigo dizer antes de desligar. Eu havia dado um pequeno passo em direção a um entendimento com minha família, um pequeno passo, mas que, para mim, era gigante. E dormi pensando em cada um deles.

Minha primeira noite de sono tranquila foi interrompida pela voz angustiada de Penelope e insistentes sacudidas em meu corpo.

— Penny? — encaro-a, ainda confusa pelo sono, mas ao me deparar com seu olhar desesperado, sento na cama.

— Sangue! — ela me mostra os dedos vermelhos — Acho que eu perdi meu bebê. Eu perdi meu bebê.

Por um momento, só consigo olhar chocada para ela. O medo ameaça me dominar e sinto uma vontade quase que incontrolável de abraçá-la e chorarmos juntas. O bebê, mesmo que não planejado, vinha sendo a única fonte de felicidade de Penelope. Arrisco dizer que, se não fosse o pequenino que nós aguardávamos com tanta ansiedade, ela teria sido dominada pela tristeza e dor que carregava no peito e na alma.

— Nós vamos para o hospital — levanto com pressa, eu precisava me manter tranquila por nós duas — Fique calma.

Peguei minhas roupas sem ao menos olhar para elas. Chamei um táxi e ajudei Penelope a se vestir enquanto esperávamos. Cada minuto se tornava crucial, mas eu me recusava a acreditar que algo ruim havia acontecido e o tempo todo enfatizava a ela que tudo ficaria bem.

Deus não faria isso com ela. Não tiraria seu bebê, não quando já tinha sofrido tanto. Aquilo não era justo. Chegamos ao hospital, e não me restava nada a fazer a não ser esperar. Esperar e esperar por minutos que me pareciam intermináveis.

Ligo para o meu pai, avisando o que tinha acontecido. Ele quis vir imediatamente, mas pedi que aguardasse até termos alguma notícia. Se o pior tivesse acontecido, Penelope precisaria ser cercada por todos que ama.

Pensei em ligar para o Adam, mas não tenho seu número e, na pressa, deixamos o telefone de Penelope em casa. De qualquer forma, não sabia se procurá-lo era o certo a fazer, embora me parecesse. Foi ele que decidiu ficar de fora, e só cabia à minha prima decidir contar sobre o que acontecia.

O tempo todo eu rezei, fervorosamente e como nunca tinha rezado na vida.

Andei pelo hospital, e quando dei por mim, estava parada em frente ao berçário. Fiquei bem rente ao vidro, olhando encantada para os bebês. Alguns estavam dormindo, outros exibiam grandes olhos arregalados, atentos a tudo em torno deles.

Demorei um pouco mais, admirando um bebê cabeludo que atraiu minha atenção. Ele usava um macacão azul cor do céu e tinha os cabelos bem pretos. Vi alguém se aproximar do berço ao lado dele e colocar um bebê bem pequeninho. Era tão delicado e frágil que me vi imediatamente apaixonada por ele. Diferente dos outros, que usavam azul ou rosa, esse usava apenas branco. Eu não sabia dizer se era menina ou menino, desconfiava, pelos traços, que fosse uma garotinha.

— São encantadores, não é?

A jovem, que havia colocado o bebê prematuro no berço, agora está do lado de fora, ao meu lado. Pela roupa, deduzi que fosse médica. Sorri para ela e concordei com um movimento de cabeça.

— Meus pais são médicos. Quando eu era criança, às vezes vinha visitar um deles no hospital — disse ela, com um ar de nostalgia — O berçário era o meu lugar preferido. O meu parque de diversão particular. Foi aqui, vendo os bebês, que decidi ser obstetra.

— É uma profissão muito bonita. Também gosto muito de crianças — confessei — Mas acho que não sou tão inteligente assim. Talvez eu possa ser professora. Não que ser professora seja mais fácil, mas...

— Entendi o que quis dizer — ela sorriu — Pode apostar, eu também tive minhas dúvidas. Será que seria uma boa médica como meus pais e meu irmão? Conseguiria aprender tudo e suportar todas as horas de estudos?

— Bom, você conseguiu.

— Porque eu amo o que faço — ela gentilmente tocou meu ombro — Meu coração guia meu trabalho, não apenas meu cérebro. A mente pode ser exercitada, treinada, mas o coração, ele precisa ser entregue.

Caminhei para mais perto do vidro, enquanto digería o que ela falava.

— Dra. Katty? — Viramo-nos em direção à voz — A sala de parto já está pronta.

Nos despedimos com um sorriso e voltei a encarar o berçário, pensativa. Será que uma garota simples do Texas, uma garota criada na fazenda por quatro homens brancos, poderia sonhar tão alto?

Finalmente, algumas horas depois, recebo notícias da médica. Apesar de o caso dela ser delicado e requerer muitos cuidados, o bebê estava bem e nós iríamos garantir que continuaria assim.

Mandeí uma mensagem para meu pai, avisando que tudo estava bem. Não citei sobre a gravidez de risco, com toda certeza ele viria até Nova York e arrastaria nós duas para a fazenda. Essa é outra decisão que Penelope tinha que tomar com calma.

Como a médica disse que ela dormiria por mais algumas horas, decidi ir para casa, pegar tudo o que ela pudesse precisar e me arrumar devidamente. Tentei ligar para o Adam assim que entrei, mas todas as minhas tentativas frustradas caíram na caixa postal. Deixei um recado, pedindo que ele me ligasse de volta. Esperava que Penelope não ficasse brava comigo, mas senti que era a coisa certa a fazer.

Voltei para o hospital e passei o tempo todo ao lado dela, velando seu sono.

— Não... — ela disse, agitada — Não, não, não!

— Penelope?

Ela desperta lentamente. Seus olhos varrem o quarto, procurando por mim, até me encontrar junto à cama.

— Está tudo sob controle — tento tranquilizá-la — Não perdeu seu bebê.

— Mas...

Ela me encara, confusa. Percebo que sua mente viaja para as últimas horas e o pânico que vivenciamos.

— Mas requer cuidados... — a doutora chega com a ficha médica nas mãos — Acredito que esteja em um constante estado de tensão.

A médica segue para o outro lado e começa a explicar a Penelope tudo o que já havia me falado. Ela escuta atentamente, ficando surpresa, triste e esperançosa a cada novo conselho médico que vai recebendo.

As ordens eram dar uma pausa no trabalho e ter alguém que cuide dela e do bebê. A decisão de ir para o Texas havia sido tomada.

Eu olhava para a minha mala vazia, no chão. Não queria voltar para a fazenda. Não porque estava ferida ou não quisesse enfrentar meu pai e meus irmãos. Mas alguma coisa em mim dizia que eu deveria ficar aqui. Sentia que, se fosse embora, estaria deixando alguma coisa importante para trás. Era a mesma sensação que eu tinha no Texas. Embora amasse de todo coração a fazenda, tinha uma inexplicável sensação de que deveria sair de lá.

Mas eu amava Penelope. Era a irmãzinha que não tive e faria qualquer coisa por ela.

Ainda encarava a mala, quando meu telefone tocou.

— Ellen? — bati minha mão contra a testa. Era hoje a entrevista de emprego que ela tinha me indicado — Desculpe, Ellen...

Explico a ela o que aconteceu, desde meu motivo para sair correndo da festa de Neil Durant até meu total e imperdoável esquecimento do compromisso de hoje.

— Tudo bem, chega de pedir desculpas — ela ri, deixando-me um pouco menos constrangida — Para sua sorte, Loretta não gostou de nenhuma das candidatas que apareceu. Eu vou remarcar, se ainda estiver interessada.

— Eu não sei, Ellen — decido ser completamente honesta com ela — Eu quero muito esse emprego, mas a minha prima está precisando de mim.

— Faz o seguinte: vou agendar a entrevista para segunda, pegue o fim de semana para pensar.

— Ok. Ellen? — respirei fundo — Obrigada.

Estava feliz por ter encontrado uma boa amiga em Nova York. Embora nos conhecêssemos há pouco tempo, sentia que Ellen era uma dessas pessoas que do nada surgiam em nossas vidas e ali ficava.

— Julienne?

Saltei devido ao susto. Penelope estava parada na porta e, com um olhar triste, olhava para mim.

— Ai, você me assustou! — acompanhei seu olhar para minha mala vazia e fui em direção às gavetas — Já vou começar a arrumar minhas coisas...

— Julienne?

Eu sabia o que ela ia me dizer, mas, por algum motivo, desejava fugir daquilo.

— Fique aqui.

Caramba! Foi ela a perder o grande amor de sua vida. Foi ela que quase perdeu o bebê. Que tinha que escolher entre o trabalho que amava e a segurança de seu filho. Era ela a ter que deixar seu lar mais uma vez, rumo ao desconhecido. Então, por que era eu que estava sendo consolada?

— Eu vou sentir sua falta — disse ela, beijando meus cabelos — Parece que vivemos nos desencontrando.

— Eu posso ir... — disse, em meio aos soluços.

— Não. Quero que fique aqui e encontre seu próprio caminho. Faça a sua história, Julianne, e, se puder, seja imensamente feliz.

— Em qualquer momento que você precisar — afastei-me um pouco dela — Em qualquer que seja a situação, promete que me chama?

— Prometo.

Parte de mim ainda carregava culpa por deixá-la ir para o Texas sem mim, mas Penelope garantiu que ficaria bem. Havia muitas pessoas para cuidar dela. Eu sabia que todos na fazenda iriam mimá-la muito.

Apesar de ser muito mais estilo *ER* e *Dr. House*, passamos o fim de semana fazendo uma maratona de *Friends*. Seriado que aprendi a gostar, graças a insistência de Penelope para que eu visse. Liguei para Ellen no domingo à noite e disse que estava tudo certo para a entrevista.

Dallas viria até aqui para buscar Penelope. Fiquei entre decepcionada e aliviada por não conseguir vê-lo. Talvez seja melhor assim, deduzi.

— Você vai ao casamento, não é, Julianne?

Fecho a mala dela para ganhar um pouco mais de tempo. Ainda não decidi o que farei sobre isso.

— Eu disse que vou pensar.

— Julianne, ele é o seu pai. Tia Lola. Pessoas que te amam, lembra?

Pessoas que mentiram para mim.

— Eu tenho que ir para a minha entrevista de emprego — mudo de assunto rapidamente — Que horas o Dallas disse que chegaria?

Observo-a verificar o celular mais uma vez.

— Disse que em quinze minutos estaria aqui. Já deve estar chegando.

Bom, não queria deixá-la sozinha por muito tempo.

— Ótimo, então vou indo. Não quero encontrá-lo — minto. É, eu sou orgulhosa.

— Vejo você em breve — diz ela, me abraçando e já dando como certa minha presença no casamento — Lembra do que pedi a você?

— Está aqui na bolsa — bato na bolsa transversal, estilo carteiro, que estou usando — Farei isso ainda hoje.

Eu acho covardia que ela tenha essa conversa com Adam através de uma carta, ao invés de encará-lo mais uma vez antes de ir embora, mas quem sou eu para falar em covardia?

— Obrigada.

— Cuida do meu bebezinho — toco o ventre dela, que já começa a aparecer.

A despedida não foi tão dolorosa como pensei. Acho que só sentiria mesmo quando voltasse para o apartamento vazio.

É, daqui para frente, eu estaria sozinha.

Capítulo 20



Nova York, 2014

DEIXEI, SEI LÁ, MAIS UMAS CINQUENTAS MENSAGENS na caixa postal de Adam. Eu sabia que tinha tirado algumas semanas de férias, porque sua secretária me disse, após várias tentativas de encontrá-lo em casa. Apesar de entender que ele precisava desse tempo, não conseguia deixar de me sentir preocupado.

Soube, por Neil, que Penelope tinha pedido licença do emprego e ido para o Texas.

Texas? Mas que diabos ela tinha ido fazer lá?

Não era à toa que Adam estivesse tão arrasado. Obviamente, meu conselho de que tentasse ser amigo dela, antes de uma reaproximação afetiva, tinha sido o pior conselho do mundo, e eu tinha receio de que, em algum momento, ele me culpasse. Eu não ia mais mexer naquela história, deixaria que os dois resolvessem do jeito deles, mas queria que ele soubesse que não estava sozinho e que estaria sempre ao seu lado.

Ouçou uma batida na porta e dou a autorização para que entrem.

— Já encerrou seu plantão? — apenas a cabeça de Noah surge na porta — Quer ir no Let's café?

O Let's café era uma lanchonete/cafeteria que ficava a algumas quadras do hospital. Tinha o melhor café e donut da região. Boa parte do hospital o frequentava. Geralmente, eu pedia que entregassem meu pedido, mas quando queria distrair minha mente, eu ia até lá. Às vezes, sozinho, sentava em uma das mesas próximo à janela e observava o tempo passar. Mesmo que o ambiente estivesse sempre lotado e barulhento, eu conseguia sentir paz naquele caos.

— Você já encerrou? — perguntei, curioso, agora ele estava completamente dentro da sala.

— Você tem ido muito ao Let's café, para quem não gostava de lá.

Ele desviou o olhar e focou sua atenção nos diplomas pendurados na sala.

— Ultimamente venho precisando de doses extras de café.

Apesar de não acreditar muito na resposta que havia me dado, decidi deixar o assunto para lá.

Provavelmente havia alguma enfermeira que ele estava interessado e que frequentava o Let's café também.

Troquei o uniforme azul royal por jeans claro e camisa branca e me encontrei com Noah na saída. É uma missão quase impossível conseguir vagas para estacionar, então sempre vamos andando, não leva mais do que dez a quinze minutos.

Assim como o esperado, o Let's café está bem movimentado. Praticamente voamos até a única mesa disponível, quando um grupo de recepcionistas do hospital se levantou.

— Eu acho que vou começar a concordar com você — digo a Noah, assim que nos acomodamos — Talvez procurar outro café seja uma boa ideia. Isso pareceu uma maratona. Podíamos tentar aquele Starbucks na frente do hospital, é mais perto e...

— Eu gosto daqui — Noah me interrompeu e olhou em volta — Gosto desse café. Tudo que vale a pena tem que ser conquistado, Liam.

O quê? Ele sempre questionava se os minutos que caminhávamos até ali valiam realmente a pena. Estava prestes a perguntar que merda estava falando, quando tive um vislumbre de uma garçonete saindo dos fundos da lanchonete, indo em direção ao balcão de pedidos.

Estava de costas para mim e só conseguia ver o vestido preto, a bandeja presa na cintura e o rabo de cavalo que balançava levemente quando ela se movia. Mas, de alguma forma, ela me lembrava uma pessoa. Infelizmente, um grupo de amigos se levantou naquele momento, encobrendo a garota.

Voltei a olhar para Noah, embora não prestasse muita atenção no que ele me falava. Depois do desastroso fim de noite na virada do ano, em que eu havia saído não apenas com meu terno manchado, mas também minha consciência, eu tinha passado muito tempo pensando na garota.

Consciência pesada, aleguei a mim mesmo. Afinal, eu tinha sido um grande cretino aquela noite e mereci ter um dos melhores ternos do meu guarda-roupa arruinado. Valeu cada centavo pago à lavanderia. Só que a porra da minha consciência não podia ser lavada tão facilmente assim.

Eu tinha sido cruel, e como Julianne acusou, um perfeito babaca. Teria me desculpado imediatamente por ter sido tão grosseiro, se a pequena pestinha não tivesse me pego de surpresa. Até cheguei a ir atrás dela, mas havia sumido.

— O de sempre, rapazes?

Diferente da garçonete que chamou minha atenção, essa era mais alta e tinha os cabelos castanhos, quase um tom de caramelo, e olhos escuros.

— Café extraforte e um donut — Noah foi o primeiro a fazer o pedido — Ah, dois para viagem, Ellen.

— E você, doutor?

— Apenas café.

Por costume, ou norma da casa, ela deixou o cardápio em cima da mesa e um folheto.

— Já começaram as inscrições para o concurso de dança esse ano — ela se debruçou despreocupadamente sobre a mesa e sorriu — Vão arriscar esse ano? Parece que é música country. E, como sabem, é um evento para ajudar o hospital.

— Seus pais fazem uma boa doação todo ano, não é, Liam? — Noah balançou o folheto em meu rosto.

— Fazem — afastei o papel como alguém espantando uma mosca indesejada — Uma folha de cheque é tudo que vão conseguir de mim.

— Mas você não tinha feito balé, antes de seguir a medicina?

Chutei a perna dele por debaixo da mesa. Eu tinha revelado aquilo em um jogo idiota da faculdade, de verdade ou desafio. E sempre que ele podia, usava isso contra mim.

Não é que eu tenha realmente feito aulas de balé ou vocação para a coisa. Eu tinha menos de dez anos quando acreditei estar terrivelmente apaixonado por uma garotinha que fazia balé, meu amor pela dança durou até que os pais da garota foram embora, levando todas as minhas esperanças de ser feliz.

— Isso foi há anos.

— É uma pena. Os vencedores ganham dez mil dólares como recompensa — ela suspirou — Julianne está procurando um parceiro de dança, Noah.

De tudo que Ellen falou, eu só consegui ouvir Julianne. Remexi na cadeira e procurei pelo salão como um maluco.

— Então vou dizer para ela que já encontrou — Noah fica em pé e na busca pela Julianne, que eu espero não ser a minha. Ele teve mais sorte que eu.

Vejo-o caminhar até uma das mesas próximas à porta e tocar o ombro da garçonete que eu tinha avistado anteriormente. Eu a vi se virar e dar um enorme sorriso a ele.

Put a que pariu!

— Cancela o café, Ellen. Traz uma dose de uísque.

Queria voltar no tempo e poder cancelar todos os pedidos que fiz, para ter a oportunidade de reencontrá-la.

Delia, governanta da minha mãe e pessoa que eu considerava como uma avó, sempre dizia: cuidado com o que se pede à vida, Liam. Às vezes ela escuta.

Ah, merda!

Capítulo 21



ANOTEI O ÚLTIMO ITEM e corri os olhos rapidamente pela lista, antes de confirmar os pedidos.

— Dois cafés, uma água com gás, um brownie e duas tortas de pecã.

Ellen me disse que, com o tempo, eu me acostumaria com os clientes e faria os pedidos de olhos fechados. Por enquanto eu preferia ter certeza, principalmente depois do primeiro dia quando, distraidamente, tinha trocado alguns pedidos.

Há muito mais movimento do que eu imaginava, mas o bom é que as gorjetas eram excelentes.

— Ah, moça — uma ruiva cheia de sardas me chamou antes que eu pudesse sair, tinha um sotaque engraçado, e acho que era irlandesa — Troca minha água com gás por uma cherry coke.

Riscava o pedido da água com gás e ia escrever a cherry coke, quando senti uma mão em meu ombro.

— Noah.

— Oi, Julianne.

Noah era um dos clientes do Let's Café que eu tinha aprendido a reconhecer. Vinha tanto aqui que já tinha memorizado o que gostava de pedir, e sempre puxava assunto comigo. Ellen dizia que era para me ver, mas eu não acreditava muito nisso.

— Eu soube sobre o concurso de dança — ele me mostrou o panfleto — A Ellen disse que você vai participar e que estava procurando um parceiro.

Inicialmente eu tinha ficado receosa. Foi Loretta, a proprietária do Let's Café, que jogou a semente em minha cabeça. Além de poder ajudar um evento beneficente, uns dos patrocinadores oferecia aos participantes um prêmio de dez mil dólares.

Esse dinheiro poderia ser o pontapé inicial para a faculdade, caso eu decida mesmo fazer.

— É, não acho que vai acontecer — dou um meio sorriso — Não conheço quase ninguém na cidade que aceite essa aventura comigo.

— Eu aceito — ele disse — Aceito ser seu parceiro de dança, se você quiser.

— Está falando sério?

— Seria legal e uma oportunidade de nos tornarmos amigos — ele me deu um sorriso, que momentaneamente me fez me lembrar de James — Foi você mesmo quem disse que não tinha muitos na cidade. Olha, prometo que não vou exigir nada que não esteja disposta a dar.

Por que não? O máximo que poderia acontecer seria me apaixonar por ele, e definitivamente aquilo não seria ruim.

— Tudo bem. A dupla tem que preencher o formulário de inscrição — explico, indicando o papel em suas mãos — Por que não fazemos o seguinte? Coloca os seus dados aí e eu depois complemento com os meus.

— Certo — ele enrolou o formulário, formando um cone, e o bateu em sua mão — Estou na 12.

Para facilitar o atendimento e agilidade dos pedidos, as mesas eram marcadas por números. Ellen atendia os pares, e eu, os ímpares.

— Passo por lá daqui a pouco — avisei.

Apressei-me em atender as garotas, antes que alguma delas olhasse feio para mim.

— Três, sete e onze, Loretta — coloquei os pedidos sobre o balcão — O pedido da nove irá demorar quanto tempo?

Em vez da voz impaciente de Loretta, por estar sendo cobrada, algo que ela exigia que fizéssemos ali, outro, às minhas costas, fez meu sangue congelar e cada pelo dos meus braços ficarem em pé.

— Você está me perseguindo, menina?

E lá vamos nós outra vez. O mesmo sorriso debochado, o mesmo olhar irresistível e as mesmas batidas descontroladas do meu coração.

— Estou do meu lado da cerca — apertei a bandeja contra meu estômago, pressionando o suficiente para matar as borboletas alvoroçadas ali — Você está invadindo o pasto alheio.

Não esperei nenhuma reação dele, a não ser o som de sua risada. Estava me acostumando a isso. E, para ser sincera, gostava muito.

— Acho que nem toda pastagem do mundo iria barrar você.

— Mas é você que está invadindo.

Como um gato se espreguiçando no tapete, ele inclinou sobre o balcão.

— Há quanto tempo trabalha aqui?

— Duas semanas? — titubeei. Ele me deixava nervosa.

— Três anos — disse ele, com uma pose arrogante e a voz mais arrogante ainda — Há três anos que venho. Tecnicamente, você invadiu a cerca.

Essa conversa não era lógica, mas também nunca houve uma conversa racional entre nós dois. Ah, eu tinha esquecido! Liam me achava fedelha demais para um assunto maduro que não envolvia

pastos.

Encarei-o, chispando fogo. Como eu gostaria de provar, para esse completo idiota, como ele estava errado. O problema era que eu sempre provava que ele estava certo quando estava perto de mim. Eu me sinto boba, uma dessas garotas sonsas de romance que só pensavam em ser beijadas.

Era tão mais fácil quando eu era apenas uma garota maluca, desesperada para me livrar da virgindade. Também não ajudava que ele fosse tão bonito e atraente.

— Três e onze — Loretta empurrou duas bandejas em minha direção, o gesto me fez me liberar do transe em que havia mergulhado — Julien, qual a primeira e única regra da casa?

— Não trocar os pedidos?

— Nunca paquere os clientes — a voz era imperativa, mas a leve tremedeira no canto de seus lábios dizia que estava de gozação — Mesmo os mais feios, como esse aqui.

— Mas eu... eu não estava... — gaguejei ao encarar Liam, eu esperava que ele me ajudasse a desfazer o equívoco, mas ele escolheu um momento bem oportuno para se manter em silêncio — Deixa para lá.

Peguei as bandejas e saí pisando tão duro como um soldado marchando, não sem antes ouvir os dois cochicharem e gargalharem depois.

Passei os minutos seguintes controlando meu mau humor. Ostentei por tanto tempo um sorriso falso, que no final do dia sentia meu maxilar dolorido. Não procurei Noah, como prometi. Assim que percebi que ele dividia a mesa com Liam, evitei os dois. Eu tinha certeza que, se ouvisse mais uma gracinha dele, partiria para a agressão física.

— Isso é do Noah — Ellen me entregou uma folha preenchida, assim que entrou no banheiro — Do Liam.

Coloquei o formulário em minha bolsa sem ao menos olhar e fiquei um longo tempo olhando o guardanapo que Ellen havia me entregado.

— Não é uma bomba — ela tinha trocado o vestido preto por jeans e camiseta, e me afastou do espelho para retocar a maquiagem — É só um guardanapo com um recado dentro.

Não era uma bomba, mas, para mim, era como se fosse. Um míssil russo vindo direto em minha direção.

— É ele?

Ainda estava indecisa se olhava o conteúdo quadriculado, quando ergui meus olhos para ela.

— Ele quem?

— O cara da festa?

Eu não tinha contado nada sobre Liam para Penelope e não falava com James desde que tinha saído da casa dele. Eu precisava mesmo falar com alguém.

— É, sim.

Sentei em uma cadeira perto dos armários e decidi contar tudo para ela, já que eu só tinha falado por cima, que tinha brigado com um cara na festa e fugido.

— Você gosta dele?

— Não sei — gemi — Ele me faz sentir coisas boas e ruins.

— Tipo?

— Liam acha que tenho doze anos de idade, e isso me deixa muito, muito zangada. Vive tirando sarro de mim, o que me faz parecer mais estúpida. Às vezes, eu quero bater nele.

— Suponho que essas sejam as coisas ruins — disse ela, divertida — E as boas?

Assenti com a cabeça, tomei toda a energia e, num fôlego só, expliquei o quanto ele me irritava.

— Bom. Quando ele me beija e isso aconteceu apenas uma vez, todas as coisas ruins desaparecem.

Uau. Foi tudo que Ellen conseguiu dizer.

— Acho que gosta mesmo dele — disse ela, me empurrando de lado para dividir a cadeira comigo — Eu entendo, ele é um gato e vem sempre aqui.

— Não se ganha na loteria duas vezes — ergui minhas mãos, em um gesto exasperado.

— Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar — disse Ellen.

— Não se chora pelo leite derramado.

— Ah, essa é minha preferida — ela disse, empolgada — Não se faz uma omelete sem quebrar os ovos. Quebre os ovos dele, menina.

— Pois escute a minha preferida: ele é todo chapéu e nenhum gado.

Ellen me encarou, depois começou a rir.

— Nunca escutei essa, o que quer dizer?

— É uma expressão texana. Quer dizer: quem muito fala, nada faz.

Ellen me encarou, depois começou a rir.

— Então seja a garota das botas e faça alguma coisa.

— Ellen, qual foi a parte de que “ele não me enxerga como mulher”, que você não entendeu?

— A parte que vê uma mulher linda, encantadora, trabalhadora e divertida — ela foi enumerando as qualidades que nem eu sabia ter — Você só precisa fazer com que ele também entenda isso. Me diz uma coisa, quando vocês se beijaram, sentiu que ele correspondeu?

Refleti meio minuto sobre a pergunta dela. Revivi cada momento daquele beijo e encontrei minha

resposta.

— Sim. Completamente.

Ela se levantou de repente. Graças ao armário onde me apoiei, não caí estatelada no chão.

— Então, vou para casa formular o plano B.

Peguei minha bolsa rapidamente e corri para segui-la.

— Plano B? — disse a ela, enquanto andávamos — Eu nem sabia que tinha um plano A.

— O plano A é você ler o que tem nesse maldito guardanapo — ela apontou o papel amassado em minha mão — Ir para casa e se preparar para o nosso plano de ação.

— Ellen...

— Tchau.

Fiquei estática no meio da rua, até vê-la desaparecer. Não sei por que, mas o plano B não me parecia uma boa ideia.

Abri o guardanapo e sorri com o que tinha dentro. Um desenho de um garoto, com boné para trás, com duas bexigas na mão. Dentro delas estava escrito “desculpe” do “babaca”.

Eu sei que era da festa que Liam estava falando. Do que tinha falado sobre a minha mãe, mas, para mim, significava muito mais do que isso.

O plano B poderia ser um prelúdio de confusão e caos, mas talvez eu pudesse ensinar uma ou duas coisinhas a ele.

A primeira: como ser menos babaca.

Capítulo 22



O TRABALHO ERA A ÚNICA COISA que mantinha minha mente ocupada. Todo resto se mostrava um fracasso. O meu reencontro inesperado e mais uma vez desastroso, com Julianne, não tinha terminado da forma que esperava.

Normalmente sou descontraído, relaxado, humorista, ou, como Adam prefere dizer, insuportável. Com Julianne, o “insuportável” se destaca mais. Forcei minha mente a focar no caso que estava estudando, quando a porta foi aberta. Supus que seria minha secretária, quando ouvi a voz de Noah.

— Uma semana de café gratuito em troca de carona para casa — ele colocou um copo vermelho e branco com o logotipo do Let’s em cima da mesa.

— Não temos a mesma escala, Noah — resmunguei.

Estava irritado com ele, e nenhum de nós dois sabíamos o porquê. A verdade era que seu entusiasmo, em relação a Julianne, estava me incomodando. Será que ele não percebia como parecia patético, batendo as asas como um pavão, em volta de uma garota que poderia ser a filha dele?

Certo, eu estava exagerando. Nenhum de nós dois tínhamos idade para sermos pai dela. E eu nem sabia por que estava me colocando nessa comparação.

— Eu já resolvi sobre isso — ele puxou uma cadeira e sentou — Segunda, quarta e sexta, saio daqui e vou direto para o Let’s ensaiar com Julianne, você só tem que desviar um pouco o caminho e me pegar. Os outros dias, eu dou um jeito.

Mais ridículo que Noah ficar ciscando em torno de Julianne, era a ideia ridícula de participar de um concurso de dança, e mais ridículo ainda, para ficar ao lado dela.

Quantos anos ele tinha?

Homens normais convidam uma mulher para um jantar em um lugar bacana. Levam ao teatro, convidam para passar o fim de semana no campo. Não ficam agindo feito adolescentes na puberdade.

Por Deus! Ele tinha um doutorado, não um certificado do ensino médio.

— Tudo bem — me vi respondendo — Mas um café não paga isso.

— O que você quer em troca? — perguntou ele, desconfiado.

Sorri abertamente e peguei meu copo de café.

— Sempre há alguma coisa — tomei alguns goles pausadamente, dramático, mas infalível — Vou pensar no assunto.

— Eu tenho a sensação que vendi minha alma para o diabo — ele sorriu e se levantou.

Parte de mim sentiu-se culpado. Noah era um cara legal e merecia ser feliz. O problema é que eu não acreditava que aquela peste, em forma de menina, seria o ideal para ele.

— Liam? — ele me chamou da porta — Existe algo rolando... Entre você e Julianne? Eu vi vocês dois conversando, naquele dia. Não me pareceu agradável, mas...

Comecei a rir. Quer dizer, eu acredito que fosse uma risada. Pensar em Julianne e eu juntos seria mais bizarro que unir Harley e Coringa.

— Eu só fui dizer a ela para ter muita paciência com você — menti descaradamente, não adiantava tentar explicar o inexplicável — Noah, você é o pior dançarino que eu vi na vida.

— Esse é meu propósito com a dança — disse, animado — Quanto mais difícil a dança, mais tempo passarei ao lado dela.

Que idiota!

Chego ao Let's quase vinte minutos antes do combinado. Estaciono do outro lado da rua. Decido conferir se há algum e-mail pelo celular e respondo duas mensagens que Katty tinha me enviado. Mudei de posição no volante mais do que conseguia contar. Nunca tinha percebido como o banco era desconfortável.

Saio do carro e opto por esperar escorado na porta. Batuco os dedos na porta e, quando percebo, meus pés seguem o mesmo ritmo de meus dedos.

— Ah, que idiotice.

Não havia explicação plausível para que eu ficasse ao relento, aguardando que Noah se cansasse de brincar de Romeu. Assim, me aproximei da porta e fui recepcionado pela batida country. Entrei sorrateiramente. As mesas e cadeiras próximas ao balcão tinham sido arrastadas. Um rádio estava sobre uma cadeira.

Avistei Noah e Julianne no centro do palco que haviam improvisado. Metade das luzes estavam apagadas e apenas as suficientes, para iluminar o casal, permaneceram acesas. Sem dúvida alguma, o clima criado por eles era intimista e lúdico.

Aproximei-me um pouco mais, mas me mantive incógnito, em um canto mais escuro. Observei Noah fazer uma tentativa estranha de girar Julianne. Os braços torceram de uma forma, no mínimo,

dolorida, e para evitar que seu par caísse, ele pisou desastrosamente no pé dela.

Noah não tinha apenas dois pés esquerdos. Até o dia do espetáculo, ele faria Julianne ficar sem os dela. Apavorado, ele correu até o aparelho de som, e desligou a música, e acendeu todas as luzes. Ainda não tinham me visto, então resolvi aproveitar um pouco mais dessa vantagem.

— Julianne, me desculpe — Noah lamentava, enquanto ela balançava os pés no ar — Desculpe.

Ela estava de botas. As mesmas que vi usando na despedida de solteiro de Richard. De repente, me dou conta de como ficam charmosas nela. Agora, com o ambiente totalmente iluminado, conseguia vê-la mais detalhadamente. Usava uma camiseta preta, com um nó na cintura, short jeans desfiado nas barras e muito mais curto do que eu desejava. Os cabelos tinham sido presos em tranças, uma de cada lado da cabeça, mas isso não impedia que fios teimosos, ou que talvez tenham escapado durante a dança, envolvessem o rosto dela.

— Tudo bem, Noah — ela sorriu, balançando o pé — Essas botas resistem a qualquer coisa.

Noah baixou a cabeça e parecia derrotado quando disse:

— Inclusive a dezesseis pisões no pé.

Tocada, ou apenas porque queria dar incentivo a ele, Julianne segurou-o pelos ombros, obrigando-o a encará-la.

— Se eu ensinei o James, o pior dançarino de todo o Texas, é claro que também posso te ensinar.

Noah sorriu de volta. Suas mãos pousaram na cintura dela, puxando-a mais para si. Empertiguei no banco em que havia recostado e me senti enjoado pela cena romântica, estilo final de filme, prestes a acontecer.

— Confio em você, Julianne — disse ele, e foi impossível não revirar os olhos — Eu vou te ajudar a ganhar.

Eu vou te ajudar a ganhar. Puf!

— Só se for o concurso da terceira idade — murmurei, surpreso que meus pensamentos tenham ganhado voz.

Merda. Não apenas tinha sido descoberto, como recebia dois pares de olhos furiosos em cima de mim.

— O que você quer dizer? — Julianne afastou as mãos de Noah e as apoiou na cintura.

— Obviamente que Noah não tem talento algum para dança.

— Dança é amor e dedicação.

— Ah, conselhos da dançarina do Bolshoi — dei risada. Não, eu não conseguia resistir, tinha algo nela que me impelia a provocá-la — Devo lembrar que o concurso será em doze semanas?

— Tempo hábil e mais do que adequado para ele aprender — insistiu ela, voltando para Noah, com a voz suave: — Não liga para ele. Palhaços de circo só sabem fazer palhaçadas.

Quando ela o abraçou, Noah piscou para mim. Eu consegui visualizar o lindo e branco cordeirinho saltitando para a toca do lobo. Eu sabia que ser um péssimo dançarino não era uma estratégia barata de Noah, mas ele usaria isso convenientemente ao seu favor.

A garota era mais ingênua do que eu imaginava.

— Se o casal terminou, gostaria de ir embora — enfatizei, incapaz de continuar presenciando carinhos e trocas de motivação.

Se o Noah queria se afundar na areia movediça que essa menina representava, o problema era dele.

— Você quer uma carona, Julianne? — ofereceu Noah, após colocar o casaco.

— Agora eu virei motorista de Uber — resmunguei.

— Liam!

— Não é necessário — Julianne me encarou, ofendida — A irmã da Ellen estuda aqui perto e me dará uma carona. Além disso, tenho que organizar tudo isso antes de sair.

— Liam e eu podemos ajudar você.

Eu pretendia dizer que Liam não tinha concordado com nada disso. Nem um ano inteiro recebendo café e rosquinhas de graça seriam suficientes, mas eu era um cavalheiro... Bem, na maioria das vezes. Então, minha excelente educação falou mais alto que o meu mau humor.

Enquanto trabalhávamos, evitei Julianne e lancei todos os olhares furiosos possíveis a Noah. Principalmente quando ele se aproveitava quando ela agachava para pegar alguma coisa e o short subia alguns centímetros. Ou quando ficou na ponta dos pés para alcançar as alças das cortinas e isso fazia com que o nó da camiseta erguesse um pouco mais, dando-nos uma visão privilegiada da cintura estreita e um umbigo tão delicado quanto ela.

Desde quando umbigos eram sexy? Seios eram sexy. Traseiros e pernas eram sexy. E por que eu estava pensando em como sexy ela poderia ser?

— Obrigada por terem ajudado — disse Julianne, ao trancar a porta — Você também, Liam. Teria demorado o dobro do tempo sozinha.

Sáímos da proteção do toldo. Observei que, apesar do casaco que usava, começou a esfregar as mãos nos braços enquanto a neve fina caía do céu e pequenos flocos cobriam sua cabeça. Tive um impulso de esticar minhas mãos e afastar alguns de seu rosto.

— Você está pronta, Julianne?

Saí do meu transe quando uma jovem, muito parecida com Ellen, apareceu.

— Vamos, Noah — saí sem me despedir de uma ou cumprimentar a outra.

O Chevette vermelho saiu em direção oposta assim que Noah entrou em meu carro.

— O que deu em você, Liam?

— Coloca o cinto — digo em resposta, obviamente não a que esperava de mim.

Eu precisava de tempo para pensar sobre isso. O que tinha dado em mim?

— Você só deu patadas e foi irônico com a Julianne — ele resmungou, colocando o cinto com raiva — Isso é bem estranho do cara mais paquerador e cheio de risos do hospital.

— Paquerador? Até há algumas semanas eu era noivo, Noah. Eu nunca fui infiel.

— Mas sempre tem todas as mulheres encantadas por você — disse ele — E contribui muito para isso. Por que com Julianne é diferente? Tem ciúmes dela?

— Bem, ciúmes implicaria gostar, e estou bem longe disso.

— Por quê?

Encarei-o, chocado. Será que só eu via o óbvio?!

— Porque é uma menina, Noah. Isso significa encrenca. Não é possível que não tenha notado isso.

— Ah, é? Quantos anos tinha a Nicole? Vinte e seis? — ele deu de ombros — Cinco a mais do que ela, e posso dizer que Julianne é dez vezes mais madura que ela.

Madura? A garota era uma fonte inesgotável de confusão. Era temperamental e birrenta.

— É prestativa, atenciosa, inteligente... — seu sorriso ia alargando enquanto descrevia sua musa

— Tem um excelente senso de humor e gentil com qualquer pessoa. Foi corajosa em sair de uma cidade pequena para encarar uma cidade maluca como Nova York. Dá duro no Let's, mas não a vi reclamar uma única vez essa noite.

Definitivamente, aquele não era o perfil dela que eu tinha criado em minha mente.

— Tem mais maturidade do que sua noiva nunca teve.

Era algo que eu não poderia argumentar. Aparentemente fui o único que, um dia, vira alguma qualidade em minha ex-noiva, e nenhum dos itens citados poderia ser atribuído a ela.

— Eu só acho que está cutucando um vespeiro — avisei, parando o carro em frente ao seu prédio — Julianne é muito mais nova do que você.

— Deixe que eu decida isso — murmurou, ao abrir a porta — E, Liam, seja mais gentil com ela da próxima vez.

— Tudo bem — levantei as mãos em sinal de paz. Na verdade, não estava nada bem.

Prestativa, atenciosa, inteligente, corajosa, gentil... bom humor.

Isso porque Noah nem a tinha beijado ainda.

Não, não estava nada bem.

Saí da sala de cirurgia, e após uma visita rápida a um paciente, segui para minha sala. Eu tinha um

espaço de um pouco mais de três horas até a próxima operação.

— Ah, doutor — a secretária me entregou um prontuário e sorriu ao indicar a porta aberta — O senhor tem visitas.

Não poderia ser Katty, nós almoçamos juntos hoje, e minha mãe teria ligado antes de aparecer. Primeiro eu vi a cadeira girar, depois a garotinha sorridente aparecer. No canto esquerdo, próximo à janela, estava Eva.

— Olha só, tem uma borboleta voando na minha sala.

— Liam!

Melanie pulou da cadeira, e antes que tropeçasse na mesa para vir atrás de mim, fui ao encontro dela. Peguei a pequena travessa em meu colo e dei um beijo estalado na bochecha dela.

— Oi, Liam — Eva cumprimentou e se escorou contra a janela, notei que ela carregava uma pasta junto à bolsa — Espero que não estejamos atrapalhando o seu trabalho.

— Essa garota nunca me incomoda — garanto a ela e volto minha atenção para Melanie — Qual é a honra de tê-la aqui, minha jovem dama?

— A gente tem médico — Melanie respondeu.

Olhei para Eva, preocupado. Faz alguns dias que não falo com ela, além de alguns torpedos. Estive tão envolvido com o tornado chamado Julienne, que nesse momento me sinto relapso.

— Está tudo bem?

Eva meneou a cabeça antes de responder.

— O doutor Chapman quis ver a Melanie mais uma vez, antes de marcar a cirurgia plástica.

Soltei o ar, aliviado. Melanie já tinha passado por tantas coisas. Era tão nova e enfrentava a vida com tanta bravura, não seria justo que mais coisas ruins acontecessem a ela.

— Isso é uma ótima notícia! Temos que comemorar.

— Não, Liam — Eva se aproximou de nós — Não queremos incomodar. Como estávamos por aqui, Melanie fez questão de vir ver você.

— Ainda tenho umas três horas de folga, Eva. E, sim, isso é algo a ser comemorado. O que você quer, gatinha?

Melanie bateu os dedos no queixo enquanto ponderava.

— Donuts! Não, não, não! Sorvete!

— Que tal donut de sorvete? — coloquei-a em minhas costas e caminhamos para fora da sala — Sei de um lugar que tem os mais incríveis donuts de sorvete.

— Êba!

Eu tinha prometido a mim mesmo evitar o Let's, o motivo era meio óbvio. Mas eu não podia negar esse momento de felicidade a Melanie. E também eu prometi a Noah que seria mais simpático com

Julienne. Era a desculpa perfeita para me reaproximar dela.

Quando chegamos ao café, Eva foi em direção à primeira mesa que encontramos, mas pedi que sentássemos em frente às janelas, pois já tinha notado que Julienne atendia apenas as mesas ímpares.

O movimento estava um pouco mais tranquilo, devido ao horário, e a avistei conversando com Ellen, ao lado de um jukebox antigo. Aparentemente, discutiam sobre a escolha da música. Julienne, com o olhar suplicante e um sorriso cândido, acabou se saindo melhor. Logo, uma batida country romântica começou a tocar. A poesia da canção e a voz rouca e melodiosa do cantor me fizeram desejar ir até ela. Escorregar minhas mãos em sua cintura, puxar seu corpo para mais próximo do meu e dançarmos embalados pela canção de amor.

Os olhos dela, amigáveis e carinhosos, cruzaram com os meus, exatamente no momento em que o choque desses pensamentos me desnorteou.

— Podem ir fazendo os pedidos — disse a Eva, que me observava com curiosidade, aparentemente, ela tinha notado que algo estranho acontecia comigo — Eu... hum... vou ao banheiro.

Passei rapidamente por ela. Não tinha sido minha intenção ignorá-la. Mesmo que não tenha virado para verificar, podia sentir o olhar magoado às minhas costas.

Apoiei-me contra a porta e lá permaneci, perdido em milhares de pensamentos contraditórios, até que alguém solicitou a entrada. Lavei as mãos e o rosto, passei os dedos molhados em meu pescoço. Imaginei como seria ter os lábios macios de Julienne em minha pele.

Merda!

Encarei o homem atordoado em frente ao espelho. Qual era o problema comigo, afinal de contas? Eu tinha feito um discurso fervoroso a Noah, sobre todos os motivos que faziam Julienne imprópria para mim, não ele, e na realidade cultivava pensamentos impróprios com ela.

Não podia permitir que isso continuasse. Continuar a fugir dela só faria com que minha curiosidade aguçasse. Noah tinha razão; se fosse gentil com ela, como era com todas as pessoas que me cercam, essa tensão em volta de nós dois iria desaparecer. Seríamos nada mais que dois bons amigos.

Sequei meu rosto, ajeitei o cabelo, que havia bagunçado em um momento de consternação, e segui de volta para a mesa. Vi que Eva e Melanie já tinham feito e recebido seus pedidos. Tomaria um café, pediria desculpas a Julienne pelo meu mau comportamento desde que nos conhecemos e colocaria um ponto final naquela história.

Infelizmente, nem sempre as coisas acontecem como planejamos. O minuto seguinte foi um dos mais tensos para mim.

Melanie falava e gesticulava alegremente com a mãe, completamente alheia ao que acontecia em sua volta. Quando Julienne deu alguns passos para trás, dando espaço para que um casal passasse por

ela, sua bandeja ficou a centímetros do braço da menina.

Eu vi tudo acontecer em câmera lenta. Melanie esbarrou na bandeja que virou, fazendo um estrondo ao se chocar contra o chão. Julianne se virou alarmada, e a menina perdeu a expressão de alegria, assumindo uma carregada de medo.

Rapidamente me lembrei de uma vez que fomos a uma pizzaria, que fica a algumas quadras do apartamento delas. Melanie tinha dado de encontro a uma garçonete logo que entramos. Por sorte, os copos vazios que ela carregava não tiveram o mesmo destino que a bandeja cheia de comida de Julianne. Mas aquilo não impediu que a garçonete mal-humorada fosse grossa com a menina, perguntando se era cega, o que eu duramente disse que sim. Apesar de ter feito queixa verbalmente ao gerente e termos recebido vários cupons de cortesia da casa, que obviamente tiveram como destino a primeira lixeira que vi, jamais voltaríamos ali.

Dominado por um instinto protetor, caminhei rapidamente em direção à mesa. Não permitiria que Melanie passasse pela mesma situação embaraçosa e cruel.

— Ah, meu Deus! — Julianne ajoelhou ao lado da criança assustada — Eu sou muito desastrada. Machuquei você?

A mão carinhosa afagava o rosto de Melanie, secando as lágrimas que começaram a escorrer.

— Eu não vi, moça — a menina tentou se desculpar, a voz trêmula e o sentimento de culpa que demonstrava fizeram um nó em minha garganta — Eu sou cega. Cega de verdade.

— A culpa foi toda minha. Ai, meu Deus! Eu sou desastrada — Julianne pegou a mão de Melanie e a colocou na bochecha — Todos os dias derrubo alguma coisa. Sabe que até há uma aposta aqui? O cliente que for vítima do meu corpo desgovernado, ganha um delicioso cupcake. Gosta de cupcake?

— Gosto, sim — murmurou ela, baixinho.

— Então eu vou pegar o seu — disse Julianne, agora encarando Eva, pedindo confirmação — De chocolate com cobertura de creme?

— É o preferido dela.

Saí do meu transe quando Julianne passou por mim de cabeça baixa. Estive tão absorvido com a cena se desenrolando à minha frente, que não tinha percebido que Ellen discretamente havia limpado os vestígios do acidente no chão. Aos poucos, os clientes voltaram a se preocupar com suas próprias vidas, e eu segui para onde Julianne estava, no balcão.

— Coloque na minha conta — disse, ao vê-la pegar um prato com o doce confeitado.

— Não é necessário — murmurou ela ao tentar passar por mim — A culpa foi toda minha. E a regra do cupcake é verdadeira.

Segurei o seu braço. Notei, pelo prato oscilando, em como suas mãos estavam trêmulas. Desejava fortemente que fosse devido à tensão e não uma reação que eu causava a ela.

— Não falo sobre o doce — passo carinhosamente o polegar sobre sua pele — Coloque o pedido desperdiçado em minha conta.

— Como eu disse — ela se retorceu e puxou o braço. Pesarosamente eu soltei, não queria causar um novo incidente — A culpa foi minha, mas obrigada pela oferta.

“Ela é atenciosa e gentil com todas as pessoas”.

Sim, Noah tinha razão sobre isso, mas Julienne tinha ido além da gentileza profissional em relação a Melanie. Tinha sido atenciosa e carinhosa com a menina. Era impossível não se sentir tocado ou ignorar o gesto.

— Julienne...

— Liam.

Insistir com ela não nos levaria a lugar algum, eu precisava agir de outra forma.

— Tudo bem — dei dois passos para o lado, para que ela passasse, e escondi, em um sorriso inocente, minhas reais intenções.

Quando a vi conversando animadamente com Eva e uma Melanie outra vez sorridente, decidi colocar meu plano em ação. Toquei a sineta, e Loretta, com cara de rabugenta, apareceu no balcão. Tirei duas notas de cem dólares e coloquei sobre o mármore.

— Pelo acidente com a bandeja, e o que sobrar fica como gorjeta para Julienne.

Entortando a cara, Loretta empurrou as notas para mim antes de dizer:

— Eu vi que foi um acidente, doutor — resmungou ela — Já disse a Julienne que não será descontado dela por isso.

— Então, deixe como um bônus no salário de Julienne — empurrei de volta.

O mesmo olhar desconfiado que Eva me deu, quando fui ao banheiro, surgiu em Loretta. Aquilo me incomodou, e estava prestes a pegar o maldito dinheiro para escapar não apenas de seu olhar, mas também das perguntas que certamente viriam, quando ela pegou os duzentos dólares, sorrindo, e desapareceu de volta na cozinha.

Olhei em direção à mesa. Julienne estava sentada ao lado de Melanie e, entre conversas animadas, dividiam o doce.

— Tudo bem, Liam? — foi Eva a perguntar assim que voltei ao meu lugar.

— Tudo ótimo — decidi, pelo menos, tentar relaxar — Do que vocês riam?

— Mamãe tem um namorado novo — disse Melanie, alguns farelos escaparam de sua boca ao falar.

Encarei Eva com curiosidade. Apesar de me tornar cada vez mais íntimo das duas, esse era um assunto que nunca tocamos.

— Melanie — o rosto corado de Eva foi a comprovação de que a filha falava a verdade — Ela

está exagerando.

Um dos boatos do hospital e a nota que circulou em um jornal local, era que o ex-marido de Eva, movido pelo ciúme de um suposto caso dela com um supervisor de departamento, da rede de lojas em que trabalhava, tinha sido o estopim para que o desgraçado a agredisse e Melanie acabasse vítima do covarde.

Não soube e nunca desejei saber o quanto daquilo era verdade. Eva provava ser uma mãe atenciosa e dedicada e, mesmo que tivesse tido um relacionamento extraconjugal, nenhum homem tinha o direito de agir daquela maneira.

— Mas o tio Josh convidou mamãe para jantar — soltou Melanie — Mamãe tem um admirador secreto.

Observei Julianne, e assim como eu, ela se esforçava para não rir, enquanto Eva parecia querer se esconder embaixo da mesa.

— Só é admirador secreto se a pessoa não sabe, querida — Eva corrigiu a filha.

— Bom, então é um admirador declarado — entrei de cabeça na missão “constranger Eva”.

Julianne riu, e todos nós seguimos o exemplo dela. Os cinco minutos seguintes foram provocações minhas apoiadas por Melanie, no intuito que Eva admitisse que realmente tinha um admirador.

— De qualquer forma, não importa — disse Eva, em perceptível tom melancólico. — Estou totalmente focada em minha filha agora.

Após um breve silêncio, quase que constrangedor, Melanie foi a primeira a se pronunciar.

— Mas eu não quero.

— Que eu saia com o Josh? — preocupada, Eva segurou a mão dela.

— Que não saia por causa de mim.

Nós nos olhamos, intrigados com o que passava pela cabeça dela.

— Ouvi um médico, na TV, dizer que toda cirurgia tem traço de morte.

— Risco, querida — Eva a corrigiu, com a voz embargada — Risco de morte.

— Isso. Plástica é uma cirurgia, não é, Liam?

Em menos de duas horas, eu tinha vivido um turbilhão de sentimentos. Parecia que eu andava incansavelmente em uma montanha-russa de emoções.

— É, sim, mas nada vai acontecer a você, querida — murmurei, pegando a outra mão dela — Chapman é um excelente médico.

— E muito legal, também — Melanie enfatizou — Mas, se eu for embora, quero que a mamãe tenha alguém.

Eu fazia a barba, dirigia meu carro conversível que fazia com que me sentisse um rei, vários diplomas estavam pendurados em uma parede da minha sala. Era o adulto ali, mas foi uma menina,

uma linda menina, que a vida duramente havia castigado, que nos ensinava algo tão importante sobre o amor.

— Eu posso ficar de babá — pigarreei antes de continuar: — Sempre que quiser. Não apenas para sair com Josh.

Eva secou algumas lágrimas que deslizavam por seu rosto.

— Prometo que irei pensar.

Julienne fungou antes de arrastar sua cadeira. Observei seus olhos marejados, senti uma necessidade extrema de colocá-la em meu colo e depositar muitos beijos no rosto levemente corado.

— Eu tenho que voltar ao trabalho, agora — ela disse — Vou separar alguns cupcakes para que leve para casa, Melanie.

Dito isso, ela saiu apressada. Segui-a com o olhar, e não pude deixar de constatar que um pouco do brilho, que havia na mesa, foi embora junto com ela.

— Liam, nós não queremos incomodá-lo mais — disse Eva — Sei que tem que voltar ao hospital.

Infelizmente, aquilo era verdade. Havia uma cirurgia delicada e eu precisava verificar todo processo pré-operatório.

Após muita insistência da minha parte, deixei algumas notas em cima da mesa. Beije os cabelos de Melanie em despedida, no momento em que Julienne depositava o embrulho em cima da mesa. De alguma forma e de um jeito que eu não sabia explicar, seja lá qual for a relação que nutríamos, estava começando a mudar.

— Até logo, Liam.

Como eu não tinha percebido antes que o sorriso dela era fascinante e sedutor?

— Até logo, Julienne.

Brigar com ela e vê-la irritada comigo era noventa e nove por cento do tempo divertido. Ser agraciado com um dos seus sorrisos era incomparavelmente melhor. Um pequeno passo em direção ao paraíso.

Parei e, por alguns segundos, a admirei através da janela do Let's.

Capítulo 23



PEGUEI UMA DAS REVISTAS EMPILHAS EM CIMA DO BANCO. Estamos no banheiro que servia de vestiário, ou, como Ellen intitulou, nosso próprio KGB^[1].

Enquanto eu conferia os títulos de cada uma delas, tentava segurar a vontade de rir.

** Como conquistar o homem dos seus sonhos;*

** 10 passos para ter o homem da sua vida;*

** Use seu poder de sedução e traga seu homem de volta.*

Essa eu joguei no lixo sem nenhum constrangimento, afinal, não volta aquilo que nunca foi.

— Tudo bem — Ellen sentou ao meu lado e apontou as revistas em meu colo — Foi uma péssima ideia. Em minha defesa, digo que todas essas revistas são da minha irmã.

— Eu não quero mudar para atrair o Liam. Não duvido que alguns desses itens dessas revistas possam funcionar, mas não seria eu mesma.

— Ok. Você não precisa fazer nada dessas coisas para deixá-lo fascinado por você. Até mesmo porque, depois do que aconteceu hoje, acho que esse passo já foi dado — ela se levantou e colocou as revistas para fazer companhia à outra, no lixo — Mas não seria errado dar uma ajeitadinha no que já tem.

— O que você quer dizer?

— Ah, sei lá. Dar uma incrementada no guarda-roupa?

— Não. Sobre hoje. O que aconteceu hoje?

— Primeiro, o Liam não tirou os olhos de você, desde que entrou no Let's.

— Isso porque ele me detesta, certamente estava vendo a melhor forma de ficar longe de mim — aquilo me torturava, pois quanto mais o conhecia, mais meus sentimentos por ele se intensificavam.

Claro que eu ainda o achava um belo idiota. Mas eu tinha notado como Liam era carinhoso e atencioso com Melanie. Ele tinha se oferecido para ficar de babá, para que sua amiga tivesse uma noite romântica. Quantos homens fariam isso?

— Ah, é mesmo? Então, por que escolheu justamente uma das mesas que você atende?

— Talvez não tenha percebido.

— Julianne, ele vem aqui há quase três anos. Sabe muito bem como funciona o café. — disse Ellen — Além disso, ficou observando você pela janela, quando foi embora.

Eu quis controlar os fogos de artifício explodindo em meu coração, mas parecia uma missão quase impossível. Será que a suposta indiferença de Liam, em relação a mim, era na verdade uma tentativa de mascarar seus reais sentimentos?

Algumas vezes, quando ele permitia baixar a guarda, eu via o ardor em seus olhos, assim como carinho e desejo.

— Eu vou te dizer uma coisa e fica entre nós — embora estivéssemos sozinhas ali, Ellen falou baixinho e fez sinal para que eu me aproximasse — Soube que a noiva dele era uma verdadeira bruxa. Faria Lord Voldemort parecer um anjo. O que tinha de bonita, tinha de insuportável e maldosa.

— Como soube de tantos detalhes?

— São fofocas que rolaram com o pessoal do hospital...

— Liam trabalha no hospital? — perguntei, surpresa.

— Ele não trabalha no hospital — Ellen me deu um olhar de professora, aqueles que nos perguntava o porquê de não ter feito a lição de casa — É um dos melhores, se não o melhor cirurgião de lá. E quando disse “pessoas” — ela fez aspas com as mãos — Quero dizer as mulheres. Elas não escondiam a insatisfação de vê-lo com alguém de coração tão gelado. Escutei muitas coisas interessantes.

Eu conseguia entender muito bem o que me dizia, parecia que as mesas do Let's funcionavam como uma espécie de confessionário. Eu estava perdida. Liam já parecia inalcançável para mim sendo um mero mortal como todo mundo, e agora, sabendo que ele era um brilhante cirurgião, não alimentava minha autoestima.

— O que acha que eu devo fazer? — encarei as revistas na lixeira e me perguntei se não deveria olhá-las de forma diferente.

— Primeiro passo: seja você mesma. Depois de um relacionamento frustrado, acho que ele não irá gostar de descobrir suas artimanhas para conquistá-lo — Ellen se colocou entre mim e a lixeira — Torne-se amiga dele. Descubra quais são os passatempos preferidos e veja se vocês têm algo em comum. Crie situações em que pareça atraente e sexy. E, principalmente, seja amiga dos amigos dele.

— Certo. *Como Perder um Homem em Dez Dias?* — refiro-me à comédia romântica, que assisti mais vezes do que consigo contar — Só que ao contrário?

— Basicamente isso.

Eu já conhecia dois dos amigos dele, Noah e Peter. Com qual dos dois eu conseguiria as informações que iria precisar? Para falar com Peter eu precisaria da ajuda de Penelope e,

sinceramente, não queria incomodá-la na fazenda. Por outro lado, Noah era meu parceiro de dança. Talvez, se fosse sutil, conseguiria descobrir através dele alguma coisa importante sobre Liam.

— Então, vamos ao ensaio?

Eu tinha pedido a Ellen que fizesse um dos ensaios comigo e Noah. Ele não estava progredindo, e queria ver se ele, vendo eu dançar com outra pessoa, talvez conseguisse melhorar. No fundo, temia que a brincadeira de Liam tivesse um fundo de verdade.

Queria muito ganhar o concurso, mas não ao ponto de que Noah ficasse constrangido e passasse vergonha na frente de centenas de pessoas. Como Noah chegaria em uma hora, teria tempo suficiente para ensinar a Ellen os passos mais básicos da coreografia.

— Deixa a parte investigativa comigo — disse ela, quando a imagem de Noah apareceu nas janelas — Vou levá-lo até o depósito e arrancar algumas informações dele.

— Como assim? — sussurrei.

— Confie em mim.

Assim que Noah entrou, o recebi com o sorriso inocente mais forçado do mundo. Por sorte, ele era um cara legal e não notou os olhares cheios de significados que Ellen e eu trocamos.

Expliquei rapidamente o motivo de tê-la aqui, e apesar de um pouco constrangido, por ser a primeira vez que se exibia para outra pessoa, entendeu a importância de olhar a coreografia com outros olhos.

— Essa perna vai aqui — mostrei onde e como os pés dele deveriam ficar, na esperança que, dessa vez, Noah gravasse os passos.

— Certo, entendi — disse, sério.

Aquilo estava errado, ou talvez estivesse errada, mas a dança era para ser divertida. As linhas de expressão e o suor escorregando pela testa dele significam que Noah não estava se divertindo. Os únicos momentos em que o notava relaxar eram nas pausas.

— Depois você me gira, tudo bem?

Ele meneou a cabeça, com um olhar torturado.

— Ok, mais uma vez — olhei para Ellen, que deu play e a batida animada começou a tocar — Três, dois, um.

Os primeiros passos foram executados por Noah, com tanta perfeição que cheguei a cogitar que eu não era uma professora de dança tão ruim. Certeza que durou meros segundos. Quando ele me girou no ar, a mão que deveria segurar minha cintura parou em meu seio, minhas botas escorregaram pelo chão e vi minhas pernas encaixando nas deles.

E como um strike humano, ambos caímos no chão. Noah por cima de mim e eu com o bumbum tão dolorido quanto cair de bunda no gelo.

— Julianne! Você está bem? — senti suas mãos passearem pelo meu corpo, possivelmente em busca de algum osso quebrado — Eu sinto muito.

Não sei se tinha sido o sentimento de frustração ou nervosismo; fui acometida por uma crise de riso. Eu tinha que aceitar. Aquilo não daria certo.

— Que bom que está rindo — Noah secou as lágrimas em minhas bochechas e me premiou com um olhar carinhoso — Quer dizer que o único a sair machucado é o meu ego.

Fiquei feliz que Noah não se sentisse ofendido com minha reação à queda, mas, por outro lado, havia algo mais em seu olhar que me deixou em alerta.

Ai meu Deus!

Ele vai me beijar. Constatei, assim que notei seu rosto lentamente se aproximando do meu. Não era a primeira vez que via a intenção em seu olhar, mas, das outras vezes, eu tinha conseguido evitar. Agora estávamos em uma posição constrangedora e não havia para onde eu pudesse fugir. Não com os mais de oitenta quilos cobrindo meu corpo.

— É um ensaio de dança ou uma nova reinvenção do Kama Sutra?

O que a tentativa desastrada de Noah, de roubar um beijo de mim, não foi capaz de fazer, a voz irritada de Liam teve um êxito impressionante. Meu coração foi até minha boca e voltou.

— O que faz aqui, Liam? — Noah virou de lado, apoiando um dos cotovelos no chão — Não veio um pouco cedo?

Aproveitei que o foco dos dois estava um no outro para deslizar de baixo de Noah e caminhar para onde Ellen estava. Ela mantinha a mão na boca, disfarçando o riso.

— Eu vim para falar com Julianne — disse Liam, e paralisei no meio do caminho — Lembra do que me pediu?

— E tinha que ser hoje? — perguntou Noah, completamente contrariado.

Liam interrompeu algo importante para ele, mas apesar do comentário irônico de quando chegou, sentia-me profundamente aliviada. Gostava de Noah. As semanas que passamos ensaiando me fizeram conhecê-lo um pouco melhor, mas havia tanta química entre nós dois quanto tínhamos sintonia na dança. Ou seja, nenhuma.

— Ah, Noah — Ellen passou voando por mim e foi para onde os amigos estavam — Eu preciso muito pegar umas caixas pesadas lá dentro. Será que poderia me ajudar?

Virei em direção aos três. Noah só teve tempo de balbuciar meias palavras contrariadas, antes de ser arrastado para o depósito. Quase que sem coragem, enfrentei o olhar irritado de Liam. Dos meus três irmãos, Dallas era o que tinha o temperamento mais forte, mas nem mesmo em meio a uma das minhas piores maluquices, tinha recebido um olhar tão encolerizado antes.

— Parece que você e o Noah ficaram bem íntimos — ele rangia os dentes ao dizer.

— E o que isso te importa?

Ah, então era o seguinte: *eu não a quero, mas também não quero que ninguém tenha*. Que pensamento mais machista.

— Importa, porque Noah não serve para você.

Senti meu corpo vibrar. E dessa vez não era por tê-lo tão próximo de mim. Estava com tanta raiva quanto ele.

— Quem serve, então? — me aproximei mais, estávamos a centímetros um do outro — Pode me dizer?

As mãos macias deslizaram pelos meus braços, deixando um rastro de fogo por onde passavam. Mãos que eu tinha atribuído a um pintor e que agora sabia ser de um médico experiente.

Os dedos pressionaram minha cintura, e o pouco espaço que havia entre nós foi eliminado. Toquei em seu peito e senti seu coração vibrar na palma de minha mão. Estávamos estáticos, mas nossos corações valsavam juntos. Os olhos castanhos, quase que dourados, queimavam minha pele por onde passavam. Seus olhos encontraram os meus e tive, através deles, a resposta que seus lábios eram incapazes de proferir.

Noah não servia para mim. Liam estava absolutamente certo.

— Julianne... — ele sussurrou o meu nome, e sua cabeça foi inclinando em minha direção.

Senti o hálito, doce e morno, tocar meu rosto, enquanto o calor percorria meu corpo inteiro.

Ele vai me beijar! Deus, faça com que ele me beije!

Fechei os meus olhos em expectativa. Um toque sutil, quase que embriagador. Liam esfregou os lábios nos meus, com a mesma suavidade de uma pena. Sua boca pressionou a minha, mordiscando, sugando, até que o beijo sutil se transformou em um beijo apaixonado.

Agarrei sua camisa com mais força. Suas mãos me puxaram mais para ele, se é que aquilo era possível. Meu corpo tremia e minha cabeça rodava feito um tornado atingindo a Terra. Ouvi o estrondo, e acreditava ser mais uma reação, quando a voz de Ellen ficou cada vez mais presente.

— Liam, você precisa vir até aqui!

Eu quis chorar e bater o pé como uma garota emburrada, por perder um momento tão mágico como aquele beijo, mas o alarido de Ellen nos fez recuar um do outro.

— Noah está machucado.

Corremos em direção a ela. O constrangimento de termos sido pegos em algo tão íntimo foi deixado diante da gravidade da situação.

Chegamos ao depósito. Passamos por duas fileiras de estantes de ferro até encontrar Noah caído, com algumas caixas em volta dele. A escada, que ele provavelmente estivera, tinha se desprendido e estava caída sobre ele. Uma das pernas estava dobrada de uma forma estranha, ao ponto de eu não

aguentar e olhar em outra direção.

— Acho que eu quebrei a perna — Noah informou a Liam, que balançou a cabeça, parecendo concordar com ele.

— A culpa foi toda minha — Ellen começou a chorar, e era visível a palidez em seu rosto — Eu sinto muito, Noah.

— Julienne... Ellen, ligue para o hospital — ele pediu, notando o quanto minha amiga estava prestes a ter um colapso nervoso.

Eu já vira muitos acidentes com peões na fazenda. Mas admirar ossos partidos era algo que, definitivamente, não me agradava muito. Prontamente fiz o que ele pediu e tirei Ellen o mais rápido dali. Ouvi Liam falando com Noah sobre mover a escada e corri com a garota trêmula abraçada a mim, assim que os murmúrios de dor começaram.

Deixei que Ellen ligasse, para que ela pensasse em outras coisas que não fosse seu sentimento de culpa. A ambulância não demorou mais que quinze minutos para chegar. Por insistência dela, e após ver que a perna de Noah tinha sido devidamente imobilizada, Ellen seguiu na ambulância. Liam e eu seguimos para o hospital no carro dele.

— Eu me sinto tão culpada — Ellen chorou mais uma vez, nas quase duas horas seguintes. Tentei em vão convencê-la que foi um infeliz acidente.

— Não foi culpa sua. Pare de dizer isso.

— Mas se eu... se eu não tivesse... — ela interrompeu o que estava prestes a dizer, quando Liam surgiu com dois copos de café.

— A cirurgia já acabou — ele disse, entregando um copo a mim — Infelizmente, Noah ficará fora de circulação por um bom tempo.

O fato de Liam ser um dos médicos do hospital dava a ele alguns privilégios e vantagens, que nós nem sonharíamos ter. Como ter informações privilegiadas de como andava a cirurgia.

Ouvi Ellen soluçar e esfreguei suas costas em conforto.

— Ele já pode receber visitas. Quarto 208 — continuou ele — Uma de cada vez.

Ellen me encarou com um olhar suplicante.

— Vá você.

— Tem certeza?

— Completamente.

Com um sorriso agradecido, ela praticamente saiu correndo pelos corredores do hospital.

Liam sentou ao meu lado, exatamente no mesmo lugar que Ellen estivera antes. Depois do nosso beijo, as coisas aconteceram rápido demais. Era o primeiro momento que tínhamos para conversar sobre o ocorrido.

— Julienne, eu...

Ele segurou minha mão entre a sua. Os dedos se encaixaram nos meus, o polegar deslizando delicadamente sobre minha pele. A outra mão acariciou o meu pulso e carinhosamente fez uma escalada em meu braço.

— Está com frio? — a pergunta surgiu entre um sorriso.

Embora eu tivesse esquecido o casaco no café, o motivo de minha pele arrepiada nada tinha a ver com a noite gelada.

— Não necessariamente — consegui dizer.

Eu mal sabia falar meu próprio nome, apenas estando no mesmo lugar que ele, o que dirá tendo-o praticamente grudado a mim. Sua mão ainda segurava a minha, e os olhos penetrantes estavam fixos nos meus.

— Não necessariamente — ele riu.

Dessa vez não era de deboche. E mesmo que fosse, acho que não me importaria. Gosto quando ele ri, mesmo que seja de mim. Seus olhos ganham uma espécie de brilho diferente e ele ficava muito, muito mais atraente quando sorria.

— Liam?

Ergui a cabeça em direção à voz. A mesma médica, que eu havia esbarrado no berçário, nos encarava cheia de curiosidade. Assim que Liam viu o olhar dela cair em nossas mãos unidas, ele me soltou.

Esfreguei as mãos no jeans de meu short e levantei. Sentia como se tivesse sido flagrada namorando no sofá de casa por meu pai ou um dos meus irmãos.

— Está de plantão hoje? — ele se levantou e foi em direção a ela.

— Eu tinha uma cesariana para amanhã, mas os bebês sempre decidem quando querem nascer — explicou, ainda olhando para mim — Eu te conheço, não é mesmo?

— Nos vimos outro dia, no berçário.

— Claro — ela sorriu, voltando-se agora para o Liam — E o que você faz aqui?

A pergunta “com essa garota” ficou suspensa no ar.

— Um acidente — ele segurou os braços dela e a empurrou gentilmente para o corredor — Depois eu te explico, Katty.

— Um acidente? — Katty livrou-se de suas mãos e o encarou, preocupada — Não me diga que...

— Não. Dessa vez não é com ele. Está viajando, não se lembra?

Katty suspirou e pareceu aceitar a resposta.

— Eu queria saber por que tenho dois irmãos tão complicados. — ela fez um gesto exasperado com as mãos — Quem se machucou?

— Noah.

— Ah. E? — Katty balançou o queixo em minha direção — Não vai me apresentar sua amiga?

— Não disse que já a conhecia? — Liam perguntou, nervoso.

— Não tecnicamente — ela era insistente, gostei disso, embora ainda me sentisse envergonhada.

Com os ombros curvados pela derrota, Liam caminhou até mim.

— Julienne, essa é a minha irmã, Katty — ele apontou para a beldade morena, e fazia sentindo que eles fossem irmãos, beleza, com toda certeza, era um traço genético naquela família — Katty, essa é Julienne, uma amiga.

Apesar de cumprimentar Katty com um aperto de mão, era para Liam que eu olhava.

Amiga? Amigos não se beijavam como nós tínhamos nos beijado antes. Afinal, eu já tinha beijado meu melhor amigo. Nem em um milhão de anos seria a mesma coisa. Ok, pelo menos, evolui da garotinha de tranças para uma amiga.

— Desculpe — Liam pediu quando o telefone de Katty tocou e ela se afastou para atender — Minha irmã às vezes é um pouco inconveniente.

— Eu sei muito bem como é — sorri.

Meus irmãos teriam feito muito pior do que o breve interesse de Katty por mim.

— Tenho que ir, Frank insiste em me esperar acordado — disse Katty, com o rosto levemente ruborizado — Ah, Liam, leve sua amiga para jantar conosco qualquer dia. Acho que as meninas vão adorar conhecê-la.

Observei Liam revirar os olhos e resmungar qualquer coisa enquanto a empurrava até a saída. Pensava em como o mundo era pequeno e como as coisas pareciam se encaixar perfeitamente, como em um bom livro de romance.

Liam retornou, e eu sabia que nossa conversa não podia mais ser adiada.

— Noah quer vê-la agora, Julienne.

Encarei Ellen, sentindo vontade de gritar pela segunda vez naquela noite. A cada passo que Liam e eu dávamos, voltávamos dois. Não chegaríamos nunca a lugar algum.

— Eu acompanho você — disse ele.

Seguimos silenciosamente até o quarto. Eu tinha a sensação de que o momento para confidências ou declarações havia passado.

— Julienne — Noah me encarou, com um olhar nitidamente pesaroso — Eu sinto muito sobre a dança.

Observei sua perna erguida, engessada e cheia de ferros estranhos.

— O mais importante é que esteja bem, Noah — me aproximei dele e dei um beijo tranquilizador em sua testa.

Olhei para onde Liam estivera, parado na porta, mas ele tinha desaparecido.

Capítulo 24



SAÍ DO HOSPITAL E FUI DIRETO PARA A ACADEMIA que meus pais mantinham em casa. Depois de quase uma hora de esteira, usei vários equipamentos de musculação, na vã tentativa de que meu corpo exausto fizesse minha mente se desligar.

Nada do que eu planejava em relação a Julianne dava certo.

Manter distância? Fracasso. Tentar ignorá-la de todas as formas? Fracasso. Sermos apenas amigos? Fracasso total.

O único momento que parecíamos certos era quando nos beijávamos. Não parecia errado quando estávamos juntos. Talvez tenha sido por isso que fiquei tão furioso ao chegar no Let's e vê-la nos braços de Noah. Era como se ele contaminasse aquilo que só eu tinha permissão de tocar. Esse foi um pensamento que me deixou desorientado, como se tivesse levado uma batida forte na cabeça.

Nunca fiz o estilo possessivo e ciumento. Era um campo que pertencia a Neil, Richard e meu irmão Adam. Eu era o tipo que fazia piadas e tirava sarro dos infortúnios dos outros, e não o contrário.

Agora eu estava desarmado. Katty não deixaria aquilo passar facilmente. As únicas ocasiões em que tinha sido pego em momentos tão íntimos e carinhosos com alguém, tinha sido no colegial. Não porque era romântico, mas porque, naquele tempo, tinha hormônios demais para liberar.

Durante a faculdade tive casos esporádicos e durante meu noivado com Nicole, bem, não tínhamos tanto contato com minha família assim. Katty não vai deixar isso escapar. Vai abrir cada camada da minha pele com seu bisturi, e eu ainda tentava entender o que acontecia.

Sabia que Julianne era errada para mim tanto quanto ela era para Noah. Mas isso não impedia que meus sentimentos por ela aflorassem cada vez mais.

Havia química, muita química. E eu estava tempo demais sem sexo. Ou resolvia meu problema com ela, ou teria que encontrar alguma mulher que resolvesse.

O problema era que não tinha desejo de procurar mais ninguém.

Após dois dias amargando o assunto, precisava jogar a toalha. Era como uma dor de dente insuportável, só me livraria dela extraindo a raiz. Primeiro tinha que ser honesto com Noah, como finalmente estava sendo comigo, por esse motivo, logo que tive uma folga na agenda, decidi procurá-lo.

Ele não estava sozinho quando entrei em seu quarto, no hospital. Havia um homem sentado ao seu lado, que se levantou assim que entrei. Era bem alto e musculoso. Acho que só perdia para Peter, no quesito rato de academia.

— Liam, como vai? — ele se ajeitou melhor na cama e fez um sinal para que eu me aproximasse — Não consegui te agradecer devidamente aquele dia.

— Você está bem?

— Fisicamente, sim — disse em um tom pesaroso — Mas eu me sinto em dívida com Julianne. Não poderei ser o par dela.

Parte de mim estava chateado, mas era uma parte tão mínima que logo desapareceu. Noah, passando tanto tempo ao lado de Julianne, significava uma coisa: competição. Eu prefiro ter o caminho livre. Além disso, eu tinha chegado primeiro, embora ele ainda não soubesse.

— É mesmo uma pena.

— Sim, principalmente porque ela quer usar o dinheiro do concurso para ajudar a entrar em uma universidade.

Certo. A parte chateada em mim veio com força total dessa vez. Obviamente, por melhor que fosse o salário dela no café, não deveria ser o suficiente para mantê-la e bancar uma universidade.

— Mas eu já dei um jeito nisso — disse Noah, olhando em direção ao seu visitante — O Jace aqui irá tomar meu lugar...

Jace. Tomar. Meu...

Foi tudo que registrei, depois que Noah jogou aquela bomba em minha cabeça. Uma bomba chamada Jace.

— Ele é meu primo, e tenho certeza que irão se dar bem.

Só se for por cima do meu cadáver. Não, nem assim. Se eu tivesse que me levantar dos mortos para impedir que aquilo acontecesse, pode apostar que faria isso.

— É muito gentil e atencioso da sua parte, Noah — falei calmamente, nem parecia que, por dentro, eu era um vulcão em erupção — Já está tudo resolvido.

— Tudo resolvido? — Noah me deu um olhar desconfiado.

— Escuta... Jace, né? — abri minha carteira e tirei uma nota de dez dólares — Que tal você

comprar um café, por minha conta, claro.

Dando de ombros, eu vi o grandalhão desaparecer pela porta.

— Como assim, está tudo resolvido, Liam?

— Julienne já tem um novo parceiro de dança.

— E quem seria o cara?

Parabéns, Liam! O troféu de idiota vai direto para você. Era óbvio que Noah iria querer saber quem era o cara.

— O cara? — pigarreei, tentando ganhar tempo para aquela resposta.

— Sim, quem é o cara?

Não tinha escapatória, e já que causei essa pequena confusão, o jeito era mergulhar de cabeça sobre ela.

— Sou eu.

— Você?

— Sim, eu. Qual o problema?

— O problema é que, até três dias atrás, você parecia detestá-la.

— Pretendo mudar isso. Você mesmo me pediu.

— Julienne não me disse nada, quando falei com ela essa manhã.

Por que Noah simplesmente não podia aceitar aquela pequena mentira e ficar calado?

— Não sabíamos que tinha pensado no seu primo Jack.

— Jace.

— Que seja. Na verdade, Julienne estava receosa que você fosse ficar chateado. Por isso eu disse que falaria com você primeiro.

— Faz sentido — ele coçou o queixo, enquanto pensava — Pensei que não dançava.

Isso porque nada em relação a Julienne seguia ao plano estabelecido. Eu tinha ido até o quarto de Noah com o único intuito de dizer a ele que também estava no jogo, e saía dali como bailarino.

— Faço isso por você, Noah — bato de leve no ombro dele — E, claro, por ela.

Não estava sendo cem por cento desonesto. Depois que descobri as reais intenções de Julienne, fiquei mesmo disposto a ajudá-la. Agora, só precisava encontrar uma maneira de convencê-la sobre isso.

— Você é um cara legal — Noah sorriu — Tomara que ganhem. Vou ficar na torcida.

— Obrigada, Noah. Você é um cara legal, também. Agora tenho que ir, melhoras. Até logo, Jack.

O grandalhão me encarou confuso, ao entrar, e eu saí sorrindo.

Era a festa de aniversário surpresa que fizeram para Jenny, e prometi que daria uma passada rápida por lá.

— Olha só... Liam — Paige veio me abraçar assim que entrei — Um dos Crighton tinha que aparecer. Chegou bem na hora.

Ignorei a provocação de Paige e entreguei meu casaco a Georgia. Alguns minutos depois, Jenny entrou com Kevin, e gritamos “surpresa” para ela. Um rapaz e uma garota começaram a servir as bebidas, enquanto Jenny recebia os cumprimentos. Ao reconhecer a loirinha endiabrada, fiquei estático no lugar. Ela parou no caminho ao me ver, e o sorriso alegre que trazia no rosto apagou-se.

— Sorte? — caminhei até ela e peguei uma taça de champanhe — Ou destino?

Passei o caminho do hospital até aqui pensando em que desculpa usaria para procurar Julianne e principalmente no que dizer a ela, quando o destino já tinha se encarregado por mim.

— Eu não tenho tempo para isso agora — disse ela, ao tentar se desviar de mim — E nem vou arriscar novamente perder esse trabalho por você.

Fiquei surpreso com tanta agressividade injustificada. Bom, talvez um pouquinho justificada. Deixei que ela continuasse fazendo o seu trabalho em paz, pelo menos por ora.

— O que há com a loirinha? — ouvi o sussurrar às minhas costas.

Estava em frente à mesa do buffet quando Paige se aproximou de mim. Ela indicou Julianne, que reabastecia a mesa do outro lado.

— Não sei do que está falando — tentei desconversar e olhei com mais atenção para os canapés.

— Você não tirou os olhos dela desde que entrou — ela pegou um canapé que eu tinha colocado em meu prato e mordiscou — Aliás, não parou de segui-la, que nem um cachorrinho.

Não estava seguindo-a como um cachorrinho, ela que fugia de mim.

— Você não tem, sei lá... um marido para irritar?

— Já faço isso todos os dias — ela afasta os cabelos dos ombros — É bom variar, às vezes. Então, é a mesma garota do Ano Novo, não é?

— Sabe, Paige — coloquei um canapé inteiro na boca — É falta de educação falar com a boca cheia.

— Se não quer falar sobre isso — ela me encarou com um olhar fulminante — É porque alguma coisa tem.

Enfiei mais um canapé, depois mais dois, até minhas bochechas parecerem duas bolas de golfe.

— Você é irritante! — bufou, antes de sair batendo os pés — Gosto mais do outro Crighton.

Dei risada ao vê-la se afastar, tão contrariada. E quando o garçom passou ao meu lado, peguei um copo de água para me ajudar a engolir as duas bolas de golfe deformando meu rosto. Nesse momento, vi Julianne indo para os fundos da casa.

Entornei o restante da água e a segui para fora. Demorei um instante para encontrá-la, em uma parte mais afastada do jardim, falando ao celular.

— Tudo isso é culpa sua, Ellen. Sim, eu sei que o Noah precisou de você, mas... — ela virou e se deparou comigo a olhá-la — Depois a gente conversa.

Notei que ela olhava suas opções de fuga, mas para sair do jardim, teria que passar por mim, e eu não deixaria que escapasse tão facilmente. Não sem dizer o que eu precisava.

— Será que podemos conversar?

— Será que pode parar de sempre atrapalhar meus trabalhos?

Como se todos os nossos desentendimentos fossem apenas culpa minha.

— Eu não faço isso.

— Faz, sim — ela tentou passar por mim, e a impedi segurando seu braço.

— Vamos para outro lugar?

Ela relaxou os ombros antes de responder.

— Vamos.

Soltei o braço dela e me afastei um pouco para que passasse.

— Você volta para a festa e eu volto ao meu trabalho — ela disse, sorrindo, e praticamente correu para dentro da casa.

Que garota mais irritante! Sorri. Mas ela não iria me dispensar assim, como se eu fosse um cachorrinho parado na sua porta.

— Tá legal. — a alcancei assim que pisou na sala — Se não quer fazer isso do jeito racional, faremos isso *do jeito Liam*.

Peguei a mão dela e a levei até o rapaz pegando os copos vazios.

— Qual o seu nome? — disse a ele.

— Matthew. — ele olhou com curiosidade para nós dois.

— O que você pensa que está fazendo? — Julianne tentou soltar sua mão da minha.

— Certo, Matthew — continuei ignorando a pergunta dela e a forma que se contorcia para se soltar — Vocês têm pausa para descansar, não é mesmo?

Ele balançou a cabeça, fazendo um sinal positivo.

— Dez minutos a cada...

— Então, tenho certeza que não se importará de Julianne tirar a dela agora — não esperei a confirmação dele, ao começar a arrastá-la para o outro lado — Em dobro.

Fui até o quarteto formado por Neil, Jenny, Richard e Paige, que discutiam sobre alguma bobagem envolvendo Paige.

— Richard, me empresta a sua moto?

Julianne mantinha a cabeça baixa, seja por vergonha ou vontade de me matar.

— Agora? — Ele indagou, surpreso — E como acha que vou embora?

Peguei minhas chaves no bolso da calça e as joguei para ele.

— Use o meu carro, por favor.

Ele olha para Paige, que balança os ombros.

— Está bem, mas tenha cuidado.

Saí apressadamente, levando Julianne comigo.

— Você é maluco? — ela se contorceu quando saímos e tentei colocar minha jaqueta nela.

— Você não me deu outra escolha — disse, ao avistar a moto de Richard.

— Não vou subir nesse... nesse... — ela cravou suas mãos na cintura e bateu os pés — Nessa coisa.

Parei para pensar na pergunta dela. Se eu era maluco? Sempre fui o mais extrovertido da turma, mas nunca tinha agido tão impulsivamente. Também nunca tive tantos sentimentos conflitantes dentro de mim.

— Vinte minutos — murmurei para ela — Dez minutos para o que tenho a dizer e a trago de volta.

Ela parecia em uma briga interna, entre me desafiar e aceitar a aventura.

— Vinte minutos? — perguntou, desconfiada.

— Prometo — faço o mesmo juramento com os dedos que minhas sobrinhas costumam fazer, quando querem alguma coisa — Tem minha palavra. Há um café aqui perto.

Ela suspira pesadamente, e vi que estava se rendendo.

— Mas vá devagar com essa coisa — diz ela, apontando a moto — Nunca andei em uma coisa dessa.

Satisfeito e sorrindo, entreguei o capacete a ela e a ajudei a subir.

O café era aconchegante, tal como imaginei ao passar por ele há algumas horas. As mesas quadradas eram separadas por sofás vermelhos de dois lugares. Estava cheio, mas conseguimos encontrar um lugar desocupado no fundo.

— Café preto e sem açúcar — disse ela, tão rápido como ficou de pé — Volto em um instante.

Virei na direção que ela caminhava. Dois engraçadinhos, provavelmente da idade dela, tentaram chamar sua atenção, quando seguia para o banheiro. Os dois idiotas receberam um olhar duro e ouviram alguma coisa que os fez encolher na cadeira.

Eu queria quebrar a cara de um e arrancar os dentes do outro.

Deus!

Apoiei os cotovelos na mesa. Isso me fazia parecer tão Richard.

— Já fez o pedido?

Uma garçonete com bloco de pedidos parou ao meu lado. Pedi dois cafés sem açúcar. Ela sugeriu uma torta, especialidade da casa, mas preferi ficar apenas nas bebidas mesmo.

— Se quiser mais alguma coisa — ela sorriu sugestivamente, colocando o cardápio na mesa — Ainda estarei aqui por mais uma hora.

Sorri, não para a tentativa de cantada que a linda garçonete tinha dado a mim, mas em relação ao pensamento que começava a explicar minhas ações de hoje. Frustração sexual. Era um homem livre agora, mas Nicole e eu já não tínhamos uma rotina sexual há algum tempo. Estava indo bem. Até tinha conhecido algumas mulheres interessantes, pelo menos eram, até literalmente esbarrar em Julianne.

— Certo, pode começar — disse Julianne, ao sentar à minha frente.

Remexi na cadeira, incomodado. Afastei meus últimos pensamentos e me concentrei no motivo de tê-la sequestrado da festa.

— Noah me disse sobre o concurso. O real motivo de participar dele. Desculpe ter feito piadas antes. Não teria feito, se soubesse que era tão importante para você. Além de, claro, ser um gesto de caridade.

— Não tem importância — disse ela, quase que sussurrando.

— Tem sim, Julianne. Eu não sou um idiota o tempo todo. Mas você me deixa nervoso — confessei.

— Eu? — ela arregalou os olhos azuis, surpresa, e quase me perdi dentro deles.

Afastei uma mecha de cabelo dela, colocando-a atrás de sua orelha. Mas lutei contra o desejo de tocar sua bochecha com o polegar.

— Vou ajudar você a ganhar os dez mil dólares.

— Dez? — ela sorriu, curvando a cabeça para o lado — O prêmio deve ser dividido.

— Noah daria o prêmio todo a você.

— Daria? Ele não me disse isso.

Filho da puta.

Aparentemente, ele era mais esperto do que eu imaginava. O imbecil provavelmente faria a oferta generosa depois, ou talvez já soubesse que os dois juntos não chegariam nem entre os cinco classificados.

— Escuta, primeiro vencemos e depois discutimos sobre isso. O que acha?

A garçonete trouxe os cafês, e ao ver Julianne comigo, lançou um olhar aborrecido. Ainda desconfiada, Julianne girava a xícara de café enquanto refletia.

— Por que está fazendo isso?

Uma vez mentiroso, mentiroso para sempre.

— Como disse, Noah contou sobre a universidade e pediu que eu ocupasse o lugar dele.

— Ah... — detectei desapontamento em sua voz?

Eu queria afastar aquele pequeno vislumbre de melancolia, dizendo que era por ela que fazia

aquilo, mas o meu bom senso dizia que já havia abusado demais da sorte.

— Não precisa se sentir obrigado — murmurou ela — Na realidade, já tinha esquecido isso.

— Não faço por obrigação. Além disso, pode ser divertido.

Acreditava realmente no que dizia.

— Já fui bailarino, sabia?

Tudo bem. Algumas aulas de balé para conquistar uma garota não faziam de mim um profissional.

Mas, sem dúvida alguma, dançava melhor do que Noah.

— Ah, é? — Julianne sorriu, e senti que todo o trabalho que tive até agora valeu a pena —

Impressionante.

— Querida, tenho muitas habilidades impressionantes — quis soar brincalhão, mas minha voz saiu

mais para sexy do que humorada — Dançar é apenas uma delas. Então? Aceita?

Nós tínhamos um imã que nos atraía, conectava, impulsionava em direção ao outro. Não adiantava tentar negar ou lutar contra isso.

— Noah e eu ensaiávamos às segundas, quartas e sextas, no Let's — disse, timidamente — Se não houver problema para você, pode continuar sendo lá?

— Todos os dias, excluindo os fins de semana — reformulei a proposta.

Precisaria desses dois dias longe dela para me desintoxicar. Talvez encontrar com outras pessoas.

Era uma excelente ideia.

— Todos os dias?

— Já perdemos muitos ensaios. Tenho que aprender a coreografia e aprimorá-la. Precisamos criar sintonia entre nós dois. Nossos corpos precisam se conhecer melhor e ficarem à vontade.

Eu falava sobre a dança, mas não era em um palco que visualizava nossos corpos suados.

— Faz sentido — disse ela, desviando minha atenção de pensamentos tentadoramente perigosos

— Aceito, com uma condição.

— O que você quiser.

— Terá que pensar em uma boa justificativa para dar aos donos da festa, por ter me arrastado de lá.

Estendi minha mão e peguei a dela em cima da mesa.

— Combinado — sorri.

Eu tinha feito a merda. Era justo ser eu a ter que consertar.

Encarei seus olhos azuis e pensei sobre uma frase de Shakespeare: *“Há mais perigo em teus olhos do que em vinte espadas”*. Será que ele estava certo?

Capítulo 25



ELLEN DIZIA QUE EU ESTAVA USANDO O CASAMENTO DO MEU PAI como desculpa, para fugir dos primeiros ensaios com Liam. Honestamente, eu sabia que ela tinha razão, mas precisava desse fim de semana para meditar.

Podia estar sendo covarde, mas eu tinha certeza que, a partir do primeiro ensaio, a partir da primeira hora juntos, seguiríamos para um caminho que não haveria volta. Eu só queria um pouco da minha casa, da minha família. Dos amigos que deixei para trás.

— Tem alguém em casa?

Apesar das portas da oficina estarem entreabertas, tinha certeza que não estava funcionando. Vi James descer e me encarar com um sorriso feliz. Ele usava a parte de cima do terno e, claro, calças jeans. Erámos os tipos de amigos que poderiam brigar, passar anos sem ver a cara um do outro, mas cada reencontro seria como se nada tivesse acontecido.

— Eu sinto muito, J. — ele me abraçou forte, e percebi que não importava mais, toda mágoa que tive dele, ao deixar Peachwood, desapareceu — Senti muito sua falta, minha querida.

— Também senti sua falta — sorri, secando as lágrimas antes que saltassem de meus olhos.

Ficamos apenas nos abraçando por longos momentos.

— Veio para o casamento do seu pai, eu suponho?

— Achei que poderia me dar uma carona até a fazenda.

— Com todo prazer.

Durante o caminho, fiz um breve resumo sobre como vem sendo minha vida em Nova York, e não poderia deixar de falar em Liam.

— Então está apaixonada? — perguntou ele, estacionando no campo aberto, ao lado de dezenas de outros carros.

Acho que a cidade inteira está aqui.

— Se eu não estiver, creio que há uma grande possibilidade de ficar — suspirei, antes de tirar o

cinto — Ele é diferente de tudo que já conheci, James. Na maior parte do tempo, me sinto completamente atraída e enfeitiçada; na outra parte, algumas vezes o detesto.

James circulou o carro e colocou seus braços em meus ombros antes de dizer:

— Acho bom que ele seja bem legal com você — seguimos caminhando assim — Ou esse playboy da cidade grande verá o que um homem do Texas é capaz de fazer.

Não mexa com o Texas! Esse era o nosso lema.

Fomos para a parte dos fundos do celeiro. O casamento seria celebrado ali, a céu aberto. Surgimos no momento que Charlotte atravessava a nave, feita de pétalas de girassóis. Usava vestido creme, e uma coroa de flores campestres enfeitava sua cabeça.

Nunca a vi tão linda como hoje. Meu pai só tinha os olhos apaixonados focados nela, mas desviaram para mim, quando fui em direção aos últimos bancos vazios. Amava muito meu pai, e vi, pelos seus olhos emocionados, como era importante que eu estivesse no altar.

Depois de pegar Charlotte, que foi entregue por Ted, eles foram em direção ao altar. Sorri para Penelope, que fez um sinal de agradecimento, e cumprimentei meus irmãos com um leve balanço de dedos.

Foi uma cerimônia bonita. Eu podia ter deixado a fazenda carregada de mágoa e raiva, mas não podia negar que o amor de Charlotte e meu pai havia resistido ao tempo. Era verdadeiro e forte.

— Que bom que você veio, Julianne — Penelope me alcançou antes que eu fosse com os convidados em direção ao celeiro — Raul ficou muito feliz.

— Ele é meu pai. Eu não me perdoaria se meu orgulho tivesse me impedido de vir.

Ela tocou o meu rosto e me olhou seriamente, como se me estudasse.

— Nova York está fazendo muito bem a você — encaixou seu braço nos meus e caminhamos para onde seria realizada a festa.

Apesar de sorrir e aparentemente o ar da fazenda já estar fazendo bem a ela, era impossível não perceber que os olhos continuavam tristes. Assim como ela, quando deixei a carta de despedida na casa de Adam, acreditei que ele iria procurá-la assim que a lesse. Isso não aconteceu.

— E como anda o meu bebê?

O primeiro sorriso legítimo brilhou em seu rosto.

— Nem nasceu e já está sendo muito mimado.

Mal nos acomodamos e senti uma mão tocar o meu ombro. Era papai, ao lado de sua nova esposa.

— Podemos falar com você, minha filha?

Penelope me incentivou com o olhar, e concluí que precisávamos mesmo esclarecer algumas coisas. Quando chegamos em casa, para minha surpresa, seguimos para o meu antigo quarto. Estava igualzinho como deixei, embora houvesse sinais de que era cuidado diariamente.

Era como se estivesse pronto para quando eu voltasse. Aquilo me tocou. Depois do Ano Novo, não tive coragem de procurar nenhum deles, tampouco fui procurada. Saber que ainda esperavam por mim arruinou todas as minhas defesas.

— Quero dizer que, à minha maneira, eu amei a sua mãe.

Sentei na cama e coloquei um travesseiro em meu colo.

— Pai, isso já não importa mais.

— Importa, Julianne — foi Lola a dizer — Queremos que saiba como tudo realmente aconteceu.

— Tudo bem.

Papai sentou ao meu lado e segurou minhas mãos trêmulas.

— A parte que Charlotte e eu fomos namorados, na adolescência, você já conhece — balancei a cabeça, confirmando — Como todo jovem, erámos orgulhosos e cabeças-duras. Naquela época, os homens eram um pouquinho mais machistas. Comigo não era diferente. Minha família sempre foi muito religiosa, e eu acreditava que, quando terminássemos o colegial, devíamos nos casar e Charlotte cuidaria da casa e dos filhos que teríamos.

Ele fez uma pausa e bateu sobre o colchão, pedindo que Lola se juntasse a nós.

— Charlotte sempre foi à frente do seu tempo — ele sorriu carinhosamente para ela — Assim que nós nos formamos, decidi que deveríamos prolongar a decisão de ficarmos noivos. Ela queria ir para a universidade. Aquilo me deixou muito decepcionado. Achei que estava tendo outras prioridades que não fosse eu e a família que queria formar com ela.

Mais do que tristeza, havia arrependimento em sua voz.

— Tivemos a pior e mais calorosa briga do nosso relacionamento. Ela foi para uma viagem de férias, e eu disse que não estaria esperando por ela quando voltasse.

— E não esperou — disse Lola. Apesar da acusação, havia um toque de humor em suas palavras.

Papai sorriu e continuou narrando sua história.

— Conheci sua mãe. Ela era exatamente o tipo de mulher que eu tinha idealizado — bonita e disposta a ter uma família. Começamos a namorar, e eu quis muito esquecer Charlotte com ela.

Mas não conseguiu, concluí em pensamento. Nunca tinha conseguido, por mais que tenha tentado esquecer.

— Quando Charlotte voltou de viagem, eu sabia que não podia continuar usando Lidia como escudo. No dia que fui terminar com ela, descobri que estava grávida de Dallas.

— Eu insisti que seu pai devia ficar com ela — os lábios de Lola tremeram, e papai afastou uma mão das minhas para pegar a dela — Era o certo a fazer. Nós tínhamos jogado fora a oportunidade de sermos felizes.

— Charlotte foi para Nova York e eu vim para o Texas. Os pais de Lidia, já bem idosos, possuíam

essas terras, e ela queria ficar mais próxima da família.

Não tenho qualquer lembrança deles. Faleceram nos primeiros anos de casamento dos meus pais. Tudo o que sei da família vinha de Dallas e meus irmãos.

— Os anos foram passando — ele continuou — Veio Austin e assumi a posição de xerife. Mas, apesar de ter exatamente as coisas como desejava, no fundo me sentia vazio. Faltava parte de mim. Uma parte que deixei para trás.

Faltava Charlotte.

— Não era feliz e nem fazia sua mãe feliz. Ela notou isso. Quando esqueci, pela terceira vez, nosso aniversário de casamento, Lída decidiu que não podíamos continuar assim — disse ele — Exigiu que eu procurasse Charlotte e avaliasse o que eu realmente sentia. Um dia antes de ir, pediu que tivéssemos uma última noite juntos. Para que ficasse de lembrança, caso eu decidisse pelo meu primeiro amor.

— Você escolheu ela — aponte para Lola.

— Quando a reencontrei, também estava saindo de um casamento, mas foi como se nunca tivéssemos nos afastado. Voltei a ser o garoto de dezoito anos. Completamente apaixonado por aquela mulher.

— Eu nunca deixei de amar o seu pai, Julianne — Lola fungou e papai ofereceu o lenço de seu paletó a ela — Foi o melhor mês da minha vida, após tanto tempo.

— Voltei para casa, disposto a dizer à sua mãe o que sentia. Tinha os meninos, e não queria de forma alguma perder o contato com eles.

Eu podia imaginar como a história terminaria.

— Sua mãe me recebeu com a notícia de que estava grávida do Clyde, antes que pudesse dizer qualquer coisa — ele respirou fundo, essas lembranças do passado ainda mexiam com ele — Fiquei com tanta raiva dela. Brigamos como nunca tínhamos feito antes. Acusei-a de ter feito aquilo de propósito e que havia feito o mesmo da primeira vez. Charlotte me abandonou uma vez por aquele motivo e faria isso de novo.

Só percebi que chorava também quando Lola ofereceu o lenço que usava.

— Bebi muito naquele dia, liguei para Charlotte e disse que tinha cometido um engano e que ficaria com a minha família. Não sabia que também esperava um filho meu.

— Por que não contou a ele, Lola? Por que não contou ao meu pai, que também carregava um filho dele no ventre?

— Orgulho ferido. Raiva, talvez. Tive medo de que me tomassem Paula. Conheci o homem que assumiu a paternidade dela e deixei que a vida seguisse seu rumo.

— Se você odiava minha mãe — virei em direção a ele — Como foi que eu nasci?

— Julianne, apesar de todos os erros que sua mãe e eu fizemos, de todas as brigas e desentendimentos, no fundo, sabia que ela me amava, apesar de tudo. Por seus irmãos, e já que tinha perdido pela segunda vez quem eu amava, dei mais uma chance ao nosso casamento. Eu guardaria para sempre a memória dos meus dias com Charlotte.

Na realidade, meu pai não tinha traído minha mãe, como acreditei. Ela o tinha empurrado para os braços de sua amada. E a vida cruelmente os tinha separado.

— Quando você... você soube... — gaguejei, respirei fundo e me obriguei a continuar: — Quando soube sobre Paula?

— Bom, você soube sobre toda aquela história maluca e do acidente dela — Lola respondeu — Paula descobriu aos quinze anos, que o homem que a criou não era pai dela. No hospital, disse que poderia ter morrido e nunca ter falado com o pai. Exigiu que contasse a ela.

— Então, quando foi vê-la — disse ao meu pai — Já sabia que era sua filha.

— Não. Paula ficou muito surpresa, mas não quis que eu dissesse nada a Raul antes de conhecê-lo melhor.

— Então, era isso que ela ia dizer, aquele dia na cozinha — murmurei, finalmente ligando os pontos — Não veio atrás de paz, veio atrás do meu pai. Do nosso pai.

— Só soube que era pai dela quando Michelle nasceu.

Lola olhou para os próprios pés, riscando o chão.

— Estava começando a me entender com Raul e pedi que ela esperasse um pouco mais.

Eram tantas informações para absorver. Embora a imagem de homem íntegro e honesto, que sempre fiz do meu pai, voltasse, não apagava o fato que haviam escondido aquela história de mim.

— Filha, sei que no momento é difícil digerir tudo isso — ele afagou meus cabelos de forma carinhosa — Só espero que um dia não me odeie mais.

Observei ele e Lola se levantarem.

— Papai? — chamei, antes que chegassem à porta — Nunca odiei você. Nem a Charlotte.

Voei para os braços dele. Os três unidos, chorando, ligados por um sentimento chamado amor.

— Minha menina cresceu e eu nem percebi — ele sorriu, em meio às lágrimas.

Eu tinha um longo caminho pela frente, mas não era a mesma Julianne que tinha fugido da fazenda. E certamente não seria a mesma a voltar para Liam.

Enquanto o casal voltava para a festa, pedi um momento para me recompor. Olhei carinhosamente para meu quarto quando fiquei pronta. As melhores recordações da minha vida tinha passado ali, na fazenda. Foram elas que me transformaram em quem era hoje. A vida diria quem eu seria amanhã. Mas isso ficaria para depois, agora queria voltar para a festa e curtir esse momento especial com minha família e amigos.

Acordei com um afago de Emma e uma bela bandeja de café da manhã. Eu tinha me esquecido de como era bom ser tão cuidada.

— Já está de pé.

— A vida na cidade grande está te deixando molenga — ela suspirou e tocou o meu queixo — Que bom que você está de volta.

— Está sendo um ótimo fim de semana.

— Fim de semana? — ela enrugou a testa — Austin disse que tinha voltado para ficar.

— Quando ele disse isso?

Pulei da cama e rapidamente troquei a camisola por jeans, camiseta e, claro, meu par de botas.

— Na cozinha, há dez minutos — disse ela, vindo até mim no banheiro — Pediu que preparasse o seu café da manhã na cama, como boas-vindas.

Arg! Eles me irritavam quando agiam assim. Ter me divertido na festa, dançado com eles e cantado em frente à fogueira não significava que tinha voltado para casa, como uma ovelha perdida.

— Onde ele está agora?

— Acho que ainda na cozinha.

Austin estava em frente à janela, com uma fumegante xícara de café na mão, observando as pastagens.

— Por que disse a Emma que eu tinha voltado para casa? — perguntei, logo quando entrei.

— Porque é a verdade — ele sorriu — Papai disse que já te explicou tudo. Está aqui, exatamente onde deveria estar.

— Nada mudou, Austin — aborrecida, coloquei as mãos na cintura, mas me recusei a bater os pés — Amanhã volto para Nova York.

Agora ele estava com raiva também.

— Não vai, não. Papai pode ter tirado alguns dias de lua de mel, mas nós sabemos o que é melhor para você.

— Nós quem? — sorri, nervosa — Claro! Dallas e Clyde.

— O que está acontecendo aqui? — Dallas surgiu na porta, sem camisa e completamente desganhado.

Ou tinha acordado com nossa gritaria ou Emma tinha corrido para pedir o auxílio dele.

— Austin acha que irá me impedir de voltar a Nova York.

Bufando feito um touro quando atizado, ele veio em minha direção. Não me movi um passo. Não

importa o que eu dissesse ou fizesse, sabia que jamais levantaria a mão contra mim.

— Garota, você não vai para lugar nenhum.

— Não pode me manter presa aqui — virei para Dallas e também o desafiei — Diga a ele, xerife.

Diga que já tenho vinte e um anos e sou dona do meu próprio nariz.

Resignado, Dallas coçou a cabeça. Como um homem da lei, ele sabia que eu tinha razão.

— Austin, se ela quer voltar, é uma decisão dela — virou em minha direção com um olhar triste.

— Vamos respeitar isso.

Austin poderia não levantar a mão contra mim. Era algo dele, aliás, de todos eles, nunca levantar as mãos para uma mulher, mas não queria dizer que pouparia Dallas, mesmo ele sendo o mais velho.

— Seu hipócrita mentiroso — jogou a xícara dentro da pia, que espatifou em dezenas de pedaços.

Ouvi o resmungo agitado de Emma. Ah, ele teria sérios problemas depois. Bem feito.

— Passou todo esse tempo pedindo favores aos seus colegas policiais em Nova York. E vem me dizer em respeitar a decisão de Julianne?

Opa! Aquilo era novo para mim. Olhei para Dallas com milhares de perguntas não pronunciadas.

— Aquilo era bem diferente, Austin — ele olhou feio para nosso irmão, parecia que Austin precisaria de um baú para armazenar toda confusão que vinha acumulando — Precisava ter a certeza que Julianne estava bem e segura.

Apesar de parcialmente me sentir chateada por não confiarem tanto em mim, por outro lado, fiquei muito feliz por não ter sido totalmente esquecida como eu imaginara. Passei dias amargando a tristeza de ter sido substituída por Paula no coração deles, mas, na verdade, sempre cuidaram de mim, mesmo quando eu não queria.

— Isso explica o policial que começou a aparecer no café, me enchendo de perguntas — disse a Dallas — Apesar de não precisar, obrigada.

— Sempre será nossa menininha, Julianne — murmurou Dallas — Mas eu vou tentar enxergar a mulher que está se tornando.

— Para mim, irá continuar sendo a menininha mesmo — disse Clyde, ao entrar na cozinha e se escorar na mesa.

Aparentemente, os dois estavam ao meu lado. O que fez Austin sair bufando para os estábulos. Que ele ficasse lá com seus animais. Ele teria que entender que eu não era um dos seus cavalos a ser domado.

— Amo vocês dois — recebi um abraço sanduíche deles.

Amo Austin também, embora, no momento, estivesse muito zangada com aquele cabeça-dura.

Capítulo 26



EU NÃO FICAVA TÃO NERVOSO desde o meu exame de admissão, na universidade.

É só uma garota, repeti durante todo o percurso até o Let's. Mas quem eu estava querendo enganar? Certamente, não eu.

Havia dezenas de fatos a considerar, que nos tornavam impróprios um para o outro. Um dos mais relevantes, a idade. Eu já tinha vivido todas as experiências e aventuras da minha vida, enquanto ela era como uma rosa desabrochando. Eu queria paz e tranquilidade; Julianne deveria conquistar o mundo.

Sei que me afastar seria o mais honrado que eu poderia fazer, mas o anseio de ficar mais perto dela era maior.

Observar de longe, como fazia agora, através da fina camada de vidro, não era suficiente. Eu precisava atravessar a porta. Para o inferno todas as boas intenções.

— Está atrasado, doutor.

Não, eu não estava. Tinha passado um tempo considerável na calçada, observando-a de longe. Eu vi todas as vezes que mordida os dedos e olhava para o relógio. O jeito que balançava as botas no ar ou dedilhava no mármore do balcão com impaciência.

— Desculpe — sorri, sacudindo os cabelos, que começavam a ficar úmidos com a neve derretida — Normalmente sou tão pontual quanto um britânico.

Julianne pulou do balcão e veio ao meu encontro. Alisou meu casaco, afastando os pequenos pontinhos brancos. Seus olhos presos nos meus, acolhedores e carinhosos. Eu me perguntava se, em todos os ensaios com Noah, eles trocaram essa espécie de intimidade.

Não gostei do rumo dos meus pensamentos, então apenas permiti que me ajudasse a me livrar da peça e depois colocasse no espaldar de uma cadeira.

— Está nevando mais forte hoje — ela olhou fascinada através da janela — No Texas não é assim.

— Você tem um sotaque bonitinho. De que lugar do Texas você é?

— Peachwood — ela sorriu com nostalgia — Um condado quase minúsculo. É um desses lugares pitorescos, onde todo mundo se conhece e você conhece todo mundo.

— E o que uma flor do Texas veio fazer em Nova York?

— Estava fugindo de uma gang.

— Está de brincadeira.

Ela apenas sorriu, olhou para as próprias mãos e logo mudou de assunto.

— Acho melhor começarmos.

Verdade ou não, era um assunto que ainda a incomodava. Sua expressão corporal advertia que não era o momento para insistir no assunto.

— Acho que primeiro deve ouvir a música — disse ela, enquanto caminhava até o aparelho de som — É uma batida mais agitada, mas a letra é muito romântica.

Ouvimos duas vezes a mesma faixa. Ela tinha razão sobre a letra. Falava de encontros e desencontros de um casal. Em acreditar quando tudo parecia impossível e, quando o amor é forte e verdadeiro, vencia todas as circunstâncias.

Se Julianne não tivesse selecionado a música antes de eu me tornar o seu par, poderia jurar que tinha escolhido pensando em nós dois.

— A coreografia consiste em duas partes — disse, dando pausa na música — Temos passos juntos e separados. Eu vou mostrar primeiro o que faremos sozinhos.

Puxei uma cadeira, virando-a ao contrário. Cruzei minhas mãos sobre o encosto e apoiei meu queixo sobre elas. Mantive um olhar sério ao observá-la, mas eu estava em uma briga injusta entre o divertimento e a atração que ela exercia sobre mim.

Quem poderia me culpar? Estava com um dos seus shortinhos jeans, uma regata branca e justa, por baixo de uma camisa xadrez nos tons vermelho e azul. Ah, e as botas. Sexy como só uma garota do Texas conseguia ser. Remexi na cadeira, ordenando ao meu corpo que se comportasse.

A música voltou a tocar. Inicialmente tímida, ela começou a explicar as batidas de pernas, movimentos de braços, os tipos e quantidades de giros, sempre no ritmo da melodia.

Eu sabia que deveria me concentrar exclusivamente no que ela falava. Mas era difícil quando ela se inclinava para frente e o decote da regata ficava mais evidente, ou quando levantava uma das pernas e o jeans, já curto, subia um pouco mais.

Deus! Como Noah aguentava? Pior do que isso, certamente ele tinha observado as mesmas coisas que eu e ficado também de...

— Liam, tudo bem? — Julianne me encarava, preocupada.

Nada estava bem. Queria quebrar outra perna do Noah. Talvez os dois braços, também. Melhor seria se, acidentalmente, eu enfiasse o bisturi em seus dois olhos, durante uma cirurgia.

— Acha que consegue pegar os passos?

— Acho que sim — murmurei.

— Você me olhava estranho — ela sorriu, para diminuir a tensão — Parecia que ia desmaiar.

Tudo bem se não se sentir confortável para isso.

— Estou bem, Julianne — resmunguei — Poderia mostrar de novo?

— Claro.

Não daria certo se, a cada minuto, eu ficasse pensando no que Julianne e Noah tinham feito. Então, dessa vez resolvi prestar realmente atenção na dança. Era uma coreografia simples, não via nenhum problema em decorá-la.

— Bem, agora nós dois... — ela pigarreou, desconcertada — Nós dois vamos ter que ensaiar.

Com um sorriso arrogante, o melhor que poderia exhibir, caminhei até o aparelho de som e dei pausa na música.

— Como eu disse aquele dia — peguei o meu celular e dei uma passada pela playlist. Depois de escolher a que eu queria, coloquei-o sobre o balcão — Nossos corpos precisam se sentir confortáveis um com o outro.

Ao contrário de Julianne, escolhi a música de forma proposital. *Love me tender*, Elvis Presley.

— É como nossos corpos se conectam — segurei suas mãos e as coloquei sobre meus ombros, as minhas encaixando em sua cintura, puxando-a mais próximo de mim — Como se completam.

Seus braços circularam meu pescoço e sua cabeça se apoiou em meu peito. Dançamos ao som de Elvis. Completamente embalados pela canção e toda emoção que a letra nos trazia.

Love me tender

Love me true

Palavras que um dia gostaria de ser capaz de falar, mas ansiava ouvir também.

Já ouvi dizer que dançar era como fazer amor. Tinha que haver uma química entre o par. Quando a música acabou, continuamos dançando, lentamente, passos quase tímidos, temerosos que o momento de encantamento chegasse ao seu fim.

— Acho que pode dar certo — murmurei, quando seus olhos se ergueram para mim.

E não me referia apenas à dança.

Alisei as maçãs de seu rosto com meu polegar. Deus, esperava não estar levando nós dois para a destruição.

— Acho melhor aqueles primeiros passos primeiro — me afastei, indo em direção ao som.

Eu tinha que ir com calma, decidi. Julianne era como um precipício sem fim. A loucura de tudo isso é que eu não tinha medo de mergulhar. Queria saber o que havia lá no fundo.

Depois de quase uma hora, suados e exaustos por sincronizar as partes da coreografia que não envolvia nossos corpos grudados, desabei ao lado dela no chão.

— É, tinha razão quando disse que era bom — Julianne apoiou-se em seu cotovelo para me encarar — Dança quase tão bem quanto eu.

Fiquei de joelhos, depois estendi minha mão, ajudando-a a ficar em pé.

— Admita, danço maravilhosamente bem — eu disse, em tom provocativo — Possivelmente melhor que você.

— Não sei o que é maior em você — começamos a colocar as mesas e cadeiras de volta em seus devidos lugares — Seu ego ou sua arrogância?

— Deixe essas perguntas íntimas para daqui a algumas semanas, senhorita — não consigo vencer a necessidade de provocá-la — Tenho algo grande, que irá agradá-la muito mais.

A forma como suas bochechas ficam rosadas e o jeito que seus olhos querem me fuzilar me divertem muito.

Não sei como tive a ideia, mas parecia que minha boca e meu cérebro dançavam dois ritmos diferentes.

— Nós já vimos que o concurso não será um problema para nós.

Julianne me encarou, desconfiada, e se apoiou contra uma mesa, cruzando os braços.

— Mas?

— Como disse, não estou interessado no dinheiro, mas há algo que talvez possa fazer por mim. Certo, Liam. Pare enquanto ainda dá tempo.

— Isso seria?

— Há algum tempo, venho pensando em sair da casa dos meu pais...

— Espera um pouco — ela levantou a mão no ar — Ainda mora com os seus pais?

— Qual o problema nisso? — perguntei, sem nenhum constrangimento — Não preciso me preocupar com roupas e casa limpa. A comida é excelente e sempre há companhia à noite.

— Eu só não achei que fosse o garotinho da mamãe — sorriu, balançando a cabeça.

— Nem você a garota boba que eu imaginava.

Nos encaramos por alguns segundos. Ela foi a primeira a desviar o olhar. Apesar de ser muitas vezes petulante, havia uma fragilidade nela que me intrigava.

— Voltando ao assunto, preciso encontrar um apartamento — nunca fiz o tipo encabulado, mas parecia que era nosso primeiro encontro e estava convidando-a para o cinema — Pode ser muito chato e gostaria de receber algumas opiniões.

— Quer minha opinião para escolher um apartamento.

Não. Estou inventando uma desculpa para ficarmos mais tempo juntos. Deixa de ser tão cega, garota.

— Em troca da dança — respondi no lugar — Uma mão lava a outra. As minhas seguram o troféu e a suas os dez mil dólares.

— Está me parecendo chantagem.

— Eu diria troca de gentilezas, afinal, prometi te ajudar muito antes.

— Hum...

Ela mordeu a ponta do polegar, ponderando sobre minha proposta.

— Só tenho folga aos domingos à tarde. Uma vez por mês, nas terças.

— Eu pago o almoço ou jantar — estendi a mão para fechar o acordo.

— Tudo bem.

Vestimos nossos casacos, e eu a segui até a porta. Aguardei que verificasse as trancas e que colocasse as mãos em concha contra o vidro, conferindo mais uma vez o interior do café.

— Quer uma carona para casa? — indiquei meu carro do outro lado da rua.

— A irmã da Ellen está chegando — ela apontou para o velho Chevette vermelho se aproximando

— Viu? Não tem com que se preocupar.

O carro parou ruidosamente em frente ao Let's. Fui educado dessa vez e saudei a jovem atrás do volante, com um sinal.

— Liam? — Julianne parou na porta entreaberta — Obrigada.

Concordei com a cabeça e fiquei observando o carro se afastar. Talvez o plano fosse não fazer planos. Deixar as coisas rolarem.

Tinha dado certo essa noite. Tinha sido perfeita. E esperava ansiosamente por outro dia de ensaio.

Com Julianne.

Capítulo 27



TROQUEI O UNIFORME DO LET'S POR UM VESTIDO DE MALHA, cor vinho. Era acinturado, as alças cruzavam no meu pescoço, deixando parte de minhas costas nuas. A saia era soltinha, o que facilitaria meus movimentos ao dançar com Liam.

— Uau! — Ellen rodou em torno de mim, me examinando atentamente — É um ensaio ou plano B? Eu tinha acabado de distribuir as mesas para ganhar mais espaço, quando ela surgiu da cozinha.

Preferia já deixar o ambiente pronto para quando Liam chegasse, embora ele insistisse para que fizéssemos isso juntos.

— Pode ser as duas coisas?

— Me diz você. Depois de uma semana, como anda a questão romance?

Isso era algo que eu não sabia dizer. Nós ríamos um do outro e falávamos banalidades. A única vez que realmente falamos sério foi em relação ao meu desejo em cursar medicina. Ele me ouviu por longos minutos, atento e pacientemente.

— Quando estamos dançando juntos, parece que não quer estar em lugar nenhum que não seja comigo — suspirei e desabei na primeira cadeira livre que encontrei — E quando tudo acaba, acho que mal pode esperar para dar o fora.

— O amor é mesmo confuso — Ela colocou a sacola de papel com a marca do Let's em cima da mesa, depois vestiu seu casaco e luvas — Acho que você está indo bem. Lembra do olhar de cachorro pidão que ele fazia quando olhava para você?

Balancei a cabeça.

— Multiplica isso agora por dez.

— Por que ele foge, ao invés de partir para cima?

Ellen verificou o embrulho mais uma vez antes de responder.

— Acho que está na fase de aceitação.

— Aceitação?

— Primeiro Liam estava na fase de negação. Não conseguia admitir que se sentia atraído por você. Então, ele era rude. Como um leão assustado.

Parecia fazer sentido.

— Sabe que gosta de você, mas não sabe como lidar com isso. Você deveria ser mais ativa. Vai para cima, garota.

— Literalmente para cima?

— Lembra dos passos daquelas revistas? Crie momentos de sensualidade — ela fez uma dancinha sensual ao dizer, mas mais pareceu uma cobra se contorcendo — Mulher, deixe o homem maluco.

— O único homem que tenho conseguido deixar maluco é o meu irmão, Austin — sorri ao lembrar da nossa última discussão — E de raiva.

— *Carpe Diem, quam minimum credula postero* — aconselhou, animada — Colha o dia de hoje e confie o mínimo possível no amanhã.

Viver um dia de cada vez. Parecia fácil quando se olha de fora. O grande problema é que não tinha apenas sentimentos confusos. Liam mexia completamente comigo. Eu o desejava como nunca desejei ninguém.

— Bom, eu vou indo.

— Vai ver o Noah outra vez?

Desde que ele tinha caído no depósito, Ellen passou a visitá-lo com mais frequência. Acredito que, enquanto ele não ficar curado, o sentimento de culpa não a deixará em paz.

— É, estou levando donuts — ela ergueu a sacola — Para um médico, ele é bem exigente.

Como eu não conseguia sequer unir Liam e eu como um casal, fui logo tirando as ideias românticas da minha cabeça. Até porque, Ellen e Noah não combinavam em nada. Ela era um espírito livre, enquanto ele fazia o tipo homem fofo.

— Vejo você na segunda?

Sábado era o dia de folga dela, e domingo, o meu.

— Claro, quero saber tudo o que rolou no fim de semana.

Ela jogou um beijo em minha direção. Liam entrava no momento que Ellen saía, e os dois praticamente esbarraram um no outro.

Diferente do decorrer da semana, em que me pareceu mais tenso, ele exibia um sorriso animado. Quis correr os dedos pelos cabelos bagunçados pelo vento e afastar a neve em seu casaco, como tinha feito a primeira vez.

— Fiz uma pesquisa na internet — ele tirou o casaco, e só agora vi que carregava um iPad — Dois casais finalistas do concurso voltam esse ano. Eles são muito bons, mas ano passado era tango.

Liam me mostrou o primeiro vídeo. A dupla era realmente muito boa.

— Caramba, mas eles parecem profissionais — murmurei, quando ele passou para o vídeo seguinte — Não é algo voltado à caridade?

Haveria outros tipos de concurso, como culinária e moda. Todas as categorias envolviam prêmios bem significativos, de acordo com o interesse do público e a venda de ingressos. Música e dança estavam no topo da lista. Os patrocinadores faziam boas doações em dinheiro, parte disso era oferecido aos competidores, que davam o melhor de si para fazer a noite muito divertida.

— São dez mil dólares, Julianne. Não é uma competição de tirar maçã do barril. As pessoas entram para ganhar.

— E o que acha que devemos fazer?

Minha coreografia era boa, para um iniciante.

— Acrescentar uns passos mais elaborados e de nível de dificuldade maior. Podemos olhar alguns vídeos e pensar em algumas coisas.

— Doutor, você não entra para perder.

— É importante para você ganhar?

Era importante por inúmeras coisas, não apenas pelo dinheiro. Éramos sintonizados na dança. Ganhando ou não, tinha certeza que daríamos um show e, o mais importante, cada minuto ao lado dele era inesquecível e especial.

— Sim, eu quero.

— Então, você vai ganhar.

— Nós.

Nas horas seguintes, vimos vários concursos de dança no Youtube. Salvamos alguns vídeos. A maioria dos passos que Liam escolhia era complicado e exigia força. Tinha um em que ele me girava no ar e eu deslizava por suas costas, saindo por debaixo de suas pernas.

— Nós não vamos conseguir isso! — disse, ao me levantar — É praticamente impossível.

Estava entre chateada e nervosa. Vimos dezenas de vídeos, e embora tenha passado tanto tempo sentada com Liam, mais próximos do que nos últimos quatro dias, não fizemos nada mais do que olhar para a tela do iPad e trocar algumas palavras.

Como eu conseguiria ser sexy?

A resposta veio quando olhei para a máquina de refrigerante. Enchi dois copos de soda, colocando um deles sobre o balcão.

— A prática leva à perfeição — disse ele, pegando seu copo — Um terço da coreografia está memorizada, precisamos apenas nos concentrar nos elementos mais elaborados.

Liam tinha razão. Tínhamos afinidade e ainda oito semanas para ensaiar antes do grande dia.

— Você está certo — saltei sobre o balcão ao lado dele — Só estou meio receosa.

Os olhos de Liam voaram para minhas coxas expostas, e cruzei as pernas, certificando-me de que a saia do vestido subisse um pouco quando as cruzei.

— Liam, só preciso ter certeza que irá me segurar — coloquei a mão em seu peito e usei minha melhor voz sedutora — Que suas mãos sempre estarão sobre mim.

Ele remexeu no lugar e pigarreou algumas vezes. Já tinha admitido que eu o deixava nervoso, mas atribuía muito mais à forma em que às vezes o irritava do que com a minha capacidade de sedução.

— Prometo que nunca vou deixá-la cair — ele disse, em um tom rouco e sexy demais para resistir.

Ah, Liam. Eu já tinha caído. Caído no encantamento de seus olhos. No sorriso devastador. E nos beijos que mantinham minha mente ocupada.

“Crie momentos de sensualidade”, recordei um dos conselhos de Ellen, novamente.

Peguei meu copo com refrigerante, e no melhor estilo garota safada, fiz o canudo deslizar pelos meus lábios úmidos.

Por cinco segundos, eu tive os olhos vorazes e carregados de Liam concentrados em mim. Os dez segundos seguintes vieram carregados de frustração e vergonha.

Na minha pressa em parecer sexy, não notei que não tinha colocado a tampa no copo adequadamente. Todo o líquido no copo e as várias pedras de gelo escorregaram pelo meu queixo, pescoço e vestido.

— Garota, você é incrível — Liam explodiu em uma gargalhada que fazia seu peito sacudir — Incrível.

Eu queria esganar a Ellen. Não mais do que queria ter uma arma e atirar em minha própria cabeça. Ou na cabeça dele, por tirar chacota de mim.

Claro que ele notou minha deplorável tentativa de sedução. Não dá para ser sexy quando não se é sexy. O tempo todo devo ter parecido uma boba.

Completamente humilhada e irada, escorreguei do balcão.

— Julienne? — ele segurou o meu queixo e ergueu minha cabeça, forçando-me a encará-lo — Julienne, olha para mim. Foi só um acidente, minha linda.

Ainda me recusava a encará-lo, indignada, quando senti seus lábios tocarem os meus. Abri meus olhos, surpresa.

Eu não queria a compaixão que suas palavras tinham demonstrado, mas seu gesto não tinha nada de piedoso. O ardor que tinha visto em seus olhos, antes da tragédia com o refrigerante, estava de volta.

Liam agarrou minha nuca, aprofundando o beijo. O vestido frio e ensopado grudava em meu corpo, mas as mãos de Liam, passeando por ele, pareciam maçaricos ateando fogo em mim.

Não, de maneira alguma, aquele beijo poderia ser chamado de casto. Havia uma fúria na forma que introduzia sua língua em minha boca, arrancando de mim gemidos mais sensuais do que minha tola tentativa com o canudo.

Ele me pressionou contra o balcão. Sua mão escorregou pelas minhas costas, abriu caminho por debaixo do vestido e agarrou fortemente minha bunda.

Minha cabeça rodava, e precisei segurar em seus ombros para manter minhas pernas vacilantes no lugar. Sua pélvis esfregando na minha, e senti a intensidade de sua excitação. Gememos ao mesmo tempo, carregados por um desejo que parecia querer nos consumir.

— Julienne?

Liam enrijeceu, seus dedos suavizaram em minha bunda e ele rapidamente se afastou, colocando o vestido no lugar.

Ainda meio desnorteada, demorei para entender que a voz chamando meu nome vinha da porta. A irmã de Ellen perguntava se ainda queria carona para casa.

— Acho melhor eu ir — Liam se afastou e foi em busca de seu casaco — Até domingo, Julienne.

— Domingo? — eu me perguntei se minha voz saiu tão trêmula como o resto do meu corpo.

— Tenho que cancelar o ensaio de amanhã.

Após jogar essa bomba sobre minha cabeça, ele cumprimentou Emily parada na porta e saiu rapidamente.

Bati minha cabeça contra o mármore gelado, sentindo-me a mais miserável dos seres humanos.

— Eu nem vou perguntar se interrompi alguma coisa, porque sei que sim — Emily murmurou, em um tom de desculpa — É que fiquei esperando lá fora, e como você sempre já está aguardando por mim... Desculpe, Julienne.

Eu não podia culpar Emily por arruinar o que poderia ter sido minha primeira experiência sexual, porque eu não tinha dúvida alguma de que acabaríamos na cama ou, para ser mais exata, no chão. Ela vinha sendo gentil, levando-me para casa todos os dias.

— Tudo bem, Emily, você não atrapalhou nada — sorri para dar mais credibilidade à minha mentira — Se puder esperar só mais alguns minutos, eu limpo essa bagunça e podemos ir embora.

Por culpa ou solidariedade, ela me ajudou a limpar o balcão e o chão molhados de refrigerante.

Duas horas depois, estava em minha cama, dominada pelo calor que nem o banho relaxante foi capaz de aplacar.

Eu tive sonhos nada inocentes com um certo doutor.

Capítulo 28



“JANTAR AQUI EM CASA, você e sua nova amiga”?

Pensei em como sairia daquela situação. Katty não era boba. Ela tinha percebido, aquele dia no hospital, o clima entre Julianne e eu. Tentar esconder isso dela só fez com que se interessasse muito mais. E desde que tinha mandado Nicole para o inferno, sua nova meta na vida era conseguir uma nova namorada para mim. Como se eu tivesse quinze anos, droga.

Levar Julianne à casa de minha irmã, e dos pequenos demônios que eram suas filhas, seria o mesmo que conduzir uma donzela inocente ao sacrifício. Elas iriam testá-la de todas as formas, até terem certeza se era digna ou não de mim.

“Vou olhar minha agenda”, enviei. O que significava *nunca*.

Ou, pelo menos, até que as coisas ficassem mais claras. Eu já havia julgado Julianne precipitadamente uma vez. Ainda a achava jovem demais. Mas eu também não era nenhum velho decrépito atrás da Lolita. E não podia negar, existiam qualidades nela que me atraíam. E não falo apenas de desejo físico, embora isso fosse muito importante.

Julianne era espontânea, gentil e carinhosa. Ela me fazia rir, mesmo quando a intenção não era essa. Não chorava por qualquer motivo, nem ficava manhosa quando eu a contrariava. E quando ficava brava, conseguia ficar ainda mais linda. Ela me fazia me sentir vivo, como nunca tinha sentido antes.

Ansiava os momentos que passaríamos juntos e amargurava quando nos separávamos. Era apenas uma menina, mas a enxergava como mulher.

Até tentei lutar contra a atração durante os ensaios, tentei resistir e ergui um muro de distanciamento entre nós. Acreditei que caminharmos pelo campo da amizade era a melhor opção. Foi como atíçar uma onça irritadiça.

Quanto mais negava, mais eu a queria. E a teria feito minha, no chão frio do Let's, se não tivéssemos sido interrompidos.

Joguei o casaco sobre uma cadeira. Estava disposto a ter uma noite tranquila de sono, algo raro

desde que minha vida tinha cruzado com uma jovem perigosa, quando meu telefone começou a vibrar.

Ajeitei os travesseiros, tirei os sapatos, arrumei as cobertas antes de resolver atender. Quanto mais Katty esperasse, mais ela ficaria irritadiça e, posso garantir, era mais fácil de lidar com ela.

— Quando o doutor tão ocupado terá espaço na agenda para sua única irmãzinha e sobrinhas, que há semanas perguntam do tio?

Ela era desavergonhadamente manipuladora.

— Katty, eu vi as meninas ontem, aqui em casa — respondi calmamente — Frank as trouxe depois da escola.

Pude imaginar o “ah” saindo de sua boca, embora não tivesse falado nada.

— Então venha apenas me ver e passar uma ótima noite comigo. Sua amiga é bem-vinda. Sabe que adoro receber visitas.

— Eu realmente estou com a agenda ocupada.

— Uma noite, Liam.

— Não tenho uma noite livre.

— Terça-feira? — ela insistiu.

— Não posso.

— Quinta?

— Não.

— Daqui a duas semanas?

Houve uma pausa dramática, seguida de muitos suspiros.

— Não me diga que voltou com aquela...

Em algum momento ela teria que saber sobre o concurso, e contar para Katty era o mesmo que anunciar para toda a família.

— Estou ocupado, até a festa beneficente em prol do hospital — pigarreei e me ajeitei melhor na cama — Vou participar do concurso.

— Vai tocar gaita?

— Não.

— Então irá participar do desfile?

— Katty, já parou para pensar que, se deixasse que as pessoas falassem, diriam o que você quer saber sem que precisasse ficar adivinhando?

— E que graça teria isso?

Sorri ao lembrar que sua filha, Lauren, tinha exatamente a quem puxar.

— É um concurso de dança — respirei fundo antes de continuar: — Com a Julianne.

Silêncio. Muito silêncio, tanto silêncio que achei que a ligação tinha sido interrompida.

— Katty?

— Vai dançar com a loirinha.

— Julienne — corriji.

— Está ensaiando com ela, pelo visto?

— Todos os dias.

— Ah... — pigarreia — Bem... — mais um pigarreio — Uau! — uma grande pausa estratégica

ou dramática, acredito mais na primeira intuição — O concurso será em algumas semanas? Marcarei o jantar e te aviso. E, Liam?

— Sim, Katty — disse, vencido.

Ninguém conseguia parar Katty, ela era como um trem descarrilhado vindo em nossa direção.

— Eu gostei dela — sussurrou, antes de desligar.

Fiquei um tempo observando a tela do celular. Minha irmã dizer que gostava de Julienne era o mesmo que dar seu atestado de aprovação, seu selo de qualidade. Tendo em consideração que em todo meu relacionamento com minha ex-noiva as duas só dividiam o mesmo espaço por educação, Katty dizer que gostava de Julienne era algo muito significativo.

Só restaria saber se as gêmeas pensariam o mesmo. Além do restante de minha família. Se com cinco minutos com ela, Katty já estava encantada, não duvidava que o restante sentiria o mesmo.

Isso era um grande problema.

Nosso ponto de encontro era o café, às treze horas. Confesso que sinto mais segurança em transitar por um território mais seguro e conhecido, por enquanto.

Julienne esperava na porta, uma bandeja descartável contendo dois copos grandes de café estava em uma mão, na outra uma embalagem do Let's, com o que eu imagino ser donut.

Usava um vestido rosa pálido, com minúsculas bolinhas brancas, jaqueta marrom escuro, quase preto, e botas, diferentes das que costuma usar nos ensaios. Essas têm um cano mais longo e não há salto.

— Oi. — disse, ao me aproximar dela.

— Olá — ela sorriu, sacudindo a embalagem, isso fez com que seu cabelo, preso em um rabo de cavalo, balançasse levemente em seu ombro — Café para viagem e cupcake.

Eu teria afastado as mechas que enroscaram em seu pescoço, se as minhas mãos não estivessem rígidas ao lado do corpo. Meus dedos literalmente perfurando a palma de minha mão.

Como um 1,60cm de altura podia me assustar?

— Pensei que fossem donuts — disse, ao indicar meu carro do outro lado da rua.

— Sei que no Let's fazem os melhores donuts do mundo, mas esse cupcake é especial, afinal, fui eu que fiz.

— Você cozinha? — perguntei, ao abrir a porta para ela.

— Não tão bem quanto a Emma, a mulher que praticamente me criou. Nem como a minha prima, mas consigo me virar — disse, estendendo o embrulho aberto, quando me sentei — Vamos, pare de rir e prove um.

Inclinei para ver o que tinha dentro do saco antes de mergulhar naquela aventura gastronômica.

Havia quatro bolinhos confeitados. Peguei um deles, o coloquei contra a claridade e fingi estudá-lo atentamente antes de dizer:

— Essa não é uma tentativa de me matar, não é mesmo?

— Não me dê ideias — gracejou comigo — Já tenho uma lista infinita.

Mordi a língua antes de perguntar se morrer de amor constava em algum tópico. Não queria constrangê-la. Estava curtindo o clima descontraído entre nós e queria que o restante do dia fosse assim.

Assim que mordi, senti o gosto de mirtilo explodir em minha boca. Ela poderia não ser tão boa na cozinha como Emma e a tal prima, mas, com toda certeza, Delia, nossa governanta, imploraria por aquela receita.

— Já que não morreu e pela forma que devora seus dedos — provoca ao me ver lambe as últimas migalhas em minhas mãos — Acho que pode ficar com o resto.

Não titubeei ao pegar o pacote que ela colocou em meu colo. E só por garantia, deixei o embrulho o mais longe possível das mãos dela.

— Liam, você não existe — Julianne riu ao colocar o cinto.

O primeiro apartamento já estava decorado. Era amplo e branco, muito branco. Desde os sofás e tapetes na sala à cozinha com armários brancos, balcões e porcelanas. Dava uma quebrada com a geladeira e fogão em inox, mas o branco era realmente predominante.

— Quem morou aqui antes? — ela perguntou, quando entramos em uma das suítes — Um médico?

— Médico? — não entendi a analogia dela. Eu, por exemplo, gostava de cor.

Gostava do azul dos seus olhos, principalmente quando a claridade, vinda da janela, fazia-os parecer mais claros do que já eram. Também gostava quando ficava irritada ou com vergonha e suas bochechas ganhavam uma linda tonalidade de rosa.

— É tudo tão limpo — passou o dedo por uma cômoda, para comprovar o que dizia — Parece um hospital, não tem vida. Eu não gostei daqui.

Esse, sem dúvida, era um apartamento luxuoso. Qualquer mulher ficaria fascinada com ele. Nicole

certamente teria feito com que eu comprasse, assim que colocasse os pés dentro dele.

Pare com isso, Liam. Fazer comparações não era justo. Mas era intrigante.

Observei a sala mais uma vez antes de encontrar Julianne no corredor. Eu tinha que concordar com ela. Apesar de esteticamente ser muito elegante, era frio e impessoal. Eu ficaria deprimido ali.

O segundo apartamento tinha uma decoração mais moderna e futurista. Apesar de ter me atraído muito mais, as janelas da varanda davam de frente à parede de concreto de outro prédio, mal dava para observar o céu dali.

— Interessante, se quiser se sentir preso dentro de uma caixa de papel — disse ela ao sairmos.

Talvez eu tivesse comprado o lugar porque gostei um pouco mais da decoração dele. Jamais teria pensado que me privaria de sentar na varanda com uma taça de vinho ou um bom livro para aproveitar a noite. Sequer poderia observar as pessoas caminharem na rua.

Julianne via detalhes que minha mente pragmática não via. Ela enxergava pessoas vivendo em cada apartamento e como seriam seus dias. Eu gostava da simplicidade e alegria que ela enxergava a vida.

Como prometi, levei-a para jantar em um restaurante italiano. Comemos pasta ao modo da casa e até arriscamos dançar a Tarantella, quando a atração da casa passou em nossa mesa.

Chegamos em frente ao prédio dela e imediatamente reconheci o local. Apesar de ter estado ali apenas uma vez, as circunstâncias jamais me fariam esquecer. Era o mesmo prédio que Penelope morava.

— Faz tempo que mora nesse prédio? — pergunto a ela, antes de descer.

— Desde o começo do ano.

— Eu tinha uma amiga que morou nesse prédio.

Que havia ido embora e nem dissera adeus, concluí com pesar. Esperava que ela estivesse bem, onde quer que esteja agora.

— Obrigada pelo jantar — ela se escorou na janela aberta — Foi uma noite maravilhosa.

— Obrigado pelas últimas oito horas — respondi com um sorriso — Você foi uma companhia maravilhosa.

Infelizmente, haveria muitas horas para que nos víssemos de novo. Era como véspera de Natal, parecia ter uma eternidade entre os dois dias.

Capítulo 29



ENTREGUEI A CONTA DO ÚLTIMO CLIENTE NO CAFÉ, e enquanto Ellen fechava o caixa, passei a organizar o salão. Como sempre, meus pensamentos estavam na dança e em Liam.

A cada dia que a competição se aproximava, mais nervosa eu ficava. Liam dizia que eu precisava relaxar e encarar aquilo como uma diversão. No fundo, sabia que ele tinha razão, mas a maior parte da tensão que me dominava era a forma que nos aproximávamos mais, como amigos.

Era difícil controlar algumas reações de meu corpo, quando ele segurava minha nuca para executarmos um passo mais sensual ou quando agarrava minhas pernas em um mais elaborado, e quando agarrava minha bunda para me levantar no ar, aí sim eu perdia o controle.

Que mulher em sã consciência resistiria a um homem atraente e sexy como o diabo que nem ele?

Eu era uma simples mortal. Também não ajudava que houvesse me beijado intensa e apaixonadamente duas vezes durante a pausa dos ensaios e pedido desculpas depois.

Andávamos em uma linha tênue de desejo sexual reprimido e medo de destruir a camaradagem que tínhamos construído ao longo dos dias. Eu gostava de dançar com Liam, era o momento de mais intimidade que conseguíamos ter, mas também gostava dos momentos de descontração e diversão quando visitávamos apartamentos.

— Até amanhã, garotas — Loretta saiu da cozinha com seu ajudante, e Ellen e eu ficamos encarregadas de fechar tudo.

— Você se importa se te deixar na mão hoje? — Ellen trancou o caixa e me lançou um olhar suplicante.

— Noah?

Ela ficou vermelha e circulou o balcão.

— Os pais dele farão uma visita hoje. Prometi que faria companhia. Parece que eles são meio que sufocantes.

Eu o visitei duas vezes depois que saiu do hospital. Também nutria uma certa culpa pelo que

aconteceu, mas embora Noah tivesse a perna engessada e certa dificuldade em se locomover, não me pareceu tão frágil e que requeresse tanto cuidado, como dava a entender para Ellen.

— Pode deixar que eu me viro — garanti — Ainda falta uma hora para Liam aparecer.

— Falando nisso, como andam as coisas? — perguntou, antes de seguir para o vestiário — Ainda dançando valsa?

— Dançando valsa?

— Dois para lá, dois para cá — foi dançando até a porta — Avançam e recuam. Tome a iniciativa.

Mostre um tango para ele.

Fui colocando as cadeiras sobre as mesas, refletindo sobre o que Ellen tinha falado. O tango era uma dança íntima e sensual.

Sorri, com dezenas de ideias em minha cabeça.

— Ellen, você é a melhor amiga do mundo — elogiei quando ela passou por mim, em um elegante vestido preto — E muito sábia, também. Obrigada.

— Apenas deseje-me sorte.

— Pise na merda — disse, em um tom musical, era minha analogia de “boa sorte” usada no teatro

— A perna, o Noah já quebrou.

— Obrigada — ela piscou para mim — Feliz aniversário de novo. Temos que comemorar isso depois.

Ela saiu rindo. Minha missão em deixá-la menos nervosa tinha sido alcançada.

Faltavam dez minutos do horário do ensaio, quando meu smartphone tocou.

— Liam?

— Oi, Julianne. Desculpe o atraso. Bem, na verdade, eu cometi um engano.

— Aconteceu alguma coisa?

— Eu prometi a Eva... Você se lembra dela, não é?

Eva era a mãe da garotinha cega que tinha vindo ao Let's uma vez. Lembro perfeitamente das duas.

— Claro.

— Deve se lembrar também do admirador não tão secreto assim — ele riu, antes de continuar: —

Bom, de alguma forma, Melanie a convenceu a sair para jantar e, bom, como eu tinha prometido...

— Ficaré de babá.

Eu acho muito gentil da parte dele cumprir a promessa, mas, por outro lado, não consigo parar de me sentir decepcionada por só poder vê-lo no dia seguinte. Ainda mais hoje. Meu primeiro aniversário longe da minha família.

— Eu entendo, Liam.

Não é a primeira vez que tivemos que desmarcar. Houve cirurgias de última hora. Uma vez recebi

a visita inesperada de Clyde e outra de James. Disseram que era a negócio, mas no fundo eu sabia que estavam verificando como estava me virando sozinha.

— Na verdade, eu pensei que, se não for problema — ele parecia hesitante — Achei que poderíamos ensaiar aqui. Foi ideia da Melanie, na verdade, mas se...

— Eu acho uma excelente ideia — interrompi, voltando a ficar animada — Apenas passe o endereço.

Como não conhecia bem a região, decidi pegar um táxi. Apesar de querer bancar a gasolina, Emily só permitia que pagasse metade, então eu tinha economizado bastante em condução, para fazer essa extravagância.

Cerca de quase uma hora depois, estava em frente ao prédio que Liam tinha informado. Duas adolescentes saíam do prédio, deixando a porta aberta para que eu entrasse.

Um gesto nada inteligente em relação à segurança, mas estavam entretidas demais em seus celulares para darem conta disso.

Cheguei ao apartamento de Eva, estava prestes a tocar a campainha quando notei a porta entreaberta. Ouvi os sussurros de Liam e Melanie e os procurei, abrindo mais a fresta da porta.

Eles estavam no chão, sobre o tapete, rodeados de objetos e comida. No entanto, o que mais me chamou atenção foi ver Liam com os olhos vendados.

— Agora é a sua vez — a menina procurou algo no chão, encontrando um vidro de esmalte — O que acha que é?

Entrei nas pontas dos pés, fechei a porta atrás de mim e apoiei-me contra ela, observando os dois em silêncio.

Liam tateou o objeto. Estava graciosamente sério e concentrado.

— É um batom.

— Errado — soltei, levando as mãos apressadamente até a boca.

— Julienne?

Ele ergueu a venda que cobria seus olhos e piscou algumas vezes, até me encontrar. Fui pega em flagrante e nem havia para onde fugir.

— Desculpe, a porta estava aberta.

— Queria ouvir quando você chegasse — me brindou com um dos seus sorrisos perfeitos e se levantou — Nós estávamos fazendo um dos exercícios de Melanie, enquanto esperávamos você chegar.

— Você quer treinar com a gente? — ela também ficou em pé, buscando a mão dele — Pode ficar no lugar da mamãe, porque o Liam rouba.

Com a faixa amarrada na cabeça, ele me fazia lembrar de Daniel San, em *Karate Kid*, claro que

sem o quimono e incomparavelmente mais bonito, principalmente quando sorria como um garotinho fazendo arte.

— Eu não roubo, mocinha — ele bateu na ponta do nariz dela — Só sou muito inteligente.

Melanie o empurrou com o ombro.

— Mamãe disse que rouba, sim.

— Sua mãe é... — Liam piscou para mim e partiu em um ataque de cosquinhas para cima dela — uma grande fofoqueira.

Os dois ficaram quase um minuto assim. Ele a atacando com dedos nervosos em sua barriga e Melanie implorando para que Liam parasse.

Eu tinha um sorriso gigante no rosto ao observar os dois. A primeira vez que os vi juntos, no Let's, notei que Liam tinha muito jeito com criança, e não acreditava que fosse apenas por Melanie ser uma menina especial.

— Então, se você não se importar — Liam resolveu dar uma pausa à menina e voltou sua atenção para mim — Vou pedir pizza, Eva disse que volta a tempo de colocar Melanie na cama, depois podemos ensaiar.

— Só me diz o que tenho que fazer.

Melanie saltitou, comemorando. Sorri, contagiada pelo entusiasmo dela, e Liam me lançou um olhar profundo e impossível de decifrar.

A noite seguiu na disputa de adivinhação. Liam, inteligentemente, ora dava vantagem à Melanie, ora passava na frente dela para que não desconfiasse que errava propositalmente. Em uma das rodadas, permiti que eu fosse vendada. Não era tão boa como os dois.

As pizzas chegaram. Enquanto comíamos, Melanie pediu que nós brincássemos do jogo do “Se” —se você alguma coisa, o que a pessoa seguinte faria.

— Se a Julianne fosse uma pera, o que você faria, Liam?

Ele me encarou, mordeu um grande pedaço de pizza e mastigou lentamente.

— Uma salada de frutas — ele disse — Já que não saberia fazer uma torta.

— Eu gosto de salada de frutas — murmurou a menina, completamente alheia aos olhares que nós trocávamos.

Desviei o olhar e fingi estar indecisa na escolha de outro pedaço de pizza, na espera de que Liam desse continuidade à brincadeira.

— Se Melanie fosse uma pluma, o que faria com ela, Julianne?

— Ah, essa é muito fácil — limpei os meus dedos no guardanapo — Usaria todas as noites para fazer cócegas nos pés de meninas sapecas.

Como estávamos no chão, investi nos pés dela, então logo passamos a rolar pelo tapete.

Nesse momento, meu telefone começou a tocar. Estava mais perto de Liam do que de mim. Ele me entregou, mas resolvi ignorar a mensagem.

— Pode atender — disse ele, apontando o aparelho.

— Ah, não é nada — decidi desligar — É uma mensagem de aniversário.

— É seu aniversário hoje? — ele perguntou, incrédulo.

— É, sim.

— Poxa, devíamos ter comprado bolo ao invés de pizza — Melanie disse, em um tom pesaroso.

— Caramba, se eu soubesse... — ele parecia aborrecido — Não teria... você não precisava ter vindo. Certamente sairia com seus amigos.

— Na realidade, não — confessei ao apertar as bochechas de Melanie — Estaria em casa sozinha e estou me divertindo muito aqui.

— Então feliz aniversário! — Melanie gritou e Liam a acompanhou em seguida.

O jogo e as brincadeiras continuaram até a menina começar a bocejar. Vendo a apreensão de Liam, me ofereci para colocá-la na cama. Esperei que ela escovasse os dentes, ajudei na escolha do pijama e penteei seus cabelos enquanto conversávamos.

— Se mamãe casasse de novo, eu poderia ter um irmãozinho, não é? Eu gostaria de ter.

Pensei nos meus próprios irmãos e como teria sido minha infância sem eles.

— Espero que sim — coloquei a escova sobre a cama e afastei as cobertas para que ela deitasse

— Tenha bons sonhos, querida.

Quando agachei para depositar um beijo carinhoso em sua testa, senti as mãozinhas fofas sobre meu rosto.

— Mamãe disse que, quando eu fizer a cirurgia, vou voltar a ficar tão bonita quanto você — ela sussurrou, alisando meu rosto — Ela é bonita, não é mesmo, Liam?

— Muito linda — ele murmurou, da porta.

Senti o coração apertar. Era como se meu carinho por essa menina crescesse tanto que já não cabia em meu peito.

— Você já é linda, Melanie — beijei cada lado de sua bochecha — A garotinha mais linda que eu já vi.

Quando voltamos para a sala, eu ainda sentia que pisava em nuvens de algodão. Liam me achava linda e eu parecia uma garota boba com um enorme sorriso no rosto.

Receosa que pudesse cometer qualquer coisa idiota e também porque precisava manter minhas mãos e cabeça concentradas em algo que não fosse o homem enigmático ao meu lado, comecei a recolher as caixas vazias e pratos do chão.

Em poucos minutos, demos um jeito na sala. Estávamos saindo da cozinha quando Eva entrou.

Como eu tinha feito ao chegar, apoiou-se contra a porta e tinha um sorriso sonhador em seu rosto. Ao notar que olhávamos para ela, empertigou-se, nervosa, e veio em nossa direção.

— Desculpe, nós não percebemos o tempo passar — justificou-se pelo atraso — Melanie já está na cama, suponho?

— Julienne a levou — Liam segurou minha mão e sorri para ele — Você mereceu cada minuto de diversão que teve, Eva. Não se sinta culpada por isso.

— Liam tem razão — confirmei — E sempre que precisar, pode contar com nossa ajuda.

Emocionada, ela escondeu o rosto entre as mãos. Respirei fundo. Essa tinha sido uma noite carregada de emoções.

— Vocês nem ensaiaram.

— Faremos isso amanhã — disse Liam, indo até nossos casacos sobre o sofá, e em nenhum momento soltou minha mão — Boa noite, Eva.

Dei boa noite a ela e deixei que Liam me guiasse até o carro dele.

Não conversamos muito durante o percurso até meu apartamento, acho que nem precisávamos. Havia uma aura entre nós, uma cumplicidade silenciosa, embalada pela voz maravilhosa de Elvis.

— Tenho a sensação de que aprendi muito mais nessa noite, do que em minha vida inteira — confessei, quando o motor do carro foi desligado — Foi uma noite maravilhosa. Obrigada.

— Você foi amável e atenciosa com a Melanie, hoje — ele buscou minha mão e a levou aos seus lábios — Acho que sou eu que tenho que agradecer.

Era como se violinos tocassem em volta de mim, enquanto nos olhávamos. Não era apenas a atração física que sentia desde a primeira vez que coloquei os meus olhos neles. Eu tinha me apaixonado e nem percebi.

Educada e galantemente, ele abriu o carro para que eu saltasse. Estremeci quando novamente abrigou minha mão na sua e me conduziu até a entrada do prédio.

Estava tão nervosa como se fosse a primeira vez que seria beijada. Expectativa e ansiedade impediam que qualquer outro pensamento se formasse em minha cabeça.

Amar era assim, perder completamente a racionalidade. Ter mariposas no estômago quando ele toca o seu rosto com delicadeza. Quando te olha como se não existisse mais nada de belo no mundo para admirar. Era ter os lábios tocando os seus com a mesma delicadeza com que um beija-flor colhe o néctar. Minhas mariposas se multiplicaram dentro de mim quando o beijo ficou mais apaixonado.

— Desejei isso a noite toda — igualmente sem fôlego, Liam colou a testa na minha — Não vou me desculpar dessa vez...

— Mataria você se fizesse isso — sorri e impulsivamente voltei a beijá-lo.

E ficaria presa nesse beijo eternamente. Em seus braços, como um casulo, nessa bolha onde me sentia protegida.

— Boa noite, Julianne — disse ele e se afastou, pesaroso.

Meu breve momento de felicidade havia acabado. Mas eu ainda poderia sonhar com o paraíso. Nenhum presente de aniversário poderia ser tão encantador como aquele.

Capítulo 30



PROCURAR APARTAMENTOS COM JULIENNE tinha se tornado mais uma tarefa divertida do que uma obrigação, mas assim como os dias de ensaio, estava chegando ao fim.

Durante semanas visitamos todos os tipos de propriedades, analisamos os prós e contras de cada uma delas, passando para o imóvel seguinte, mas esse que estávamos hoje era simplesmente perfeito.

Não era decorado, mas isso não impedia que enxergássemos sua beleza. E como ela havia sugerido, eu poderia dar a minha cara ao apartamento.

A sala era ampla, tinha uma charmosa lareira a gás, perfeita para os dias de inverno. As portas duplas de vidro davam acesso à varanda, que tinha vista para o Central Parque.

Fechando meus olhos, conseguia me ver sentado em uma confortável espreguiçadeira, tomando um bom vinho. Na verdade, o cenário tinha mudado um pouco. Dessa vez, teria os pés de Julianne sobre minhas pernas. Enquanto ela lia um bom livro, faria massagens em seus pés, provocando ronronares que me deixariam excitado.

Nós faríamos amor ali, as estrelas seriam a manta sobre nós.

— Eu colocaria o sofá ali — disse ela, empolgada.

Acordei desse devaneio, incomodado com o rumo de meus pensamentos, embora não fosse surpresa ter esses tipos de devaneios eróticos com Julianne. Até os meus sonhos eles invadiam.

— E a Tv bem aqui — ela caminhou até a parede oposta — E daquele lado, alguns quadros. Fotos de Nova York? Em preto e branco, o que acha?

Perfeito, como o imenso sorriso que via em seu rosto.

— Vamos ver os quartos — disse, dando as costas a ela.

Não antes de ver o sorriso morrer diante da brusquidão de minhas palavras. Não quis ser rude. Nem sei o porquê de minha repentina falta de humor. Na verdade, eu sabia.

Comprar o apartamento seria o fim dos meus encontros com Julianne. E enquanto eu caminhava em direção à suíte, desejava que houvesse um grande problema ali. Como umidade ou que tivesse

infiltração de água no banheiro.

Quase gemi de frustração quando entrei. Como o resto da casa, a suíte principal era perfeita. A janela panorâmica tinha uma vista perfeita da cidade. O banheiro possuía duas paredes de vidro, que iam do teto ao chão; de frente a elas, uma banheira redonda, incrustada em madeira de carvalho.

Usando de todo meu autocontrole, impedi que qualquer imagem perigosa invadisse minha cabeça.

— Nossa! — Disse Julianne, apoiando-se contra o armário, completamente fascinada pelo que via — Quanto dinheiro você tem?

— Como?

— Não se ofenda — apressou-se em dizer — Mas é que... Temos que admitir, esse apartamento é o apartamento dos sonhos. E ainda tem toda a decoração. Eu sei que deve ganhar muito bem, pois é um excelente médico.

Ela fez um sinal com as mãos, abrangendo o espaço.

— Mas isso aqui deve custar uma pequena fortuna. Podíamos rever aquele, da semana passada.

Sorri ao compreender a preocupação dela. Julianne atribuía minha rispidez com ela à possibilidade de não poder pagar por algo tão sofisticado.

Ela não sabia que, quando procurei meu corretor, pedi que me enviasse uma lista de apartamentos nos valores que eu quisesse pagar, e não nos que pudesse.

Dinheiro não era problema para mim. Adam, Katty e eu tínhamos herdado uma pequena fortuna dos nossos avós paternos. Havia investimentos que nossos pais fizeram ainda quando erámos bebês. E o hospital onde trabalhava, três vezes na semana, não era minha única fonte de renda profissional — não conseguiria pagar o condomínio com ele — havia ainda as clínicas da família.

Definitivamente, dinheiro não era o problema naquela equação. Julianne era. Em todo caso, fiquei elevado com sua preocupação.

— O hospital não é minha única fonte de renda — explico a ela, ouvindo uma exclamação de surpresa — Não é isso que me incomoda.

— Não gostou do que viu? — perguntou, confusa — O que o incomoda, então?

— Você.

“Chocada” era a palavra perfeita para descrevê-la nesse momento, seguido por um olhar mais magoado que o anterior.

— Espere! — segurei o seu braço quando percebi sua intenção de fugir.

Como explicar a ela que será sua falta, os momentos que perderei ao seu lado, que faz da minha vida uma grande merda?

— Não é nada do que está pensando — puxei-a para mim um pouco mais — É completamente o oposto.

Toquei meus lábios nos seus, duas, três vezes. Era o máximo que meu controle permitia ir.

— Podemos conversar hoje à noite?

— No ensaio?

— Chega de ensaios — murmurei, minha testa colada na sua.

— Mas a competição é daqui a três dias.

— Estamos perfeitos — e eu não exagerava, nossa sintonia era perfeita — Somos perfeitos juntos.

Hoje eu quero algo diferente. O que me diz?

— Como um encontro? — perguntou, vacilante.

Sorri e beijei sua testa.

— Sim, um encontro — olhei fixamente dentro dos olhos dela — Julianne, quer ter um encontro comigo?

— Puxa, você é lerdo, hein — ela tapou a boca ao dizer.

Caí em uma risada quase que incontrolável, curvando minha cabeça em seu ombro, enquanto meu peito explodia em espasmos.

— Não foi isso que quis dizer — ela tentou se explicar, envergonhada — Quer dizer, esperei muito para ouvir isso. Não que esteja ansiosa...

Toquei seus lábios com a ponta dos dedos.

— Basta dizer sim.

— Sim, eu quero.

Alisei suas bochechas rosadas e em seguida peguei suas mãos.

— Vem, vamos ver o resto.

Havia mais dois quartos e mais dois cômodos que eu poderia usar, um como biblioteca e outro como escritório. Assim que saímos, a minha decisão esatava tomada.

Eu compraria o apartamento.

Acho que, se eu fosse me casar hoje, não teria ficado tão nervoso. Já tinha errado o nó da gravata uma dezena de vezes, e olhava frustrado para o espelho quando meu pai surgiu na porta.

Ele carregava um livro e me encarava com curiosidade. Certamente tinha ouvido meus xingamentos quando passou pelo corredor.

— Problema com a gravata? — me encarou, curioso.

Aquilo era ridículo. Eu devia fazer o nó de gravata mais do que prescrevia em receituário médico.

— Acho que estou um pouco impaciente.

Ele colocou o livro sobre a cama e caminhou até mim, de um jeito elegante que nunca sonhei ter. Apesar de fisicamente sermos bem parecidos, Adam tinha muito mais do meu pai do que eu.

Os dois tinham um olhar mais austero, um ar aristocrático e um charme que atraíam as mulheres apenas com sua presença.

Eu tinha puxado nossa mãe. Descontraída, bem-humorada e, arrisco dizer, um pouco mais romântica. Katty era uma mistura dos dois.

— Tem um encontro — ele ajustou a gravata em meu pescoço e iniciou o processo do nó.

Lembrei de sua primeira aula, de como fazer um nó de gravata perfeito. Eu tinha dez anos.

Por causa do trabalho, ele passou muito tempo fora de casa. Mas houve grandes momentos. Muito do meu caráter foi meu pai que ajudou a moldar, com seus conselhos sábios e duros quando precisava ser.

— Pois é — sorri, sem jeito — Parece o primeiro, né? Embora que, com Julianne, realmente seja.

— Pelo visto, é uma garota especial — ele balançou o nó, testando — Está apaixonado.

Papai me virou para o espelho onde nós dois aparecemos refletidos. Supostamente, a intenção era que eu verificasse seu trabalho, mas diante de sua pergunta, concluí que ele queria que me encarasse no espelho ao respondê-la.

Se estou apaixonado por ela?

— Acho que estou ficando — murmurei.

Quando aquilo havia acontecido? Eu me daria conta disso essa noite? Porque, sem dúvida alguma, estava me apaixonando por Julianne. Fechei os meus olhos e respirei fundo algumas vezes.

— É assustador, filho — ele deu tapinhas em meus ombros — Mas se for a mulher certa para sua vida, irá saber.

— Já sei disso, pai — sorri para ele — Não é nem um pouco assustador.

Então, a mulher mais errada para mim era a mais perfeita.

— Então seja esperto e a mantenha perto de você.

Isso era um pouco mais complicado.

— Pai? — chamei, antes que alcançasse a porta — Não diga nada para mamãe ainda. Ela contaria a Katty e as duas...

— Criariam expectativas — ele concluiu — Só não demore muito tempo. Não sei se conseguirei mentir para sua mãe.

O concurso seria em três dias, e eu tinha prometido a Katty um jantar para sanar sua curiosidade.

— Uma semana está bom para você?

— Claro, claro.

Assim que ele saiu, coloquei o terno e dei uma olhada em meu relógio.

Droga. Estava atrasado!

Capítulo 31



ESTAVA NO TELEFONE COM ELLEN há quase uma hora, isso sem contar a quase meia hora que passamos conversando animadamente, assim que cheguei do shopping.

— Você está nervosa?

— Para ser sincera, estou ansiosa.

Coloquei o telefone no viva-voz e fui para a frente do espelho, para começar a maquiagem. Não tinha muita prática nisso. Paula e Penelope até me deram algumas dicas e eu tinha visto tutorias no Youtube, mas a garotas faziam aqueles truques parecerem mais fáceis do que realmente são, então optei por algo bem simples e delicado.

— Me diz, por favor, que você comprou lingerie novas e sexy — ela gemia ao falar.

Abri o meu roupão e olhei para o conjunto de lingerie que tinha comprado, para combinar com o vestido coral. Eu me sentia sexy e confortável com ele.

— Creio que sim.

— Querida, um bom lingerie define tudo.

Se eu não estava nervosa, agora fiquei. Não tinha contado a Ellen sobre um certo probleminha. Já éramos boas amigas, mas nunca me senti confortável ou houve oportunidade para que eu dissesse “Ei, garota. Virgem aqui”!

E, sinceramente, estive mais interessada no que Liam tinha para dizer do que no que teria para fazer comigo. Justo eu, que tinha passado tanto tempo tentando me livrar da virgindade, não tinha cogitado que sexo era algo que ele estaria pensando essa noite.

Eu desejava tanto quanto ele, mas estava realmente pronta?

Sentei na cama, esfregando os olhos. Depois berrei desesperada ao notar que havia borrado o rímel.

Droga!

— Ellen, falo com você depois — corri para o banheiro para lavar o rosto e recomeçar toda a

arte de me maquiar — Tchau!

Iria me atrasar, aquilo era péssimo para um primeiro encontro.

Meia hora depois, estava pronta e agradecida pelo o que quer que seja que tenha atrasado Liam. Cinco minutos depois, começava a ficar apreensiva com sua demora, até que o telefone tocou.

— Julienne?

— Olá.

Por favor, Deus. Não faça que ele desista!

— Droga! — ouvi sua voz aborrecida — Eu me atrasei, desculpe.

Ele parecia tão chateado que meio que me acalmei.

— Devo chegar aí dentro de mais dez minutos — ele suspirou — Deveria ter ligado, mas achei que teria tempo, e, de qualquer forma, não quis me atrasar ainda mais.

— Tudo bem. Eu também estou um pouco atrasada.

Não que fosse totalmente mentira para agradá-lo. Se Liam tivesse chegado na hora, como costuma fazer, ainda estaria arrumando os cabelos.

— Espero por você lá embaixo.

— Até logo.

Resisti à vontade de mandar um beijo por telefone e fui em busca da bolsa. Exatamente dez minutos depois, vi seu carro surgir, um Ford Mustang Cabrio que eu adorava.

Senti os seus olhos varrendo meu corpo assim que ele saiu. A curva de um sorriso desenhou sua boca, e recebi um beijo casto antes que ele abrisse a porta.

— Você está linda.

— Você também está lindo — observei o terno grafite feito sob medida e vi que minhas palavras não faziam justiça.

— O que você quer ouvir? — perguntou, ao me entregar um dispositivo com sua playlist.

— Elvis? — sugeri, animada.

Esse era um gosto que tínhamos em comum. Nós dois adoramos o Elvis. E quando *The Wonder Of You* começou a tocar, deixei o volume em som ambiente, para que pudéssemos conversar em qualquer momento, mas tudo que fizemos foi cantar a música, baixinho. Às vezes ele tocava minha mão ou pousava a dele em meu joelho.

O restaurante Saveur Suprême era francês. As mesas eram distribuídas em círculo, de frente a um palco, onde um pianista dedilhava o piano.

— Eu tenho uma amiga que cantou aqui — disse Liam, quando nos acomodamos na mesa reservada para nós — Pena que eu nunca tenha tido oportunidade de ver o seu show, mas disseram que o cantor que a substitui é muito bom.

— Tenho certeza que vou gostar — olhei em volta — Aliás, tudo aqui é muito bonito.

— Julianne é francês, não é mesmo?

— Veio da minha avó materna — explico — Normalmente, me chamam de Jully ou J.J.

— Gosto de Julianne, combina com você.

O garçom trouxe a carta de vinho, nos interrompendo por alguns instantes.

— O que você sugere? — ele piscou um olho para mim e voltou em direção ao garçom,

sussurrando: — Confesso que não sou um especialista e quero impressionar a dama.

O homem olhou discretamente para mim e sussurrou algo para Liam, inaudível para mim. Os dois riram discretamente e olharam na minha direção.

— Traga esse, por favor.

O garçom trouxe uma garrafa de Cabernet Sauvignon e nos serviu com elegância. Antes que pudesse levar o vinho à boca, Liam me interrompeu.

— Espere! — espalmou as mãos no ar para que eu parasse — Há um ritual para se apreciar um bom vinho.

Fiquei bem apreensiva. Achava que a história de que ele não era um expert em vinhos fosse conversa mole. Ele parecia tão eficiente em tudo. Agora eu me sentia deslocada, pois tudo o que sabia sobre vinhos era que tinha os suaves e os secos.

— Primeiro você deve circular delicadamente — ele girava a taça agressivamente, o movimento dentro da taça me lembrava um copo de liquidificador — Agora, o Gran finale.

Ele cheirou o vinho e fez um ar quase que arrogante. Lembrava muito de aristocratas metidos e enfadonhos de filmes de época.

— Precisa degustar o vinho.

Quando vi suas bochechas mexerem sem parar, não consegui continuar prendendo a risada. Graças a Deus eu não tinha tomado o vinho, ou certamente teria cuspidido em seu rosto e manchado a toalha branquíssima.

Olhei em volta, e acho que era a única pessoa no restaurante que sorria verdadeiramente. Até alguns olhares curiosos chegavam até nós.

— Não se toma um vinho sem essas etapas — apontou minha taça com olhar endiabrado — Tente.

— Não vou fazer isso — encarei-o, espantada.

— Covarde.

Acho que nós temos botões invisíveis que nos ligam para o bem e para o mal, e Liam sabia exatamente qual deles usar comigo. Odiava ser desafiada.

Ao contrário dele, rodeei o vinho com calma e delicadeza. Inalei o perfume como se pétalas de rosas estivessem em minhas mãos. Lentamente levei a taça até minha boca e fechei os meus olhos ao

bebericar o primeiro gole. Degustei o sabor, que realmente me surpreendeu, senti o gosto de amoras silvestres.

Soltei um gemido quando abri meus olhos e passei a língua sensualmente pelos meus lábios, absorvendo o que ficara ali.

Liam tinha os olhos cravados em minha boca, suas mãos agarravam com força o guardanapo, e ele tinha um olhar esgazado.

— É melhor pedirmos a comida — ele pigarreou, remexendo na cadeira, e chamou o garçom.

— Covarde — murmurei, voltando a bebericar o vinho.

— Covarde, não — ele se inclinou sobre a mesa e tocou minha mão — Eu diria uma saída estratégica.

Liam dizia, nos ensaios, que tínhamos sintonia. E levando em conta os dias que passamos juntos, procurando apartamento e essa noite, tínhamos harmonia em tudo.

Como entrada tivemos uma salada francesa com atum, tomates picados, azeitonas e alcaparras; o molho era feito de mostarda, orégano e vinagre tinto.

Tinha deixado que Liam escolhesse o prato principal.

O prato principal era *navarin d'agneau*. Cordeiro em pedaços, cozido lentamente com legumes, o garçom explicou.

— Então, você é do Texas?

— Peachwood, para ser mais exata — respondi — E você é de Nova York.

— Completamente nova-iorquino — falou, cheio de orgulho — Me fale mais sobre você. Percebeu que falamos tantas coisas e quase nada sobre as nossas vidas?

Nos ensaios estávamos mais preocupados em não sairmos nos agarrando, e na procura pelo apartamento perfeito, falávamos mais sobre assuntos futuros. Ele tinha razão, pouco sabíamos um do outro.

— Como disse, nasci e cresci no Texas. Tenho três irmãos insuportáveis e um pai mais ainda. Ah, já falei sobre Emma, que foi a figura materna mais próxima que tive desde que perdi minha mãe, ao nascer.

— Sobre aquele dia na festa — ele segurou os meus dedos, acariciando-os — Foi indelicadeza minha.

— Você já se desculpou.

— Nunca será o suficiente — ele voltou a se recostar em sua cadeira — Voltando à sua família, apesar do termo “insuportável”, seus olhos dizem outra coisa.

— Ah, eu os amo, muito — satisfeita, coloco o prato meio de lado para que o garçom o retire — Mas esse jantar não estaria tranquilo assim, se eles estivessem aqui. Não quero assustar você, mas a

qualquer momento surgiria três peões armados, querendo saber suas intenções comigo.

Instintivamente, olhei em direção à entrada. Aquilo ainda poderia acontecer, mesmo eu estando tão longe de casa.

— Eu diria que minhas intenções são as mais sérias e honradas possíveis.

— Minha família tem gado e terras, que garantia teriam em saber que não quer dar o golpe do baú?

— O extrato da minha conta? — ergueu a sobrancelha de forma irônica, ele estava se divertindo com isso.

— Não seria suficiente, acredite — aguardei que o garçom colocasse a sobremesa sobre a mesa, antes de prosseguir — Quando disse que eram insuportáveis, estava sendo gentil. Sou a única irmã que eles têm...

Lembro que agora não sou a garotinha da família. Estranhamente, isso já não me incomoda mais.

— *Era* a única irmã que eles tinham. Recentemente, descobri que meu pai tem outra filha. Foi a razão de ter vindo a Nova York. Eu precisava de espaço para me encontrar. Saber quem sou ou o que era capaz de fazer.

— Está se saindo bem — ele sorriu — Eles ficariam orgulhosos.

— Chega de falar de mim — indiquei a sobremesa, era a dica para que me falasse mais sobre ele — Quem é o Liam?

— Um médico vindo de uma longa geração de médicos — ele tinha pulado a sobremesa, mas tinha pedido um café — Tenho dois irmãos. Katty, você já conheceu. Ela tem duas meninas lindas.

Isso explicava um pouco a sua habilidade com crianças, vinha da prática.

— Bem, o meu irmão...

— Senhor... — não percebemos o maître se aproximar — Senhora. Espero que estejam tendo uma excelente noite.

Liam me pareceu angustiado ao começar a falar do irmão. Lembrando de Austin, sabia como essas relações podiam ser complicadas. Então, quando o maître se afastou, decidi mudar o foco para não estragar a noite perfeita.

— E seus pais? Os dois são médicos?

— Minha mãe já aposentada e meu pai seguindo por esse caminho.

— Devem se sentir orgulhosos de você.

— Nem sempre — ele sorriu — Tudo bem, eles sentem, sim, na maior parte do tempo.

Ele estava sendo modesto ou queria tirar onda com a minha cara. Apesar de toda a tensão no hospital, quando Noah quebrou a perna, eu notei o carinho com que as outras pessoas o tratavam. Também havia Eva e Melanie, que o adoravam.

— É por isso que não atende minhas ligações — ouvi uma voz estridente e desagradável ao meu lado — Mal terminamos e já colocou outra vadia para esquentar sua cama?

Chocada, virei em direção à mulher exaltada. Era extremamente bonita e elegante. Ao lado dela estava uma jovem, segurando seu braço, claramente mantendo-a em pé.

— Nicole — Liam rangeu os dentes — Nota-se que não está bem.

— Dane-se! — Cuspiu, raivosa — Dizia que me amava, colocou um anel em meu dedo, e quando se cansou me deu um pé na bunda.

Nicole me encarou e lançou-me um olhar de ódio e desprezo, antes de me atacar.

— Agora pega fedelhas? — soltou uma risada irônica para mim — Acha que quer alguma coisa com você? Não passa de uma menininha imatura que não sabe nada da vida. Nem classe você tem.

— Chega, Nicole! — Liam levantou, exaltado — Julianne vale um milhão de vezes mais do que você. Não é apenas bonita por fora. É maravilhosa por dentro. Divertida, gentil e corajosa. Não uma dondoca mimada pelo pai.

— Você é um estúpido! — Nicole foi para o seu lado, a fim de agredi-lo fisicamente, mas a jovem ao seu lado conseguiu detê-la — Só está atrás do seu dinheiro. O que uma garotinha dessa quer com um velho feito você?

Dessa vez fui eu que ri. Além de embriagada, a mulher era cega e burra. Não havia, com toda certeza, um homem no restaurante que chegasse aos pés de Liam em charme e beleza. E eu não precisava do dinheiro dele. Nem mesmo aceitei ajuda de meu pai quando me ofereceu, mas eu não tinha que explicar nada a ela. Mas também não continuaria calada feito uma boba, enquanto a ridícula me atacava.

— Com licença, mas maturidade não tem nada a ver com idade. Basta olhar para nós duas. Ao contrário da senhora, tenho educação, que também não é relativa a idade ou ao dinheiro que se tem, *senhora* — enfatizei o “senhora”, já que fazia questão de se mostrar mais velha que eu — Classe vem de berço, *senhora*. Eu não saio por aí maltratando as pessoas. Não tenho o hábito de humilhar ninguém e nem me sinto superior.

Respiro rapidamente antes de continuar:

— Posso ser nova, parecer nova, mas sou como o bom vinho que tomamos essa noite — fico melhor com o tempo. Já a senhora... — olho-a de cima a baixo, analisando as joias e o vestido de grife, transmitindo o mesmo olhar de desprezo que tinha dado a mim — Por mais que a embalagem e o rótulo sejam bonitos, é igualzinha a vinagre. Fica azeda e amarga com o tempo.

Nunca tinha sido agressiva assim com ninguém. Mas também não iria deixar que essa despeitada, amarga pela rejeição, me agredisse. Eu não atrapalhei a relação deles. Liam tinha cruzado meu caminho quando eles já estavam separados. Não ia deixar que me usasse como o pivô e motivo de

fracasso da relação que tinham.

— Desculpe, Liam — murmurei ao me levantar — Vou deixar que finalize sua conversa com sua amiga. Vou retocar meu batom.

Sob o olhar admirado dele, o de surpresa dela e os curiosos de alguns clientes, saí calmamente em direção à toalete e, sinceramente, esperava que aquela louca não tivesse a ousadia de me seguir. Porque eu perderia a classe e curaria a bebedeira dela na privada mais próxima.

Só quando sequei os meus pulsos, que havia colocado sob a água fria, atinei que havia deixado minha bolsa em uma cadeira. Sentei em um dos banquinhos para passar o tempo e Liam conseguisse se livrar daquela cascavel.

Quando o terceiro grupo de mulheres entrou e saiu do banheiro, decidi retornar. Para minha surpresa, ele estava parado contra a parede oposta.

— Seu casaco e bolsa — veio em direção a mim e me vestiu.

— E Nicole?

— Pedi que o maître ajudasse a amiga a colocá-la no carro.

— Desculpe por ter perdido o controle — murmurei, verdadeiramente sentida — Não quis que a noite terminasse assim.

— Não foi você que arruinou a noite — ele passou a mão em meu rosto — Foi Nicole. E ela nem arruinou, apenas tentou. Você disse exatamente o que eu pretendia dizer.

Estou aliviada que Liam não tenha ficado chateado. Minha preocupação era que ele pensasse que era infantil, como Nicole tinha dito.

— Gosto de mulheres que sabem se defender sozinhas — ele se aproximou mais e sussurrou em meu ouvido: — É sexy.

Arrepiei, mas, definitivamente, não era de frio.

— Vamos — ele me disse, e senti tristeza pela noite ter chegado ao fim.

Apesar de a tal Nicole ter manchado nossa noite, grande parte dela tinha sido maravilhosa.

— Julienne, eu não queria que isso acabasse. Nós dois, juntos. Foi por isso que quis vê-la essa noite — ele tomou minhas mãos assim que parou o carro em frente ao meu prédio — Não era assim que eu queria dizer isso. Nem como planejei. Há algum tempo que vi que nada com você sai como o planejado.

Ele sorriu e balançou a cabeça.

— Mesmo depois do concurso, ganhando ou não, eu não quero me afastar de você.

— Claro, precisa de mim para decorar o apartamento — falei sorrindo, a verdade era que estava nervosa.

— Deixa de ser lerda — ele me provocou, recordando minhas palavras — Eu quero você ao meu

lado porque quero estar com você.

— Isso quer dizer... um namoro?

— Isso quer dizer “vamos ver no que dá”.

Gostei desse namoro “não namoro”. Sem pressão, sem cobranças, apenas um querendo apreciar a companhia um do outro. E também podia entender, depois de conhecer a noiva cadáver, que era perfeitamente normal que estivesse receoso sobre um novo relacionamento e desejasse ir com calma.

— Soa muito bem para mim. Eu aceito o não pedido de namoro.

— O não pedido de namoro — ele riu, puxando-me para o seu colo — Dá direito a alguns amassos no carro?

De repente, eu percebi que Liam seria o meu primeiro em muitas coisas. O meu primeiro parceiro de dança. Minha primeira dupla como babá. O meu primeiro amasso em um carro. O meu primeiro não namorado.

— É um item obrigatório — disse, antes que ele me beijasse.

Não contei os minutos que passamos no carro — foram muitos — porém, não consegui esconder a decepção quando ele me acompanhou até a entrada do prédio.

— Queria te entregar isso antes de ir — Liam entregou uma caixinha que eu nem tinha notado que ele tinha pegado no carro — De aniversário — sorriu, tímido — Atrasado.

Abri o embrulho com as mãos relativamente trêmulas. Dentro da caixinha azul aveludada tinha uma linda pulseira com pingente de botas, um chapéu e uma vaquinha.

— Não é a mesma coisa, mas sempre que sentir saudade de casa...

— Ela é linda, Liam — falei emocionada ao abraçá-lo forte, enquanto ele ria.

Ele me dá um beijo casto antes de ir.

— Até amanhã, querida — disse ele, e partiu.

Eu podia notar, pela chama em seus olhos e por sua expressão corporal, que também me queria. Minhas duas explicações, para que Liam praticamente tivesse fugido, era que ele queria que a agitação em torno do concurso passasse, para que esse momento especial entre nós acontecesse, ou Nicole/vadia/bêbada tinha estragado o momento para isso também. Esperava que ela tivesse uma péssima noite e uma ressaca terrível no dia seguinte.

Meus pensamentos logo abandonaram a bruxa e voltaram para Liam, nossa noite perfeita e a joia em meu pulso.

“*Liam.*” Suspirei, ao abraçar o travesseiro.

O melhor não namorado do mundo.

O dia do concurso tinha chegado, e estava mais nervosa que Miss em final de competição de beleza. Olhei mais uma vez para minha imagem refletida no espelho.

✓ blusa xadrez amarrada à cintura, conferido;

✓ short jeans, curto, sexy e confortável, conferido;

✓ minhas botas de cowgirl preferidas, conferido;

✓ chapéu preso à cabeça, conferido.

Repassei a coreografia mentalmente pela milésima vez, e quando me dei conta de que se continuasse ali iria enlouquecer, peguei o casaco e desci para esperar Liam.

Quando ele desceu do carro, não sabia se ria ou o beijava. Ele tinha caprichado no modelito cowboy. Calça jeans perigosamente justa, um par legítimo de Tony Lama (marca que uso e tinha indicado a ele, há algumas semanas), e o cinto com uma enorme fivela, claro. Mas o que realmente me fez rir foi o palito de dentes preso na boca e o jeito de andar, parecia alguém inexperiente que tinha andado a cavalo o dia inteiro ou, no mínimo, estivesse com assadura nas partes íntimas.

— Eita, potranca. Você *tá* a flor do campo mais bonito do mundo — ele tentou fazer uma voz caipira, que só me fez rir ainda mais — Vai ser um concurso de dança ou uma luta de MMA? Porque quebro a cara do primeiro sem-vergonha que olhar mais de dez segundos para o meu tesouro.

— Para, Liam. Ninguém fala ou age assim — tentei dar uma batida de leve no peito dele, quando me abraçou — Por que está fazendo isso?

— Assisti uns filmes de cowboy, eu sou um John Wayne em uma versão melhorada.

— John é o ator preferido do meu pai — falo seriamente — Sério, Liam, ele é tão sagrado quanto Elvis.

— Em nome de Elvis — ergueu uma mão — Juro jamais desrespeitar John Wayne novamente.

Senhor, ele queria mesmo me enlouquecer.

— Estou entrando no clima, mulher — deu um pequeno tapa em minha bunda, onde deixou a mão abusada.

— E por que o palito?

— Estou tentando convencer — ele piscou para mim — Peão que não tem palha, morde palito.

Desde o jantar, há dois dias, que não nos vemos, apenas falamos por telefone, e não imaginei que sentiria tanta saudade.

Eu o beijava e sorria ao mesmo tempo. Em um movimento surpresa, pegou-me em seu colo, encaixando minha perna em sua cintura, sem em momento algum deixarmos de nos beijar.

— Senti sua falta — me colocou no carro — Não foram dias nada divertidos sem você.

Queria dizer “eu te amo”. Caramba, ficou preso na ponta da língua, mas de alguma forma senti que

não era o momento de dizer, mas eu tinha certeza, seria ainda essa noite.

— Senti sua falta também.

Chegamos ao salão, onde seria realizado o evento, com quase três horas de antecedência. Estava lotado, algumas competições já tinham acabado e uma competição de culinária estava acontecendo. Em seguida viria o desfile, o nosso de dança e a competição musical encerraria a noite.

Aproveitamos as horas livres para passar a coreografia e sorrateiramente, como disse Liam, espionar nossos concorrentes.

— Ah, não são bons — Liam disse, ao vermos um casal terminar o ensaio — Será fichinha.

Estávamos atrás de um grande vaso, tentando ficar invisíveis.

— Não acho isso certo — eu ri, mas, no fundo, a nossa pequena trapaça me divertia muito.

Afinal não íamos copiar ninguém, ele tinha razão sobre as pessoas que conseguimos ver e observar: nossa coreografia era a melhor.

— Podemos ser desclassificados se descobrirem — sussurrei.

— Acha mesmo que te trouxe aqui para ver o desengonçado um e dois? — pressionou-me contra a parede e agarrou minha coxa, encaixando minha perna na sua.

Oh, Deus!

Quando ele me agarrava e beijava daquela maneira, eu era capaz de esquecer de tudo. E a última coisa que precisava ter no momento era amnésia.

— Eu não consigo nem pensar quando me beija assim — confessei, com a voz molenga — Então pare com isso. Temos menos de meia hora. Aliás, já deveríamos estar indo para o palco.

— Acho que não consigo andar — ele desabou sobre mim — Efeito Julienne.

Como eu o suportava? E não me refiro ao peso, não mesmo.

— Liam, por favor.

— Julienne, sou um homem, mulher — ele se afastou, fingindo contrariedade — Um homem!

— Eu sei — olhei descaradamente para sua calça justa — Como eu sei.

Entre mais beijos, risos, mãos bobas e alguns pigarros de pessoas quando passávamos por elas, finalmente chegamos perto do palco.

Havia sete duplas treinando na concentração.

— Julienne?

Virei em direção à voz e vi Ellen e Noah — saltitando em sua perna engessada — vindo em nossa direção.

— Vocês vieram.

Liam logo me puxou para a frente dele e colocou as mãos possessivamente em minha cintura. Claramente estava marcando território com Noah.

— Não íamos perder — Noah sorriu e pareceu não notar o jeito que Liam me abraçava e eu retribuía, ou, se notou, pareceu não ligar — Está bem cheio. Acho que surgem mais pessoas a cada ano.

Ele virou para Ellen com um olhar grato e segurou a mão dela.

— Sei que se sente culpada pela minha perna — Ellen sorriu, meio envergonhada — E embora realmente tenha tido culpa, já que não teria tropeçado na escada se não tivesse me beijado, fico agradecido, não teria conseguido enfrentar isso aqui.

Ellen beijou Noah? Encarei-a com um olhar que dizia “depois conversamos”, quando o apresentador começou a anunciar as duplas.

Nós seríamos a quarta, mas primeiro, todos seriam apresentados ao público.

— Temos que ir — disse Liam.

Ellen e Noah nos desejaram boa sorte e foram para seus lugares na mesa.

As primeiras duplas foram se apresentando. A segunda era boa, mas a primeira e terceira não representavam perigo. E apesar de ter ficado com o pé atrás quando Liam surgiu com aqueles vídeos cheios de firulas absurdas, tinha que tirar meu chapéu. O troféu e os dez mil dólares estavam praticamente em nossas mãos.

— Está nervosa? — ele perguntou, quando nossos nomes foram anunciados.

— Não — confessei, sendo completamente sincera — Com você eu me sinto segura.

Ele sorriu, como um menino acanhado, e isso só me fez amá-lo muito mais.

— Pronta?

— Pronta!

A apresentação começava com ele de costas e eu tropeçando até cair nos braços dele. Nós fizemos uma mistura de teatro e dança. Havia muitas batidas de pés e mãos que o público acompanhava com palmadas. Ouvi um “lindo!”, e tive a impressão que o grito veio de Ellen. Eu esperava que fosse dela e não de nenhuma garota assanhada.

Quando Liam me jogou no ar, girando meu corpo com apenas uma mão, as pessoas foram ao delírio. Deslizei por suas costas e passei entre suas pernas em um movimento perfeito. Cada passo, por mais difícil que fosse, parecia simples para nós dois.

Terminamos com ele rendido no chão e eu, com seu chapéu, escondendo um beijo apaixonado.

A plateia vibrou. Por mais que tenhamos ensaiado por semanas, saímos do palco ofegantes.

— Perfeitos! — Ellen surgiu assim que descemos, ela estava às vias das lágrimas de tanta alegria — Foi simplesmente maravilhoso.

— Ellen tem razão — disse Noah — Sei que é cedo ainda, pois há mais três duplas, mas confesso, será difícil superar vocês dois.

Fomos para a mesa que eles tinham reservado. A quinta dupla começou a dançar. Eram razoavelmente bons, executavam os passos graciosamente, só não haviam arriscado muito.

Eu olhei para as duplas finais, perto do palco. A penúltima se preparava para a apresentação. A última, que reconheci como finalista do concurso do ano passado, parecia estar discutindo. A mulher balançava a cabeça dizendo que não, e o homem parecia irritado com ela.

— Só faltam dois, agora — Ellen murmurou em meu ouvido, tirando minha atenção do casal — Não torço contra eles, mas não serão como vocês.

Eu era daquelas que acreditava que o melhor venceria. Liam e eu tínhamos dado nosso melhor, mais do que isso, nós tínhamos nos divertido. E o meu grande prêmio, já tinha recebido. Estava ao meu lado, sorrindo para mim.

— Liam, você estava fantástico — observei Katty se aproximar com um homem e um casal mais velho — E você também, Julianne.

Quis me afastar um pouco, mas ele prendeu a mão em minha cintura, prendendo-me ainda mais contra ele.

— Vocês estavam realmente muito bem — a mulher mais velha, e muito bonita, acrescentou.

— Eu disse que aquelas aulas de balé um dia serviriam para alguma coisa — Liam gracejou — Deveria ter apostado mais em meu talento, mamãe.

— E você deveria apresentar a dama, porque não foi essa a educação que eu te dei.

— Essa sim, foi bem dispendiosa — o senhor replicou. Pelo charme e aparência, supus que fosse o pai de Liam.

— Pai, mãe e Frank — ele olhou para mim ao dizer — Essa é Julianne, minha parceira de dança e namorada.

Ellen cuspiu e Noah deu batidinhas nas costas dela. Excluindo Ellen, e claro, eu, não havia mais ninguém surpreso com a revelação de Liam.

— É um prazer conhecê-la — disse a senhora simpática, beijando meu rosto — Eu sou Lindsay, mais conhecida como mãe.

Todos riram, e as apresentações continuaram. Logo eles voltaram para suas mesas e voltamos a prestar atenção no show. O que não era algo muito fácil. Minha cabeça fervilhava com a mudança de status. Agora eu era namorada.

A previsão de Ellen estava equivocada. O casal não era apenas bom, ele era excelente. Não o bastante para nos humilhar publicamente, mas seria uma briga difícil para os juízes decidirem.

Até que tudo mudou. No meio para o fim da dança, a mulher correu do extremo do palco até onde seu parceiro estava. Quando foram executar o passo parecido com o que Liam e eu fizemos no ar, só que a uma altura muito mais elevada, houve um erro de cálculo na aterrissagem.

Ouvimos um baque surdo quando a mulher caiu de cara no chão. Fez-se um silêncio absurdo, até a música foi interrompida. Liam e Noah levantaram, acho que instinto de médico estava sempre em alerta.

Antes que qualquer um deles ou pessoas mais próximas fizessem alguma coisa, a mulher se levantou, aparentemente bem (tirando o orgulho ferido) e saiu batendo as botas, com o companheiro murmurando algo para ela.

— Eu juro que não joguei praga — Liam apressou-se em dizer, levantando as mãos.

Não tivemos como evitar. Todos nós rimos. Apesar de sentir pena do casal, afinal a apresentação estava belíssima, tenho certeza que a discussão dos dois deveria ter sido pela alteração na coreografia.

Liam e eu passamos semanas, noite após noite, aprimorando aquela execução. Não foi algo planejado em dez minutos. O que eles tinham de talentosos tiveram de arrogantes.

— Um brinde para a potranca mais linda dessa noite — Liam me entregou uma taça, e logo esqueci da outra dupla.

— Para de me chamar de potranca.

— Cabrita?

— Não! — Dei risada.

— Pestinha.

— Eu gosto.

Depois disso, o mundo ao nosso redor perdeu a importância.

Capítulo 32



O APRESENTADOR FOI ENTREGANDO OS RESULTADOS e prêmios da noite, e quando ele anunciou nosso nome, apenas confirmou a certeza que eu já tinha.

— Ganhamos! — entreguei o troféu e o cheque simbólico a ela e a girei no ar.

Ela mereceu, por toda dedicação e empenho que tinha dado ao concurso. Estava orgulhoso dela.

— Deveríamos comemorar — Noah sugeriu quando voltamos para a mesa — Sair para dançar, o que acha?

— Noah, mal consegue mover as pernas — indiquei a perna engessada e peguei meu casaco e o da Julienne em uma cadeira.

— Eu posso balançar os ombros — ele sacudiu o tronco, demonstrando o que dizia.

Olhei para Ellen, e ela revirou os olhos.

— Você bebeu? — estive tão concentrado em Julienne que realmente não tinha prestado muita atenção no casal.

— Só um pouquinho, mas antes que dê um sermão, doutor, estou há dois dias sem tomar os remédios.

— Precisam de carona?

— Viemos de táxi — Ellen respondeu — Apenas ajude-me a levá-lo para fora.

As duas amigas seguiram na frente, enquanto eu carregava um Noah alegre e falante para fora.

— Se precisar de alguma coisa, não hesite em ligar.

Com um sorriso agradecido, Ellen puxou Noah de volta para dentro do carro, e bati a porta para que ele não tentasse fugir outra vez.

— Agora é com nós dois, namorada — peguei sua mão e fomos assim até o meu carro — Tenho uma coisa para te mostrar.

O caminho foi regado por sua voz animada e todas considerações em relação ao resultado. Chegamos ao prédio que estivemos no domingo, e Julienne ficou surpresa em reconhecer.

— O que estamos fazendo aqui?

Tirei as chaves do compartimento do carro e saí para abrir a porta para ela.

— Logo irá descobrir.

Em poucos minutos, estávamos em frente à porta do apartamento. O nervosismo que não tive, antes da dança, sentia agora. Tinha pedido que Katty ajudasse, mas não sabia se tivera tempo de organizar tudo.

— Entre — afastei e pedi aos céus que apenas daquela vez algo que tinha planejado antes tivesse ocorrido bem.

Segui Julianne e, para meu alívio, tudo o que tinha pedido a Katty estava ali. As velas abrigadas em recipientes de vidro. A manta como tapete para quando sentássemos no chão, almofadas coloridas, frutas, geleias, torradas, algo que não sabia o que era em uma embalagem térmica e a garrafa de champanhe dentro do balde com gelo seco.

— Você fez tudo isso? — encarou-me entre abismada e encantada — Quando?

— Tive uma pequena ajudinha — eu a conduzi até a manta e a ajudei a sentar entre as almofadas.

Peguei o envelope branco que estava ao lado do champanhe e entreguei a ela. Interessada, verificou os dois lados antes de abrir e tirar as várias folhas de lá.

— Você comprou? — me olhou, maravilhada — Comprou o apartamento.

— Ganhou o concurso e dez mil dólares — graciei, olhando em volta — Eu, um lar e uma namorada. Eu sou bem competitivo, principalmente se o prêmio valer a pena.

— Sobre isso...

— Eu sei — fiquei de joelhos para pegar a champanhe e as taças, entregando uma a Julianne — Primeiro deveria ser apartamento, jantar e um pedido oficial, mas os planos...

— Nunca funcionam com a gente — ela concluiu, sorrindo — Gosto de como funcionam.

A campanha tocou sete minutos atrasada, apenas para alterar a rotina. Estava contente demais para reclamar o atraso com o entregador, ao invés disso, dei uma gorjeta generosa.

— Comida tailandesa — balancei as sacolas no ar — Gosta?

— Eu nunca comi.

— Ah, droga. Eu deveria ter perguntado isso antes, mas Katty disse que estragaria a surpresa — bufei ao me juntar a ela — Eu já deveria saber que não é muito seguro confiar nela.

— Liam, está tudo perfeito. E se eu não gostar, tem as frutas e todo o resto.

— Ok. Você se importa se eu convidar alguém?

— Alguém?

Em resposta, fui até a outra extremidade da sala. Levantei o lençol que cobria a última surpresa e caminhei de volta para ela, carregando uma vitrola e um disco do Elvis, que coloquei para tocar.

— Meu Deus, isso ainda existe?

— Isso! — referi-me à vitrola que ela encarava, admirada — É uma relíquia dos meus pais. Não ouse rir.

— Eu acho fofo.

Exatamente o que achava dela. Sorri e comecei a desembulhar as sacolas.

— Pad Thai, um dos meus preferidos — comecei a explicar o prato a ela — Tem arroz frito com molho adocicado, broto de feijão, ovos, amendoim, tofu e camarão.

— Humm...

— O que foi? — olhei-a, preocupado — Não gosta de algum ingrediente? Podemos pedir pizza.

— Sou alérgica a camarão.

— Merda.

Olhei para o grande desperdício de comida, quase que suspirando.

— É mentira — ela riu, pegando o prato descartável de minhas mãos — Isso foi pela péssima imitação de cowboy.

Começamos a comer em um clima de descontração e provocações simultâneas.

— Você sabe que um de nós tem que ser a pessoa séria dessa relação — digo, ao fazer o meu prato — Que seja você.

— Por que eu? — murmurou, de boca cheia.

— Por que você é mulher.

— Ah! Isso foi tão machista! — Protestou, chocada.

— Não é. Mulheres são mais espertas, visionárias, multitarefas e charmosas.

— Você é o único homem machista que usa elogios para continuar a ser machista — ela riu — Continuo querendo ser a engraçada.

— Não pode. Foram anos de estudos científicos para chegar ao nível que estou.

— Você ri das minhas piadas — diz ela, queixosa.

— Porque estou apaixonado.

Paro o garfo a centímetros da minha boca, é lá que ele fica, congelado, como todo o resto do meu corpo.

Eu tinha falado apaixonado?

Pela expressão igualmente chocada de Julianne, sim, em alto e bom som.

Coloquei o prato no chão e fui em direção à janela. Não é do meu feitio fugir das coisas, mas havia confessado à mulher que eu amava que estava apaixonado por ela. Outra vez, disse algo importante no momento errado.

— Liam? — senti suas mãos rodearem minha cintura e os braços a apertarem — As melhores e inesquecíveis surpresas da vida vêm quando menos esperamos.

Coloquei minhas mãos sobre as dela, levando uma delas até meus lábios. Olhei através da janela. Não havia céu estrelado, mas isso não estragava ou desfavorecia a magia do momento.

— Também estou apaixonada por você.

Virei e constatei a veracidade de suas palavras em seus olhos.

Retificando, ela era absurdamente fofa.

Puxei o nó de sua camisa xadrez, colando nossos corpos. Nunca desejei uma mulher antes com tanta força e intensidade. Tomei seus lábios e os devorei com paixão. E quanto mais eu beijava, mais sede por ela eu sentia.

Caminhamos lentamente em direção à manta. Minhas mãos buscaram os botões de sua camisa, e cada vez que ouvia seus gemidos, em resposta ao meu toque, ia até o inferno e voltava em chamas.

E quando cheguei ao nó preso à cintura, senti suas mãos sobre as minhas.

Retificando; ela era irritantemente fofa.

— Liam, espere.

Olhei para ela, encantado. Cabelos levemente desarrumados, olhos em chamas pelo desejo e boca inchada pela agressividade apaixonada da minha.

Céus! Sua delicadeza desnorteava. Puxei-a pela nuca para mais um beijo, ardente e impiedoso. Ansiava tudo dela ao mesmo tempo que desejava entregar tudo de mim.

O termo loucamente apaixonado aplicava-se perfeitamente a nós dois.

— Preciso dizer algo importante — a urgência e fragilidade em sua voz me fizeram recuar — Eu nunca... — mordeu o lábio, apreensiva — Você é o primeiro.

Porra!

Quando ela tocou o meu peito, me afastei, como se seu toque fosse brasa quente, marcando minha pele.

— Virgem? — levei as mãos à cabeça.

— Eu sei que deveria ter falado antes — ela olhou para os próprios pés, envergonhada — E eu ia contar. Só não tinha imaginado tudo isso.

Ela olhou em volta e de novo para mim.

Não era a primeira virgem da minha vida. Mas Julianne era a primeira mulher que eu realmente amava.

— Droga! Droga! — Segurei a mão dela e a conduzi em direção à suíte — Fique aqui. Eu vou dar um jeito naquela bagunça e depois volto para te buscar.

Observei seu olhar triste, mas resisti à vontade de abraçá-la. Se fizesse isso, perderia o controle sobre mim.

— Não é para ser assim, Julianne — murmuro, tocando o rosto dela — Você merece algo especial

com alguém especial.

Ela meneou a cabeça, decepcionada.

— Fique aqui e não saia até que eu volte para te buscar.

Fechei a porta e torci para que ela fizesse o que pedi.

Capítulo 33



OBSERVEI A PORTA FECHAR e foi como se meu coração estivesse sendo trancado em meu peito. Sabia que minha revelação o pegaria de surpresa, o que eu não esperava era sua rejeição.

Doía tanto.

Eu poderia ter esperado até o último minuto para confessar ou esperar que ele descobrisse sozinho, mas aquilo não parecia certo. Ainda não parecia certo. Era melhor lidar com a dor esmagadora triturando meu peito agora, do que quando estivéssemos um nos braços do outro.

Por muito tempo, eu afirmei que estava interessada apenas na parte prazerosa do sexo — um orgasmo de tremer as paredes. Sorri da ironia. Muitas coisas tinham mudado. Eu tinha me apaixonado loucamente.

Escorreguei pela parede, abraçando minhas pernas. Estava entre confusa e abalada. Liam afirmara me amar, mas, no entanto, não me queria.

Eu era um enredado de conflitos. E quanto mais eu pensava, em nenhuma conclusão conseguia chegar. Então, deixei apenas que a tristeza me embalasse.

Estava na penumbra, entre a sonolência e a realidade, quando a porta foi aberta. Somente quando a luz foi acesa, incomodando meus olhos, que percebi que tinha passado o tempo todo no escuro.

— Julienne? — apreensivo, ele procurou pelo quarto, até me visualizar encolhida no chão — O que faz aí?

Quando peguei suas mãos estendidas, senti toda minha vontade de chorar voltar com força total.

— Sinto muito — soluzei.

Não podia realmente culpá-lo pelo fim desastroso da noite. Não são todos os homens que viam como um troféu a inexperiência de uma garota.

— Eu sinto muito — Liam beijou meus olhos marejados — Mas eu tentei consertar as coisas.

Só queria que ele me abraçasse como fazia agora. Quando estava em seus braços, sentia que mais nada no mundo poderia me magoar.

— Vem comigo — guiou-me para fora do quarto — Quero te mostrar uma coisa.

Voltamos para a sala, e não pude ficar menos estarecida. A bagunça com a comida tinha sido eliminada. Mais velas, muitas delas tinham sido espalhadas por toda sala com dezenas de pétalas de flores, um arco-íris de cores e variedades.

— Não encontrei rosas — ele disse, timidamente.

— Nem toda garota prefere rosas — sorri, encantada, absorvendo cada detalhe que pudesse registrar para o futuro.

Desde as mantas novas, sobrepostas aos lençóis de seda, ao champanhe que tinha sido substituído por um novo, e ele havia acrescentado morangos.

— Eu sei, é muito brega — ele esfregou o rosto, nervoso — Eu só achei que deveria ser especial, mesmo que não tenha uma cama...

— Está perfeito — me aproximei dele, tocando seu rosto, como tantas vezes havia feito comigo — Você é perfeito, Liam. Será especial, não apenas por todas essas coisas, mas porque é com você. Minha primeira vez, com o homem que eu amo.

O que se seguiu não foi um beijo apaixonado e desenfreado como o de mais cedo. Esse havia tanta ternura, que meu coração, outrora encolhido pela tristeza, deu lugar à felicidade desabrochando como uma rosa, em meu peito. A rosa que ele não havia encontrado estava dentro de mim, sendo regada por seus beijos.

As peças de roupas foram caindo, deixando o rastro pelo caminho, enquanto passávamos. As luzes das velas se encarregavam de manter a sala iluminada, mas, ao mesmo tempo, dava um aspecto dourado aos nossos corpos nus.

— Linda — ele sussurrou, soltando-me um pouco, andando em torno de mim, como quem contempla uma obra de arte — Perfeita.

Certamente deveria me sentir envergonhada, sendo que era a primeira vez que me viam completamente despida, de corpo e alma.

Mas havia tanta delicadeza em seu toque, tanta doçura e admiração, que me senti a mulher mais bonita e sedutora do mundo.

Liam afastou os cabelos de minha nuca e depositou um beijo suave ali; foi descendo pelos meus ombros, uma trilha suave e lenta. Sentia cada parte que ele tocava, com suas mãos e lábios, queimarem. A sensação era vertiginosamente perigosa. Parecia que partículas furiosas em meu corpo desejavam explodir.

Ele beijou cada lado de minha cintura, depois arranhou minhas nádegas com os dentes, causando-me arrepios. Pequenas ondas de eletricidade varreram meu corpo. Toquei os meus seios, porque, de alguma forma, eles pediam por isso. Meu corpo falava uma língua que nem mesmo entendia.

Ainda de joelhos, e como se me venerasse, virou-me para ele. Sorriu libertino, e suas mãos

subiram pelas minhas pernas, coxas, ventre, enquanto se erguia. Liam acariciou meus seios, primeiro com os dedos, depois com a ponta da língua. Segurei em seus braços, e minha cabeça pendeu para trás.

Gemidos irrefreáveis escaparam de minha garganta. Uma sugada mais forte em meus mamilos fez meus joelhos dobrarem. Ele me pegou em seu colo, levando-me até as mantas cobertas pelo lençol escuro.

A música na vitrola mudou para *Love me tender*, encaixando-se perfeitamente com o momento.

— Você tem certeza? — perguntou, deitando-me no chão, cobrindo seu corpo com o meu.

— Como nunca estive tão certa em minha vida — toquei seu rosto e o puxei para que me beijasse.

Dos lábios, sua boca foi para meu pescoço. Pouco a pouco, e com ele, ia descobrindo os pontos sensíveis em mim. Registrei que incendiava quando ele sugava meus seios como fazia agora, carinhosamente um, depois o outro.

A mão exigente desceu pelo meu ventre. Um joelho separou um pouco mais minhas pernas, e quando ele tocou meu ponto mais sensível, achei que pudesse enlouquecer.

— Liam! — gemia seu nome, e quanto mais os movimentos e pressão aumentavam, mais fundo no abismo eu parecia cair — Por favor.

Implorar parecia impulsioná-lo mais. E quando os dedos foram substituídos pela boca, longas e deliciosas lambidas me fizeram arquear. Um prazer indescritível fez o meu corpo tremer.

Observei, meio lânguida, quando Liam rasgou a embalagem de um preservativo para se proteger. Eu não acreditava que o prazer que sentira há pouco viesse a se repetir. Mas quando seus lábios voltaram a tocar os meus, vencendo aos poucos a minha resistência, quando a dor passou a ser uma leve lembrança, substituída pela incrível sensação de me sentir preenchida por ele, o prazer foi um milhão de vezes maior.

— Oh... — ele gemeu, sua mão possessiva ergueu meu queixo para que o encarasse — Oh, Julienne.

Seus olhos exigiam que eu o olhasse. De qualquer forma, não conseguia fazer outra coisa. Via o prazer espelhado em seus olhos. As sensações iam se multiplicando.

— Liam. Ah, Liam!

Minhas pernas circularam sua cintura e quase que desvairadamente tentava acompanhar seus movimentos, agora mais acelerados. Queria que a tortura parasse, mas ao mesmo tempo em que as ondas de prazer cresciam, queria que durasse para sempre.

— Eu vou... — não sabia expressar em palavras — Eu vou...

— Gozar, querida — murmurou em meu ouvido, antes de mais uma forte investida me fazer contorcer — Goze para mim, meu amor.

Ao som de sua voz enrouquecida, senti todo controle em meu corpo desaparecer. O prazer explodiu dentro de mim.

Incontrolável. Forte. Intenso.

Perfeito!

Estava deitada de lado. Liam deslizava os seus dedos pela linha do meu corpo, vez ou outra, fazia minha pele arrepiar. Sempre que isso acontecia, ele soltava um sorriso bobo.

— Então, sexo é isso?

— Fazer amor é isso — ele sussurrou, ainda concentrado no que seus dedos faziam — Sexo é só sexo. Há prazer, mas não é a mesma coisa. Não é tão especial como foi com a gente.

— Agora entendo por que meus irmãos tentaram me impedir tantas vezes.

— Como?

Sua atenção agora estava em mim.

— Eles espantaram todos os namorados que tive, além de frustrarem todas minhas incansáveis tentativas de perder a virgindade.

— Eu acho que estou começando a gostar dos seus irmãos.

— Mas eles irão odiar você — murmurei, zangada com a fidelidade masculina — Em pensar que eu poderia ter aprendido tantas coisas...

Ele me encarou, contrariado, e notei que tinha alcançado meu objetivo em provocá-lo.

— Eu vou ensinar tudo... — agarrou minha cintura, virando-me de costas — o que precisará saber.

Em instante, estava sobre meus joelhos, minhas mãos sustentando meu corpo no chão.

— Metido a machão e levemente arrogante. E eu que acreditava que era perfeito.

Ouvi o som da embalagem sendo rasgada e em seguida sua voz enrouquecida.

— A perfeição é chata, Julianne — seus dedos tocaram o botão entre minhas pernas e eu inclinei mais em direção a eles, ávida por mais — Embora isso não se aplique a você.

— Doutor, continue assim — gemi, ao senti-lo dentro de mim — Chegará à perfeição antes que o dia amanheça.

Apesar de observar que ele queria ser delicado comigo, nossos corpos exigiam paixão. E embora Liam não fosse totalmente bruto em suas investidas, havia mais volúpia que da primeira vez.

Achava uma loucura fazermos aquilo, mas, com Liam, nada nunca era muito racional. Tudo era emoção e aventura. Não poderia ser diferente agora.

— Ai, meu Deus! — Sussurrei em meio a uma risada, quando esbarrei em um vaso de planta. Desajeitadamente, tentei colocá-lo no lugar — Isso é insanidade.

— Mulher, pare de gemer — ele sussurrou de volta, me empurrando em direção à escada — Guarde para quando estivermos na cama.

— Por que não vamos para o meu apartamento?

— Porque essa ainda é a minha casa — disse ele, apressando nossos passos pelo corredor — E não fico mais um minuto com essa calça.

Hum. Observei seu bumbum na calça apertada. Seria quase que um sacrilégio ele ter que tirá-la.

Passamos por várias portas antes de parar em uma, que imaginei ser o seu quarto.

— Parecemos dois adolescentes — resmunguei, quando ele me empurrou para dentro e trancou a porta — É a casa dos seus pais, soa tão...

— Só vamos dormir, garota.

Liam me jogou na cama, e soltei uma gargalhada que foi abafada com um beijo. Basicamente não tínhamos dormido a noite toda, não que eu reclamasse.

Então, quando o beijo foi ficando cada vez mais carinhoso e menos apaixonado, deixei que o cansaço, embalado por seus carinhos em meus cabelos, me entregasse ao sono tranquilo.

Acordei confusa sobre o lugar onde estava, mas totalmente ciente do homem abraçado a mim. Não queria que ele pensasse que tinha virado uma maluca por sexo, embora realmente me sentisse assim. Senhor, eu não queria assustar o homem. Mas como eu podia evitar, se seu “pau”, como ele gostava que chamasse o novo brinquedinho que me fazia feliz, cutucava minha bunda, fazendo-me ter pensamentos imorais?

Remexi, tentando me afastar um pouco.

— Fica quieta, garota, há alguém tentando ser decente aqui.

— Você tenta demais — resmunguei.

Liam me virou para ele. Nada de carinhoso havia em seu olhar. A chama que provinha de seus olhos fazia todo meu corpo arder.

— E a parte de respeitar a casa dos meus pais?

— A gente podia tentar não fazer barulho — sussurrei, beijando seu queixo diversas vezes.

— Só se eu te amordaçasse — ele riu.

— Ai, que convencido.

Sendo sincera, ele tinha razão. Eu havia aprendido que sexo era algo maravilhoso, mas não tinha aprendido ainda a controlar minha boca.

— Vamos tomar um banho — disse ele, ficando de pé, exibindo o corpo sarado e o membro generoso em minha direção.

— Banho?

Olhei fixamente para o seu sexo, perguntando se o que eu tinha feito no apartamento, no avançar da madrugada, seria bom o suficiente para convencê-lo.

— Tem que aprender a ler meias-palavras, meu bem.

Ah, entendi. Em trinta segundos, estava embaixo do chuveiro. Os jatos de água e a boca de Liam mantinham a minha quase que silenciosa.

Olhei para o relógio na parede, já passava das quatro da tarde. Quando estávamos felizes, parecia que as horas voam.

Vesti o mesmo short e Liam emprestou uma de suas camisetas e cueca, limpas. Penteava os cabelos úmidos, quando resolvi olhar em volta do quarto. Ou ele era espirituoso demais ou, tirando a cama King size, não parecia que o quarto tinha mudado com o tempo.

— Você ainda mantém os pôsteres do Kiss? — apontei para a parede.

— Antes de ser médico, achei que montaria uma banda e correria o mundo.

— E o que aconteceu, para mudar de ideia?

— Só aprendi a tocar gaita — ele sorriu — Não me levaria muito longe.

Se como médico já representava um perigo para as mulheres, imagine como um deus do rock.

Olhei para mais dois pôsteres menores, antes de me concentrar nas fotos, na mesinha próximo à cama. Peguei um dos retratos, observando a família feliz.

Parecia que foi tirada há uns dez anos. Estavam na praia. Primeiro vinha Lindsay, seguida por Katty, Liam e...

Olhei fixamente para o rapaz de cabelos escuros e olhos castanhos. Estava bem mais jovem na foto, mas impossível não reconhecer.

— Quem é esse? — apontei meu dedo trêmulo sobre o rapaz.

Liam se aproximou e olhou por sobre meus ombros.

— Meu irmão, Adam — disse, sentando ao meu lado na cama — Falei dele no jantar.

Não, ele tinha falado que tinha um irmão. O maître havia nos interrompido antes que ele

continuasse. Depois houve a presença desagradável de Nicole.

— Adam Crighton é o seu irmão?

É claro que era, respondi a minha própria pergunta estúpida. Como deixei aquilo passar despercebido?

— Conhece o Adam? — ele parecia curioso, mas não desconfiado.

— Conhece Penelope? — pergunto, sentindo um amargo na boca — Penelope Walker? É a minha prima — levantei, desnorteada.

“Então, Adam, você tem um irmão ou um primo solteiro”?

“Sim, eu tenho... Liam é velho demais para você. Vá atrás de alguém da sua idade”.

Eu tinha dezenove anos. É claro que eu faria exatamente aquilo que Adam aconselhou. Fui em busca de outros homens. Liam caiu completamente no meu esquecimento. Sempre que falava com Penelope, era sobre Adam. Principalmente pela relação deles viver entre altos e baixos.

Não recordo se ela falava da família. E quando falava, era os pais de Adam, a irmã de Adam. Nada que eu tivesse interesse em memorizar.

Eu mesmo o conheci somente como Liam, e nossos encontros eram sempre confusos. Eu tinha pedido que Ellen atualizasse nossa inscrição quando fui ao casamento de meu pai, e ontem à noite éramos chamados pelo número. Se alguma vez o nome Crighton rolou, e claro que deve ter rolado, não percebi, como não percebi todas as outras vezes. Meu deslumbramento em relação a Liam me deixou cega para o óbvio.

Aquilo só podia ser uma brincadeira bizarra da vida.

— Você está falando sério? Ou ainda é por causa da minha irônica imitação de cowboy?

— Lembra quando perguntou do prédio? Quando falou da sua amiga — falei, em um tom angustiado — O mesmo prédio, o mesmo apartamento, a mesma pessoa.

Liam tentou se aproximar, mas eu me afastei.

— Você é um Crighton — a forma que soou, era como se dissesse que descendia de algum ditador perigoso — Como não juntei as peças?

— Você disse, na festa da Jenny, que era Leblanc — disse ele — Seu crachá do Let's está Leblanc.

— O sobrenome da minha mãe — murmurei — Estava irritada com meu pai quando vim para cá. Adam e Penelope nunca falaram de mim?

— Acho que não. E, se falaram, eu não lembro.

Não posso culpá-lo. Se eu, que já ouvira falar dele brevemente, mas ouvira, não tinha recordado, era impossível que ele fosse se interessar por uma menina que todos achavam tola.

— O que faremos agora? — escondi meu rosto nas mãos.

Estava presa em um pesadelo terrível, não fazia a menor ideia de como entrei e menos ainda de como sairia dele.

— Julienne, se o seu medo é que o que houve entre Adam e Penelope venha a separar a gente — ele puxou minhas mãos — Isso não vai acontecer.

— Ah, Liam — pela segunda vez, chorei em seus braços.

Havia mais confusão nessa história do que ele imaginava. Eu precisava falar com Penelope.

— Me leva para casa? — implorei.

O quarto, as descobertas, tudo à minha volta parecia me sufocar.

Eu nem me importei se seríamos pegos quando descêssemos as escadas. Surpreendentemente, assim como foi quando chegamos, ninguém cruzou nosso caminho.

Minha cabeça pipocava de “porquês” e “ses”. Por que eu não tinha ligado os nomes? E se Adam tivesse mostrado uma foto de Liam, quando pedi aquela vez, na pista de patinação? E se Penelope não tivesse ido embora? Por que Adam ainda não fora procurá-la?

E o mais doloroso de tudo: e se Liam estivesse errado e o desentendimento entre Adam e Penelope um dia pesasse entre nós?

Ele tocou minha mão, e notei que já havíamos chegado. Era a primeira vez que ele entrava no apartamento, pelo menos comigo.

— Tudo bem? — perguntou, preocupado, e afirmo que estou bem, com a cabeça — Parece-me um pouco pálida.

Assim que entramos, vou direto para o sofá, onde desabo. Eu queria ter a mesma confiança em nosso futuro quanto ele.

— Descanse, farei um chá para você — disse ele — Não comeu nada desde que saímos do apartamento. Parece-me um pouco pálida.

Não queria alarmá-lo mais ainda, mas, no fundo, estou me remoendo por dentro.

Alguns minutos depois, ele retorna com a bandeja e algumas torradas. Tomo o chá, mas ignoro as torradas. Sinto um grande nó na garganta.

— Será que poderia sair e comprar um remédio para dor de cabeça?

Havia um frasco em meu banheiro, mas precisava que me deixasse um pouco sozinha, pelo menos para que fizesse o que precisava fazer.

— Eu volto logo.

Ele me deu um beijo rápido e saiu.

Levantei do sofá e procurei o telefone em meu casaco. Com as mãos trêmulas, liguei para a fazenda e impacientemente esperei o telefone ser atendido.

— Alô.

— Emma?

— Julienne? Olá, querida.

— Emma, a Penelope está aí?

— Está na varanda, vou levar o telefone até ela. O médico indicou repouso, e conhece seus irmãos, mal deixam a coitadinha colocar os pés no chão.

Enquanto ela andava, me atualizava sobre os últimos acontecimentos que achava importante. Não me concentrei em nenhum deles, até ouvir a voz de Penelope alguns minutos depois.

— Julienne?

Sua voz parecia cansada ou abatida. Eu sei que grávidas iam perdendo o gás com o avanço da gravidez, mas ela ainda estava indo para o sexto mês.

— Eu preciso te perguntar uma coisa muito importante — digo, sem fazer muitos rodeios — O que a família do Adam sabe sobre o bebê?

Há um silêncio angustiado antes de ela responder.

— Adam não quer o meu filho, Julienne — ela fala, em uma voz entrecortada.

— Mas e os pais, a família dele? O que acham?

— Não sei. Se ele não contou, eu não sei.

Ela confirmou o que eu suspeitava. Nem Liam, nem Katty ou os pais deles sabiam de sua gravidez.

— Mas deveriam saber, você não acha?

— Julienne, vim para cá porque não queria ter contato com ele e nem com nada que o cerca. Eu não quero...

Ela começou a chorar. Ouvi vozes. Sem dúvidas, meus irmãos falando com ela, provavelmente tentando acalmá-la.

— Julienne?

— Austin? Quero falar com a Penelope, coloque-a de volta na linha.

Escutei um longo suspiro antes de ele voltar a falar.

— Escuta, Julienne, você foi para essa maldita cidade e nem se importou com o que acontecia aqui — ele disse, num tom amargo — Mal entra em contato ou fala conosco.

Aquilo não era totalmente verdade. Sempre falava com Emma, Charlotte e meu pai. Muito menos do que gostaria com meus outros irmãos e, bom, Austin nunca estava por perto para falar comigo, quando ligava. Além disso, o trabalho no Let's e todas as noites de ensaio com Liam, para o concurso, ocupavam boa parte do tempo.

— O médico disse que a gravidez dela é de alto risco.

— Eu não sabia — murmurei.

Não me contaram nada e não duvido que tenha sido um pedido de Penelope, a fim de não me preocupar.

— Pois agora está sabendo. Eu não vou deixar que você e ninguém perturbe a pouca tranquilidade que há nela. Você não está aqui — acusou mais uma vez, com a voz ácida — Você não vê. Fazemos de tudo para que Penelope se sinta bem, mas o sorriso nunca chega aos olhos dela. Então não ligue mais para falar desse cara, ou eu juro que vou impedi-la de falar com ela.

Eu tentava absorver o que Austin tinha acabado de falar, e conhecia-o o suficiente para saber que sua ameaça não era um blefe.

— Esse bebê é a única coisa que mantém sua sanidade e alegria de viver, então não a perturbe mais com isso.

A ligação foi encerrada antes que eu pudesse dizer alguma coisa. Voltei para o quarto como se estivesse sendo conduzida por mãos invisíveis. Tudo que Austin falou sendo triturado em meu cérebro.

Eu tinha visto de perto o estado que Penelope ficou quando quase perdeu o bebê. Não contesto ou acho que seja exagerado o que meu irmão dissera. Aquele bebê era a vida dela.

Penelope crescera quase sozinha e sem o menor sinal de carinho e de amor de seus pais. Isso fez dela tão doce como frágil. Ainda mais frágil nesse momento delicado.

O que eu deveria fazer? Amava o Liam e não conseguia me imaginar mentindo ou escondendo algo tão importante dele. Por outro lado, jamais me perdoaria se causasse um mal irreparável à minha prima.

Estava presa em um labirinto cercado de armadilhas. Mas minha felicidade não podia sobrepujar a dela. Talvez, quando a criança nascesse, ela pudesse ver as coisas com mais clareza. Faltavam três meses para que isso acontecesse.

Três meses mentindo para Liam. E o que mais angustiava naquela história era a dúvida, se ele me perdoaria quando descobrisse.

Fiquei tão imersa nesse oceano de angústia. A noite caía quando Liam reapareceu. Separou dois comprimidos e, naquela altura, minha dor de cabeça era verdadeira. Quanto mais carinhoso e atencioso era comigo, mais eu sentia culpa.

— Me abraça? — solucei, quando fui abrigada em seus braços — Fica essa noite comigo.

— Eu não vou a lugar algum — murmurou, deitando-se ao meu lado no sofá.

— Nunca?

— Nunca — beijou meus cabelos e passou a acariciá-los com a mão.

— Promete?

— Prometo, Julianne — disse ele ao beijar minha testa.

Liguei a TV, mais para distraí-lo. Eu não consegui ver mais que um borrão em minha frente.

Capítulo 34



ENQUANTO JULIENNE DORMIA ABRAÇADA A MIM, segui refletindo sobre o que aconteceu nas últimas horas. Ainda é quase irrereal que seja prima de Penelope. Estive mais surpreso com a incrível coincidência do que preocupado com a revelação.

Eu não temia que o fim doloroso entre Penelope e Adam pudesse nos afetar. Claro que por causa de nós, em algum momento, os dois poderiam se reencontrar e isso causaria um certo desconforto, mas meu irmão e a prima dela eram pessoas adultas. Saberiam lidar com qualquer situação quando e se acontecesse.

Embora compreenda o desespero de Julianne, doeu-me ver como ficou abalada. Havia muito que ela teria que aprender no campo relacionamento. Eu queria protegê-la de todas as surpresas da vida, mas dias ruins também nos traziam crescimento e mais maturidade. O importante é que, como afirmei a ela, sempre estaria ao seu lado. Quando havia amor e sinceridade, nada poderia atrapalhar.

Estava chateado que um momento tão especial para ela tivesse sido arranhado por aquela descoberta. Mas amanhã seria outro dia. Julianne enxergaria que seus receios não apresentavam perigo para nós.

Meu celular tocou em cima da mesa, ao lado da bandeja intacta. Levantei sua cabeça com cuidado e puxei meu braço com suavidade para não a acordar.

— Alô.

— Alô. Você é parente do Sr. Crighton? — ouvi a voz masculina quase abafada pelo barulho de música e conversa.

— Qual deles? — perguntei, alarmado.

— Um minuto...

Peguei minha calça e camisa no chão, saindo silenciosamente do quarto.

— Adam Crighton — disse ele — Você o conhece?

Fechei os meus olhos, perguntando que merda ele tinha feito dessa vez.

— Bom, é que ele não está nada bem — o homem continuou — Não acho seguro que ele saia de

carro e não está aceitando a opção de chamarmos um táxi. Então, se puder vir até aqui, creio que seja melhor.

Olho em volta da sala e encontro um bloco no balcão que faz divisória com a cozinha.

— Passe o endereço, por favor.

Não conheço o bar, mas pelo endereço, sei que fica próximo ao tribunal. Adam deve ter saído de uma audiência e ido direto para lá. Aviso ao homem que estou indo. Deixo um bilhete no travesseiro ao lado de Julianne e saio às pressas.

Adam estava na entrada. Um homem, creio que o que ligou para mim, tentava convencê-lo a voltar para dentro.

— Adam!

— Olha só, quem está aqui — empurrou o homem mais uma vez e veio cambaleando para o meu lado — Meu irmão Liam.

— Obrigado, senhor — tentei segurar o braço de Adam, mas ele se esquivou, indo para outra direção — Tem alguma conta para acertar?

— Não, ele já fez isso.

— Vamos tomar uma cerveja — balbuciou, batendo no peito do homem — Uma cerveja para meu irmão aqui. O médico perfeito. O filho perfeito. Irmão perfeito. O homem perfeito também.

Estava entre irritado e compadecido com ele.

— Vamos tomar uma cerveja na sua casa — propus, tentando chegar mais perto — Tem muito barulho lá dentro e precisamos conversar.

— Vamos no meu carro.

Vi o homem revirar os olhos, resmungar alguma coisa e voltar para dentro, deixando que eu resolvesse o problema.

— No meu carro — insisti, dessa vez apoiando o corpo vacilante no meu — Tive um dia inteiro de plantão, preciso que me mantenha acordado.

Porque estava bêbado demais para pensar sobre minha mentira, seguiu-me momentaneamente calado. Durante o caminho até a casa dele, alternava momentos de diálogos incompreensíveis e cochilos agitados.

Precisei despertá-lo quando chegamos ou teria que arrastá-lo escada acima. O homem tinha massa e músculos.

— Por que ela não se apaixonou por você, Liam? — murmurou, enquanto subíamos para seu quarto — Você a teria feito feliz e eu jamais teria chegado perto, sabendo que era sua.

Não, ele não faria isso. Mesmo se a amasse como amava agora. Se eu tivesse encontrado Penelope primeiro e me apaixonado, Adam jamais me trairia. Isso faz remoer a culpa dentro de mim.

Sei que ele entendia o que tinha acontecido com Cecília e perdoado, mas eu ainda ficava chateado com isso.

O que Julianne pensaria?

— Agora eu a perdi, Liam — seus ombros sacudiram, e seu pranto desesperado me desarmou — Eu não sei como tê-la de volta.

Levei um Adam completamente arrasado para debaixo do chuveiro. Ajudei-o a colocar o pijama e preparei sua cama para que dormisse.

Embora eu quisesse voltar para o apartamento, para ficar com Julianne, nesse momento eu sabia que meu irmão precisava de mim. Além disso, pela manhã teríamos uma longa conversa.

Estava preparando o café, quando senti a presença de Adam entrando na cozinha. Ele tinha exatamente a aparência que imaginei que teria ao acordar essa manhã; estava confuso e destruído.

— Liam — ele arrastou a cadeira e o som pareceu incomodá-lo — O que está fazendo aqui?

— Um segurança do bar ligou ontem à noite. Eu o trouxe para casa, dei banho e o coloquei na cama — apoiei-me contra a pia, cruzando meus braços, e dei um olhar duro a ele — Como se tivesse dois anos de idade de novo.

— Liam..

— Não, eu não quero escutar suas explicações e não estou aqui para isso — falei, irritado — Quando não está arrasado, afastando todo mundo de si, está buscando uma nova forma de autodestruição. Eu já estou cansado disso, Adam.

Eu tenho um profundo pesar da grande tristeza que ele carrega no coração, mas não será sentindo piedade dele que vou conseguir ajudá-lo.

— Consegui entender sua dor, agora que sei o que é estar apaixonado.

Ele me olha surpreso, depois como se não acreditasse.

— Voltou com a Nicole?

— Não é a Nicole, mas é alguém que você conhece.

Considerando que Julianne estava na minha vida para ficar, cedo ou tarde ele saberia sobre ela, então, que seja pela minha boca.

— Alguém do hospital? — ele arriscou.

— É a Julianne.

Aguardei calado que ele assimilasse o que acabei de dizer. Sua expressão variava entre incredulidade e negação.

— Julianne?

— Nenhum de nós sabíamos, parece inacreditável, mas foi uma dessas surpresas da vida...

— Julianne, da Penelope? — ele interrompeu, ficando em pé.

— Sim.

— Você está maluco, Liam? — toda tristeza e melancolia dele tinham se transformado em uma raiva explosiva — É só uma menina.

— É uma jovem mulher, mas não apenas isso — falo, igualmente irritado — É inteligente, gentil e madura na medida certa.

— Deus, eu não acredito que está fazendo isso — esfregou o rosto, exasperado — Não vou permitir que seduza uma menina.

— Não vai permitir? Quantas vezes a viu e realmente falou com Julianne? O que acha que sabe sobre nós? — ri, sarcástico — Eu não sou você, Adam. Eu não preciso de uma dúzia de mulheres esquentando minha cama para me fazer esquecer as decisões erradas. Não afasto quem amo por covardia.

Calei-me quando notei o peso das minhas palavras. No passado Adam tinha sido assim, mas não era agora.

— Você disse para eu ser amigo dela — murmurou, amargurado.

Eu sei, tinha sido um conselho errado, mas eu não tinha a menor ideia que Penelope iria embora.

— Ficar nos agredindo não vai nos levar a lugar algum — disse, indo em direção à saída — Se ama a Penelope, vá atrás dela, lute por isso. E até que esteja pronto para aceitar que Julianne e eu estamos juntos, prefiro que fique a distância.

Não estava excluindo-o da minha vida como lhe parecia. Eu queria que ele acordasse. Saísse da bolha de comiseração que havia se enfiado e lutasse pelo que é importante para ele, assim como eu fazia.

Capítulo 35



QUANDO ACORDEI, a primeira coisa que vi foi a cama vazia e o bilhete em cima do travesseiro.

“Meu amor, tive que resolver um problema de família. Não se preocupe comigo. Volto assim que puder”.

Seu Liam.

Durante os cinco meses que nos conhecemos, se for levar em consideração o casamento de Paige como ponto inicial, essa era a primeira vez que ele me chama assim — *meu amor*.

Sorri, encanta, e reli a mensagem. Guardaria esse pequeno pedaço de papel para sempre. Talvez fosse algo infantil, como guardar o primeiro ingresso de cinema, embalagem de bombom, a primeira carta do primeiro namorico adolescente, mas eu não me importava. Era um pequeno pedaço de papel que significa muito para mim.

Suspirei ruidosamente e olhei assustada para o relógio, quando verifiquei que passava das dez da manhã. Por causa do concurso, eu tinha conseguido o dia anterior e hoje de folga.

Eu tinha muitas coisas para fazer, para aproveitar o dia de folga. Ainda precisava colocar as roupas sujas na máquina, fazer faxina, ir ao mercado e pagar algumas contas online. Pelo menos eu teria muitas coisas para manter minha manhã e parte da tarde ocupadas.

Eu só esperava que esse problema familiar não fosse nada realmente grave e que ele mandasse notícias logo.

Estava colocando a roupa na secadora, quando a campainha tocou. A primeira coisa que pensei, na verdade, terceira, porque a primeira era como ele era lindo, depois como seu beijo era maravilhoso e, por último, mas não menos importante, se deveria dar uma cópia do apartamento para ele.

Cedo demais e estaria precipitando as coisas? Se fosse, qual o tempo natural para isso?

Além disso, não era meu apartamento, era de Lola. Embora estivéssemos tão bem quanto poderíamos estar, a casa era dela.

— Conseguiu resolver o problema?

— O problema era Adam — ele respondeu ao me seguir para a cozinha.

Por sorte, ainda não tinha pegado as xícaras no armário para fazer café.

— Tudo bem com ele? — sondei, cautelosa.

— Normal. Era Adam sendo idiota — ele fez uma pausa significativa antes de prosseguir: —

Contei a ele sobre nós.

Fechei o armário e me virei para ele.

— E?

— Digamos que não ficou muito feliz.

Claro que não, com toda certeza eu me tornaria uma pedra no sapato dele. Provavelmente acredite que eu o desmascarei diante da família. Era exatamente isso que queria fazer, se não temesse que as consequências disso prejudicasse a saúde de Penelope.

— Não é por você — Liam veio até mim e me abraçou — É por mim. Acha que você é uma juvenzinha em perigo e eu seja um aproveitador.

Que desculpa mais idiota ele tinha dado. Sério? A diferença de idade? Nem era tão grande assim.

— Eu sei que é recente para você, Julianne — murmurou, de um jeito que me perguntei se ele não estaria, no fundo, levando em conta a acusação do irmão — Talvez devêssemos ter esperado um pouco, mas eu sei bem o que eu quero...

— Eu também sei — apressei-me em garantir isso — Eu quero você, Liam!

Ele sorriu da intensidade com que disse isso.

— Sei disso. A gente poderia ter esperado um pouco antes de envolver toda a minha família, mas não quero começar esse relacionamento escondendo as coisas — tocou o meu rosto com carinho — Nos escondendo ou mentindo.

Senti as lágrimas pesarem em meu rosto. Não eram de emoção por causa da seriedade que ele levava nossa relação (como ele poderia imaginar), mas pela última coisa que disse.

Mentira. Estava mentindo para ele, e sabia que esse fantasma, muito em breve, viria me assombrar.

Agarrei sua camisa e o abracei forte.

“Por favor, Deus, que ele possa me perdoar”.

Embora um decorador tenha sido contratado para decorar o novo apartamento de Liam, queria dar um toque pessoal em alguns detalhes, como roupa de cama, algumas cortinas e tapetes para a sala. E aproveitando o dia de compras no shopping, aproveitei para comprar um vestido para o jantar oferecido por Katty, para comemorar nossa vitória.

Além dos dez mil dólares do concurso a serem depositados em minha conta, ainda tinha minhas economias, mas eu queria encontrar algo elegante e num preço razoável.

Então paramos em uma loja que não chegava a ser de departamentos, mas também não era de grife. As roupas eram bonitas e os preços atraentes.

— Vou provar esses cinco — mostro a sacola quase transbordando a Liam — Pode me esperar no Starbucks, enquanto isso. Sei que vocês, homens, odeiam esperar enquanto provamos roupas.

— Ficarei por aqui — ele olhou em volta, distraidamente.

Contive a vontade de revirar os olhos e fui em direção aos provadores. Era fofo da parte dele resistir a no mínimo vinte minutos em uma loja cheia de mulheres. E completamente torturante para mim saber que muitas delas, com toda certeza, ficariam babando em torno dele. Talvez eu não precisasse provar cinco vestidos. Eu tinha gostado mesmo de três e não levaria vinte minutos para prová-los, de jeito nenhum.

Estava tirando o segundo vestido quando o celular começou a tocar no banco. Imediatamente a foto de Liam apareceu na tela. Provavelmente os cinco minutos que tinha passado foram suficientes para ele.

— Alô.

— Onde você está? — ele parecia apressado.

— No provador — respondi pacientemente.

— Sei disso. Quero saber qual provador.

— No feminino, aliás, acho que é o único provador feminino que tem.

— Qual número, Julianne? — ele parecia mais ansioso que o normal — Eles têm um número, em qual você está?

Como eu iria saber, não olhei quando entrei.

— Sei lá, peguei o primeiro que vi.

— Está nua?

— Agora de lingerie — disse, ao olhar para o meu corpo.

Ouvi um gemido e um breve xingamento dele.

— Abra a porta e veja rapidamente qual o número da sua cabine.

Apesar de intrigada, fiz o que ele pediu.

— Número treze...

— Ótimo — ele desligou.

Aquilo tinha sido estranho. Provavelmente tenha pedido que alguma vendedora viesse me procurar. Para comprovar o que disse, ouvi em seguida uma leve batida na porta.

Abri uma fresta para ouvir o recado de Liam, quando ele se materializou na minha frente. Chocada, apenas o observei entrar na cabine.

— Mas... o que... — gaguejei e voltei a ficar muda quando o vi arrancar a camisa.

— Já fez sexo em um provador de roupas? — ele me olhou com um ar completamente safado.

— Está falando sério? — perguntei, nervosa, não apenas porque a pergunta era idiota, como pela incredulidade da situação.

Ele era o primeiro, único, e desejava que fosse o último homem da minha vida, então claro que nunca tinha feito sexo em um provador com alguém.

— Pergunta idiota — ele se desculpou — Estou, digamos, nervoso, e se lhe interessa saber, também nunca fiz isso. Nunca fiz sexo em um provador e acho que temos que ser rápidos, cuidadosos e silenciosos.

Liam tirou a cueca e foi aí que me dei conta que ele não estava mesmo brincando. Não era um teste para torturar minha sanidade. Ele queria transar ali, no provador de roupas, em uma loja no shopping.

Se fôssemos presos por atentado ao pudor, no mínimo teríamos a plateia de centenas de pessoas.

— Você está brincando... — minha voz foi cortada por um beijo apaixonado.

Logo ele me virou de costas, e antes que eu notasse, adeus sutiã. Depois disso, a adrenalina e seus toques precisos, em determinadas partes do meu corpo, mandaram minha racionalidade para qualquer lugar, menos ali.

A cabine era estreita, então, nossos movimentos eram comidos. Liam me pressionou contra uma parede, deslizou a língua pelo meu pescoço e costas até chegar ao bumbum. Virou-me de frente para ele e beijou meu sexo por cima da calcinha.

Não havia tempo para preliminares mais elaboradas, não que precisasse. A loucura da situação me deixou altamente excitada. Apesar disso, após se livrar da peça rendada, puxou minha perna, a colocando em seu ombro, e seus lábios e língua tiveram livre acesso entre minhas pernas. Tentava me sustentar com uma mão na parede e segurar no gancho para roupas, na parede lateral, com a outra, quando a primeira lambida em meu sexo praticamente me fez ver estrelas.

Não sei por quanto tempo ficamos assim. Com ele acariciando, lambendo, provocando meu clitóris até se tornar um botão inchado pedindo alívio, mas eu não queria que parasse nunca.

Quando Liam abaixou minha perna, quase gritei de frustração. Estava em chamas, como um vulcão

em erupção. Aguardei impaciente os segundos que ele levou para colocar o preservativo quando ele me virou de costas para ele. Meus seios espremidos contra a parede fria, enquanto ele lentamente me penetrava.

Soltei um gemido, impossível de segurar. Seu polegar veio para dentro de minha boca e logo percebi que deveria chupá-lo para manter minha boca desobediente ocupada.

Cauteloso, seus movimentos entrando e saindo de mim eram lentos e cuidadosos. Isso fazia com que eu sentisse cada centímetro dele me preenchendo.

Pouco a pouco, meu prazer ia intensificando. Era gostoso, quase que vertiginoso, e sentia as pulsações dentro de mim começarem a aparecer. Todas as vezes que transávamos era perfeito, mas, dessa vez, todos os meus sentidos pareciam intensificados.

Ele tirou a mão de minha boca e me entregou um vestido.

— Morde isso, com força — ordenou.

E quando ele colocou uma das minhas pernas sobre o banco e voltou a acariciar meu clitóris, colocando mais força e velocidade em suas investidas, vi milhares de estrelas explodindo em minha cabeça.

— Porra! — Uivou em meus cabelos — Caralho, Julienne.

Quando o senti gozar dentro de mim, ainda estava sendo controlada por espasmos do orgasmo mais intenso que já senti até agora.

Desabei em seus braços, e ele foi para o banco, colocando-me em seu colo. Sua respiração estava tão acelerada quanto a minha e ele tinha a cabeça apoiada em minhas costas, suas mãos acariciando carinhosamente os meus braços.

Permanecemos mais alguns minutos recuperando o fôlego, até nos vestirmos e sairmos sorrateiramente do provador. Dos três vestidos que tinha gostado, comprei dois.

Entramos no carro, sorrindo feito dois idiotas. As compras para o apartamento tinham sido completamente deixadas de lado. O que houve na cabine foi apenas um aperitivo diante de um banquete; desejávamos mais.

— Sabe o que acabei de perceber? — disse ele ao ligar o carro.

— O quê?

Será que havíamos esquecido alguma coisa na loja? Eu tinha certeza que a cabine estava vazia quando saímos. O preservativo, Liam tinha colocado no bolso e depois despejado no banheiro.

— Ainda não fomos ao cinema.

Observando o sorriso cheio de malícia, percebi que assistir a algum filme era a última coisa em sua cabeça.

Coloquei o vestido drapeado de chiffon e sem mangas. Era de um cinza quase grafite e tinha um discreto decote em forma de coração. Escolhi sandálias de saltos, com delicadas tiras em prata, para combinar. Deixei os cabelos soltos, primeiro porque estava nervosa demais para fazer qualquer coisa elaborada, depois porque não queria aparentar estar sofisticada demais.

Liam tocou a campainha pontualmente e levou a mão ao peito dramaticamente quando abri a porta para ele.

— Uau! — Circulou em volta de mim, vez ou outra soltando assovios de apreciação — Garota, você sabe como enlouquecer um homem.

Eu estava bonita e me sentia assim. Talvez porque tenha mesmo caprichado no visual ou talvez porque via admiração através de seus olhos.

— Não dá para sairmos assim, não — ele sussurrou em meu ouvido, suas mãos correndo das minhas coxas até minha bunda, onde ficou em uma carícia lenta e sensual — Precisa corrigir isso.

Minha pele se arrepiou e dei meio passo para frente, mas rapidamente fui puxada de volta. O quadril dele pressionado ao meu, e senti a intensidade de sua excitação.

Fui direcionada para a porta fechada. Ele me virou bruscamente de frente para ele, deixando bem claro quais eram suas intenções. Nós nos olhamos ferozmente e apaixonados.

Liam agarrou meus pulsos, prendendo-os acima de minha cabeça. Obedeci ao pedido mudo que os deixasse lá. Ele tocou o meu rosto com os lábios e, ao invés de tomar minha boca como ansiava, esfregou o nariz na curva do pescoço até meu ombro.

Sua língua sabia exatamente onde tocar, como provocar, e, em instantes, estava emitindo gemidos angustiados. Enquanto sua boca incendiava minha pele, ele abriu parcialmente a sua calça, colocando a proteção.

Fui suspensa em seu colo, e somente quando seu membro rijo cravou dentro de mim, que sua boca finalmente tomou a minha. A cada investida forte, sentia minhas costas escorregarem pela porta.

Prendi mais minhas pernas em torno dele, puxando-o mais próximo de mim quanto era capaz. Não sabia dizer onde começava um e terminava o outro, parecia que estávamos nos fundindo. Nossos gemidos eram abafados pelo beijo exigente que trocávamos.

Uma paixão violenta nos conduzia ao ápice. Se as paredes realmente tremiam, eu nunca seria capaz de dizer, mas o meu corpo sacudia, entregue ao prazer tórrido que Liam causava em mim.

— Como aperitivo foi bom — disse ele, fazendo uma alusão ao jantar — Mas mal posso esperar para o prato principal e sobremesa, mais tarde.

Segurei em seu ombro quando me colocou em pé, ajeitando a saia do meu vestido.

Bom? Ele literalmente tinha me deixado de pernas bambas.

— Estamos atrasados — anunciei, quando chegamos à casa de Katty.

Olhei pelo espelho retrovisor, para checar a maquiagem, antes que Liam abrisse a porta do carro para mim.

— Ninguém vai notar isso — respondeu, ao me ajudar a sair — E se notarem, não vão dar muita importância. É uma coisa que virou rotina. Sabe, meu irmão, sua prima...

A frase solta no ar fez minhas bochechas arderem. Eu sabia que os dois tiveram momentos bem apaixonados, afinal, há um bebê a caminho, mas não queria pensar sobre isso justo hoje. Era suficiente que Liam e eu tivéssemos acabado de nos agarrar em meu apartamento.

Olhando para o sorriso perigoso, tive certeza de que ele só comentou aquilo para me provocar.

— Você não tem vergonha que todos saibam que estávamos fazendo sexo, antes de vir para cá?

— Por que eu deveria? — Ele acariciou minha bunda, e não tive tempo de protestar — Se não fosse o sexo, não existiríamos para alguém pensar alguma coisa.

A porta foi aberta assim que ficamos de frente a ela. Dei um tapa discreto na mão de Liam para que tirasse a mão dali, e Katty educadamente fingiu não notar.

— Bem a tempo — disse ela, embora estivéssemos, no mínimo, meia hora atrasados — Papai e mamãe chegaram há pouco. Me dê o casaco de vocês.

A casa de Katty não era tão grande como a dos pais dela, mas igualmente bonita e aconchegante.

— Meus pais você já conhece — ela indicou o casal no sofá, onde me desloquei para cumprimentá-los.

— Olá, senhora Crighton.

— Apenas Lindsay, minha querida.

Ela me abraçou carinhosamente e estranhamente eu senti uma conexão com ela. Não sei explicar. A senhora Crighton, ou Lindsay, como preferia, era uma daquelas pessoas que você simpatizava ao primeiro encontro.

O doutor Crighton beijou cada lado do meu rosto, e o gesto galante fez que eu corasse.

— O Frank, você viu aquele dia, e aquelas são minhas filhas.

Olhei para as gêmeas educadamente sentadas no sofá. Por algum motivo, a expressão angelical que elas tentavam aparentar não me convenceu. Eu fazia muito aquela mesma cara de pôquer quando criança. Uma delas tinha um olhar terrível.

— Eu sou Lilly e essa é a Lauren — a do olhar terrível se levantou, indicando uma a outra.

— Lauren Crighton Riggs — Katty deu um olhar duro a ela — O que eu disse sobre mentiras?

— Mas eu só estava brincando — ela sorriu encantadoramente, e me perguntei se tinha sido Liam a ensinar esse sorriso a ela ou era um dom de família — De qualquer jeito, ela nunca vai saber quem

é qual.

— Eu vou, sim — disse à Lauren, segura de mim — Você tem uma pequena pinta na bochecha, próximo à orelha, e a de Lilly é logo do lado esquerdo do pescoço.

Quem estudou com as gêmeas Thompson tinha obrigação de saber identificar as duas, para ficar longe da gêmea do mal.

As duas se olharam abismadas e depois voltaram a me olhar fixamente.

— Lilly e Lauren — caminhei até elas e estendi respeitosamente a mão para elas — Ouvi falar muito de vocês duas. É um prazer conhecê-las.

Lauren, ainda receosa, apertou minha mão. Lilly abraçou minha cintura e ergueu seus olhos carinhosos para mim.

Abracei a menina e encarei cautelosamente a outra. Aquela seria difícil de conquistar.

— Seu sapato é feito de jacaré? — ela iniciou o interrogatório.

— Não, é sintético.

— O que é isso? — Lauren perguntou à sua mãe.

Katty deu um olhar como um pedido de desculpa antes de responder.

— E você tem medo de lagartixa? — Lauren continuou.

— Não, cresci vendo muitas na fazenda.

— Você mora em uma fazenda? — ela arregalou bem os olhos, e soube ali que tinha feito uma nova amiga.

— Morei desde que nasci. Meu pai e irmãos ainda estão lá.

— Tem cavalos?

— Cavalos, vacas, bezerros — respondi prontamente — Também tem patos, galinhas e pintinhos.

— Tem coelhos? — Lilly arriscou a perguntar.

Ainda segurava minha cintura, e eu sorri para ela.

— Tem, sim.

— Ok. Chega, meninas — Katty bateu palmas — Deixem nossa convidada em paz. Depois do jantar, e se ela quiser, contará mais sobre a fazenda e tudo o que há nela.

— Você promete? — Lilly me soltou, mas havia uma súplica muda em seu olhar.

— Eu prometo.

Liam veio para junto de mim, pegou minha mão e a levou aos seus lábios. Sentamos ao lado dos seus pais. Conversamos descontraidamente até o jantar ser servido.

O assunto girou entre meu encontro inesperado com Liam até nossa descoberta sobre minha prima e Adam. Não consegui deixar que a culpa me corroesse quando Lindsay só teceu elogios a Penelope e deixou claro o seu pesar pela relação dos dois não ter dado certo.

Ganhei uns créditos a mais com as gêmeas, quando souberam nosso parentesco. Era perceptível que todos ali a amavam.

Se ela pudesse ver, pensei com tristeza. Sabia que meu pai e os meninos estavam movendo céus e terra por ela, mas havia tanto amor aqui também. Tanto carinho que seria transmitido a seu bebê.

No fim da noite, falei mais sobre a fazenda e um pouco das minhas travessuras de criança. Cansadas, as gêmeas foram para cama antes que os avós fossem embora, mas bem depois de seu horário habitual.

— Foi um ótimo jantar, Katty — disse, quando fomos conduzidos à porta — Obrigada pelo convite.

— Espero que as minhas filhas não tenham assustado você — ela segurou minhas mãos ao entregar meu casaco — Só estavam testando.

— Katty, se você não assustou Julianne, não seria seus anjinhos que fariam isso — ele me olhou como um pavão orgulho, fazendo-me rir — Essa garota é dura na queda.

— Sendo assim, podemos repetir em uma noite dessas? — Perguntou Katty.

— Quando seu apartamento ficar pronto? — Sugeri a Liam.

— Acho que seria perfeito.

Nos despedimos dela, e Liam enlaçou minha cintura e seguimos abraçados até onde tinha deixado o carro. Katty ainda estava na porta e nos acenou alegremente quando ele deu a partida.

— Tudo bem? — ele apertou minha perna e sorriu com carinho — Foi muita loucura para você?

— Uma loucura incrível. Adorei todos eles.

— E eles amaram você.

Eu tinha me apaixonado perdidamente por Liam e agora estava me apaixonando por sua família.

Deve ter sido uma dor terrível Penelope ter que dar adeus àquelas pessoas incríveis. Eu não conseguiria.

Capítulo 36



ALGUMAS SEMANAS DEPOIS, estava no apartamento, agora mobiliado e pronto para que trouxesse definitivamente minhas coisas para ele. Antes disso, eu tinha planejado uma noite especial com Julienne.

Conferi mais uma vez se pratos e talheres estavam no lugar e verifiquei a temperatura do vinho.

Era o primeiro jantar que teríamos no apartamento desde que ele ficara pronto, mas não era por isso que eu estava nervoso. Eu tinha uma parte importante do meu passado para revelar a Julienne, e a forma que ela poderia reagir a isso me deixava apreensivo.

Mas eu tinha que contar sobre Cecilia e sobre o meu filho. O bebê que, até o ano passado, eu cogitei ter sido do meu irmão e que por anos deixei que ele sofresse essa perda.

Agora eu entendo que não foi apenas o medo de que Adam não me perdoasse que me fez ficar calado por tanto tempo, foi o pavor de sentir a mesma dor que ele sentira.

Era como se eu tivesse criado um escudo impenetrável para bloquear a dor, que explodiu quando a verdade finalmente surgiu. Sentia por Cecilia e mais ainda pelo bebê que não conheci. Eu o guardaria em meu coração até o último dos meus dias, com o carinho que nunca poderei dar a ele.

Não é uma história que quero ficar revirando, mas Julienne merece e deve entrar nessa relação estando ciente das partes boas e ruins da minha vida. Sem mentiras ou segredos que pudessem algum dia nos separar.

— Você está se superando cada vez mais — disse ela, ao reagir à mesa arrumada — Alguma ocasião especial?

Peguei a mão dela e a conduzi até o sofá.

— É, sim, uma ocasião especial.— murmurei ao sentarmos — Mas antes do jantar, preciso te contar uma coisa.

Contei sobre minha infância com Adam, Katty e Cecilia. Meus reais sentimentos por ela. Das minhas escolhas erradas que afetaram Adam profundamente e da minha covardia ao ficar em silêncio por tanto tempo.

— Esse é o meu lado mais desprezível — sussurrei, incapaz de encará-la, sentia vergonha do homem que tinha sido — Achei que tinha o direito de saber.

Julienne segurou meu rosto e me fez olhar para ela. Havia um rastro de lágrimas em suas bochechas, e eu não via decepção ou aversão em seus olhos.

— Você não é desprezível, Liam — a voz era tão carinhosa como as mãos em meu rosto, que não hesitei em beijar — Decisões erradas acontecem com todo mundo. Admitir e aprender com seus erros é que o faz esse homem incrível. Que eu amo.

Havia uma distância razoável de idade entre nós, mas eu me sentia um menino ao lado dela. Apaixonado, assustado pela imensidão desse sentimento e feliz.

— Tenho uma coisa para dar a você — murmurei, quando nos separamos.

Tirei a caixinha vermelha do bolso da jaqueta e entreguei a ela, que olhava com olhar pasmo.

— Oh, meu, Deus! — Repetia sem parar.

— Abra, Julienne.

— Eu... ah...

— Abra ou eu mesmo faço isso.

Observei sua mão trêmula abrir a tampa da caixinha e logo um sorriso enorme surgir em sua boca.

— A chave do apartamento?

— Uma bomba não caberia aí — graciei.

É claro que ela ficou em pânico ao imaginar que havia uma aliança de casamento, sabia que ela não estava ainda preparada para isso. Mas eu a queria junto a mim o mais próximo que conseguíssemos ficar.

— Liam, tem certeza?

— Você já tem a chave do meu coração — murmurei, ao puxá-la para o meu colo — Agora só precisa da chave da minha casa.

— Como não me apaixonar por você, todos os dias? — Ela remexeu-se em meu colo e me beijou.

— Só tenho uma imposição — falei, quando nos separamos para tomar fôlego — Que fique aqui pelo menos todos os sábados. Gosto de dormir abraçando você.

Quando eu tinha deixado de ser o palhaço babaca para me tornar o tolo romântico?

Quando Julienne caiu em meus braços, em uma despedida de solteiro. Eu sabia que essa garota significava problema. Um delicioso problema que não tinha pretensão alguma de me desfazer.

— Acho justo — ela ronronou quando passei minhas mãos em suas costas, por dentro de sua blusa.

Levantei, levando-a enroscada em minha cintura, para o único lugar do apartamento que não tínhamos batizado ainda.

A suíte.

Capítulo 37



ESTAVA COLOCANDO AS MINHAS COISAS no armário quando meu celular tocou. Conferi, apreensiva, que era Clyde. Ele sabia meu turno no Let's, então não ligaria se não fosse importante. Joguei minha bolsa e roupa de qualquer jeito e me apressei a atender.

— Penelope teve o bebê — ele disparou assim que atendi — Um menino lindo.

Meu coração disparou de alegria, mas logo uma preocupação me incomodou.

— Como assim, já nasceu? Ela ainda ia para o oitavo mês.

— Foi prematuro — a voz dele vacilou um pouco — Nós quase a perdemos, Julianne. E o bebê... bom...

— O menino — senti meus lábios tremerem — Ele está bem?

— Vai ficar — ele respirou fundo — Eu espero que sim.

Senti as lágrimas correrem pelo meu rosto e as sequei rapidamente com as costas da mão. Chorar e me desesperar não ajudava em nada, embora fosse exatamente aquilo que eu gostaria de fazer.

— Eu estou indo para aí — disse a ele — Só vou conversar com minha chefe. Chego em breve.

— Depois me passe o horário do seu voo. Eu pego você no aeroporto.

Procurei a Loretta e expliquei o que estava acontecendo. Por ser nova no trabalho, sabia que meu pedido de alguns dias de folga poderia ser recusado e seria obrigada a pedir demissão. No entanto, minha família sempre viria em primeiro lugar.

Para minha surpresa, não apenas me deu os dias que pedi como afirmou que poderia ficar o tempo que precisasse. Ellen também se prontificou em me ajudar no que fosse preciso.

Minha maior preocupação agora era pensar no que dizer a Liam. O meu grande plano era, após o nascimento do bebê, convencer Penelope a contar pelo menos para Liam. Mas como ele sempre dizia, nada do que planejamos seguia o curso.

Como não tinha como protelar mais, assim que cheguei em casa liguei para ele.

— Julianne? Aconteceu alguma coisa?

Era para eu estar no trabalho, então a preocupação em sua voz tinha certa justificativa.

— Eu tenho que voltar para casa — respondi, sentindo meu coração diminuir em meu peito.

— Algum problema?

— Meu pai... — engoli em seco — Preciso vê-lo.

A palavra “mentirosa” brilhava em minha testa como um pisca-pisca em uma árvore de natal.

Odiava ter que mentir para ele, e aquilo parecia crescer como uma bola de neve.

— Eu posso ir com você — ele se prontificou — Só preciso olhar minha agenda e...

— Não, Liam! — Interrompi rapidamente — Não é preciso, pelo menos não agora. Eu vou e volto antes que você perceba. Caso precise que vá, eu te aviso.

— Você tem certeza?

— Sim — senti as lágrimas nublarem minha visão — Obrigada por se preocupar comigo.

— Posso ao menos te levar ao aeroporto?

— Eu já estou a caminho.

Mentirosa!

Eu não tinha nem feito as malas ainda, mas não tinha escolha. Não suportaria me despedir dele, sabendo o quanto estava sendo desonesta com ele.

— Então me mantenha informado. Ligue quando estiver lá e quando estiver voltando.

— Tudo bem.

— E, Julianne?

— Sim — minha garganta estava em brasa e a bola dentro dela parecia crescer.

— Amo você.

— Também te amo — respondi, antes de desligar.

Eu era a pior namorada do mundo, conjecturei ao jogar a mala na cama. Desonesta e falsa. Liam merecia alguém muito melhor do que eu. Mas além dos terríveis defeitos anteriores, eu também era egoísta. Não suportava a ideia de perdê-lo, e isso só fazia com que me desprezasse mais.

Teria que colocar um fim àquilo. Acho que minha visita à fazenda poderia ser uma ótima decisão, no fim das contas. Penelope teria que me ouvir.

Como prometeu, Clyde me esperou no aeroporto. Ele me contou em detalhes sobre o parto de Penelope e o estado de Benjamin. O bebê estava na UTI Neonatal e o seu estado era extremamente delicado.

Assim que entrei no quarto de Penelope, a emoção falou por nós duas. Consolei seu choro desesperado e presenciei seu maior temor, de que o bebê não fosse forte o suficiente para vencer

aquela batalha.

— Não quero perder meu bebê — repetia ela, em meio ao choro.

Minha determinação foi minada diante da dor que ela carregava. Eu não podia simplesmente dizer: “Conte ao Liam e à família dele ou eu faço isso”.

Não tive coragem de fazer isso. Não nesse momento tão delicado para ela. Sequer consegui falar sobre Liam.

Além disso, era quase impossível levantar o assunto com Austin como um cão de guarda sobre ela. A primeira coisa que disse, ao chegar na fazenda, era que ficaria de olho em mim. Ele havia cumprido perfeitamente bem a tarefa.

O melhor momento da minha estadia em Peachwood foi conhecer o pequeno Ben. Ele era tão frágil como bonito. Era impossível olhar para ele e não enxergar Adam. Ele tinha todos os genes dos Crichton. Eu me perguntei se Liam e eu, algum dia, tivermos filhos, eles serão também a cópia do pai.

Era uma ironia eu sonhar com aquilo. Nem sabia se minha relação com Liam sobreviveria a tantas mentiras ou, como prefiro dizer, meias verdades.

Em meio a tanta confusão e dilemas, procurei a única pessoa que achei que poderia me compreender.

— Puxa, a Michelle está enorme — sorri, ao ver a menina ensaiar alguns passos, apoiada no sofá.

— O bebês crescem rápido — olhou com admiração para a filha — Mas não foi para falar sobre Michelle que veio até aqui, não é mesmo?

Balancei a cabeça e comecei a chorar, ao invés de dar uma resposta. Paula trouxe um copo d’água e esperou que eu me acalmasse.

Eu precisava contar a alguém ou sentiria que iria explodir. Paula, por muito tempo, soube manter segredos escondidos. Ninguém melhor do que ela para me entender.

— Eu posso dizer, Julianne, que quanto mais permanecer calada, mais a culpa irá te consumir — ela esfregou minhas mãos geladas nas suas — Mas entendo que esteja dividida entre o homem que ama e Penelope, que é como uma irmã para você. Eu estive presente o máximo que pude e, posso garantir, Austin não estava exagerando. Não foi uma gestação fácil para ela. Fingíamos que sim, mas, na verdade, passamos o tempo todo preocupados.

Eu sabia que havia riscos, porque Austin duramente me avisou, só não tive conhecimento que tivessem sido tão graves.

— Ainda há um risco para o bebê, e não acho que ela aguento lidar com mais coisas.

— Quer dizer que devo continuar mentindo para o Liam?

— Não, que talvez devesse esperar um pouquinho mais. Eu sei, não sou a melhor pessoa para dar

esse conselho, afinal, você descobriu de forma desastrosa nosso parentesco e acabou me odiando.

— Paula, eu não odiava você, sentia ciúmes — confessei pela primeira vez — Devia ter me aproximado na festa de casamento, mas tudo ainda era novidade para mim. Acha que Liam vai me odiar?

— Ficaré desapontado. Talvez com muita raiva, inicialmente. Mas é melhor ele saber da notícia com Ben saudável e fora de risco, do que nesse momento tenso.

Eu me sentia presa entre o certo e o errado. O que eu deveria e não poderia fazer.

— A decisão ainda é da Penelope — disse ela.

Daria mais alguns dias para que Benjamim e Penelope ficassem mais forte. Depois disso, eu mesma levaria Liam até Peachwood, e esperava que seu amor por mim fosse maior que a decepção, ao descobrir o que há tanto tempo escondi.

Capítulo 38



JÁ QUE JULIENNE ESTAVA FORA e em breve Neil estaria morando em outro país, ofereci meu apartamento para o que seria nosso último jogo de pôquer juntos. Bom, pelo menos com a presença dele.

Em menos de dois anos, nossas vidas tinham mudado completamente. Neil encontrou Jennifer e estavam a caminho da França, com Anne e os gêmeos a nascer.

Richard casara com Paige, e nunca o vi tão feliz e relaxado em todo tempo que o conheci. Adam tinha encontrado e perdido Penelope mais vezes do que eu poderia contar.

Eu tinha literalmente esbarrado em Julianne e me apaixonado por ela. O único que parecia o mesmo era Peter, cercado de mulheres, mas incapaz de se entregar a alguma. Ele dizia ser um espírito livre, mas eu o achava, no fundo, solitário. E depois de conhecer parte do seu passado, conseguia entender.

— Senhores — coloquei os petiscos na mesa — Antes de iniciarmos, preciso fazer uma ligação.

— Não estou acreditando — Peter foi o primeiro a protestar.

— Deixa o cara falar com a namorada — Richard me defendeu.

Neil deu um gole em sua cerveja e Adam se retirou da sala.

Ocupei minha cadeira, pouco me importando com o burburinho ao meu lado. Prometi a Julianne que ligaria todas as noites enquanto estivesse fora e não tinha pretensão de quebrar a promessa.

— Alô — uma voz masculina e invocada atendeu ao quarto toque.

— É do telefone da Julianne?

— É. Por quê?

Depois da surpresa inicial, concluí que só poderia ser um dos irmãos dela.

— Eu gostaria de falar com ela — respondi tranquilamente.

— Está no banho.

— Quem fala?

Ouvi um breve rangido, pelo menos, foi o que pareceu.

— Não importa quem está falando — ele respondeu bruscamente — Quem é você e o que quer com a minha irmã?

Em vez de ficar irritado com a grosseria e a hostilidade, achei a reação dele engraçada. Julianne já tinha falado como eles eram protetores, mas, no fundo, achei que ela tinha exagerado.

— Namorado dela, Liam — não iria ficar intimidado por alguns resmungos — Ela deve ter falado sobre mim.

— Nada — ele respondeu — Nadinha, nenhuma palavra. E prefiro que continue assim. Julianne agora está em casa, e depois do que aconteceu, creio que será inteligente o suficiente para continuar aqui.

Julianne não iria voltar?

— Senhor...?

Puxei a gola da camisa. Era como se eu tivesse uma gravata invisível me sufocando. Eu queria muito manter a calma com ele, mas o rapaz estava passando dos limites.

— Austin.

— Austin, será que posso falar com Julianne?

— Que tal vir até aqui e falar com meu pai e meus irmãos? — Ele bufou — É isso que os homens decentes fazem quando estão interessados em uma boa moça. Mas claro, playboys como você, da cidade, não sabem agir com honra e decência. Pois bem, senhor, quer falar com a minha irmã, venha até nossa casa e faça devidamente.

— Austin!

Escutei a voz de Julianne ao fundo e sorri. O cara estava encencado. A discussão parecia bem acalorada, embora eu não pudesse entender boa parte dela.

— Liam, você ainda está aí?

— Com toda certeza — estava rindo, mas logo parei, ao lembrar como ela deveria estar exaltada — Estou aqui, sim.

— O que ele disse a você?

Eu tinha todos os olhos dos que estavam na mesa acompanhando a conversa. Bando de mexeriqueiros, disse a cada um com os olhos. Na real, eu tinha provocado muitos deles no decorrer dos anos, obviamente não deixariam essa passar.

— Só que eu deveria ir até o Texas, pedir sua mão em namoro devidamente.

— Merda! — Ouvi o primeiro de seus xingamentos — Não ligue para ele. Deve ter estrume no lugar de cérebro.

— Tudo bem. Se é uma tradição de família, eu posso fazer.

— Liam, é apenas Austin sendo idiota, por favor não venha — ela estava implorando, tadinha, provavelmente estava muito envergonhada — Não agora.

— Quando você volta?

— Em três dias, acho.

— Então conversamos novamente — sugeri — É melhor ir amansar a fera, e fale muitas coisas positivas sobre mim. Não é bom que ele não saiba nada, nadinha.

Principalmente se eu tivesse intenção de fazer uma visita surpresa.

— Eu te amo — ela disse.

— Eu também te amo.

Desliguei e olhei para o telefone por um momento.

— Depois a minha mulher que é maluca — Richard jogou alguns amendoins em mim.

Todos riram, e como era de se esperar, eu fui o alvo das chacotas da noite. Com exceção de Adam, que passou o tempo todo mal-humorado, estávamos todos felizes e realizados. Eu não sabia que nossas vidas mudariam drasticamente em menos de 48 horas.

Estava quase pegando no sono, quando ouvi o celular tocar. Tinha sido um dia difícil no hospital, e tudo o que eu queria eram longas horas de sono.

— Preciso da sua ajuda — ouvi a voz de Peter, mas o número que estava usando, para fazer aquela ligação, não era o mesmo registrado no meu telefone.

— Peter? O que está acontecendo?

— Não posso dizer.

— Como assim? — perguntei, alarmado — Onde você está? Saiu do hospital?

Ele tinha sido atropelado ao sair do escritório, naquela tarde, fraturado uma costela e, pelo que eu sabia, não teria alta tão cedo.

— Não posso dizer... — ele resmungou — Saí, porque eu precisei...

— Peter, fale o que está acontecendo!

— Mandarei uma mensagem — disse rapidamente — Até logo.

Eu senti como se uma lâmina afiada passasse pelas minhas costas. Não gostei do que Peter disse, principalmente como ele disse. O cara deveria estar no hospital recebendo cuidados médicos, mas, no entanto, tinha ligado para mim em busca de ajuda e ainda agia todo misterioso.

Levantei da cama e procurei minhas roupas pelo chão. Vesti a calça e vi meu celular iluminar na cabeceira. Abri a mensagem, havia um endereço e o pedido que eu fosse para lá o mais rápido

possível, com um alerta de que não deveria contar a ninguém. Vesti a camisa, e procurei meus sapatos, e saí praticamente correndo.

Assim que entrei no carro, joguei o endereço no GPS. Depois de quase meia hora dirigindo, tirando todos os tipos de teorias, liguei o rádio para me distrair.

“O empresário Neil Durant e sua esposa acabam de ser considerados foragidos pela polícia. Voltamos com mais informações em breve.”

Pisei no freio com tanta pressa que fui jogado para frente. Por sorte, usava o cinto de segurança, que me impediu de dar de cara com o painel do carro.

Que merda era aquela que eu tinha escutado? Peguei o celular à procura de informações mais completas e que confirmassem que o que tinha escutado há pouco não era alucinação da minha cabeça.

“Ex-mulher foi encontrada morta. Neil Durant e esposa suspeita encontram-se foragidos”.

“Sophia Campbell foi encontrada morta em seu apartamento. Neil Durant foi considerado o primeiro suspeito, devido ao relacionamento totalmente conturbado que tiveram por anos. Ele e a atual esposa não foram encontrados em casa, estão nesse momento sendo considerados fugitivos”.

As instruções seguintes de Peter era que me mantivesse atento na estrada e tomasse cuidado para não ser seguido. O que paranoicamente pensei acontecer, por duas vezes.

Peter me encontrou no meio da estrada. Estava a pé e ainda com a tala. Pediu para que eu seguisse por um caminho de pedras, e no meio do nada, pediu para que parasse o carro.

— Já deve saber o que aconteceu, certo? — Indagou, olhando para frente.

— Ouvi algumas coisas no rádio — respondi, passando as mãos pelo meu rosto — O que realmente é verdade nessa história?

— Sophia está morta, Jennifer esteve no apartamento dela, tocou na arma do crime e deixou seus pertences por lá — ele respondeu calmamente — Há câmeras de segurança confirmando a presença dela entrando e saindo do apartamento da Sophia, na hora em que foi morta. Isso é verdade. Todo o resto, uma grande merda.

— E o Neil?

— Passou a tarde toda na DET, em uma videoconferência.

Então provavelmente a culpa cairia sobre Jennifer. Conhecendo Neil, era impensável que permitisse que sua esposa, grávida de gêmeos, fosse presa.

— Ela é inocente — disse Peter ao olhar para mim — Acredita nisso?

— Claro — respondi sem titubear.

Conheci Jennifer através de Neil e depois porque fui o médico dela. Eu tenho total certeza de que ela seria incapaz de matar a Sophia. Talvez para se defender, mas não da forma que Sophia foi morta.

Alguém fez o trabalho sujo e está tentando jogar a culpa para cima dela.

— Está ajudando os dois na fuga? — Perguntei, embora já soubesse a resposta.

— Você já deve saber a resposta.

— Precisa da minha ajuda. Foi com a Jennifer? Os bebês...

— Antes que eu responda, preciso deixar claro uma coisa — disse ele, encarando-me fixamente

— Esconder um fugitivo é contra a lei. Você tem que saber exatamente onde estará pisando, mas eu entenderei se recusar.

— Ah, vá se foder, Peter! — Eu tinha vontade de socar a cara dele — São meus amigos também, não venha com essa.

Acreditava nos meus amigos e simplesmente não poderia acompanhar a desgraça que viviam olhando pela janela, com medo do que pudesse acontecer a mim. Eu não era assim, não fugia quando o navio estava naufragando.

— Siga em frente — disse, ao apontar o caminho.

Felizmente, ou infelizmente, o ferido era Neil. Ele tinha levado um tiro durante a fuga, e apesar da grave infecção que enfrentava, com a medicação certa ficaria bem. Quem realmente me preocupava era a Jennifer. Os bebês não se mexiam há algum tempo, então conferi os batimentos cardíacos. Estavam um pouco mais lentos, mas devido a tudo o que aconteceu, provavelmente se sentiam tão estressados quanto a mãe. Tinha receios de que tanta tensão pudesse acelerar o parto, mas resolvi não jogar mais essa bomba sobre ela.

Quando Peter se afastou, para fazer um lanche para Jennifer, alertei que a cabana, no meio do nada, não era o local ideal para quando o parto acontecesse. Ele prometeu que procuraria um lugar melhor.

Enquanto isso, tentei ser eu mesmo o máximo que pude, fazendo piadas e dando um pouco de descontração a eles.

— A febre foi apenas uma reação ao início de infecção — disse, ao tirar as luvas, quando o examinei pela última vez — Tome a medicação que deixei e evite esforços desnecessários, e em poucos dias estará pronto para uma facada, por exemplo.

— Liam! — Todos protestaram.

— Caramba! — Ri, descontraidamente — Vocês não têm senso de humor? E sobre rir dos problemas?

— É rir dos nossos próprios problemas — Jenny me corrigiu — E não da desgraça alheia.

Por um segundo, foi como estar na casa do Neil, provocando um ao outro, enquanto a noite avançava. Há alguns dias eu fiquei preocupado do tempo que levaria para revê-los, com eles morando tão longe. Agora havia o risco de que nunca mais fôssemos nos ver.

— Bem... Eu tenho que seguir viagem — concentrei-me em minha maleta, minhas emoções estavam bem explícitas em meu rosto — Tenho contas a acertar com você.

— Na verdade, tem três pessoas querendo acertar contas com você — disse Peter, em um tom provocativo.

Tinha pedido a ele que usasse seus poderes investigativos para encontrar o endereço de Julianne, no Texas. Era para lá que eu pretendia ir. Precisava dela, agora mais do que nunca.

— Eu não tenho culpa se os irmãos da Julianne parecem membros da máfia italiana, dispostos a arrancar meu fígado. Só quero consertar as coisas.

Afinal, eles tinham uma ideia errada sobre mim que eu precisava modificar.

— Por isso não namoro — Peter começou a pontuar com os dedos — Caso ou me apaixono, as mulheres só trazem problemas.

— Peter! — Neil lança a ele um olhar fulminante.

— Menos você, Jenny — ele tenta se corrigir — Você só atrai confusão.

E eu que pensei que fosse o engraçadinho.

— Tudo bem, Peter — disse ela — Às vezes eu acho isso também.

— Vejo vocês em breve.

— Liam? — Virei em direção a Neil — Obrigado.

— Cuidem-se.

Estava guardando minhas coisas no carro, quando Peter se aproximou. Todo o olhar descontraído sumiu do rosto dele. Como suspeitei, pelo bem de Jenny, também estava fingindo uma descontração que na verdade não existia.

— Está mesmo indo para o Texas? — Ele apoiou-se contra a porta do carro.

— Preciso colocar Julianne a par de tudo o que aconteceu.

— Acho melhor deixar essa parte de fora — ele indicou a cabana.

— Quer que eu minta para ela?

— Não falo apenas por ela — disse ele — Falo por sua família e até mesmo Adam. Ninguém pode saber de nada.

— Está me dizendo que Adam está fora disso?

Eu duvidava.

— Até a parte que eles fugiram, ele sabe. O restante é uma incógnita para ele, e é melhor assim. Quanto menos pessoas souberem, será melhor e mais seguro. Isso aqui é como um efeito dominó, todos os envolvidos irão desabar. Não é coerente que nosso melhor advogado esteja sujo até o pescoço.

Entendi. Se Neil e Jenny fossem presos, a polícia iria cavar bem fundo. Não era porque era meu

irmão, mas Adam era um excelente advogado, tinha um escritório respeitado e não haveria ninguém melhor para nos defender.

— Eu confio em Julianne.

Eu não gostava da ideia de esconder isso dela, eu tinha prometido sinceridade, sempre.

— Você só estará protegendo-a — ele insistiu — Quanto menos ela souber, menos poderá ser acusada. Não acho que a família dela aprovaria que ela fosse envolvida nisso.

Fazia sentido. Se eu caísse, a arrastaria na lama comigo.

— Tudo bem — murmurei, aborrecido — Por enquanto, ficarei calado, mas isso não será para sempre, não é?

Não falo apenas do meu mais novo segredo, mas dos riscos que Neil e Jenny corriam.

— Assim que for seguro, vou mandá-los para bem longe. Até lá, temos que ser discretos. Seremos interrogados e vigiados pela polícia.

Peter tinha razão. Eu não tinha o direito de envolver Julianne naquilo.

Capítulo 39



FIQUEI SABENDO SOBRE A DESGRAÇA que se abateu sobre a família Durant através de uma revista sensacionalista, que vi no aeroporto. O assunto estava sendo explorado por todos os meios de comunicação. Ainda com a mala e exausta depois da viagem e da tensão dos últimos dias, fui direto para o apartamento de Liam. Neil e Jenny eram muito importantes para ele e com toda certeza deveria estar arrasado.

De repente, parecia que nossas vidas tinham sido viradas de cabeça para baixo. Penelope com Ben no hospital, Neil e Jennifer Durant procurados pela polícia, eu afundando em um rio de mentiras e, no meio disso tudo, Liam.

Deixei minha mala perto da porta. Já tinha anoitecido, mas o profundo silêncio indicava que Liam ainda não tinha chegado do trabalho. Aproveitei para usar a banheira. Quase uma hora depois, praticamente me arrastava de volta para o quarto. Peguei uma das camisas do Liam e uma cueca nova, tenho certeza que ele não iria se importar.

Fui para a cama e peguei o travesseiro dele. Tinha o cheiro do Liam. Meu coração se comprimiu de saudade. Fechei os meus olhos e comecei a lembrar de todos os momentos que passamos, até ser vencida pelo sono e cansaço.

Acordei com seus beijos subindo pelas minhas coxas nuas, pelas costas por cima da camisa, terminando em meu pescoço.

— Você voltou. — Ele murmurou, antes de atacar minha boca com entusiasmo.

A melhor boas-vindas que recebi na vida. Eu faria a cansativa viagem de ida e volta de Nova York ao Texas milhares de vezes, só para ter essa recepção.

— Como você está? — acariciei o seu rosto e notei as olheiras abaixo dos olhos.

— Você já sabe?

— Está em todos os jornais.

— Nada daquilo é verdade — ele resmungou, sentando ao meu lado na cama — A maior parte é mentira, especulações para vender jornal.

— Acredito em você. Mas fugir não foi algo sensato, não acha? As pessoas dizem que foi um atestado de culpa.

— As pessoas não sabem o que falam. Adam está reunindo as provas necessárias para provar a inocência deles. Eu tenho certeza que ele poderá ajudá-los.

— Você teve alguma notícia deles?

Percebi sua tensão em relação à minha pergunta, mas ele levantou, ficando de costas para mim, e começou a tirar a roupa.

— Vou tomar um banho.

— Liam?

— Não sei de nada, Julianne — ele parou na porta, suas costas eram as únicas imagens que tinha dele; isso me frustrava — Nada que eu possa dizer, desculpe.

Aquilo era um atestado de culpa tão claro como o que Neil e Jenny tinham enviado às autoridades. Não me surpreendia que Liam socorresse os amigos caso precisassem, mas ficava preocupada que algo pudesse acontecer a ele.

Parece que os meus segredos não eram os únicos fantasmas entre nós dois. Por ora, eu deixaria que ele estivesse pronto para me contar. Mas não conseguiria ficar no escuro por muito tempo, sabendo que ele corria perigo. Não se pudesse ajudar de alguma forma.

Só percebi que tinha cochilado outra vez quando senti Liam se revirando na cama, com toda certeza, não estava conseguindo dormir.

O quarto estava escuro, então acendi o abajur da mesinha de cabeceira ao meu lado.

— Não consegue dormir?

Ele alisou meu braço, mas não respondeu.

Fiquei de joelhos na cama e tirei a camisa, ficando apenas de cueca diante dele.

Sexo entre nós sempre foi divertido, intenso e romântico. Não sabia se era certo usar isso para confortá-lo, mas não apenas desejava como queria e precisava me sentir mais conectada a ele.

Com o olhar de admiração dele sobre mim, tirei a cueca e sentei em seu quadril. Comecei beijando seus lábios, passei pela bochecha, dei mordidinhas em sua orelha. Senti seus dedos arranharem suavemente minhas costas.

Beijei seu pescoço, como ele sempre fazia comigo, e ouvi seu gemido de aprovação. Minha boca e meus cabelos deslizaram por seu peito nu quando escorreguei por ele. Ajudei-o a se livrar da calça do pijama e cueca.

Seu pau já estava semiereto. Ele saltou para frente quando o coloquei em minha boca. Seus gemidos e a resposta de seu corpo me guiavam. Queria dar tanto prazer a ele quanto proporcionava a mim.

— Calma aí, garota — grunhiu, excitado, e me puxou para cima dele, quando tive a certeza de que o faria gozar — Vem cá.

Por precaução, como gracejava Liam, sempre havia uma caixa de preservativo na mesinha. Às vezes ele me acordava durante a noite, outras vezes era eu que o procurava. Sua cautela nunca foi tão bem-vinda como agora, não sabia se conseguiria esperar mais, precisava de Liam como precisava de ar para respirar.

No instante seguinte, sentia-o deslizar para dentro de mim, deliciosamente profundo, completandom-me.

— Ah... — gemi e apoiei minhas mãos em seu peito, e ele cravou as suas em minha cintura.

Comecei a ditar os movimentos, lentamente.

— Julianne — olho no olho, seguimos em um ritmo cadenciado, controlado por mim.

— Liam..

Mais forte, mais profundo, mais intenso.

Sua boca sugava meus seios, fazendo minha pele arrepiar, enquanto eu desmanchava em seus braços. Com o mesmo ardor que me entregava, o recebia.

Sussurrando nossos nomes, nos entregamos à paixão que nos consumia.

No dia seguinte, encontrei Liam à mesa, lendo seu jornal. Ainda estava usando sua roupa de corrida.

— Alguma boa notícia? — perguntei, apoiando-me em uma pilastra da cozinha.

— Só lixo — ele jogou o jornal em uma cadeira e bateu em uma das pernas para que me aproximasse dele.

Vestia apenas a sua camisa, usando-a como camisola. Acompanhei seu olhar predador conforme seguia até ele.

— Como foi sua visita ao Texas?

Notei que mudava de assunto. Sentei em seu colo, em vez de insistir na conversa anterior. Eu gostava de ficar assim, quase que sendo embalada por ele.

— Ah, você me trouxe muitos problemas — disse, séria — Um grande problema.

Depois que encerrei a ligação, Austin e eu tivemos uma discussão épica.

— Eu?

— Você, sim — suspirei, ao me lembrar da briga — Eu disse que meus irmãos eram bem protetores. Chegam a ser ridículos, mas eles são mesmo, e acho que morrerão assim. Quando disse

que era meu namorado...

— Primeiro, por que *você* não disse que eu era seu namorado? — Ele se levantou e levou sua xícara até a pia — Segundo, não achei que fosse um segredo.

Não deveria ser, mas eu queria apresentar Liam à minha família quando algumas questões fossem resolvidas e de forma mais adequada. Sem brigas e confusões. Eu sabia que, quando eu falasse a palavra *namorado*, abriria caminho para um verdadeiro interrogatório, com direito a prendê-lo no celeiro, sem exageros da minha parte.

— Terceiro, tem vergonha de mim, Julianne? — Eu o encarei sem conseguir acreditar na pergunta — Por isso não falou sobre mim aos seus irmãos?

Nossa primeira briga como casal e Liam perguntava se eu sentia vergonha dele?

— Ah, claro que eu tenho — peguei alguns flocos de cereal que tinha começado a colocar na vasilha e arremessei sobre ele — Que mulher não teria vergonha de um homem lindo, educado, inteligente, bem-humorado, sexy e bom de cama como você?

A cada elogio eu ia jogando mais cereal, que ele tentava desviar. O bico de menino com raiva queria se desfazer para dar lugar a um sorriso, mas ele não dava o braço a torcer. Bom, eu muito menos.

— Seu irmão disse que não sabia nada, nadinha, absolutamente nada sobre mim. Eu quase te apresentei aos restos mortais dos meus avós. E me resumiu a um nada, nadinha?

Ele estava inseguro? Não conseguia acreditar nessa possibilidade.

— Austin é um idiota metido a valentão — disse, agora eu que estava zangada. Com meus irmãos por sempre estragarem tudo, com Liam, com o mundo — Você ouviu muito bem pelo telefone. Para ele, sou a princesinha que precisa ser cuidada. Eu tive que praticamente implorar para que não obrigasse Dallas a fazer uma busca minuciosa na delegacia de toda a sua vida.

Saí batendo o pé, antes que fosse eu a perder o controle. Liam não poderia estar levando a sério as babaquices dos meus irmãos. Descontei toda minha indignação nas pobres das almofadas quando me joguei no sofá.

— Você disse sexy? — ele puxou meu rabo de cavalo e inclinou minha cabeça para trás.

Estava sorrindo, lindo e de forma irritante.

— Sexy, “ele é sexy”? — disse ele ao pé do meu ouvido — Ou “Uau, ele muito sexy!”?

Queria ficar irritada com ele, pelo menos por mais do que dois minutos deveria ficar irritada, mas simplesmente era incapaz disso. Liam tinha feito aquilo para me provocar, desviar o foco por eu ter ficado contrariada. Depois, ele gostava de me provocar porque devia sentir um prazer inenarrável. Como um gatinho batendo no rato antes de ir para o ataque.

— Sexy como... — fingi que parei para pensar — “Minha nossa! Eu quero esse homem nu,

acorrentado à minha cama.”

Ele sorriu e inclinou sobre mim, dando o mais incrível beijo Homem Aranha, protagonizado por Kirsten Dunst e Tobey Maguire.

Quem disse que a melhor parte de brigas sem sentidos, como essa, era fazer as pazes, não estava errado. Não se tratando de nós dois.

Eu mal havia colocado a minha bolsa sobre a mesinha quando a campainha tocou. Não poderia ser Liam, a agenda dele andava bem corrida nessa semana, com uma cirurgia atrás da outra. Só nos falamos à noite e muitas vezes por telefone. E como não tinha amigos na cidade, que não fosse do trabalho, de onde acabei de vir, não faço a menor ideia de quem poderia estar à porta.

Abri e me deparei com dois homens de terno. Um deles era calvo e não tinha o ar muito acolhedor. O outro era mais jovem e mais alto, loiro.

— Penelope Walker? — perguntou o rabugento.

— Vocês, quem são?

— Detetive Cooper e agente Stephen — ele respondeu e mostrou sua credencial — Queremos falar com a Sta. Walker.

— Ela é minha prima — respondi, procurando ficar calma — O que aconteceu?

O mais amigável fez sinal, perguntando se poderiam entrar, e eu me afastei da porta.

— Sua prima trabalhou para Neil Durant? — Era mais uma afirmação do que exatamente uma pergunta.

— Sim — fui até o sofá, mas eles continuaram em pé, olhando o apartamento.

O detetive Cooper caminhou pela sala, com seus olhos atentos a tudo, o outro permaneceu junto à porta.

— Ela está em casa?

— Minha prima não mora mais em Nova York.

—Que conveniente, não é, Stephen? — Ele sorriu de um jeito intimidador — O Sr. Durant desaparece com a esposa e a prima dela decide deixar a cidade.

Embora eles claramente acreditassem que sim, eu não era tola. Sabia onde queriam chegar.

— Penelope não tem nada a ver com isso — apresso-me em defendê-la, e percebo que demonstro estar determinada demais em fazer isso — Ela não está envolvida, não fez nada.

— Isso, as investigações e a justiça irão dizer — disse ele — Você deve saber o novo endereço dela e acredito que não se importará em nos dizer, não é?

Eu tinha certeza que Penelope não estava envolvida com a fuga de seu ex-patrão e esposa. Mas eu não podia ter cem por cento de certeza se ela negaria abrigo, caso viessem a precisar. A fazenda era um excelente lugar para esconder alguém. Assim como Liam, o carinho que tinha pelos Durant a faria colocar em risco sua própria segurança.

Mas me negar a dizer onde ela estava seria como assinar sua sentença de culpa.

Cinco minutos depois, e após entregar o endereço da fazenda ao detetive Cooper, enviei uma mensagem para Liam, avisando que precisava vê-lo com urgência.

Liam chegou por volta das nove horas, eu tinha acabado de sair do banho e ainda estava de robe, quando abri a porta para ele. O que me lembrava que eu precisava entregar uma cópia das minhas chaves também.

— A polícia esteve aqui — disse, ao vê-lo tirar a jaqueta e seguir para a sala — Procurando a Penelope.

— E o que disse a eles?

— Só o que eu sabia. Onde ela estava. — Fui até ele no sofá e ajoelhei ao seu lado, segurando sua mão — Onde eles estão?

Ele puxou a mão e ficou em pé.

— Já conversamos sobre isso.

Não, nós não tínhamos conversado. Liam disse que não tinha nada a dizer e eu tinha aceitado, naquele momento.

— Eu preciso saber — insisti, determinada a arrancar a verdade dele — Talvez eu possa ajudar.

— Você não pode! — Disse, exaltado — Não pode e não vai ajudar.

Eu não sei até que ponto Penelope está envolvida e poderia ter dito algo aos policiais que a prejudicasse. Posso dizer algo que prejudique Liam, sem querer.

A minha conversa com Dallas, quando liguei para falar sobre os detetives, tinha sido bem esclarecedora. Qualquer um que encobrisse o casal foragido seria acusado de cumplicidade e obstrução da justiça.

— Não faça como meus irmãos, Liam — acusei, magoada — Não sou uma criança que precisa proteger!

— Então não aja como uma! — Ele protestou, em um tom exaltado.

Foi como levar um tapa. Encolhi, ferida, e Liam também não deu sinais de querer se aproximar. Não foi como nossa briguinha de dias atrás, ele não estava me provocando para fazermos as pazes na cama. Ele estava me mantendo de fora de algo muito grave.

Embora parcialmente eu pudesse entender, eu também escondia coisas. Mas o medo pelo que aconteceria a ele era mais forte. Pelo pouco que via nos jornais e as provas que apareciam contra

Jenny Durant, ela nunca seria capaz de provar sua inocência.

Não tenho bons pressentimentos, e acho que está muito longe dessa história acabar.

— É melhor eu ir para casa — disse ele, pegando a jaqueta, indo em direção à porta.

Estava tão abatido que gostaria muito de poder tirar todo o peso de seus ombros. Há quase duas semanas ele não era o mesmo Liam. Às vezes pegava-o me olhando. Até sentia que tinha algo para dizer, mas de repente retrocedia, como agora.

— Por favor, fica — mal balbuciei o pedido emocionado — Não deve dirigir assim. É perigoso.

Estiquei minha mão e fiquei aliviada quando entrelaçou nossos dedos. Separei uma toalha limpa, e enquanto tomava banho, preparei algo para ele comer. A bandeja ficou intocada ao lado da cama quando entrei no quarto e o encontrei dormindo. Prefери deixar que descansasse.

Talvez eu fosse hipócrita ao exigir que Liam fosse mais honesto comigo, mas os meus segredos, que na verdade nem eram meus, não me colocariam em uma cela solitária e fria.

Capítulo 40



VIVIA EM UM CONSTANTE ESTADO DE TENSÃO. Adam não avançava no processo para provar a inocência de Jenny. Peter estivera praticamente incomunicável, e assim como Julienne, também tinha recebido a visita desagradável dos investigadores. O cerco estava se fechando e eu não sabia o quanto conseguiria deixá-la de fora.

Tive uma noite mal dormida e inquieta. A culpa por estar mentindo me sacudindo de um lado ao outro da cama. Nem a presença de Julienne, que geralmente me acalma, afastou os fantasmas que vem me atormentando. E como notícia ruim não tardava a chegar, as novas chegaram no início da manhã.

Tentei ser rápido e atender o meu telefone antes que acordasse Julienne, mas fracassei. Ela sentou na cama, esfregando os olhos, assim que levantei.

— Jennifer vai ter os bebês — disse Peter, estava completamente insano ao telefone — Venha para cá, Liam. Agora.

— Eu estou indo. Peça que ela fique calma — murmurei, ao vestir a calça, pulando em cada perna — Aliás, peça que ele fique calmo também.

— Liam — disse Peter — Tenha cuidado para não ser seguido e venha logo.

Procurei minhas chaves pelo quarto e lembrei que as deixara no banheiro. Retornei e encontrei Julienne vasculhando seu guarda-roupa. Suas intenções eram claras, mas eu não podia e nem queria envolvê-la nisso.

— Eu tenho que ir — beijei sua cabeça, recusando-me a olhar em seu rosto, fugindo da raiva e do desapontamento que certamente estariam lá.

O caminho de ida até a cabana, embora eu já conhecesse, foi bem mais tenso. Prestava atenção em todos os carros à minha traseira e que corriam ao meu lado. Por dois momentos, pensei estar sendo seguido. Cheguei a parar em uma lanchonete até sentir que era seguro continuar.

Cheguei à cabana, e a pequena confusão em relação ao parto de Jennifer havia parcialmente acabado. Neil, com a ajuda de seu segurança, haviam conduzido o parto.

— Você fez tudo certo, Neil — acalmei-o com um sorriso — Parabéns, seus filhos são lindos.

Enquanto Jenny apreciava seus bebês, Neil me arrastou para um canto mais afastado deles.

— Precisamos levá-los a um hospital?

— Ela está bem. Os gêmeos estão bem. Muitas mulheres têm filhos em casa todos os dias. O ideal é que os levem para alguns exames mais tarde, mas fique tranquilo.

— Quando devemos ir? — indagou ele.

Quando se trata de sua família, Neil era quase que paranoico no instinto de proteção, não que eu seja diferente.

— Deixe que Jenny descanse um pouco, Neil — murmurei, batendo em seu ombro — São apenas exames de rotina. Ocorreu tudo bem durante a gestação, e o parto, apesar de difícil, não teve complicações. Acalme-se e curta esse momento.

Eu não achava que entenderia. Irritado com esses pensamentos pessimistas, os afastei de minha cabeça.

Olhei em volta da cabana rústica, praticamente sem conforto algum. Senti um duro golpe no peito, ao lembrar que aqueles pequeninos tinham um lindo quarto decorado, esperando por eles. Ali não havia nada, além do amor de seus pais.

Antes que eu fizesse um papelão como Peter, durante o parto, decidi partir e deixar que o casal se aconchegasse em sua bolha de felicidade.

— Então você desmaiou durante o parto? — provoquei Peter, ao chegarmos ao meu carro.

Ele me olhou com ódio e fechou o punho com força. Atiçar um leão irritadiço não seria uma boa ideia, mas eu não conseguia evitar.

Embora eu devesse ser mais complacente com ele, homens desmaiavam nas salas de parto o tempo todo, faziam isso até em casamento, não importava quão machões poderiam ser.

— Mais uma palavra sobre isso e eu arranco aquilo que chama de cérebro — disse, colérico.

Levantei as mãos em sinal de paz, mas não pude esconder meu largo sorriso.

Um homem do tamanho dele, desmaiar ao ver duas crianças nascerem, era assunto para dezenas de gerações rirem.

— Vamos nos atentar ao que é realmente importante — disse ele — Preciso tirar Neil e Jenny o quanto antes daqui, acha que posso removê-los, agora que os bebês já nasceram?

— Eu recomendaria pelo menos um ou dois dias de descanso para ela.

Peter parecia nervoso mais do que o normal, e embora tivesse a polícia na cola deles, acho que era mais do que isso que o preocupava.

— Tem algo mais acontecendo?

— Suspeito que Nathan esteja vivo.

— Como é que é!?

Não conheci o Nathan, mas o pouco que sei, era que ele era um demônio em forma de gente.

— Se ele não estiver vivo, alguém está usando-o para nos distrair — murmurou ele, frustrado —

Para investigar, eu preciso me afastar. Isso significa deixar Neil e Jenny expostos.

Aquilo não era nada bom. Eu preferia ter todos os mafiosos do país em nosso encalço do que ter que lidar com Nathan.

— Posso revezar com você — indico a cabana.

Ele negou com a cabeça antes de dizer:

— Já se envolveu demais, Liam — disse, contrariado — E como vão as coisas com a Julienne?

Tive uma esclarecedora conversa com Adam, onde ele me explicou as consequências que aconteceriam a mim “se” estivesse encobrindo um foragido da lei.

— A polícia foi procurá-la ontem — vendo seu olhar aborrecido, logo tratei de explicar: — Inicialmente atrás da Penelope.

— Irão atrás de todos os conhecidos, amigos e familiares. É o trabalho deles.

Não estava contra a lei; a lei infelizmente estava contra nós.

— E se você desse um tempo? — Peter sugeriu — Não é definitivo. Só até que Adam encontre uma forma de inocentá-los ou que eu consiga tirá-los do país.

Provavelmente Peter tinha chegado à mesma conclusão que eu: dificilmente alguém acreditaria que Julienne não nos ajudou.

— Primeiro eu minto para ela — digo a ele, irritado — Depois eu a afasto de mim. Pareço uma cópia ridícula do meu irmão.

Havia criticado tanto Adam por agir assim, que agora tomava uma alta dose do meu próprio veneno. Compreendo agora a angústia que ele deve ter passado, e me sinto um verdadeiro babaca.

— Sinto muito, Liam — disse, pesaroso — Queria ter todas as respostas. Queria ter todas as soluções. Eu estou tentando... eu...

Ele não iria chorar, era durão, mas não tenho vergonha de confessar, eu gostaria. Por Neil, Jenny, os bebês que mal vieram ao mundo e estão presos nessa confusão. Pela pequena Anne, desolada em casa, longe do pai e da mulher que aprendeu a amar como mãe. Por Julienne, por quem tinha me apaixonado perdidamente e agora corria o risco de perder, seja por minhas mentiras ou pelo pulso firme da lei.

— Vai conseguir nos tirar dessa — disse a ele.

Adam estava empenhado. Peter tinha determinação e eu tinha fé. Por ora, teria que bastar.

Capítulo 41



PENELOPE ESTAVA DE VOLTA, e eu não sabia se ficava aliviada ou preocupada, já que o momento de contar a verdade a Liam estava chegando.

— Como andam as coisas por aqui? — pergunta Penelope, voltando do quarto.

Ela tinha ido colocar Ben para dormir e eu fui para a cozinha preparar um lanche.

— Por que não me disse que o seu Liam era o meu Liam?

Será que ela não tinha ligado os fatos, as vezes que comentei sobre ele, antes de descobrir a verdade?

— Primeiro eu teria que saber que o seu Liam era o meu Liam — defendeu-se ela — Faz algum tempo que não me conta nada.

Puxo a cadeira em frente a ela e sento. Olho para o chão, mas, no fundo, não vejo nada.

— Estou apaixonada... — antes que ela possa se pronunciar, ergo a mão, pedindo que me deixe continuar — Não, não é uma paixonite juvenil ou um capricho. Depois que você foi embora, eu tive que aprender a me virar sozinha. Opção minha, eu sei, mas eu tive. Foi importante para o início do meu amadurecimento.

Faço uma pequena pausa e continuo:

— Ele disse claramente que não suporta mentirosos. Acho que deve ser por causa da ex-noiva do seu irmão. Ou porque ele simplesmente não suporta mesmo. A verdade é que começou como uma mentirinha, e quando vi... — digo diariamente que tenho que ser forte, mas eu só queria alguém que me abraçasse e garantisse que tudo ficaria bem — Tem você, o Benjamin. Ele não vai me perdoar.

Penelope devolve o sanduíche ao prato e, com uma expressão de culpa no rosto, vem me abraçar.

— Sobre Benjamin, eu sei que estive errada. Sobre Liam, ele é um cara legal. Irá perdoar você.

— E você, irá perdoar o Adam?

Ela não foi capaz de me dar uma resposta.

Passamos o resto do dia nos atualizando do que tinha acontecido aqui e na fazenda. Penelope veria

Adam no dia seguinte e eu ficaria com o Benjamin. Troquei o domingo de folga pelo dia seguinte, mas se ela fosse mesmo voltar para a DET, eu teria que mexer no meu turno ou abandonar o trabalho, já que ela precisará de ajuda com o bebê.

Gosto de ficar com o menino. Eu não sei se é porque meu relacionamento com Liam está sob uma navalha, mas sempre que olho para Benjamin, eu o vejo. Imagino se conseguiríamos resolver nossos problemas. Se nos casaríamos um dia, se teríamos filhos. Seriam tão parecidos com ele como Ben era parecido com Adam?

Era tola demais por sonhar? Ainda era muito nova para casamento e filhos, e eu queria estudar, mas em um futuro próximo, todos esses sonhos seriam possíveis?

Passei uma manhã encantadora com Ben, e quando Penelope retornou, a enchi de perguntas sobre seu reencontro com Adam. Ela fugiu da maioria delas, alegando que precisava cuidar do bebê e me responderia depois. Na verdade, notei que estava bem abalada, então dei espaço para se recompor.

E quando ela colocou o carrinho com o bebê adormecido ao lado do sofá, onde eu estava, voltei às minhas questões sem respostas.

— Então? Ele perguntou do menino?

— Não, Julienne — parou para pensar um instante antes de indagar: — Você entregou a carta que eu pedi?

— Sim. Fui duas vezes à casa dele e não o encontrei. A empregada disse que tinha ido viajar, sem data para retornar. Então deixei a carta com ela.

Ela ponderou sobre minha resposta.

— Mas você falou sobre o Ben? — indaguei, ansiosa.

O acordado era que Penelope se resolvesse com Adam antes de informar à família dele sobre o novo membro. Mas eu praticamente estava com o pé na porta para contar a Liam.

Há dois dias que só falamos por mensagens ou ligações rápidas, já que viajou a trabalho. Mas, a qualquer minuto, ele poderia aparecer por aqui. Se bem que, todas as vezes que nos falamos, ele parecia bem distante. Provavelmente era loucura da minha cabeça, mas estava desesperada para tirar esse peso dos meus ombros.

— Não diretamente. Eu disse que precisava trabalhar de manhã. Ben é mais calmo de manhã — ela começou a explicar — Citei a irmã dele como exemplo, sabe, não sei como foi com as gêmeas. Ele parecia aéreo, não prestou atenção no que eu disse, ou só quis mudar logo o assunto, mas concordou com o horário. Então, se para você não tiver problema...

Fiz uma careta para ela. Claro que eu não me importava. Já estava apaixonada pelo bebê, e como ela disse, ele era supertranquilo de manhã, dormia a maior parte do tempo. Além disso, meu horário de trabalho no café era à tarde, não iria mudar em nada.

— Está brincando? — indaguei, feliz — Eu vou ensaiando com ele.

— Ensaizando?

— Test drive — sorri — Para os meus próprios bebês.

Eu os teria, e com Liam. Penelope resolveria aquela confusão e todos nós seríamos felizes. Aliás, eu resolveria aquela confusão e já sabia como. Cantarolando, segui para o meu quarto com a cabeça cheia de ideias para o retorno dele.

Capítulo 42



EU TINHA ACABADO DE RETORNAR DE VIAGEM, que fiz para me manter afastado de Julianne e fingir normalidade na minha vida para não levantar suspeitas sobre mim.

Foi quando o inferno caiu sobre nossas cabeças. O que não poderia ficar pior, ficou, com a prisão de Jennifer e o desespero do Neil. Não sei como, a polícia havia descoberto seu esconderijo e agora ela estava nas mãos da justiça, aguardando julgamento.

Assim que eu soube, segui direto para a casa do Neil. A governanta avisou que ele estava no escritório, foi para onde segui. Richard estava lá com ele.

— Oi, Neil — parei indeciso na porta, na verdade, não sabia bem o que dizer — Voltei hoje e só soube agora o que aconteceu. Eu vim ver como você está e dar uma olhada nos gêmeos. Sabe que eles precisam de um pediatra, não é?

— Paige e minha mãe já cuidaram disso, sente-se — ele indica uma cadeira ao lado de Richard, a quem cumprimento com um aceno.

— Isso é bom. Essa ruptura entre eles e a mãe pode ser traumática. Como Jenny está? — sacudo a cabeça ao me dar conta da estupidez da minha indagação — Que pergunta, deve estar péssima.

— Onde esteve, Liam? — Não foi a rispidez nas palavras que me surpreendeu, foi o olhar duro.

— Eu sei que estou em falta com você — a ideia que eu saísse um pouco da cidade tinha sido do Peter — Acredite, se tivesse ficado sabendo antes...

— É segredo? Esteve com alguma mulher casada?

Eu quase ri, se não soubesse que ele não estava brincando.

— Prefiro não tocar no assunto agora.

Estou ultrajado que ele me tenha em tão baixa consideração, quer dizer, o mundo está acabando e, para ele, eu estava me divertindo com alguma mulher?

— Não quero incomodá-lo com os meus problemas — murmurei, irônico — O que houve com a sua mão?

— Minha mão? Estive treinando como deixar o rosto de um traidor.

— Não trouxe minha maleta — a minha mala de viagem ainda estava no carro — Mas posso dar uma olhada nisso.

Observo Richard e ele trocarem olhares. Certo, eu estava cansado da viagem. Tive seguidas noites mal dormidas, mas eu não era idiota, alguma coisa estava acontecendo.

— O que aconteceu, quando você esteve na cabana? — O olhar desconfiado recai sobre mim — Lembro que demorou muito para chegar, naquele dia.

— Eu percebi que tinha um carro me seguindo — respondi, me perguntando onde exatamente ele queria chegar — Eu já falei sobre isso.

— Tem certeza que o despistou?

— Acho que sim — tento me lembrar do dia em questão — Eu não sei bem, eu tentei. Como descobriram onde vocês estavam?

— Adam disse que foi uma denúncia anônima. No mesmo dia que mandou que Dylan saísse para fazer compras.

— Espera aí... — recuso-me a acreditar no que ele está insinuando — Acha que fui eu?

— Foi?

Se ele tivesse me dado um murro, não teria doído tanto. Abro e fecho minha boca, sendo impossível encontrar as palavras certas.

— Depois de tudo o que eu fiz? — indago, amargurado — Arrisquei minha carreira mais de uma vez para ajudá-lo.

— Eu agradeço, mas...

— Dane-se seu agradecimento — levanto, furioso, e caminho até a porta — Eu só vou desculpá-lo porque entendo o que está passando. Quando estiver raciocinando com clareza me procure, ajudarei no que puder.

Não poderia ficar mais um minuto ali. Neil me acusava exatamente do que ele fazia agora — *Traição.*

Eu, que tinha arriscado minha carreira e mantinha longe o grande amor da minha vida porque fui seu amigo fiel.

Mal me acomodo no volante quando meu telefone começa a tocar. Apesar de não querer falar com ninguém, seria uma distração para controlar minha raiva. Queria voltar e rachar o crânio do Neil.

— Liam, pode vir ao meu escritório? — Adam pergunta assim que atendo.

Pelo visto, meus problemas só iriam multiplicar. Suspeita que confirmei quando ele entregou a intimação.

— Foi enviada para a casa dos nossos pais, por engano.

Apesar de estar apreensivo, eu sabia dos riscos que corria quando aceitei ajudar meus amigos.

— Inicialmente é apenas para prestar depoimento — explicou Savannah — Dependendo do que você falar e do que for investigado, pode mudar de testemunha para réu. Eu aconselho a não mentir.

— Defender você não será menos complicado — disse Adam, segurando meu ombro — Mas eu não vou deixar que vá para a cadeia.

Mesmo que eu não vá para a cadeia, minha imagem pública e até mesmo carreira médica iriam para a lama. Quem confiaria em um médico com ficha criminal?

Somente os próprios presos que dividiriam a cela comigo. Ou, então, poderia trabalhar para um chefe de quadrilha como em um desses filmes de gângster.

Meu Deus! Eu tinha arruinado o bom nome da família.

— Liam? — Adam me sacudiu — Está me ouvindo?

Não tinha escutado uma única palavra.

— Como Julienne entra nessa história?

Era minha maior preocupação.

— Provavelmente irão intimá-la também — disse ele — Afinal, é sua namorada. Não é?

— Se for para protegê-la, não é — olhei seriamente para Savannah, antes que pudesse se manifestar — Isso é irrevogável. Eu não disse nada, mas Julienne não é boba, mentiria para me salvar e só complicaria ainda mais a situação dela. Então, ela está fora disso.

Sei que nenhum dos dois ficaram contentes com minha decisão e que isso poderia complicar mais o meu caso. Em meio a tanta merda que eu já havia feito, essa era apenas mais uma. Não me arrependia de ter ajudado Neil e Jenny, como também não me arrependerei de manter Julienne longe disso tudo.

Depois da longa e exaustiva reunião no escritório de Adam, fui direto para meu apartamento. Eu estava agradecido que finalmente tivesse saído da casa dos meus pais. Voltar para lá e ter que encará-los, sabendo tudo o que está por vir, era desolador. Tinha escolhido exercer a medicina porque amava e queria ser motivo de orgulho para eles. Agora, havia destruído tudo, como um castelo de areia desmoronando sobre os meus pés.

Estava cansado, e por essa noite eu só queria descansar. Ainda precisava pensar no que dizer a Julienne. Mordi o envelope com a intimação, enquanto equilibrava minha mala com uma mão, procurando as chaves no bolso da jaqueta com a outra.

Assim que entrei, a música suave e o aroma de comida, vindos da cozinha, me receberam.

— Oi — ela surgiu, vestindo um avental branco por cima do vestido florido, com uma espátula com molho na mão — Já chegou? Claro que sim. Estou fazendo ravióli.

A última vez que falei com ela, há cerca de alguns dias no Let's, para falar da viagem, eu vinha inventando motivos para mantê-la afastada e, pode ter certeza, doía muito mais em mim do que nela.

Mas eu não podia arriscar que a polícia a visse saindo constantemente do apartamento. Isso iria contradizer minha afirmação de que não tínhamos nada.

— O que está fazendo aqui, Julianne? — derrubei a mala no chão e evitei olhar para ela.

Covarde!

— Eu tenho a chave, lembra? — continuou, alegre e inocente de que brevemente eu enfiaria uma estaca em seu coração — Eu fiz o jantar e...

— Deveria ter avisado que viria — apertei a intimação, praticamente a amassando em meus dedos nervosos — Ter ligado. Ter a chave não lhe dá o direito de entrar e sair quando quiser.

— Ah... — abalada e ferida por minha rispidez, se atrapalhou com a espátula, deixando-a cair no carpete. Gotas do molho mancharam o tecido, e ela se ajoelhou para tentar limpar com a barra do avental — Eu vou consertar, prometo.

Eu não podia fazer isso. Não com ela. Não desse jeito.

— Levante, Julianne! — a necessidade de controlar minhas emoções fez minha voz parecer mais dura do que realmente pretendi. Segurei seus ombros e a ajudei a ficar de pé — Deixa que alguém da limpeza faça.

— Tá bom — se ela estivesse se debulhando em lágrimas, acho que eu teria conseguido lidar com isso, mas os olhos marejados, que ela tentava bravamente segurar, me aniquilou por dentro — Desculpe.

O que eu admirava em Julianne é que ela não usava de sentimentalismo para me manipular. Eu via em seu rosto como estava ferida e magoada, mas não faria o papel de vítima.

Sua determinação em parecer forte só destacava a fragilidade dela.

E era isso que eu precisava fixar em minha mente. Como ainda era frágil e delicada; ainda uma menina.

— Foi bom você ter vindo — disse ao me afastar dela — Precisamos esclarecer algumas coisas, e é melhor fazer isso de uma vez.

Você pode fazer isso, dizia a mim mesmo. É para o bem dela.

— Como você já deve saber, Jennifer foi presa — olhei para o envelope, se eu entregasse a ela, a questão poderia ser resolvida de uma outra forma — Como também deve saber que os ajudei no que pude.

— Eu não vou falar para ninguém — senti sua presença atrás de mim, depois sua mão em minhas costas — Eu nunca vou dizer nada a ninguém.

Sabia disso e era sua afirmação que me impulsionava para o que precisava ser feito.

— Mas eu vou, Julianne — virei para encará-la dessa vez — Eu vou contar toda a verdade à justiça. Então, acho melhor você ficar longe de tudo isso. E quando digo longe, refiro-me a mim.

Ela me encarou, surpresa. Incrédula, para ser mais preciso.

— Já tem o caso da Jenny, o processo que vou enfrentar, e não terei tempo ou cabeça para lidar com você também.

Se minha grosseria há pouco não a levou às lágrimas, as minhas novas mentiras conseguiram.

— Está terminando comigo? — perguntou, em uma voz trêmula.

— Acredite, é melhor.

— Melhor para quem? — pranteou, escondendo o rosto entre as mãos — Melhor para quem, Liam?

Eu podia ser um mentiroso desgraçado, mas não ia ficar vendo-a sofrer daquela forma sem fazer nada. Avancei até ela, levantei o seu queixo, incentivando-a a olhar para mim.

— Não é definitivo — murmurei. Assim como o dela, o meu coração partia em milhares de pedaços dentro do peito — Só até essa confusão acabar e eu voltar a ser o homem que admirava... que amava.

— Você não pode ser o homem que eu amava — soluçou, ao me abraçar forte — Você é o homem que eu amo.

“Também amo você”, quis dizer, mas beijei seus cabelos em resposta.

— É só um tempo, Julianne. É tudo o que posso oferecer agora.

E esperar que nosso amor fosse forte o suficiente para vencer a primeira batalha de nossas vidas.

Sequei meus olhos enquanto as lágrimas dela molhavam minha camisa.

— Tudo bem — ela se afastou, enxugando o rosto e o nariz com as costas das mãos — Iria acontecer mesmo. Que diferença faz se é agora, depois do jantar ou quando... Deixa para lá.

Ela procurou por sua bolsa, a encontrou em uma das poltronas. Carregava uma sacola de roupas, e tenho certeza que era o uniforme do Let's. Tinha saído do trabalho e vindo direto para o apartamento preparar o jantar, e eu havia estragado tudo.

— Não tem que ir embora assim — murmurei, em pânico — Você fez o jantar, fica.

— Você pediu um tempo — disse, em uma voz vacilante — Acho melhor começar agora.

Fiquei parado ali, como se existisse uma parede de vidro que me impedia de avançar, enquanto a via partir. O papel amassado em minha mão queimando como brasa. Uma prova real de como eu era estúpido e idiota.

Olhei para a mesa posta. Lembrei de Adam, e o bolo, e a festa de aniversário que Penelope tinha feito e que ele nunca tinha visto. Pelo visto, ser um cretino era um traço de família, concluí ao ir para o quarto.

Que ironia, passei tanto tempo fugindo de Julianne, acreditando que ela seria um problema, quando era eu que carregava a bomba-relógio nas mãos.

Quebrei o espelho ao entrar no banheiro, constatando que precisaria levar alguns pontos na mão ao senti-la latejar. A dor nem se comparava a que dilacerava minha alma.

Os primeiros dias foram os mais difíceis de suportar. Prestei depoimento, e como Adam e Savannah haviam alertado, inicialmente fui apenas como testemunha. A polícia estava mais interessada em provar que Neil era o mentor da fuga, já que Jennifer resolveu assumir tudo sozinha, do que perder tempo comigo.

De qualquer forma, a guerra com a polícia terminou um dia depois. Konrad Bauer, o tal mascarado que perseguiu Neil, fez uma emboscada para ele. Tudo era uma questão de vingança, o homem tinha sido obcecado pelo Nathan e atribuía a culpa da morte dele a Neil.

Em seu apartamento foram encontradas as provas que inocentaram Jenny. Uma fita de vídeo que mostrava claramente como ele tinha assassinado a Sophia. Para que ela fosse liberta, era questão de horas.

Adam e Savannah já estavam cuidando disso.

— Você tem mesmo a cabeça dura, não é? — disse a Neil, ao entrar em seu quarto no hospital.

— Cadê a Jenny? — ele gemeu ao tentar se levantar — Ninguém me fala nada.

— Adam já está agilizando tudo. Em breve ela estará em casa.

— Quero ir para lá, quero ver minha família, agora que o inferno acabou.

— Já cuidei disso — Digo a ele, passando as roupas limpas — Peter e eu vamos levar você.

Uma hora depois, após termos nos livrado de toda burocracia, estacionamos em frente à casa dele. Peter o ajudou a caminhar até a porta, mas não avançou quando ele começou a entrar.

— Vocês não vêm? — Neil perguntou, da porta entreaberta.

— Temos mais algumas coisas para resolver — Peter respondeu — Além disso, é um momento familiar, curta a sua mulher e seus filhos.

Diante de meu olhar pasmo e confuso, Peter me empurrou de volta para o carro.

— Sinceramente, não estou entendendo — confessei assim que entramos — Jenny já está lá dentro.

Ele tirou o boné e passou a mão nos cabelos curtos.

— Se eu dissesse que acho que isso não acabou?

Ah, ele só poderia estar querendo foder comigo.

— Como assim, não acabou? — perguntei, incrédulo — Jenny foi solta e Konrad está preso. Fim. Não fode com a minha vida, Peter!

Ele não riu da piada, pelo contrário, continuou a me olhar seriamente.

— Tem mais coisas aí. Acho que o Konrad está escondendo ou tramando alguma coisa. Tinha alguém ajudando ele, e as coisas não se encaixam.

— O que você pretende fazer?

— Primeiro, vou conseguir uma autorização para interrogar o Konrad — respondeu ele — Depois vou verificar isso mais a fundo. Preciso que você fique de olho nas coisas para mim. Não quis falar para o Neil, mas algo não me cheira bem.

— Isso afeta qualquer um de nós, de algum jeito?

— Acho que mais do que eu gostaria.

Porra! Adeus vontade ferrenha de correr para os braços de Julianne e dizer como tinha sido burro em pedir um tempo. Se o perigo não havia acabado, ainda não era seguro me reaproximar. Peter não brincaria com algo tão importante.

— Quando isso acabar, você irá me ajudar a reconquistar Julianne, então é bom pensar em um bom plano.

— Por que eu? — perguntou, espantado.

— Você é o único que consegue sequestrar pessoas e não ir para a cadeia — informei, irritado.

— Jesus! — disse ele, cobrindo o rosto com o boné — Quando isso acabar, eu vou tirar férias de vocês.

— Então, resolva isso rápido — resmunguei ao colocar o cinto — Descubra alguma coisa do que o aflige, não vou esperar mais do que essa semana.

De qualquer forma, eu ia pensar como ter a pestinha de volta. Nem que eu precisasse me arrastar aos pés dela.

Volto à casa de Neil e Jenny no dia seguinte. Ela está preocupada com o comportamento um pouco recluso do marido, mas eu garanto que deve ser um efeito pós-traumático e sugeri que procurassem um médico. Ou poderia ser que Peter tenha revelado suas suspeitas a ele e Neil estivesse poupando-a de mais aborrecimentos. Depois de tudo o que ela passou, seria completamente plausível.

Quatro dias tinham se passado, até que tive visitas inesperadas em meu apartamento, no início da madrugada. Todos os meus amigos, com exceção de Neil.

— Por enquanto, seu apartamento é o local mais seguro para nos encontrar — disse Peter, sentando em uma cadeira virada ao contrário.

— Nos encontrar para quê?

A única coisa que eles fizeram ao entrar foi perguntar se eu estava sozinho. Depois passaram a vasculhar telefones e vários objetos da casa, procurando sei lá o quê.

— Lembra o que eu disse, sobre a suspeita que Nathan estivesse vivo? — Peter perguntou.

— Sim, mas ele está morto — respondi — Konrad estava por trás de tudo. O suicídio dele na prisão comprova isso.

— Não foi suicídio — Adam respondeu — Ele foi assassinado. Nathan o matou para que não o delatasse.

Mesmo se eu estivesse preso, dentro de um pesadelo, ainda assim, aquela história parecia absurda demais.

— O que o Neil acha disso?

Eles se entreolharam, e fico irritado porque não me contam a verdade logo.

— Aquele naquela casa não é o Neil — diz Richard — Nathan sequestrou o Neil e está no lugar dele.

Merda! Estávamos presos em algum filme confuso de Woody Allen? Porque parecia.

— O que estamos fazendo aqui, conversando?

— Minha equipe está cuidando em rastrear o celular de onde o Neil enviou a mensagem, pedindo ajuda — disse Peter — Jenny está presa à chantagens de Nathan. Até sabermos onde Neil está, precisamos deixar que ele acredite que está tudo bem.

Peter só poderia estar surtando. Como ele confia deixar Jenny e as crianças com um lunático feito Nathan?

— Precisamos estar um passo à frente dele — continuou Peter, mais calmo do que eu conseguiria ser — Richard está indo para lá. Vai dizer que teve uma briga com a Paige, para passar a noite na casa e ficar de olho em Nathan, além de proteger a Jenny.

Minha vontade era de possuir uma arma e dar um tiro na cabeça daquele maldito. Isso certamente resolveria as coisas.

— Você e o Adam ficam de vigia, em uma casa do outro lado da rua — ele pega uma mochila no chão e tira algo dela — São pulseiras rastreadoras. Nunca fiquem sem elas. Posso localizar vocês em qualquer lugar e momento que eu precisar.

Coloquei imediatamente a pulseira em meu pulso.

— As próximas horas são decisivas. Eu tenho toda a minha equipe envolvida nisso, mas eles não podem se aproximar sem levantar suspeitas — Peter entrega as pulseiras de Richard e Adam enquanto segue com as orientações — A vida do Neil está nas nossas mãos.

Eu tinha muitas coisas para perguntar, mas respostas poderiam esperar um pouco. O importante agora era resgatar o Neil e livrar a Jenny das garras daquele psicopata.

Eu olhava atentamente qualquer movimento na casa. De onde estávamos, e graças aos equipamentos de vigilância que Peter deixou com a gente, era possível olhar quem entrava e saía da casa de Jenny.

Vi Kevin indo visitá-la e sair algumas horas depois. O tempo corria e eu ficava mais apreensivo. Os avanços de Peter eram lentos, e eu estava me segurando para não entrar na mansão e arrancar Jenny e as crianças de lá.

Quando Adam recebeu a primeira resposta positiva, notei um movimento suspeito na casa. Observei Jenny ser praticamente arrastada para fora pelo falso Neil. Ela estava vestida para o jantar organizado por Paige essa noite, mas estavam saindo muito antes do horário previsto.

— Não gosto disso — disse a Adam, que ainda estava ao telefone — Eu vou segui-los.

Ouvi os gritos de Adam atrás de mim, mas já estava ligando a moto de Richard quando ele surgiu na garagem. Passei por ele com pressa, daria explicações depois.

Passei a segui-los o mais longe possível e perto o suficiente para não os perder de vista. Quando fomos pegos por uma parte mais densa do trânsito, aproveitei para enviar uma mensagem rápida a Peter.

Eles seguiam em uma direção oposta da casa de Paige.

Sabia que Peter conseguiria me localizar pelo dispositivo na pulseira. Então não me preocupei em ficar passando, a todo momento, as coordenadas. Esperava que ele conseguisse chegar antes que tivesse que tomar uma medida drástica.

Ao mesmo tempo, desejava que o destino final de Nathan não fosse muito além do que já estávamos, o tanque de gasolina estava chegando à reserva, não tinha a menor possibilidade de parar para abastecer.

O carro foi diminuindo à frente, e percebo que estamos perto de um hangar. A moto começa a desacelerar, e vejo que estou com zero de combustível .

Pelo visto, terei que continuar o caminho a pé. Chuto a lata velha, quando observo outro carro se aproximar atrás de mim.

— Liam, o que aconteceu? — Peter pergunta, do carro.

— Acabou a gasolina — murmuro, tenho vergonha em admitir meu relapso.

— Porra, Liam, não checkou o tanque? — ele urra — Em vez de médico, você deveria ter um diploma de retardado.

Agora eu virei saco de pugilista, só pode.

— Eu não posso pensar em tudo, detetive — resmungo, igualmente irritado — Vigia a casa, Liam, segue o carro, Liam...

— Verifica a porra do tanque, Liam. É a primeira regra básica...

— Há quanto tempo eles passaram por aqui? — a cabeça de Neil aparece na janela.

Estou feliz em vê-lo, mas não podíamos mais perder tempo com discussões idiotas e nem com momentos emotivos de reencontros.

— Por volta de uns dez minutos, mas já não sei que direção tomaram.

— Sabemos para onde foram — diz Neil — Vai, Peter!

— Espere!

Vejo o cheio de músculos e revolta dar partida no carro e corro até eles, abrindo a porta já com o veículo em movimento.

— Eu vou com vocês. Eu não vou perder o show.

Neil me encara zangado e dou conta que havia exagerado na brincadeira. Mas estava nervoso, irritado e coberto de adrenalina, e tinha o direito de sentir todas essas emoções. Foram vinte e quatro horas tensas.

— Pedi que Adam avisasse a polícia. O caldeirão vai ferver.

Peter não corre na pista, ele voa. Quando chegamos ao hangar onde Nathan havia estacionado o carro, a freada foi tão brusca que senti os pneus queimarem.

Neil foi o primeiro a sair do carro, ainda em movimento. Por sorte, Nathan ainda estava tentando arrastar Jenny para dentro do hangar, enquanto ela se agarra a tudo que possa conseguir para impedi-lo.

— Nathan! — Neil berra em direção a eles — Solte-a!

Os minutos seguintes são carregados de tensão. Neil discute com Nathan, tentando manter a atenção dele. O plano era segurá-lo no hangar o máximo que ele pudesse, para dar tempo que a polícia chegasse.

Mas o maior perigo, já que ele estava armado, é que disparasse contra Jenny.

Peter e eu ficamos a postos enquanto os irmãos, tão iguais, ao mesmo tempo tão diferentes, trocavam insultos.

— Entregue-se! — disse Neil, dando alguns passos em direção a ele — É o melhor caminho para você.

— Vá se foder, seu babaca! — disse Nathan, completamente descontrolado.

Ele deu alguns passos vacilantes para trás, afastando por alguns segundos a arma da cabeça de Jenny, onde esteve a maior parte do tempo.

— Vão se foder todos vocês!

De repente, vi tudo mudar. Jennifer, que estivera o tempo todo calada, ergueu a cabeça e mordeu o braço de Nathan em volta de seu pescoço.

— Sua vadia! — ele urrou, soltando-a por um momento.

Neil aproveitou de sua distração e chutou a mão que continha a arma. Pediu que Jenny corresse em direção a Peter, que de nós estava mais próximo ao portão.

Neil e Nathan começaram a brigar mano a mano. Apenas socos e pontapés, muitos deles. Felizmente, a raiva de Neil era superior a qualquer habilidade na luta que seu irmão pudesse ter.

Em minutos ele estava por cima dele, desferindo soco atrás de soco, dedicando a cada pessoa da família ou amigos que Nathan prejudicou.

— E esse é por mim!

— Chega, Neil! — Não tinha percebido Peter se aproximar, ele segurou-o pelos punhos, impedindo-o de continuar.

Provavelmente ele teria matado o irmão. Peter notou isso e impediu que uma tragédia maior acontecesse. Não que Neil fosse ser condenado, Nathan merecia sete palmos abaixo do chão. Mas irmãos não deveriam matar irmãos. Neil não merecia carregar esse fardo, por mais que o desgraçado do irmão dele merecesse.

Assisti Neil se aproximar de Jenny, no mesmo instante que as sirenes de polícia ficaram mais fortes. Segui para onde o casal se abraçava, queria ver se ela estava bem.

O casal se abraçava e beijava, dedicando juras de amor, quando eu detectei um movimento onde Nathan estivera, estirado no chão.

— Maldito! — ouvi o grunhido baixo — Irá para o inferno comigo.

Neil estava de costas. Peter longe demais. Eu não pensei duas vezes.

— Não! — Gritei, tentando chamar a atenção deles.

Era tarde demais. Minha intenção era empurrar Neil para longe da bala, mas ela atingiu minhas costas, fazendo meu peito queimar.

Foi como se alguém enfiasse um ferro curtido na brasa.

Liam!, escuto ao longe. Estou caindo.

Penso em meus pais, Katty, minhas sobrinhas e Adam. Vejo um sorriso doce surgir à minha frente. *Julienne*.

Parece tão real. Se eu esticasse os braços, sinto que poderia tocá-la.

— Eu te amo — sussurrei, antes de meus olhos começarem a fechar.

Sabia que ela não era real, mas meu desejo era que estivesse aqui e pudesse ter dito isso a ela.

Amo você, Julienne.

Obviamente, meus últimos pensamentos foram para ela.

Capítulo 43



TINHA PASSADO MAIS DE UMA SEMANA desde que Liam havia pedido “o tempo”.

Eu já tinha enviado um monte de mensagens para ele e não recebia nenhuma de volta. Ele disse que o distanciamento seria apenas até o caso de Jennifer ser resolvido, e embora na época eu ter acreditado que aquilo nunca iria acontecer, um milagre tinha surgido.

Então, por que o Liam não me ligava de volta? Eu tinha até decidido contar sobre Benjamin, a mãe dele querendo ou não.

“Só me diz se você está bem”, enviei a mensagem.

Provavelmente estava cansado da minha insistência. Estava ficando patética, me rastejando por alguém que visivelmente parecia querer distância de mim.

— Tudo bem? — Ellen perguntou, quando entrou no vestiário — Ainda não teve notícias dele?

Balancei negativamente a cabeça em resposta e joguei o celular na bolsa. Dei adeus a Ellen e fui para a estação de trem.

Eu tinha um aperto no peito, uma sensação ruim, como um pressentimento. Talvez meu coração estivesse se preparando para uma ruptura definitiva.

Quando cheguei em casa, não queria falar com ninguém, mas Penelope me esperava na sala. A expressão angustiada em seu rosto denunciava a tentativa de parecer calma.

— O que aconteceu? — para a minha surpresa, minha voz saiu firme, embora por dentro eu estivesse tremendo — É o Liam?

— Vamos para o sofá? — disse, em sua voz ainda mais doce que o normal.

Meu coração batia forte no peito. Deixei a bolsa cair aos meus pés, mas não consegui dar um mísero passo. Foi Penelope a me conduzir. Agradei intensamente por ter me ajudado a sentar, minhas pernas estavam como gelatina, e eu nem sabia ainda o que tinha acontecido. Mas eu pressentia que era algo muito grave.

— Antes que eu fale — ela segurou minhas mãos; estavam frias — Quero que tente ficar o mais tranquila possível, tudo bem?

Disse que sim, apenas para que tomasse coragem e me falasse o que tinha acontecido de uma vez.

— Liam está no hospital — disse ela — Ele levou um tiro.

Puxei minhas mãos e olhei com incredulidade para ela.

Liam? Hospital? Tiro?

Aquilo não era possível. Não o meu Liam. O homem que eu amava enlouquecidamente e que poderia ser tirado de mim.

Explodi em um choro compulsivo e desenfreado. Sentia falta de ar e parecia que minhas lágrimas estavam me afogando.

— Não é verdade! — tentei me levantar, mas meu corpo não respondia aos comandos do meu cérebro — Diz que não é verdade... Diz que ele está bem.

Preferia mil vezes ter encontrado Liam aqui, dizendo que não me amava mais, embora fosse me ferir da mesma maneira. Eu o queria bem.

— Só sei que o estado é muito grave — ela soluçou — Mas sei que ele ficará bem, meu amor.

Ela me abraçava, e eu me agarrava a ela como um náufrago se segura a um colete salva-vidas. Estava presa à âncora que me empurrava nas profundezas de um oceano frio.

Ar. Eu precisava de ar.

— Vai ficar tudo bem — Penelope segurou meu rosto, eu mal conseguia enxergá-la — Respira, respira, minha querida. Liam vai ficar bem. Ele vai ficar bem.

Ouvia suas palavras carinhosas bem de longe, vindas de algum lugar. Minha mente vagava no tempo e em memórias.

Nosso primeiro encontro, quando me joguei em seus braços.

Seu primeiro sorriso para mim, que foi, com certeza, quando me apaixonei. A primeira vez que brigamos. A primeira vez que subi em uma moto foi com Liam. A primeira vez que dançamos. A primeira vez que disse que me amava. A primeira vez que eu fiz amor.

Meu primeiro tudo.

Eu te amo, Liam.

Queria que essa voz, gritando dentro de mim, chegasse até ele. Eu precisava dizer isso a ele.

— Preciso vê-lo.

Dessa vez meu corpo respondeu ao meu desejo e fiquei em pé, embora quase não conseguisse me sustentar.

— Espere, Julianne — ela tentou segurar o meu braço, mas a rechacei — Não sabemos onde ele está. Delia não soube dizer.

— Não me importa! — praticamente gritei — Eu vou em todos os hospitais que tiver nessa maldita cidade.

Não perguntei como ele levou o tiro, e se elatinha falado, não prestei atenção. Mas com toda certeza foi por causa de um assalto ou algo parecido. Liam era a pessoa mais amorosa e pacífica que já conheci.

— Julianne...

— Preciso vê-lo — repeti, exaltada. O bebê no carrinho começou a chorar, e aproveitei o momento para sair correndo.

Agora compreendia por que ele não respondeu a nenhuma das minhas mensagens. Enquanto ele estava ferido, eu estava sendo egoísta, pensando apenas em meu coração partido.

Quando eu cheguei à calçada, me dei conta de que não fazia a menor ideia para onde ir. Estou na rua, chorando como uma maluca, e a única coisa que consigo são as pessoas me olhando como se eu fosse louca.

Respiro fundo e tento me acalmar. Entro em contato com Noah, e ele também não tem nenhuma informação, mas me passa o telefone de Katty.

Quem atende é Frank, o marido dela. Depois que ele me diz para qual hospital Liam foi encaminhado, chamo um táxi e vou diretamente para lá.

Toda a família estava no hospital. Peter foi a primeira pessoa a me notar e falar comigo. Sentamos em um dos bancos, distante dos demais, e ele contou como tudo ocorreu. Liam tinha levado um tiro para proteger Neil.

Tão Liam. Tão estúpido. Tão bonito. Eu não esperava nada menos dele. Embora quisesse esganá-lo por ter sido tão inconsequente, era esse coração enorme que fez com que me apaixonasse por ele. E se existisse um pouquinho de justiça no mundo, ele ficaria bem.

A cirurgia terminou uma hora depois de eu ter chegado. Foi delicada, e os riscos de morte ainda estavam presentes.

Conheci Nathan pelos breves relatos de Peter e já o odiava profundamente. Certo ou não, estava aliviada que ele teve o fim que merecia.

Falei brevemente com Lindsay e Katty. Adam estava em um canto, amuado, arisco e completamente devastado. Preferi dar espaço a ele.

Estava cochilando em um banco, quando senti tocarem meu braço.

— Vou te levar para casa, Julianne — disse Peter, ajoelhado ao meu lado — Não há nada que possa fazer aqui. De manhã você volta.

Queria protestar e dizer que iria ficar, mas o olhar firme dele indicava que me arrastaria para fora se tentasse contrariar. Implorei para que me deixasse ver Liam primeiro, e ele prometeu que conseguiria isso.

Quando cheguei ao quarto e o vi tão indefeso na cama, com o aparelho que o ajudava a respirar e

ligado por fios que o mantinham vivo, senti todo o meu mundo ruir.

— Você não pode me deixar, Liam — chorei baixinho, rente à cama dele — Eu te amo tanto. Eu preciso de você, está me ouvindo?

Ao segurar suas mãos imóveis, uma nova avalanche de lágrimas turvou meus olhos. Sequei meu rosto rapidamente. Não queria deixar de vê-lo um único segundo.

— Há tantas pessoas que te amam também — um soluço escapou contra minha vontade — E tem o bebê... Tem que ficar bem para conhecê-lo. Então fique bem, fica com a gente, por favor.

Ah, quando ele conhecesse o sobrinho e visse como ele é lindo, tão parecido com Adam e ele, iria se apaixonar imediatamente por Ben.

— Pense nele, querido... Agarre-se à imagem das pessoas que o amam e volte para nós.

Ouvi um baque, e quando olhei assustada para a porta, Adam tinha um olhar transtornado para mim.

— Desculpe — murmurou apressadamente e saiu, praticamente correndo.

Fiquei intrigada com sua reação, mas achei que senti os dedos de Liam apertando levemente os meus. Minha atenção voltou totalmente para ele. Alguns minutos depois, Peter e uma enfermeira avisaram que eu deveria sair.

Lindsay e Katty também já tinham ido embora. Troquei algumas palavras com o Sr. Crighton, que continuava no hospital fazendo vigília.

Peter me conduziu para fora. Quando chegamos ao meu prédio, garanti que poderia subir sozinha, mas ele insistiu em me acompanhar.

Estava cansado e abalado, foram muitos dias em que ele esteve carregado de estresse e preocupação. Arrisco-me a dizer que desde que Neil e Jenny tentaram fugir do país.

Quando chegamos à entrada, ele recebeu uma ligação. Era Adam, e eu disse que ele poderia ir. Na medida do possível, eu estava bem. Agora, a nova preocupação era saber se Liam resistiria aos ferimentos e voltaria para nós.

— Julienne, como Liam está?

Pelo visto, ela não tinha pregado o olho.

— A cirurgia acabou há algumas horas, mas o estado dele ainda é delicado — soluzei, jogando-me em seus braços — Ele não pode morrer, Penelope. Eu nunca vou me perdoar se ele morrer sem saber o quanto o amo.

Como antes, ela tenta me consolar. Mas minha dor é forte e desesperadora. Choramos juntas.

— Ele ficará bem — diz ela — E ficará feliz em conhecer o Ben.

— Eu preciso que ele fique bem — levei a mão ao meu peito, exatamente onde parecia sangrar — Dói tanto.

A melhor parte de mim estava sangrando e não tinha nada que eu pudesse fazer para curar a ferida. Minha cura era Liam. Só ele poderia me tirar desse buraco assustador.

Acordei muito cedo, na realidade, praticamente não dormi. Meu corpo teve o descanso que a minha alma não conseguia alcançar.

Várias vezes, durante a madrugada, vi Penelope passar pelo meu quarto. Não sei o que teria feito sem a presença dela. Foi ela que me ajudou com o banho, me vestiu, forçou que eu comesse alguma coisa, embora nada passasse por minha garganta. Sem ela ao meu lado, teria desabado.

Estou um pouco mais forte, pelo menos é o que digo a mim mesma. Esperançosa, seria a definição certa. Cheia de esperança, retorno ao hospital.

Quis muito passar o tempo todo ao lado de Liam, mas precisava revezar com a família e pessoas que apareciam para vê-lo.

Ellen e Noah vieram e me levaram até a cantina. Não fiquei surpresa quando anunciaram que estavam namorando. Era quase que meio óbvio que acabariam assim. Queria estar muito mais feliz e comemorar com eles.

— Loretta disse que não tem com que se preocupar — disse ela — Leve o tempo que precisar.

Sorri, agradecida, mas eu não podia continuar abusando da boa vontade de Ellen nem da tia dela. Além disso, quando Liam se recuperasse, e minha fé dizia que ele iria, pretendia passar todo o tempo que conseguisse ao lado dele. Como um grude mesmo. Eu tinha economias, e se as coisas apertassem, podia recorrer à ajuda do meu pai.

— Assim que der, falarei com ela.

Quando retornamos da cantina, Katty veio me abraçar. Seus pais estavam com Liam, e o médico tinha avisado que ele estava fora de perigo.

Fiquei como um cão de guarda esperando o momento de vê-lo, mas, quando entrei, ele tinha caído no sono outra vez.

Sinceramente, não me frustrei. Liam estava vivo, e eu moveria céus e terra, faria o impossível, para tê-lo de volta.

De acordo com as enfermeiras, ele passaria o resto da tarde dormindo, então decidi passar em casa, tomar banho e dar as boas notícias a Penelope, e quando cheguei em casa, as surpresas não tinham acabado.

— Austin?

Corri para os braços do meu irmão. Nossa grande discussão, antes de sair da fazenda, estava

completamente esquecida.

— Sinto muito, Julianne — ele me abraçava forte e tinha a voz emocionada — Sinto muito mesmo.

Acreditava fielmente em suas palavras. Austin poderia ser turrão e exageradamente protetor, mas, acima de tudo, ele me amava.

— Está tudo bem — eu ria e chorava ao mesmo tempo — Ele vai ficar bem.

Olhei para Penelope e vi que chorava, abraçada ao bebê. Liam sobreviveu e Austin estava aqui comigo. Só restava agora que ela se entendesse com Adam e todos terminássemos felizes.

Conversei muito com Austin. Apresentei Liam através dos meus olhos. Embora tenha tentado disfarçar em alguns momentos, ele sentiu ciúmes. Mas acho que o amor brilhando em meus olhos era tão vivo, que logo ele se convenceu que Liam era a melhor pessoa do mundo.

Andei flutuando pelas ruas quando retornei ao hospital, dessa vez de felicidade. Lindsay estava saindo do quarto, enquanto eu aguardava minha vez de entrar.

— Ele perguntou por você — disse ela ao apertar minha mão.

Meu coração parecia que tinha descido a maior montanha-russa do mundo. Entrei com passos mais curtos que uma gueixa. Era como se o mundo girasse para mim em câmera lenta. Eu gravitava em direção a ele.

Liam parecia um pouco aéreo, piscou algumas vezes ao me ver e tentou remover a máscara de ar do seu rosto. O impedi, prendendo sua mão na minha.

Vi que eu chorava quando a primeira gota caiu em minha mão e ele passou um dedo sobre minha pele.

Eu queria tanto dizer a ele o quanto o amava, ensaiei tanto esse momento, que agora as palavras estavam presas em minha garganta. Mas, pelos meus olhos, eu dizia como profundos e sinceros eram meus sentimentos.

Inclinei sobre ele e beijei sua testa. Ele fechou os olhos, sendo vencido pelo cansaço e medicação.

— Amo você — consegui sussurrar, finalmente.

Capítulo 44



RECONHEÇO O QUARTO DE HOSPITAL, afinal é meu ambiente de trabalho; o que momentaneamente eu não entendo é o que faço em um. Procuro lembrar das últimas vinte e quatro horas. Estive em uma casa com Adam, vigiando a casa do Neil.

Vi Jenny e Nathan sair de lá e os segui com a moto de Richard; encontrei Peter e Neil no caminho e acabamos em um hangar. Houve brigas. Um som de tiro, depois tudo virou escuridão.

— Olá, Sr. Crighton — a enfermeira me cumprimentou com um sorriso. Ela introduzia alguma medicação no soro ligado ao meu braço — Que bom que já acordou. Vou avisar ao doutor.

Queria fazer algumas perguntas a ela, mas minha garganta estava seca e ainda estava meio desorientado. Flashes pipocavam em minha cabeça, meio embaralhados. Adam me trouxe ao hospital, lembro de ter aberto os olhos algumas vezes na ambulância e vê-lo inclinado sobre mim.

Lembro da minha mãe, papai e Katty terem vindo ao meu quarto. E Julienne? Tinha sido um sonho ou realmente tinha segurado minha mão enquanto chorava?

Ela tinha vindo antes. Falou sobre um bebê.

Um bebê?

Tentei me sentar. Nesse momento, o médico surgiu acompanhado da mesma enfermeira.

— Calma, Dr. Crighton — disse ele, com humor — Aqui você é paciente.

Voltaram a me deitar, mas ajustaram a cama.

— Julienne? — consegui dizer.

Eu era caos e confusão. Queria acreditar que os medicamentos estivessem mexendo comigo, mas eu tinha certeza, mesmo praticamente desacordado, que a ouvi falar de um bebê.

Aquilo não era possível. Sempre fomos cuidadosos. Eu não poderia cometer o mesmo erro duas vezes, podia? E quando ela havia descoberto isso? Quando pedi que me deixasse?

— Você teve sorte — disse o médico — Perdeu muito sangue, quase o perdemos.

E teria perdido mais do que a minha vida.

Julienne. O bebê. Meu filho.

Estava tendo uma nova chance de viver e de ser... pai.

— Acho que, mais tarde, podemos removê-lo para o outro quarto — disse o médico, embora eu não estivesse prestando muita atenção — As visitas serão menos restritas, desde que prometa se comportar.

— Eu prometo — respondo apressadamente.

— Um médico sempre é péssimo em enganar o outro — ele ri.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Hoje faz três dias.

— Tenho a impressão que foram horas.

Tive um banho incômodo e ridículo no leito e café da manhã pastoso. Isso me fez jurar que seria ainda mais compreensivo com meus pacientes no futuro.

Como o doutor Forman tinha falado, após o almoço, fui removido de quarto e as visitas novamente liberadas um pouco depois.

— Meu filho! — mamãe me abraçou e beijou repetidamente, assim que entrou no quarto — Meu anjinho.

Revirei os olhos em direção ao meu pai, mas ele estava igualmente emocionado. Era a primeira vez que falava com eles totalmente consciente. Então deixei passar as emoções exageradas, embora, no fundo, estava feliz em receber tanta atenção e carinho.

— Tivemos tanto medo de perdê-lo — disse Katty, se colocando ao lado de minha mãe — Eu te proíbo de fazer isso de novo.

— Katty, só se é valente uma vez na vida — provoquei-a — Vou fugir até de arma de brinquedo.

— Ah, meu querido — minha mãe lamentou — Vamos cuidar de você. Já falei para a Delia preparar tudo.

— O Dr. Forman liberou as visitas, mas não quer tantas pessoas no quarto — disse uma das enfermeiras para o meu pai — Então vocês ainda vão ter que revezar com as pessoas lá fora.

— O Dr. Forman não é o meu dono — resmunguei — Se meus amigos querem entrar, deixe que entrem.

Além disso, acredito que Julianne esteja lá fora e pretendo ter uma séria conversa com ela.

— Ele pode não ser o seu dono — disse mamãe — Mas eu sou sua mãe e digo que concordo com ele.

Que maravilha. Por que ela não foi ser arquiteta?

— Adam joga o carro no poste, vocês paparicam ele. Adam quer ter a cara mais feia que o Frankenstein, vocês paparicam ele — começo a dizer, contrariado — Liam quase morre para salvar o mundo e só recebe ordens.

— Liam! — minha mãe olha feio para mim — Você já deve estar muito bem.

Ela sorri logo depois e volta a me beijar, inundando-me de palavras carinhosas. Eu já imagino o tipo de paciente que serei. Ironicamente chato e que não os deixará em paz.

Ficar doente não me parece tão ruim assim.

Depois que a procissão familiar termina, meus amigos começam a entrar. Richard e Paige, que me agarra assim que me vê, esquecendo ou ignorando que estou machucado. Ela é espontânea, então não reclamo de seu abraço dolorido.

Neil e Jenny entram logo depois, de mãos dadas. O Dr. Forman saiu do quarto, resmungando algo sobre desistir de mim. Em seguida vejo Adam, me encarando com raiva. Não acredito que tenha escutado, quando fiz a brincadeira sobre ele ser paparicado quando fazia suas burradas e eu, perseguido. Então, não entendia o motivo de estar bravo comigo.

Tentava atender a todo mundo que falava comigo, quando vi Penelope entrar. Sorri para ela e recebi seu costumeiro sorriso doce de volta.

— Por que você fez isso, seu idiota? — Neil perguntou, dando um leve tapa em minha cabeça — Queria uma vaga como o Superman? Sinto informar, mas ele não faz parte dos Vingadores, terá que se empenhar mais se quiser se juntar à equipe.

Ele indica Richard e Adam. É bom vê-lo tão descontraído depois de tudo o que ele passou, principalmente saber que nossa velha camaradagem estava de volta.

— Há, hã — reviro meus olhos — Tony Stark e seu bom humor.

— Nunca mais faça uma loucura como essa! — ele me olha sério, repreendendo-me, antes de completar: — É importante demais para nós.

Eu sabia que todos me amavam, mas naquele dia fiz o que achei o certo.

— Você tem seus filhos, a Jenny... eu não tinha nada a perder.

Bom, eu acreditei que não.

— Não tem nada? — vociferou Adam, se fosse possível, ele faria o que a bala de Nathan não conseguiu: me mataria — E os nossos pais, nossa irmã, seu fil...

Seu filho? Era isso que ele estava prestes a dizer? Ou ele tinha descoberto e Julianne pediu segredo, ou estava ficando maluco. Meus pais e minha irmã não falaram nada comigo e não acredito que minha mãe esconderia algo como isso.

Antes que eu pudesse fazer qualquer questionamento a Adam, ele saiu e Penelope foi atrás dele.

— Ele está bravo mesmo — sondei em seguida: — Alguém entendeu alguma coisa?

Minha resposta veio em seguida, quando a porta foi escancarada bruscamente.

Julienne, ainda mais linda do que achei que ela poderia ser.

— Liam! Não me mande embora — implorou com fervor — Eu não vou.

— Julienne...

As outras pessoas no quarto foram perdendo o foco. Eu só tinha olhos para a minha baixinha.

Queria colocá-la em meu colo e secar com meus beijos cada lágrima que ela vertia.

— Vem aqui — estiquei a mão.

Ouvi o clique da porta, não vi quem saía, mas estávamos sozinhos agora.

— Eu te amo — balbucia ela, quase em lágrimas outra vez — Amo tanto que chega a doer. Eu sinto falta de ar, e quando não está comigo, a vida parece perder a cor. Eu te amo tanto, que o futuro sem você seria insuportável e o presente desolador. Então, por favor, me diz o que eu faço para ter você de volta?

Nós andamos pelo mundo, seguros, donos de nós mesmos, nos sentindo infalíveis, poderosos. Até que encontramos a segunda metade de nós. Aquela parte que te completa e, sem ela, nos sentimos vazios.

Julienne é a outra parte de mim.

— Dois passos — disse a ela.

— Como? — me encarou, confusa.

— Dê dois passos, Julienne.

Ela avançou e segurou minha mão. Puxei-a para mais perto de mim, onde deveria ficar para sempre.

— Você já me tem de volta — respondi, antes de beijar a mão dela — Dois passos, era tudo o que precisava fazer.

A intenção era um beijo apaixonado, mas senti tantas saudades dela, que degustei de seus lábios doces e seu corpo macio junto ao meu o máximo que consegui.

Ela se afastou quando soltei um gemido de dor, e eu quase protestei, mas tínhamos assuntos muito importantes a tratar.

Escorreguei um pouco para o outro lado da cama e fiz sinal para que se acomodasse ao meu lado. Ela sentou na ponta, tendo cuidado para não esbarrar em mim.

— Julienne, eu também amo você — digo a ela, entrelaçando nossas mãos — Amo com a mesma intensidade e sinceridade. Eu nunca quis te afastar de mim, mas eu precisei. Tentei proteger você.

Foi muito mais estúpido do que o tiro que levei. Mas eu sempre estaria pronto para protegê-la. O

mundo sem ela também não tinha cor para mim.

— Eu entendo — ela sorri, secando as lágrimas do rosto — Entendo, e já não tem mais importância.

— Tem razão. Você tem algo muito mais importante para me dizer, não é?

Ela desviou os olhos de mim e encarou o chão.

— Ouvi o que disse, quando estava inconsciente — tentei encorajá-la — Já pode ser sincera comigo. Eu sei sobre o bebê. Além disso, o Adam...

— Juro que quis contar quando soube quem você era — me interrompeu, angustiada — Eu não podia.

As coisas ficaram mais confusas para mim. Quando Julianne descobriu “quem eu era”, foi logo depois de termos feito amor pela primeira vez. A menos que eu tivesse parentesco com aquele vampiro, seria impossível que ela estivesse grávida naquela época. Estávamos falando de duas coisas diferentes.

— Julianne?

— Penelope não queria dizer. E como a gravidez dela era de risco, não quis aborrecê-la mais. Depois o parto foi complicado e as coisas foram se complicando. Não sabia mais como contar, e quando estava determinada a contar aquele dia, que fiz o jantar no apartamento, você me mandou embora.

Eu começava a me perguntar se não tinha levado o tiro na cabeça, ao invés de nas costas.

— O bebê que você fala é da Penelope?

— Dela e do Adam.

— Penelope está grávida?

— Já nasceu — ela me olhou, confusa — É o Benjamin. Adam não te contou? Você ia dizer que...

— Você estava grávida — apoiei a cabeça contra o travesseiro, vendo o teto rodar.

— Eu? — ela levantou, com o olhar chocado — Da onde tirou isso?

Respirei pausadamente até voltar a me sentir melhor.

— Eu lembro de parte do que me disse. Aliás, todas as minhas lembranças ainda estão meio bagunçadas. Depois o Adam estava com tanta raiva de mim — expliquei — Que grande confusão.

Eu não sabia se estava mais chateado por não existir um bebê meu e de Julianne ou de descobrir repentinamente que havia um de Adam e Penelope.

— Você disse que já nasceu?

— Prematuro. Como eu disse, foi uma gravidez de risco e complicada.

— Você já sabia naquele dia, na casa dos meus pais, por isso ficou tão abalada.

— Aquele dia eu ia contar. Eu liguei para casa, mas meu irmão avisou que Penelope não podia

passar por momentos estressantes. Adam não quer saber do filho...

— Espera aí — a interrompi — Como assim, ele não quer saber do filho? Ele nem sabe!

— Não sei o que ele te disse, Liam, mas ele não quer saber. Penelope ouviu Adam falando com o Neil e também nem respondeu a carta que ela deixou para ele.

Meu irmão podia ser burro nas questões do amor, às vezes, muito idiota, mas ele amava a Penelope e jamais a teria abandonado grávida.

— Ele não sabe — afirmei — Adam não sabe. Não sei o que Penelope acha que ouviu dele, mas eu acompanhei como meu irmão ficou quando ela foi embora, Julianne. Era um homem destruído.

Ela me encarou, cética, mas a firmeza em meu olhar, aos poucos, a fez ceder.

— Mas, e a carta? — indagou, ainda na dúvida — Eu mesma deixei na casa dele.

— Não sei o que houve com essa carta, mas ele não recebeu.

Que grande confusão todos nós tínhamos nos metido?

— Então, se ele não sabe — murmurou ela, voltando a sentar do meu lado — Penelope também não sabe disso. Ela foi embora sentindo-se rejeitada.

— Adam sentia o mesmo.

— E o que a gente faz?

— Bom, um bebê não é algo que se esconde por tanto tempo — digo a ela, sorrindo — Pelo jeito que eles se olharam hoje, não vão demorar muito para colocar a história a limpo. Deixe que resolvam da maneira deles.

— Quer dizer que devemos mentir?

Talvez estivesse errado em ficar quieto, mas acho que interferei demais, começando por ter dito a Adam, na época, que deveria sugerir a Penelope que fossem só amigos. Eu não duvido que isso tenha gerado toda aquela confusão.

— Julianne, é algo deles. Quem deve dizer alguma coisa ao meu irmão é a sua prima.

— Pois eu acho que deveríamos colocar um do lado do outro e Benjamin no meio.

— Do jeito que são, irão se engalfinhar, esmagar o bebê — graciei — Para fazer mais bebês.

— Liam!

— Adam não sabe, ela não sabe. Deixe que se surpreendam.

Julianne me encarou, desconfiada.

— Você não está bravo comigo?

Antes de Neil e Jenny terem fugido, de também ter mentido para ela, de Nathan surgir em nossas vidas e eu parar no hospital, provavelmente ficaria.

— Segredos não são bons. Geralmente separam as pessoas. Mas eu consigo te entender — pego sua mão de volta — Também fiquei preso em um segredo que não pertencia a mim. Por isso, daqui

em diante, sem mais mentiras, não importa a quem fira; a verdade sempre é a melhor saída.

— Eu nunca mais vou mentir ou omitir nada de você — ela beijou minha mão — Mas você ainda parece chateado.

— É que eu pensei que... — senti meu rosto incendiar — Achei que o bebê fosse nosso.

Ela sorriu e beijou os meus lábios algumas vezes.

— Pretende se casar comigo? — perguntou ela.

— Está me pedindo em casamento? — indaguei, divertido.

— Estou perguntando se, um dia, pretende se casar comigo.

— Um dia, eu pretendo.

Na verdade, se tivesse um padre no quarto, me casaria agora.

— Então, um dia eu te dou um bebê.

— Você não pode me dar um bebê — sorriu da sua expressão confusa — Precisamos fazê-los.

Agarrei uma de suas coxas e puxei-a para mais perto de mim.

— Acho que essa é a melhor parte.

Antes que pudéssemos nos beijar, uma enfermeira entrou, pigarreando.

— Fim da visita, senhorita.

Se olhar matasse, eu tinha feito aquela mulher se desintegrar na minha frente.

Julienne saiu sorrindo, desenhando corações com a mão. Eu só conseguia pensar o que eu faria com uma parte específica em meu corpo, que não estava machucada, mas doía.

Capítulo 45



PASSEI O CAMINHO TODO DO HOSPITAL até em casa tentando entender o que tinha acontecido. Liam não apenas tinha me perdoado, como me fez continuar mantendo segredo. Por um lado, acho que ele tem razão; Penelope e Adam devem resolver seus problemas sozinhos. Por outro lado, me dá tristeza ver que eles continuam nessa confusão, sabendo que se amam.

Mal atravesssei metade do corredor quando o telefone tocou.

— É o pardal na linha?

— Liam?

— Não posso falar muito tempo, pardal — ele tinha a voz meio lenta e parecia confuso — Tem caçador na linha.

— Liam, você está bem?

Se ele não estivesse no hospital, eu poderia jurar que ele tinha bebido e, mesmo assim, Liam não era de beber.

— Lembra da nossa missão? — disse ele e afastou o telefone para falar com alguém — Bico calado, pardalzinho.

Ouvi novos protestos e a voz de Katty surgiu.

— Julienne? — a voz dela parecia esbaforida — Pare, Liam! Julienne, não sei onde ele conseguiu esse telefone, mas não ligue para as palhaçadas dele. Não fique preocupada com ele, é efeito da medicação. Ou apenas Liam usando isso para suas idiotices. Ele está bem, deve dormir em alguns minutos.

Eu me escorei contra a parede, porque achei que molharia minhas calças de tanto rir. Liam sendo idiota, era Liam sendo perfeito.

— Tudo bem, Katty, posso falar com ele?

— Seja rápida — ela tinha a voz um pouco mais calma agora — Ele não vai aguentar muito tempo.

— Olá, pequeno Pardal.

— Como conseguiu esse telefone?

— Eu tenho meus contatos — disse, em meio a um bocejo.

Contato chamado Peter ou alguma enfermeira que ele subornou.

— Mantenha a boca fechada, Pardal. Não posso falar mais, o inimigo está do meu lado.

Ouvi Katty bufar e concluí que o inimigo seria ela.

— Se eu sou o Pardal, você é o quê?

— O gatinho que abocanha o Pardal — ele riu.

Apesar do “gatinho”, as palavras não tinham nada de inocente.

— Amo você... — disse, meu coração transbordando esse sentimento — Gatinho.

Katty tomou o telefone dele e se despediu de mim.

Eu tinha um sorriso enorme e bobo em meu rosto.

Ficar de bico calado, como disse o Liam, não foi tão difícil, principalmente quando passava a maior parte do tempo fora de casa. Primeiro no hospital e hoje, quando teve alta, permissão que só foi dada porque ficaria na casa de seus pais, que eram médicos, e porque ele tinha jurado ao Dr. Forman que iria fugir se ficasse mais um dia naquele quarto. E não tinha duas horas que tinha chegado e já deixava metade das pessoas da casa malucas.

Eu estava sentada ao lado dele na cama, com um travesseiro sobre minha perna, não para acomodar minhas mãos, mas sim porque, vez ou outra, Liam aproveitava para alisar minhas coxas. O que ele esperava, com toda essa ousadia, eu não sei, afinal, o homem estava ferido. Mesmo que todos saíssem do quarto, nos deixando sozinhos, como era o desejo dele, eu não permitiria passarmos de alguns beijos.

— Katty, por que não vai para sua casa, trocar as fraldas das suas filhas? — era a terceira tentativa dele para que ela fosse embora.

— Muito engraçado — Katty o encarou com olhar endiabrado — E perder a oportunidade de torturar meu irmão mais querido? Acho que até consigo férias no trabalho.

Ignorando-a, ele encarou Lindsay.

— E você, mamãe? Não tem uma obra de caridade para cuidar?

— Minha maior obra na vida — ela disse, em um tom excessivamente meloso — É você, meu filhinho.

Boa, senhora Crichton. Já deu para perceber de quem Liam herdou o bom humor.

Senhor! O homem tinha acabado de sair de um hospital.

— E você, papai...

— Não — O Sr. Crichton disse apenas essa palavra para fazê-lo se calar — Lindsay, vamos aguentar isso por quanto tempo?

Apesar de parecer sério, tinha uma nota de humor na sua voz. O murmurinho recomeçou, e eu não conseguia olhar para cada um sem me divertir.

Foi quando olhei para a porta e vi Penelope chegar. Adam estava ao seu lado, com Benjamin em seu colo.

— Boa tarde — disse Adam, despertando a atenção de todos.

O quarto ficou surpreendentemente silencioso, até Katty gritar e correr até ele.

— Oh, meu Deus! Oh, meu Deus, Adam!

Adam recua alguns passos para trás, enlaçando a cintura de Penelope, puxando-a para o seu lado.

— Mamãe? Pai? — Ele tinha um sorriso nada menos que orgulhoso — Esse é o Benjamin, meu filho.

Lindsay o olhou emocionada, até começar a chorar. Katty abraçou Penelope e as gêmeas correram para ver o primo mais de perto.

— Puta que pariu! — soltou Liam, piscando antes para mim — Você foi rápido, cara. Deixa eu ver esse garoto de perto.

Ele sussurra que conversaremos depois. Eu sabia que, quando colocasse os olhos no bebê, dezenas de perguntas iriam surgir. As fotos não faziam jus à criança encantadora que Ben era.

Adam e o pai saíram, para o que acredito ser uma comemoração pai e filho. Penelope permaneceu no quarto, com Ben sendo paparicado por todos.

— Ele é lindo, Penelope — Liam passou as pontas dos dedos nos cabelos negros e macios do menino, seu sorriso era terno e encantado — É bom ter vocês de volta.

— Eu sinto muito... — ela começou a dizer, mas ele a impediu, levando a mão aos lábios dela.

— Não importa mais — murmurou, emocionado — Só faça aquele idiota feliz. Isso significa nunca mais sair de perto dele.

— Eu prometo — disse ela, emocionada.

Liam me puxou mais para perto dele e beijou meus lábios algumas vezes. Eu o amava por infinitos motivos, mas a sua capacidade de amar, cuidar e perdoar as pessoas estava no topo delas.

Capítulo 46



— VOCÊ TEM VISITAS — a voz inoportuna de Delia surgiu logo após a batida na porta.

Julienne escorregou para a outra extremidade da cama e saltou dela, tentando ajeitar o vestido amassado.

Há quase uma semana tenho me contentando com beijos ardentes e carícias, digamos, audaciosas. Isso quando conseguíamos ficar sozinhos, e frustrantemente não passávamos disso. Não porque eu queira, mas assim como as outras mulheres da minha família, Julienne tratava-me com demasiado cuidado.

Ficar doente não foi tão divertido como imaginei. Tudo bem, eu tinha abusado de alguns pedidos e tido mais atenção do que realmente necessitava. E por um tempo até que tinha sido divertido, mas agora já estava cansando.

Queria voltar ao trabalho, à minha rotina e principalmente para meu apartamento, para ter Julienne em meus braços do jeito que realmente desejava, sem ser interrompido a cada meia hora.

— Quem é, Delia? — puxei assunto com ela, para que Julienne tivesse tempo de arrumar os cabelos desalinhados.

Seu rosto estava rubro como uma rosa.

— Acho melhor ver com os próprios olhos — ela olhou para Julienne, e as duas pareceram falar com o olhar — Posso mandar subir?

— Claro.

Alguns minutos depois, um verdadeiro cowboy surgiu à porta. Calça, botas e chapéu. Não uma imitação pálida que tentei fazer no dia do concurso, mas um verdadeiro homem do campo no modo de andar, falar e encarar as pessoas.

— Meu irmão, Austin — Julienne o puxou pelo quarto, após terem trocado rápidas palavras — Falou com ele pelo telefone, lembra?

Retificando o que eu disse: ficar doente era muito bom. Comecei a tossir, recebendo um olhar carinhoso e atento de Julienne, o que era muito melhor que o olhar enviesado do irmão dela.

— Tudo bem, querido? — ela se aproximou, preocupada.

Austin cruzou os braços, nenhum pouco convencido com minha pequena cena para chamar atenção.

— De repente, deu uma dor no peito, sabe — murmurei, com a voz fraca — Não se preocupe comigo.

— Posso chamar o seu pai e...

— Ele está ótimo, Julianne — resmungou Austin — Forte como um touro, não é, doutor?

Ele tinha o sotaque bem mais acentuado que a irmã. Enquanto nela ficava uma gracinha, nele parecia mais ameaçador. Imaginei-o com uma espingarda, afugentando qualquer tolo que ousasse se aproximar da sua irmãzinha.

— Como um touro — repeti, controlando um sorriso que sei que certamente iria irritá-lo.

— Isso é bom — Austin abriu um sorriso, mas não vi nada de amigável no rosto dele — Logo poderá viajar, então?

— Austin! — Julianne o repreendeu — Nós já falamos sobre isso.

Fiz um pingue-pongue entre os dois. Austin olhou carinhosamente para ela, mas estava claro que não iria desistir do propósito de sua visita.

— Acho que ele deve decidir, Julianne — virou para mim e me olhou seriamente — Minha irmã acha que o senhor ir até a fazenda, conhecer meu pai e meus irmãos, para um pedido... digamos, mais formal, é tolo e desnecessário. Acha isso também?

Não apenas acho como concordo, mas é claro que eu não iria dizer. Primeiro porque o homem parecia ser capaz de me arremessar pela janela se dissesse que concordava com ele. Segundo, estava curioso em relação aos outros membros daquela família que soava tão maluca quanto a minha. E terceiro, faria qualquer coisa por Julianne, até mesmo um gesto galante e arcaico.

Agradar Julianne ou agradar os quase dois metros que era o irmão dela?

— Acho que Austin tem razão — podem me chamar de qualquer coisa, menos de burro.

São quatro contra um, e eu nem estava na melhor forma física.

— Você tinha razão, Julianne — Austin sorriu largamente para ela, que ainda o encarava de cara feia — Ele é um rapaz muito inteligente.

Ou ingênuo demais, pensei. Algo me dizia que aquela intimidação não acabava ali. Mas após o desconforto inicial e Austin ter conseguido o que queria, passamos uma tarde relativamente agradável.

O cara até que tinha bom humor. Ou tentava ter.

No dia seguinte, recebi a visita de Melanie, sua mãe e o namorado, Josh. Ele parecia ser um cara

legal. Tratava as duas com evidente respeito e carinho. Eu estava feliz que Eva estivesse seguindo com sua vida, dando uma nova oportunidade ao amor.

— Eu fiquei muito triste quando a mamãe disse que você estava doente, Liam.

Melanie estava do meu lado direito da cama e Juliene no esquerdo, cada uma delas segurando minha mão.

— Ah, é? — brinquei com os dedos dela enquanto falava — Mas eu já estou bem.

— É muito ruim não poder ver você — suas mãozinhas fofas tocaram meu rosto — Mas seria muito pior nunca mais poder falar ou brincar.

Adam tinha me falado que eu era importante para muitas pessoas. Meus pais, meus irmãos, meus amigos, Julienne.

— Eu também adoro você, minha querida — sussurrei, ao abraçá-la.

Ter conquistado também o amor dessa garotinha, tão duramente marcada pela vida, era algo muito, muito especial.

Capítulo 47



ENTRE UMA DIVERTIDA DESPEDIDA DE SOLTEIRA para Jenny (coisas de Paige) e visitar minha família no Texas com Liam, claro que eu ficaria com a primeira opção.

O problema era que Liam já tinha se comprometido com o meu pai, e de acordo com ele, um Crichton jamais voltava atrás com sua palavra. No fundo, eu sabia que ele usava isso como desculpa para me manter longe de qualquer coisa que Paige tenha organizado.

Mas como estar com Liam é o mais importante para mim, deixei seu ciúme mal disfarçado passar. Eu ainda tenho memórias amargas de quando ele esteve hospitalizado. Não quero ser uma dessas namoradas chatas e grudentas no futuro — porque, no presente, estou exatamente assim. E tenho créditos para isso, quase tinha perdido a outra metade do meu coração.

Quem nos recebeu no aeroporto foi James. Mesmo com a roupa desgastada e manchada de graxa, ele era um cara bem atraente. As moças que passavam cochichando e rindo para ele confirmavam isso. Eu o adorava e sentia falta de nossa amizade, da mesma forma que sentia falta da minha família; ele era como um irmão para mim. Teria que voltar com mais frequência à fazenda, agora.

— Oi, J.J — ele me deu um enorme e demorado abraço de urso, que fez Liam pigarrear.

— Oi, James — tentei me afastar, mas ele manteve as mãos calejadas em minha cintura — Quero te apresentar o Liam, meu namorado.

Por causa do abraço, minha camiseta tinha erguido um pouco e os dedos de James cravaram suavemente em minha pele, local que Liam estava olhando de um jeito nada agradável. Ele esticou o braço para cumprimentar meu amigo e aproveitou para me puxar de volta.

— Prazer em conhecê-lo, Jonas — disse Liam, em uma simpatia exagerada e errando propositalmente o nome dele — Espero que tenhamos oportunidade de nos conhecermos melhor. Julienne não disse nada sobre você.

Mas que mentiroso!

Quis protestar, dizendo que não era verdade aquilo. Antes de Austin voltar para o Texas, eu tinha feito uma lista e falado detalhadamente de cada pessoa que amava.

— Sério? Ouvi falar muito de você — James sorriu ao nos conduzir para o carro — Vai adorar o Texas, doutor.

Ao entrarmos e Liam ter me colocado no banco de trás, sentando na frente, ao lado de James, compreendi os indícios de ciúmes. Conteí para Liam sobre o beijo forçado que dei em James — que no dia ele tinha achado engraçado — mas não tinha falado como meu querido amigo era um cara bonito e atraente.

Afundi um pouco mais no banco e cobri meus olhos com o braço, tentando ignorar o aviso implícito em suas palavras.

Chegamos à fazenda, onde todos estavam nos esperando. Isso incluía Paula e sua pequena família. O que eu achei bem estranho, era só eu com o meu namorado, fazendo uma visita.

Emma piscou para mim em aprovação, quando comecei as apresentações para a família. Meu pai, ao lado de Lola, estava incrivelmente receptivo. Acho que o pedido que fiz a ela, para que o amansasse, tinha sido uma boa ideia.

Clyde foi o mais falante, e Dallas, apesar de manter a cara o tempo todo fechada, não disse nada de desagradável. Austin agia como o melhor amigo de Liam. Às vezes, e porque se conheceram um pouco mais em Nova York, acreditava em sua sinceridade.

Paula e Ted foram os mais simpáticos possíveis, sinceramente acreditava na honestidade deles. Liam era divertido e adorável. Meus irmãos descobririam isso também.

— Tudo bem, Emma — entrei sorrateiramente na cozinha e assustei sem querer nossa empregada — Pode dizer o que eles estão aprontando.

Ela me olhou culpada e voltou a atenção para a torta que estava preparando.

— Emma! — insisti, batendo os pés — São três contra um. Isso se meu pai também não estiver envolvido. Por favor, me conta.

Observei-a morder os lábios. A coisa mais irritante em Emma era que era empenhada em guardar segredos ou adorava as confusões que eles causavam. Em minha infância toda, acreditei que ela fosse minha cúmplice, essa senhora gostava era de encrenca.

— Só vou dizer uma coisa — esticou o pescoço e sondou o burburinho vindo da sala — Vão levar seu namorado bonito para um passeio de rapazes na cidade e não sei nada além disso.

Um passeio na cidade com meus irmãos? Isso só poderia significar uma coisa. Iriam levá-lo ao Hell. Onde, com toda a certeza, ele seria torturado.

— Obrigada, Emma — dei um beijo estalado na bochecha dela e a brindei com um dos meus

velhos sorrisos diabólicos.

Alguns meses longe de casa e meus irmãos tinham esquecido de como eu era.

Por volta das nove da noite, Austin sugeriu exatamente o que Emma tinha delatado. Que os garotos apresentassem a vida noturna de Peachwood a Liam. Isso, claro, não incluía a mim. Era uma noite só de rapazes.

À meia-noite, James parou sua picape na entrada da fazenda.

— Julienne, tem certeza de que quer fazer isso? — ele não me encarava, e tenho certeza de que fez parte seja lá do que meus irmãos tinham tramado para Liam — Eles estão apenas tendo uma noite de homens. É a forma de dizer ao seu namorado que está sendo bem-vindo.

— Eu sei muito bem a forma deles darem boas-vindas — puxei o cinto com raiva e bufei — Você tem que decidir, James. Está com eles ou comigo?

Ele ligou o carro e saiu cantando os pneus. Durante o caminho ele fez algumas tentativas de me acalmar, o que parecia me deixar mais nervosa.

— Você espera aqui, James — disse, quando chegamos à porta dupla, estilo faroeste.

Ouvi berros e gritarias se sobressaindo à música.

— Prestem atenção em mim — Austin andava por cima do balcão do bar com uma garrafa na mão — Meu novo irmão irá fazer um strip-tease e cada dólar na cueca será enviado ao convento local.

Os homens vaiaram, mas as poucas mulheres presentes foram às alturas. Obviamente que o ato generoso não era a favor da caridade, queriam era envergonhar o Liam.

Segui raivosamente em direção ao grupo de homens, encobertos por alguns curiosos. Vi Liam ser conduzido ao balcão com passos vacilantes, as mãos rente ao corpo, e olhei, chocada, que ele estava algemado.

— Dallas! — gritei no momento que ele o liberava e Clyde o conduzia até o balcão — Não ouse dar mais um passo.

Ouvi as vaias femininas e assovios vindo dos homens. Olhei feio para algumas mulheres e usei do apoio moral dos homens.

— Julienne? — Austin pulou do balcão e correu atrás de mim — O que faz aqui?

Nesse momento, a música já tinha cessado e erámos um verdadeiro espetáculo para o público presente.

— Vim resgatar o Liam — olhei raivosamente para ele antes de caminhar até onde meu namorado, claramente bêbado, estava — Eu não acredito que fizeram isso com ele.

Liam se equilibrou em Dallas, mas suas pernas estavam vacilantes.

— Meu doce — Liam balbuciou, com a voz um pouco grogue

Ele sorriu lindamente para mim e meu peito se encheu de amor.

— Não acredito que você permitiu isso, Dallas — murmurei, quase chorosa — Embriagá-lo e fazê-lo passar por bobo.

Escondi o rosto em minhas mãos e soluzei baixinho.

— Você é um homem da lei...

— Em meu dia de folga — Dallas levantou os braços, e Liam cambaleou para trás — E eu não bebi.

Corri até ele, ajudando-o a ficar em pé.

— Mas embebedou meu namorado. Algemou e fizeram sei lá mais quantas coisas com ele — soluzei, ao encaixar o braço de Liam no meu — Acontece que hoje vocês foram longe demais. Eu amo o Liam, e se também me amassem, respeitariam isso.

— Ah, docinho, não chora — Liam me cercou, balançando para frente e para trás — Estava me divertindo com esses caras.

— É, ele estava — Austin foi o primeiro a se manifestar, concordando com ele — Não chore, querida. Não fizemos por mal.

— É a iniciação da família — balbuciou Liam — Depois do interrogatório na delegacia, essa parte aqui até que foi divertida, não é mesmo, rapazes?

— Dallas, você prendeu o Liam? — disse, exaltada.

— Foi só uma conversa — ele olhou feio para o delator embriagado — Inofensiva.

Voltei a abraçar Liam e soluçar.

— Ele nunca irá esquecer isso — ergui a cabeça e acusei Austin à minha frente — Pensará que somos todos malucos e nunca mais vai querer algo comigo. Vocês sempre tentam estragar tudo.

Os olhares envergonhados e de remorso, que cada um deles me deu, não amoleceu meu coração.

Liam sussurrava que eu não deveria chorar, e os três idiotas ficaram à minha volta dizendo o mesmo.

— Não chore, July — Clyde passava a mão em minhas costas, tentando me confortar — Vou pegar um café bem forte para ele se recuperar.

— E uma água para você se acalmar — disse Austin, ao ver o irmão sair correndo pela porta do bar.

— E eu vou fechar a conta — disse Dallas, ao me ajudar a colocar Liam em uma das cadeiras onde estiveram se divertindo.

Ele caiu contra a mesa assim que meu irmão desapareceu na multidão. A música retornou e as

peessoas voltaram a beber e dançar.

Liam ergueu a cabeça assim que sentei ao lado dele.

— Acha que deu certo? — ele passou a mão nos cabelos desalinhados.

Olhei para Austin e Dallas, que discutiam perto do balcão.

— Caíram como um patinho — respondi, dando risada — Agora, pensei que estivesse realmente bêbado.

Ele ergueu a toalha da mesa e observei várias garrafas debaixo dela.

— Tive que tomar algumas para conseguir convencê-los — disse, orgulhoso de si mesmo —

Depois foi só trocar uma garrafa cheia por outra vazia.

Quando eu procurei Liam, alguns minutos antes de eles saírem, para dizer que meus terríveis irmãos estavam aprontando alguma coisa, ele achou a situação toda divertida. Então fizemos um plano para virar o feitiço contra o feiticeiro.

— Já reparou que nossos planos só dão certos quando eles são do mal? — indaguei, surpresa com minha nova descoberta.

— Eles que começaram isso — ele deu de ombros — O que faremos agora?

— Vamos dar o fora — olhei rapidamente para onde meus irmãos ainda discutiam, depois agarrei a mão de Liam — Eles que voltem e percebam que os enganamos.

— Mas não ficarão preocupados? — Liam olhou para trás, quando alcançamos a porta.

— Essa é a cereja do bolo. Deixe que pensem que estragaram tudo.

Nos beijávamos e ríamos até chegarmos ao carro de James.

— O que aconteceu lá dentro? — ele perguntou — Vi Clyde sair correndo, como se estivesse tendo um incêndio.

— James, dirija! — falamos juntos, ao entrarmos no carro.

Dessa vez, Liam foi para o banco de trás comigo.

— Não vamos para a fazenda, James — disse, após receber um dos muitos beijos apaixonados — Vamos para a sua casa.

Eu tinha acabado de mudar os planos, e essa ideia me agradava muito mais.

Chegamos ao apartamento em cima da garagem, e eu pedi as chaves. Liam entrou, e quando James foi segui-lo, eu o barrei.

— Você, não! — disse a ele — Ah, e me passe o seu celular.

— Como?

Sua expressão incrédula me fazia querer gargalhar, mas mantive meu olhar sério.

— O telefone, James — balancei os dedos — Não quero que caia na tentação de ligar para os meus irmãos.

— Não vou entregar meu telefone.

— Ah, não vai? — apoiei minhas mãos na cintura e olhei duramente para ele — Pois fique sabendo que ainda não esqueci o que fazia quando morei aqui.

— Você morou aqui? — Liam me puxou.

Droga, eu tinha esquecido dessa parte.

— Como vou lembrar, por muito tempo, que você esteve totalmente envolvido essa noite.

Decidi ignorar a pergunta de Liam e concentrar-me em James.

— Não vou mais falar com você e... e... — tentava pensar em algo que realmente fosse chateá-lo.

Fui até ele e cochichei em seu ouvido: — Não vou te convidar para o meu casamento.

— Não faria isso — disse, descrente.

— Arrisque — repliquei.

Resmungando, ele me entregou o aparelho.

— E onde acha que devo dormir? — Perguntou James, indicando o apartamento.

— Na oficina — respondi, fechando a porta.

Encostei-me sobre ela e desatei a rir. Sorriso que logo desvaneceu quando encontrei o olhar enciumado de Liam.

— Agora vai me explicar direitinho essa parte de ter morado aqui — disse ele, cruzando os braços no peito.

— Quer discutir... — comecei a abrir os botões do meu vestido — Ou quer fazer algo mais interessante?

Ele mordeu os lábios e direcionou seus olhos famintos para a renda de meu sutiã. Avançou como uma pantera, erguendo-me do chão e encaixando minhas pernas em sua cintura.

— Algo muito interessante agora — murmurou contra meus lábios, ao me carregar até o sofá — Conversamos depois.

Algumas pessoas dizem que os opostos se atraem. Eu posso afirmar que os semelhantes se completam. Liam tinha o mesmo senso de humor e aventura que eu. Erámos iguais e nos completávamos em todos os sentidos.

Capítulo 48



NÃO QUE EU TENHA CONQUISTADO do dia para a noite o amor incondicional e respeito cego dos irmãos de Julienne, mas eles passaram a ser mais amigáveis comigo. Admiração e confiança, só conseguiria com o passar do tempo e quando provasse que era o homem certo para fazê-la feliz. Isso tinha sido uma das dezenas de promessas que fiz na delegacia e uma nova meta da minha vida.

O mais importante era que tinham compreendido que eu amava Julienne e ela a mim. Ficou bem claro quando chegamos à fazenda essa manhã e fomos recepcionados com pedidos de desculpas e olhares de alívio por não termos partido, como acreditaram.

— Algum dia contaremos a verdade a eles? — perguntei, quando entramos no celeiro.

Já tinha conhecido boa parte da fazenda e agora entendia por que Julienne falava com tanto carinho dela.

— Quando estivermos casados — ela sorriu e me empurrou em direção a uma pilha de feno — Talvez no dia do casamento.

Isso me lembra que eu tinha algo muito importante a fazer. Que o certo seria aproveitar nossa estadia e hospitalidade de sua família para pedir sua mão formalmente. Mas eu queria tornar o momento um pouco mais memorável. Desconfiava de quem pudesse me ajudar.

— O que está fazendo? — perguntei, intrigado, quando Julienne se ajoelhou em minha frente, abriu o botão e deslizou o zíper da minha calça.

— Estou pagando a aposta — disse, com ar inocente — Você disse que conquistaria meu pai e irmãos em menos de 48 horas, e eu disse que levaria alguns meses para isso. Bom, eles estão nitidamente cativados por você.

Tínhamos feito aquela aposta um dia antes de viajarmos. Eu tinha esquecido completamente dela.

— Mas, aqui? — indaguei, olhando em volta.

O celeiro era enorme. Os cavalos que não estavam no campo encontravam-se do outro lado, e estamos em uma parte onde tinha muito feno, algumas selas e outros apetrechos que não soube identificar. Ao que me parecia, não havia um fluxo de pessoas, mas, aqui, qualquer um poderia entrar.

— Não se preocupe — murmurou, com o olhar cheio de promessas — Serei eficiente e rápida.

Suas mãos delicadas tocaram meu pau, logo sendo substituídas pelos lábios de seda. Levei minhas mãos até seus cabelos, completamente entregue àquele momento.

— Julianne! — grunhi, quando suas mãos, e lábios, e língua começaram a trabalhar juntos.

Fechei os meus olhos, enlouquecido com o que ela estava fazendo, e sabia que não conseguiria aguentar por muito tempo. A pestinha aprendia rápido.

— Ah, doutor — abri meus olhos e me deparei com Clyde parado no imenso portão de madeira — Que bom que encontrei você.

Olhei para baixo. Julianne tinha as mãos e boca recheadas com meu...

— Julianne não está aqui? — perguntou ele, olhando para os lados.

Ao som do seu nome, ela foi deslizando os lábios lentamente, sua boca fazia uma carícia delicada que me fez curvar sobre o feno e morder minha boca na tentativa de abafar o gemido.

— Foi ver... os — ela sorriu e fez meu pau vibrar em sua boca — Pintos ^[2].

Céus! Revirei os meus olhos e tentei fixar minha atenção em Clyde.

Ele parecia intrigado comigo ou com meu comportamento estranho. Bom, meu amigo, tenho sua doce irmãzinha fazendo um maldito ou maravilhoso oral em mim, enquanto você me encara com cara de idiota.

Felizmente, o feno encobria parte de mim e Julianne nessa cena embaraçosamente íntima.

— E te deixou sozinho aqui?

Dessa vez, a boca voltou a me tragar. Respirei fundo umas duas vezes.

— Não gosto tan-too d-ee... pintos — saiu quase como um gemido, quando Julianne voltou a trabalhar com afinco. Ah, maldita. — Como Julianne gosta.

Olhei furtivamente para baixo e encontrei seu olhar determinado a me torturar. Essa garota é mesmo uma peste.

— Ai, senhorrr — murmurei, agarrando-me à palha.

Procurei me concentrar no que Clyde estava falando, mas meus pensamentos estavam conectados em Julianne e sua boca habilidosa.

— Você está bem? — balancei a cabeça, pois já não era mais capaz de falar — Então, em nome dos meus irmãos...

Nesse momento, Julianne colocou mais sucção e velocidade nos movimentos de sua boca. Irrefreáveis gemidos trêmulos escaparam de minha garganta.

— Espero que tudo vire águas passadas... — Clyde se interrompeu, provavelmente para perguntar novamente se eu estava bem, e me olhou preocupado.

— Água — levei a mão à garganta e tossi — Preciso de água.

Clyde saiu apressadamente e senti minha cabeça explodir quando finalmente permiti que meu corpo liberasse o orgasmo que estive impedindo.

— Porra! — gemi, impulsionando o quadril para ela, agarrando seus cabelos enquanto ela bebia a fonte de meu prazer — Porra... Julianne.

Meus joelhos cederam e escorreguei pelo feno até me unir a ela no chão.

— Você é... — tomei os seus lábios — Completamente — beijei-a mais profundamente agora — Maluca.

Senti o meu gosto em sua boca, e embora estivesse claramente abalado, meu corpo já começava a reagir.

— Eu disse, seria rápido e eficiente — ela disse, arrogante — Esqueci do imensamente prazeroso.

Ela soltou um gritinho quando a deitei no chão, cobrindo o seu corpo com o meu.

— Liam? — ouvimos a voz de Clyde, atrás do feno — Liam, está aqui?

Coloquei um dedo sobre os lábios de Julianne, pedindo que ficasse calada. Ouvi alguns passos, e minhas costas ficaram tensas.

— Esse povo da cidade — ouvi um barulho de água caindo ao chão, depois os passos dele se distanciando — Todos malucos.

O rangido indicava que o portão estava sendo fechado. Voltei meu olhar pervertido para Julianne, enquanto levantada a barra de seu vestido.

— Não será rápido — murmurei ao ajudá-la a tirar a peça — Mas prometo que será eficiente — livre-a da calcinha levemente úmida — E intensamente prazeroso, minha querida.

Deslizei, ficando entre suas pernas abertas para mim. Em meus olhos, a intenção clara de como prazerosamente iria retribuir o favor.

Muitas coisas aconteceram após voltarmos da fazenda. Benjamin tinha ficado doente e precisou de um transplante de fígado. Após vários testes feitos em todos os prováveis doadores da família, Adam tinha sido o doador em vida.

Aline, ex-secretária de Neil, ligada a Nathan, o que só ficamos sabendo quando apareceu enlouquecida no hospital, tentando matar Adam, foi presa e aguardava julgamento.

Neil e Jenny renovaram seus votos e Adam e Penelope se casaram em uma charmosa igreja em Edgartown, onde seu pai era ministro.

— Se você não fez nada para a mulher fugir, sei lá, para o Alasca — resmungou Peter — Por que

eu tenho que ajudar você?

Cruzei meus pés sobre uma cadeira vazia e o encarei, sorrindo.

— Você prometeu que me ajudaria a reconquistar Julianne — o lembrei e acrescentei em seguida:

— Mas eu sou perfeitamente capaz de resolver meus próprios problemas.

— Então, o que você faz aqui? — Peter fez um sinal com as mãos para que eu me calasse —

Espere!

Ele foi até o bar e se serviu do que eu acho ser uísque.

— Agora pode dizer — murmurou, após engolir a dose em uma tragada só.

— Você sequestrou a Paige para o Richard.

— E ele quase morreu nas mãos daquela louca — ele reafirmou.

— Colocou câmeras no apartamento da Penelope — continuei — E ajudou Neil e Jenny...

— Não me lembre disso.

— Bom, Adam pulou de paraquedas e fez uma serenata para pedir Penelope em casamento —

disse a ele — Eu não posso ficar atrás. E ele já está com dois filhos à minha frente.

— Isso é uma espécie de competição? — ele disse, rindo.

— Claro que sim. Eu sou o irmão mais velho.

— Um ano de diferença.

— Não vem ao caso — resmunguei — Vai me ajudar?

Ele respirou fundo antes de responder.

— Então, o que eu devo fazer?

Capítulo 49



FALTAVA MENOS DE UMA HORA PARA O PARQUE FECHAR, e eu não fazia ideia onde Liam e Noah tinham se enfiado.

— Nós deveríamos ter ido com eles — disse a Ellen, quando a fila avançou mais um pouco — Tem quase uma hora que saíram para comprar refrigerante.

— Devem ter se perdido — disse ela, conferindo uma das placas.

— Não é possível — abri o panfleto em minha mão — É só olhar no mapa. Você tem certeza de que Liam disse que nos encontraria no aquário?

— Era o lugar que ele estava mais animado para ver — ela me puxou para dentro quando a última pessoa da fila entrou — O meu também. Você não trabalha mais no Let's, mas foi um custo para conseguir esses dias de férias. Então vamos entrar, mesmo sem eles.

Eu tinha trocado o trabalho no café para me preparar para a universidade. Seriam meus últimos momentos de paz e relaxamento antes das aulas exaustivas.

— Tudo bem — murmurei, decepcionada — Vamos entrar. Mas eu vou matar aqueles dois. Nem mesmo atendem ao telefone.

Começamos por um grande aquário onde havia peixes coloridos. Passamos pelas tartarugas e a ilha onde ficavam os pinguins.

— Os próximos são golfinhos — disse Ellen, olhando na programação — E logo na frente, mergulho com os tubarões.

Tirei mais algumas fotos com o celular, me perguntando onde Liam tinha se enfiado. Ele estava perdendo toda a magia e encantamento do mundo submarino, e por mais que as fotos ficassem boas, a experiência não seria a mesma. Iremos embora no dia seguinte, e era uma pena que não visse tudo isso.

— Tudo bem com os golfinhos, mas eu não teria coragem de chegar perto de um tubarão — disse Ellen, quando entramos no aquário gigante. Ele era circular como uma rosquinha, e nós estávamos no meio dela.

— Esses são bem dóceis — disse a ela, e dei risada quando ela faz uma careta engraçada — Pelo menos é o que diz no cartaz.

Nós íamos a cada divisória, lendo as informações sobre as espécimes e de onde elas viam.

Um homem com microfone surgiu, dando início à atração. Dois mergulhadores surgiram no aquário, interagindo com dois tubarões de um pouco mais de um metro. Nadavam lado a lado e passavam as mãos em suas barbatanas. Às vezes faziam gestos para nós, através dos vidros.

— Bem, senhoras e senhores — o apresentador falou, em uma voz macia — Chegou o momento mais esperado desse dia. Há uma Julianne Leblanc Walker aqui?

Ellen me encarou com curiosidade e devolvi o olhar interrogativo a ela.

— Julianne? — repetiu o homem.

— É você! — Ellen me empurrou, e as pessoas foram abrindo caminho para que eu passasse.

— Você é a Julianne?

Meneei a cabeça, afirmando que sim. De repente, tinha todos os olhares direcionados para mim.

— Então o show agora é para você — ele sorriu e me virou de volta em direção à parede de vidro.

A iluminação caiu um pouco e *She's My Kind Of Rain*, de Tim MacGraw, começou a tocar nos altos-falantes. Era uma música que Liam tinha cantado para mim, na fazenda.

Meu coração acelerou em meu peito e olhei em torno das pessoas, esperando ele aparecer.

O apresentador pediu que eu continuasse olhando para a tela de vidro.

Dois mergulhadores apareceram no aquário. Um deles trazia algo branco e quadrado.

“22”, apareceu na tela.

“Foram os anos”

“Que esperei por você”

As placas com as frases surgiam, e meu coração ia afundando em meu peito ao reconhecer Liam, conforme eu me aproximava do vidro.

“A eternidade é o tempo”

“Que eu”

“Quero”

“Ficar”

“Ao seu lado”

“Garota de botas”

“Casa comigo?”

Quando a última placa surgiu, as pessoas ovacionaram ao redor de mim. Eu já estava em lágrimas, na verdade, estava afogando-me nelas.

O homem ao meu lado entregou duas placas a mim. Olhei para cada uma delas. Um silêncio sepulcral dominou o ambiente, assim como Liam, apoiado contra o vidro. Todos esperavam minha resposta.

Ergui a placa que, a partir daquele momento, mudaria minha vida.

“Sim”

Muitos gritaram e aplaudiram, mas eu só tinha olhos para uma pessoa.

O apresentador me cumprimentou e Ellen praticamente pulou em mim quando me alcançou. Algumas pessoas me desejaram felicidades, e alguns minutos depois, Liam surgiu. Carregava uma rosa e uma caixinha de veludo branco nas mãos.

— Uma rosa por cada ano que passar ao meu lado — ele ajoelhou diante de mim, entregando o botão — E esse anel é o elo que faço com você, por toda a minha vida.

A joia delicada deslizou perfeitamente em meu dedo, o anel só não era mais perfeito que o homem que me tomava em seus braços.

— Certa vez, li um poema de Pablo Neruda, que perfeitamente descreve esse momento — disse Liam, ao apoiar sua testa na minha: — Se sou amado, quanto mais amado, mais correspondo ao amor. Se sou esquecido, devo esquecer também, pois amor é feito espelho: tem que ter reflexo. Você é meu reflexo, Julianne. Amo você. Eu me apaixonei por você quando literalmente caiu em meus braços.

— Eu me apaixonei por você quando me segurou neles — confessei de volta — Amo você, Liam. Isso é loucura. Uma grande e inexplicável loucura, que eu não tenho pretensão alguma em resistir. Uma loucura chamada Liam.

Epílogo

EM UM POUCO MAIS DE UM ANO, eu tinha desfeito um noivado. Brigado com meu irmão e feito as pazes mais rápido do que esperaria. Ganhei um concurso de dança. Conheci uma jovem maluca, que se tornou a mulher da minha vida.

Nadei com tubarões e levei um tiro. Fui parar na cadeia e conheci três irmãos superprotetores. Não exatamente nessa ordem, pois a vida ao lado de Julianne nunca seguia um roteiro específico. Nem o nosso casamento tinha sido normal, até um parto inesperado tinha acontecido.

— Está na hora de ir — Paula surgiu à nossa frente, toda afobada, no berçário onde admirávamos a pequena Amy, dormindo — Vocês têm que correr ou vão perder o avião.

— Nem sonhando — disse Julianne, agarrando minha mão — É minha lua de mel e não perco nem que precise ir andando.

Nos despedimos dela, rindo, e saímos correndo pelos corredores do hospital. Erámos uma bela dupla. A noiva desesperada agarrada ao véu e a seu noivo igualmente maluco.

Latas, fitas e um “Sorrindo para sempre”, no lugar de “Felizes para sempre”, enfeitavam a limusine.

Chegamos apressados e atrapalhados no aeroporto, apenas para descobrirmos (quase duas horas depois) que nosso voo foi cancelado e tinha sido remanejado para o dia seguinte.

Acabamos em um hotel oferecido pela companhia aérea, com direito a champanhe e suíte presidencial como cortesia. Estávamos tão exaustos que nem mesmo ligamos para isso.

O dia já clareava quando, após tanta confusão e turbulência, finalmente desabamos ao lado do outro na cama, convidativa e macia.

— Só vamos descansar os olhos por um minuto — disse ela, bocejando, e apoiou a cabeça em meus ombros.

— Apenas alguns minutos para nos recuperarmos — sussurrei, também fechando meus olhos.

— Liam!

Pulei no colchão ao ser acordado por seu grito assustado.

— Era nossa noite de núpcias — disse ela, com uma voz quase de choro — E nós dormimos.

Olhei em volta do quarto, iluminado pela luz que atravessava a janela, e de volta para Julianne.

Dobrei meu corpo, praticamente convulsionando de tanto rir.

— Ora, não ria — ela jogou um travesseiro em mim — Não se atreva a rir, Liam.

Depois outro e todos os travesseiros que conseguia encontrar pela frente. Eu a puxei de volta para mim e a beijei até que a visse mais calma, rindo também da nossa incomparável e divertida primeira noite como marido e mulher. Afinal, com Julianne, os planos nunca seguiam uma ordem certa.

— Prometo lua de mel, Sra. Crighton... — esfreguei o nariz no dela ao dizer: — Todas as manhãs, tardes e noites das nossas vidas.

Foi nesse momento, irreal e maluco, que eu tive um pequeno vislumbre de nosso futuro. Bagunçado, descomplicado e, sem dúvida alguma, muito divertido.

— Ah, Liam, eu te amo — murmurou ela com um enorme sorriso — Mesmo você sendo tão estranho.

— E eu sou completamente... — beijei-a, transmitindo todo o amor que em meu peito ardia — *Louco por você.*

A voz Do Coração

Série New York

Livro 8

Prólogo

MAMÃE ESTÁ ANDANDO DE UM LADO PARA O OUTRO. Às vezes ela para de andar e olha fixamente pela janela. Afasta as cortinas, seca a mão no vestido e volta a caminhar de um lado para o outro de novo. Imagino que esteja brava. Não comigo, eu acho. Por via das dúvidas, resolvo ficar quietinho e brincar com o meu trenzinho e soldadinhos de chumbo.

Mamãe continua andando e andando. Eu cansei de brincar, cansei de fingir que estava brincado. Às vezes ela olha para mim e sorri, mas logo o sorriso vai embora e ela volta para a janela, olhando.

Muito tempo depois, tempo suficiente para que eu já começasse a sentir sono no tapete onde estava, a porta é aberta em um estrondo. Meu pai surge, ele não me vê, e seu olhar é furioso. Eu me encolho em um canto. Papai é bonzinho, mas quando fica bravo, tenho medo. Não quero que ele fique bravo comigo, ultimamente anda muito irritado com qualquer coisa.

Eu não lembro de ter feito algo para deixá-lo irritado. Mamãe passa por mim e também parece não me ver.

– Achou que eu nunca ia descobrir? – ele avança até mamãe, sacode seus ombros e ela começa a chorar – Achou que eu nunca ia descobrir?

– Willian, não é o que pensa...

– Meu melhor amigo e a vagabunda da minha esposa! Tudo o que tínhamos jogou na lama. Enfrentei tudo por você!

– Deixa eu explicar...

Eles brigavam, faziam muito isso nos últimos dias. Nos últimos dias eu tenho sido um menino bom. Não queria que meus pais brigassem por minha causa também. Mas eles continuam gritando. O nome do meu tio Alef surge na conversa. Não sei do que eles falam, apenas que meu tio era um traidor. Não gosto mais do meu tio Alef, ele fez meu pai brigar com mamãe. Ela está chorando, papai está chorando. Eu estou chorando.

– Eu te amei loucamente – ouço-o dizer a ela com um olhar muito triste – Ainda te amo desesperadamente. De uma forma irracional. Não posso viver com você, mas eu também não sei viver sem.

– Willian, não faça isso! – ouço mamãe berrar e segurar algo na mão dele, parece com uma das armas que meus soldados de brinquedo possuem – Pensa no Peter, pensa no nosso filho.

– Ele é meu filho? – a voz é dolorosamente amarga – Não tenho mais tanta certeza. Além disso, a criança merece algo melhor do que nós dois.

– Willian... – um som agudo faz eu tapar meus ouvidos – Não...

Ouvi o pedido fraco de minha mãe antes de ela cair aos pés do meu pai. O vestido amarelo vai ganhando uma tonalidade vermelha em seu peito. Como no dia que eu derramei suco de morango em minha camisa, no jantar. A cor vai se espalhando e cobrindo tudo.

– Peter! – papai está me olhando, chamando, de joelhos em frente a mim – Você nunca irá me perdoar e nem espero que faça isso. Eu sou alguém muito ruim. Alguém que o amor transformou em uma pessoa má.

Papai olha onde mamãe está. Ele chora e chora, abraçando-a mais. A tinta na roupa dela começa a

manchar a camisa azul que ele usa.

– Não posso viver sem ela... não posso... – ele continua a dizer, beijando seus cabelos, embalando o corpo imóvel em seu peito – Nunca ame ninguém assim. Nunca permita que alguém chegue tão perto, filho. Não seja fraco.

Ele aponta o metal em sua cabeça, e o ruído outra vez faz com que eu leve minhas mãos até meus ouvidos. Papai cai sobre minha mãe. Eu corro até eles. Tento fazer o que papai fez com sua arma, de alguma forma eu sabia que deveria fazer o que ele fez. Estavam indo a algum lugar, eu sentia e queria ir junto com eles.

Não consegui arrancar a arma de sua mão, mas alguém me puxou do lado dos meus pais. Havia gritos, muitos gritos, vinham da minha garganta. Alguém me levava para longe.

Tudo parecia ruim. As coisas ficariam ruins.

Eu só não sabia o quanto...

^[1] O, ou a KGB, foi a principal organização de serviços secretos da União Soviética, que desempenhou as suas funções entre 13 de março de 1954 e 6 de novembro de 1991.

^[2] Cock em inglês é galo, mas também usado como pênis, na obra, usado como pinto.